



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

INÊS HELENA BATISTA DE SANTANA

**“DESQUITE”, RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA NARRATIVA DE
MULHERES DO RECIFE/PE**

Recife
2019

INÊS HELENA BATISTA DE SANTANA

**“DESQUITE”, RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA NARRATIVA DE
MULHERES DO RECIFE/PE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia

Orientador: Prof^o. Dr. Luís Felipe Rios do Nascimento

Recife

2019

Catálogo na fonte
Bibliotecária Valdicéa Alves Silva, CRB4-1260

S232d Santana, Inês Helena Batista de.
“Desquite”, relações de gênero e sexualidade na narrativa de mulheres do Recife-PE / Inês Helena Batista de Santana – 2019.
213 f.: il.; 30 cm.

Orientador: Profº. Dr. Luís Felipe Rios do Nascimento.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Recife, 2019.
Inclui referências e apêndice

1. Psicologia. 2. Separação - Direito. 3. Marido – Mulher . 4. Casamento – Família. 5. Mulheres – Comportamento sexual. I. Nascimento, Luís Felipe Rios do (Orientadora). II. Título.

150 CDD (22. ed.) UFPE (BCFCH2020-031)

INÊS HELENA BATISTA DE SANTANA

**“DESQUITE”, RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA NARRATIVA DE
MULHERES DO RECIFE/PE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Psicologia.

Aprovada em: 27/02/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Dr. Luís Felipe Rios do Nascimento (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a Dr^a Jaileila de Araújo Menezes (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a Dr^a Lady Selma Ferreira Albernaz (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a Dr^a Viviane Melo de Mendonça (Examinadora Externa)
Universidade Federal de São Carlos

Prof^a Dr^a Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas (Examinadora Externa)
Universidade Católica de Pernambuco

Aos meus amados filhos, Maíra e Ícaro. O amor mais profundo!

Maíra - generosidade, paciência, solidariedade, incentivo, desde o primeiro momento.

Ícaro - paciência, companheirismo, incentivo. "*Quando é que vai acabar isso, pra gente ficar juntos, livres...?*"

A Patrícia Cristina. Amiga, tu vives aqui dentro, eternamente! (*in memoriam*)

Às queridas Rosa, Elisabeth e Maria, participantes da pesquisa, que aceitaram partilhar comigo as suas vidas, com confiança, dores, prazeres, amores, dissabores, enfim...

Elas me escolheram. Conversando com elas, eu descobri mais sobre mim mesma.

Dedico

AGRADECIMENTOS

A Deus, o Alfa e o Ômega. Socorro sempre presente! Amor incondicional.

Aos reinos vegetal e animal, em especial a: Pablo, Toby, Apolo e Safira, que embelezam e alegam meus dias...

Aos meus pais, Edilson e Selma, *ouro de mina*. Presença e amor SEMPRE!

Às minhas queridas irmãs, Claudinha e Patrícia, sempre presentes, torcendo, rezando, fazendo preces, conversando besteiras, dando risadas, compartilhando dores e delícias. Bom demais tê-las na minha vida!

Aos meus amados e lindos sobrinhos Ana Sophia, João Marcos e Giovanni; e aos meus cunhados Marcos e Sivonaldo pela força, risadas, cuidado!

Aos meus afilhados Dione, Vinícius, Eduardo e Danilo. Moram no meu coração. Paz e sucesso na caminhada!

Ao meu queridíssimo primo e compadre Marquito, pelo companheirismo, carinho, disponibilidade!

Aos demais familiares pelo apoio, atenção e amor dedicados.

Às professoras Viviane Mendonça, Cristina Amazonas, Lady Selma Albernaz, Jaileila Menezes, Ivia Maksud e Luciana Vieira pela gentileza ao aceitar compor a banca examinadora.

Às professoras Karla Galvão e Rosineide Cordeiro pelas contribuições na banca de qualificação.

Aos professores e funcionários do PPG Psi-UFPE, em especial à querida Lu pelos abraços e sorrisos e a João Cavalcanti, pessoa show de bola! Grande companheiro!

A Felipe, meu amado orientador, pela confiança, sinceridade, incentivo, cuidado...

A Jaileila, jóia preciosa! Pessoa com coração gigante. Pelo cuidado, força, atenção!

A Viviane, minha amada Vivica, pelo carinho sempre!

À amiga-irmã Katia, meu anjo desde o mestrado. Por tudo o que és, afeto, ouvidos, ideias, solidariedade, palavras potentes e oportunas, amor...

À amiga-irmã Emília, doçura, solidariedade, amizade, ouvidos, palavras, força pra continuar... coração enorme!

À querida Laís, delicadeza, coração sempre conectado!

A Tacinara sorrisos, abraços, discussões... Amor.

A Ana Paula Machado, amizade, ouvidos, palavras, "naturalmente clínica"... Muito amor envolvido!

À amiga Danielle pelo incentivo em momentos-limite, pelo auxílio fundamental na busca das participantes, pela amizade, pelo amor!

A Eli, um anjo enviado para cuidar de mim. Gratidão, minha irmã! E a Jhonnatan e Ryan, meus sobrinhos do coração.

Aos amigos Silvinha e Luiz, grandes companheiros de risadas, “tudo junto e misturado”!

A Ticiania, minha querida Tica, pela presença, amizade e amor constantes, “*mesmo que o tempo e a distância digam não...*”.

A Fatinha, minha irmã e comadre. Grande companheira de jornada! Gratidão por tudo!

A Adriana Cipriano, minha amada flor, pelo incentivo, pela preocupação com a minha qualidade de vida, pelo exemplo de força e resistência!

A Josiane, minha amiga-irmã. Amo demais!

A Franci, minha amada amiga artista, linda, sorriso largo! Resistência!

A Karol, mirmã, pela presença, cuidado, risadas.

Aos amigos de fé: Ana Júlia, Stelio, Lairton, Margô, Raíssa, Raphael, Ângela, Luanda, Titi, Dinho, Elaine, Alane, Natália, Bel, Marcos, Ana, Jô, Denise, Reginaldo, Roberta, Maria José, Márcia, Renata, pela torcida, pelas orações, pelos abraços, pelas palavras, pelos olhares, toques... Amor!

Às companheiras de jornada diária Érika, Andréa, Ana Paula Villar, Renata, Letícia, Rosângela, pela atenção, cuidado, compreensão e amor.

A Auri (Auricélia Urubu dos Santos Amém Jesus), Lúcia Coutinho, Kátia Cançado, Martinha, Silvinha Cavalcanti (comadre/amiga/irmã), Sidney, Josenildo, Lindomar, Jecqueline, Manaíra, Tawana, Dona Maria, Seu Heleno, Irinéia, Rose My Love, Tonho, Denilson, Edith, Fabya, Vinícius, Flávio, Cássia... pelo incentivo, abraços, risadas, solidariedade, papos cabeça... Amor!

A André Rêgo, Ângela Vilela, Fátima Diniz, Izabel Christina Haig, Joédina Araújo (Jô), Jomar Guerra, Lúcia Carneiro Leão, Lucilo Ávila Jr., Marisa Didier, Marta Victor, Raquel Campos, Simone Mendonça e Thereza Avelar, que cuidam da minha saúde física e mental com palavras, ouvidos, mãos, olhares...

Ao cineasta Eduardo Coutinho (*in memoriam*), cujo primoroso documentário "O Fim e o Princípio" foi a primeira inspiração para a realização desse trabalho.

Ao grupo Rainhas do Norte, do qual a minha amada amiga Franci é integrante, cujas canções e performance expressam a força da mulher (Anexo A).

À artista plástica Chris Cysneiros pelas belas imagens de mulheres nas telas e nas roupas.

RESISTÊNCIA

o que me sustenta
sobre a carne e o osso
é não ter aprendido
a desistir

viver é voar
até sumir

(SIQUEIRA, 2015).

RESUMO

O estudo se propôs a compreender a sexualidade de mulheres da cidade do Recife/PE, que passaram pela experiência do desquite. O desquite, instituído em 1942, consistia em uma modalidade de separação do casal e dos seus bens materiais sem romper o vínculo conjugal, o que impedia novos casamentos. Naquele período histórico, o comando da família era outorgado ao homem, sendo a mulher colocada na posição de “colaboradora dos encargos da família”. Assim, com o casamento, a mulher perdia sua plena capacidade, tornando-se relativamente capaz. Nesse contexto, observamos que, o desquite liberta para o exercício da sexualidade, na medida em que as pessoas estão legalmente separadas; ao mesmo tempo em que a sociedade da época, marcadamente conservadora e patriarcal, cerceava a liberdade sexual das mulheres. A investigação se desenvolveu na condição de uma pesquisa de abordagem clínica, enfatizando a singularidade das mulheres abordadas, bem como a análise da minha implicação como pesquisadora nas situações e narrativas confrontadas e analisadas. A pesquisa foi conduzida a partir de um marco teórico que considera o sexual como uma construção social, e que se encontra articulado com outros marcadores sociais da diferença, tais como, gênero, classe, religião, raça, nacionalidade e idade/geração. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, na qual foi utilizado como recurso metodológico as narrativas de história de vida. Realizei entrevistas em profundidade, com três mulheres com 57, 67 e 73 anos de idade, residentes na cidade do Recife/PE. Foi constatado que, embora nenhuma das entrevistadas tenham efetivado judicialmente a dissolução do casamento pelo desquite, mas através da separação ou do divórcio, a ideia de desquite se afigurou como carregada de sentidos para elas. Foi feita a análise hermenêutica das narrativas, à luz das teorias construcionistas sociais da sexualidade, bem como dos aportes teóricos de gênero. A pesquisa foi norteadas pelos princípios e recomendações das “Normas para pesquisa envolvendo seres humanos – Resolução CNS 196/96 e outras”; e foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). As aproximações analíticas das narrativas das interlocutoras apontaram para o fato de que contextos de subjetivação dessas como: a configuração da família de origem, a escolarização e a inserção no mercado de trabalho parecem ter fomentado e oportunizado movimentos no sentido da autonomia nessas mulheres. Outro aspecto observado foi que as mulheres participantes utilizaram estratégias de resistência, na perspectiva de Foucault (1986), para vivenciarem as experiências sexuais, a despeito da discriminação e das dificuldades enfrentadas por elas, à época, na condição de mulheres separadas.

Palavras-chave: Desquite. Separação. Divórcio. Sexualidade feminina e gênero.

ABSTRACT

This study aims to understand the sexuality of women from the city of Recife/PE who experienced legal separation. Legal separation first took place in 1942 and consisted in a way of separation of both, couple and their material possessions, without breaking the marital bond, which prevented new marriages. In that historical period, the man was the chief of the family. The woman, however, was in the position of “collaborator of the burden of the family”. Thus, after marriage, the woman lost her full capacity, becoming relatively capable. In this context, we noted that the legal separation law freed to the exercise of sexuality, as far as people were separated. At the same time, the society of the time, markedly conservative and patriarchal, restricted the sexual freedom of women. I developed the research as a clinical approach research. Emphasizing the uniqueness of the women addressed, as well as the analysis of my involvement as a woman and researcher in the situations and narratives I confronted and analyzed. I conducted the research from a theoretical framework that considers sexual as a social construct, and is articulated with other social markers of difference, such as gender, class, religion, race, nationality and age/generation. It is a qualitative research, in which I used narratives of life history as the methodological resource. I conducted in-depth interviews with three women of 57, 67 and 73 years old, living in the city of Recife/PE. I found that, although none of the interviewees had made a judicial decision on the dissolution of the marriage through legal separation itself, but through separation or divorce, the idea of legal separation seemed to be loaded with sense for them. A hermeneutical analysis of the narratives was done in light of constructional social theories of sexuality, as well as the theoretical contributions of gender. I guided the research by the principles and recommendations of the “Normas para pesquisa envolvendo seres humanos – Resolução CNS 196/96 e outras”. The Research Ethics Committee of Federal University of Pernambuco (UFPE) approved the research. The analytical approximations of the interlocutors’ narratives pointed to the fact that subjectivation contexts such as the configurations of the origin family, schooling and insertion in the labor market seem to have fostered and promoted the development of autonomy in these women. Another aspect I observed was that the participants women used strategies of resistance, from the perspective of Foucault (1986), to undergo sexual experiences, despite discrimination and challenges faced by them as separated women in that time.

Keywords: Legal separation. Separation. Divorce. Female sexuality and gender.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Montagem I com gravuras de Amedeo Clemente Modigliani.....	36
Figura 2 – Montagem II com gravuras de Amedeo Clemente Modigliani.....	83
Figura 3 – Montagem III com gravuras de Amedeo Clemente Modigliani.....	127

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	SEXUALIDADE E GÊNERO	17
1.2	EXPERIÊNCIA, NARRATIVA E MEMÓRIA.....	21
1.3	O MOVIMENTO FEMINISTA NO BRASIL NO SÉCULO XX	24
1.4	NOTAS METODOLÓGICAS	28
2	ROSA: FEMINISMO E O MUNDO DO TRABALHO	37
2.1	CONTEXTOS DE SUBJETIVAÇÃO	38
2.1.1	Rosa filha.....	38
2.1.2	Rosa mãe e avó	41
2.1.3	Trabalho: do sindicalismo ao feminismo	43
2.1.3.1	<i>A feminista</i>	44
2.1.3.2	<i>Descobrimo-se feminista</i>	46
2.1.3.3	<i>Feminismo x movimento sindical</i>	47
2.1.4	Cruzando contextos: feminismo x família/amizades.....	52
2.2	PERCURSO AFETIVO-SEXUAL	54
2.2.1	Namoro, noivado e casamento	59
2.2.2	O casamento e a divisão do trabalho	61
2.2.3	Mais desgastes do casamento	63
2.2.4	Ser mãe: desejo x opressão.....	66
2.2.5	Separação / “desquite”	67
2.3	ROSA: MULHER DESQUITADA.....	70
2.3.1	Relação ex-marido com filha.....	74
2.3.2	Aliança como proteção	76
2.3.3	Relacionamentos após separação conjugal	77
2.3.4	Relações afetivo-sexuais atuais	79
3	ELISABETH: DESCONTAMINANDO-SE	84
3.1	CONTEXTOS DE SUBJETIVAÇÃO	86
3.1.1	Elisabeth filha.....	86
3.1.2	Elisabeth mãe.....	89
3.1.3	Trabalho: sociologia, psicologia e militância política	92
3.1.4	Feminismo: família, militância e clínica	93
3.2	PERCURSO AFETIVO-SEXUAL	98
3.2.1	Casamentos e Separações	103
3.2.1.1	<i>Primeiro casamento</i>	103
3.2.1.1.1	Casamento aberto	104

3.2.1.1.2	Voltando a conviver	106
3.2.1.1.3	Separação	106
3.2.1.1.4	Descontaminar-se	108
3.2.1.1.5	Interferência de terceiros	108
3.2.1.1.6	Procura da Justiça	110
3.2.1.2	<i>Segundo casamento</i>	110
3.2.1.2.1	Separação	112
3.2.1.2.2	Interferência de terceiros	113
3.2.1.3	<i>Terceiro casamento</i>	114
3.2.1.3.1	Pressão x Paixão	114
3.2.1.3.2	Gravidez, mestrado e desgaste	115
3.2.1.3.3	Foco na gestação	116
3.2.1.3.4	Separação	117
3.2.1.3.5	Tentativa de superar a crise e manter a relação	118
3.2.1.3.6	Relação pai e filho	118
3.2.1.3.7	Ser ‘a outra’	120
3.2.1.4	<i>Quarto casamento</i>	120
3.2.1.4.1	São Paulo – João Pessoa – Recife	121
3.2.1.4.2	Não foi paixão, foi amizade	121
3.2.1.4.3	Lidando com as limitações	122
3.2.1.4.4	Relação com a moradia e a vizinhança	122
3.2.1.4.5	Momentos de lazer	123
3.2.1.4.6	Marido e participação política	123
3.2.2	Reflexão sobre traição e ciúme	124
3.2.3	Ponderações sobre ser Desquitada ou Separada	125
4	MARIA: ENTRE A FORÇA E O SOFRIMENTO	128
4.1	CONTEXTOS DE SUBJETIVAÇÃO	130
4.1.1	Maria filha	130
4.1.2	Infância e adolescência	133
4.1.3	Maria mãe	135
4.1.4	Vida Social	138
4.1.5	Ideias feministas e socialismo – Posicionamento político	139
4.2	PERCURSO AFETIVO-SEXUAL	141
4.2.1	Primeira paquera	141
4.2.2	Paquera no carnaval	141
4.2.3	Namorado	142
4.2.4	Namoro com o primeiro marido	143

4.2.4.1	<i>Namorava e acabava</i>	143
4.2.4.2	<i>Moça de programa</i>	144
4.2.4.3	<i>Santa, pessoa inatingível, intocável</i>	145
4.2.4.4	<i>O carão do tio</i>	145
4.2.4.5	<i>Não sabia seduzir</i>	146
4.2.4.6	<i>Conselhos para acabar o namoro</i>	147
4.2.4.7	<i>Apelo da cunhada</i>	148
4.2.4.8	<i>Namorou muito tempo, tem que casar</i>	148
4.2.5	Considerações gerais sobre sexo	149
4.2.5.1	<i>Conversas sobre menstruação e sexo</i>	149
4.2.5.2	<i>Iniciação em práticas sexuais</i>	150
4.2.5.3	<i>Masturbação</i>	151
4.2.5.4	<i>Sentir-se valorizada</i>	152
4.2.5.5	<i>Relações sexuais</i>	152
4.3	RELACIONAMENTOS E SEPARAÇÕES	153
4.3.1	Primeiro casamento	153
4.3.1.1	<i>Lua de mel</i>	153
4.3.1.2	<i>Caderneta com telefones de mulheres</i>	154
4.3.1.3	<i>Estudo e trabalho durante o casamento</i>	154
4.3.1.4	<i>Gestações e partos</i>	155
4.3.1.5	<i>Situação financeira e trabalho do ex-marido</i>	156
4.3.1.6	<i>Em São Paulo</i>	157
4.3.1.7	<i>Relacionamento extraconjugal que perturbou sobremaneira</i>	158
4.3.1.8	<i>Agressões físicas</i>	161
4.3.1.9	<i>Ciclotímico</i>	162
4.3.1.10	<i>Morando na casa dos pais dele</i>	162
4.3.1.11	<i>Desquite e Separação</i>	163
4.3.1.11.1	Desquite	164
4.3.1.11.2	A volta	164
4.3.1.11.3	Separação definitiva	165
4.3.1.11.4	Quando voltou para a casa dos pais	168
4.3.1.11.5	Interferência da mãe dele após separação	169
4.3.1.11.6	Como e quando voltaram a se relacionar socialmente	170
4.3.1.11.7	Relação pai e filhos	171
4.3.2	Relacionamentos após separação	171
4.3.2.1	<i>Relações sociais no trabalho, na faculdade e nos momentos de lazer</i>	171
4.3.2.2	<i>Primeiro relacionamento pós-separação</i>	173

4.3.2.3	<i>Segundo relacionamento pós-separação</i>	175
4.3.2.4	<i>Relacionamento atual</i>	175
4.3.2.4.1	Cada um na sua casa	176
4.3.2.4.2	Lazer do casal	177
4.3.2.4.3	Sexo na terceira idade	178
4.3.2.4.4	Amizade, companheirismo	179
4.3.2.5	<i>Não ter coabitado após separação</i>	180
5	APROXIMAÇÕES ANALÍTICAS	181
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	198
	REFERÊNCIAS	203
	APÊNDICE A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	209
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	211
	ANEXO A – MÚSICA DO GRUPO RAINHAS DO NORTE	213

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa trata dos sentidos e implicações do desquite na constituição das experiências sexuais, pós separação conjugal, de mulheres que passaram pela ruptura do casamento, oficializada pela justiça.

No intento de contextualizar as motivações para a realização da pesquisa, bem como o processo de construção do objeto de estudo e de realização do trabalho, apresento como marcadores do meu percurso o fato de ter iniciado o curso de doutorado recém-divorciada, com dois filhos, sendo um deles bem pequeno, assumindo de modo, praticamente, solitário os cuidados e as responsabilidades com eles, tendo sido, inclusive, culpabilizada, em alguns momentos, por situações adversas vivenciadas. Tal cenário de solidão, decepção, deslealdade foi um motivador importante para a realização da pesquisa, como modo de reagir, resistir. Além disso, a vida transbordante, expressa por meus filhos, recheava de sentido os meus dias, a minha caminhada, me impulsionava para frente. Em contrapartida, escutar as histórias das interlocutoras, incluindo, as dores e opressões vivenciadas nas suas relações conjugais, mobilizou emoções e exigiu de mim um exercício permanente de reflexão e análise.

Outro fato que me exigiu firmeza, discernimento, superação e determinação foi o falecimento da minha amiga Patrícia Cristina, vítima de feminicídio, em novembro do ano de 2018. A tristeza e a indignação pela perda de uma amiga e, sobretudo, de modo tão trágico, provocou o bloqueio do meu processo de escrita da tese, durante alguns meses, mas mobilizou, seguidamente, em mim a necessidade de escrever este trabalho, também, como forma de resistência e de denúncia dos atos de violência praticados contra a mulher.

Outrossim, vale destacar que trabalho, há vinte e três anos, como psicóloga jurídica, atuando em processos judiciais envolvendo litígios familiares. Nessa esteira, as experiências narradas na pesquisa guardavam, em vários aspectos, relações com as situações abordadas nos processos e com as minhas próprias vivências, requerendo, portanto, a constante análise da implicação das minhas demandas pessoais e profissionais em relação ao objeto de estudo.

Compartilho, ainda, que assisti, anos antes do ingresso no curso de doutorado, ao primoroso filme documentário brasileiro “O Fim e o Princípio”, produzido no ano de 2005, dirigido e produzido pelo cineasta Eduardo Coutinho. Essa película suscitou em mim o desejo de privilegiar, em um estudo, a interlocução com pessoas mais velhas, já que a maioria das personagens que aparecem, contando as suas histórias, são idosos/as. Nessa direção, a escolha do desquite, como ato jurídico de ruptura do casamento, nesta pesquisa, teve o propósito de se

aproximar de mulheres mais velhas, como interlocutoras, considerando que o desquite se constituiu como o primeiro instituto jurídico de dissolução da sociedade conjugal.

O desquite foi instituído no ano de 1942, a partir da inserção do artigo 315, no Código Civil de 1916 (Lei nº 3.071, de 1º de janeiro de 1916). Este era uma modalidade de separação do casal e de seus bens materiais, sem romper o vínculo conjugal, o que impedia novos casamentos. Neste contexto, o termo desquite – significando não quites, em débito para com a sociedade – remete ao rompimento conjugal em uma época em que o casamento era perpétuo e indissolúvel. Neste mesmo ano, 1942, houve a regulamentação da anulação do casamento. (BRASIL, 1916; NOVAIS e SCHWARCZ, 1998; DIAS, 2010; GOMES, 2012)

O desquite rompia a sociedade conjugal, pondo fim aos deveres de coabitação e de fidelidade recíproca e ao regime de bens, mas mantinha incólume o vínculo matrimonial. Vale informar que o termo Desquite foi substituído por Separação Judicial pela Lei 6.515/1977 (Lei do Divórcio). Apenas no ano de 1977, a Lei do Divórcio possibilitou a revogação do princípio da indissolubilidade do vínculo matrimonial, bem como, estabeleceu os parâmetros da dissolução do casamento. (BRASIL, 1916; BRASIL, 1977; NOVAIS e SCHWARCZ, 1998; DIAS, 2010; GOMES, 2012)

A lei previa duas categorias de desquite: o desquite por mútuo consentimento, também chamado de amigável, em que, em geral, não eram reveladas as causas da separação, e o desquite litigioso, o qual se fundamentava em motivações explicitadas e “provadas”, no decorrer do processo judicial. (GOMES, 2012; MAIA, 2013)

No que concerne ao desquite litigioso, o Código Civil vigente no período determinava, no artigo 317, os motivos possíveis para se fundamentar uma ação de desquite: Adultério; Tentativa de Morte; Sevícia, ou Injúria grave; e Abandono voluntário do lar conjugal, durante dois anos contínuos. (BRASIL, 1916)

Naquele período histórico, o comando da família era outorgado ao homem, sendo esse denominado “chefe da sociedade conjugal”. A mulher, por sua vez, era colocada na posição de “colaboradora dos encargos da família”. Neste sentido, com o casamento, a mulher perdia a sua plena capacidade, tornando-se relativamente capaz, como os índios e os “menores” (hoje denominados crianças e adolescentes). A família se identificava pelo nome do “varão”, sendo a mulher obrigada a adotar os sobrenomes do marido e, para trabalhar, precisava da autorização do cônjuge. (BRASIL, 1916; DIAS, 2010)

Neste contexto, observamos que, o desquite liberta para o exercício da sexualidade, na medida em que as pessoas estão legalmente separadas; ao mesmo tempo em que a

sociedade da época, marcadamente conservadora, especialmente influenciada pela moral religiosa da Igreja Católica, e patriarcal, cerceava a liberdade sexual das mulheres.

1.1 SEXUALIDADE E GÊNERO

Vale destacar que a pesquisa se utilizou de um aporte teórico que compreende que práticas sexuais e relações interpessoais se afiguram como não fundamentadas em aspectos naturais ou pressupostos indiscutíveis. Este lastro teórico concebe os fenômenos humanos, de forma mais específica a sexualidade, como construção sócio-histórica-cultural. Rompendo com qualquer explicação essencializante da sexualidade, tal perspectiva aponta que diferentes culturas oferecem sentidos diversos aos fenômenos referidos ao dado biológico dos sexos. Assim, considera-se que as atividades sexuais não são motivadas, predominantemente, por impulsos instintivos e exigências fisiológicas, mas as posiciona como uma questão a ser abordada no âmbito dos valores socialmente construídos. (FOUCAULT, 1988; RIOS, 2004; WEEKS, 2000; PARKER, 1991; COSTA, 1992, 1995)

De modo amplo, a sexualidade se configura como dispositivo, que busca compreender e gerenciar o exercício das práticas sexuais - ato sexual e discursos sobre sexualidade - e que tem se revelado como formas institucionais de controle e orientação dessas mesmas práticas. Tal dispositivo se fundamenta e opera, em geral, a partir de categorias normativas binárias, como: normal e patológico, certo e errado, santificado e pecaminoso; as quais buscam localizar o sexual (parcerias e práticas) em relação a uma “verdade que ordena o mundo” e enquadrando as pessoas como envolvidas em atividades consideradas adequadas ou desviantes. Assim, o julgamento do que é permitido ou não, na esfera da sexualidade, dá-se a partir da concepção de uma dada instituição, acerca da ordenação do mundo; e de como as práticas e parcerias sexuais afetariam esta estruturação. E, com o processo de individualização dos sujeitos, esta suposta verdade foi migrando, também, no sentido dos próprios “eus” dos indivíduos. (FOUCAULT, 1988; COSTA, 1992; RUBIM, 1998)

No que concerne à sexualidade feminina, a maior parte dos estudos que a abordam constatam que há uma tentativa de controle da sexualidade das mulheres, por parte das mais diversas instâncias da sociedade. (FRANCISCO e CAVALCANTI, 2014; MENDONÇA e SILVA, 2014; CARVALHO, 2012; QUEIROZ, 2011; PIZZATO, 2010)

Queiroz (2011) aponta, por exemplo, que, no bairro popular do Recife onde realizou sua pesquisa com mulheres jovens entre 16 e 20 anos de idade, foi constatado cerceamento e controle dessas mulheres, para que elas se mantivessem “virgens”. E aquelas que perdiam a

virgindade eram estigmatizadas, sendo chamadas, por exemplo, de “caça rato”, de “depravada”. Essa classificação das mulheres, com base em suas sexualidades, como: “galinha”, “menina fácil”, “vadia”, “prostituta”, “errada”, “suja”, “safada”, “santa”, “certa”, “limpa”; é recorrente em muitos estudos realizados no Brasil. (QUADROS, ADRIÃO e MELO, 2012; QUADROS, ADRIÃO e XAVIER, 2011; CORDEIRO e QUADROS, 2010; QUADROS, 2007, 2004; KNAUTH e LEAL, 2006; RIBEIRO, 2003; SILVA, 2002)

No entanto, as jovens da supracitada pesquisa, de modo geral, mantêm relações sexuais, porém tentam conservar tal fato invisível, utilizando estratégias como: frequentar lugares distantes da comunidade onde residem, assim se distanciam da localidade para poderem “transar”; ou as relações sexuais vão se dar com os namorados dentro da própria casa. Mas, em geral, com namorados aprovados pela família, que, supostamente, não “transariam” com elas. Então, elas permanecem, supostamente, virgens. (QUEIROZ, 2011)

Carvalho (2012) e Pizzato (2010) trabalharam com mulheres, também na faixa etária reprodutiva, mas pertencentes a camadas médias, que são autônomas financeiramente; buscando observar como se dá o exercício da sexualidade.

O que estes estudos vão mostrar, grosso modo, é que as mulheres mantêm o ideal de formação de parceria, de conjugalidade, mas se deparam com a infidelidade masculina, se sentem machucadas com isso e se tornam mais reticentes e desiludidas em relação a namoros.

E, como elas gostam de vivenciar uma sexualidade associada ao diálogo, ao carinho, então, elas usam como alternativa a “amizade colorida”. Dessa forma, elas terão uma certa afetividade pelo parceiro, mas não existirá o compromisso de fidelidade, por parte de ambos. Assim, eles se encontram, têm uma troca afetivo-sexual, mas elas têm o ideal de que um “príncipe encantado”, ainda, irá aparecer. Nessa direção, se observa que o ideal de amor romântico permanece na vida desses mulheres.

Sobre tal aspecto, Carvalho (2012) afirma:

As mulheres entrevistadas apesar de viverem numa sociedade machista e heteronormativa que há anos vem cerceando seus direitos sexuais, dentre outros, estão encontrando maneiras de exercer seu direito de ter uma vida sexual, mostrando que algo do modelo sexo-gênero vem se modificando. As mulheres se mostram ativas na relação sexual mostrando que também são detentoras do desejo de sentir prazer. Contudo esse processo se dá com algumas negociações, pois a vontade de seguir a sequência socialmente imposta de se apaixonar, namorar, casar e ter filhos existe em todas as mulheres entrevistadas. Elas estavam dispostas a jogar esse jogo, dispostas a ter apenas um parceiro se esse fosse seu amor verdadeiro. Mas o “cara certo” não apareceu ou apareceu e se transformou em “sapo” e todo o mundo de ilusões e fantasias aprendidas e construídas socialmente viraram desilusões. As saídas para a desilusão foram várias. Começaram a dividir sexo e amor, se permitindo ter relações puramente sexuais. Montaram uma classificação para homens caracterizando os bons para casar e os bons para transar e implicitamente criaram um lugar especial para o

amor de suas vidas, como uma maneira de ganhar agência nesse processo, de ter o controle sobre suas decisões. (CARVALHO, 2012:4)

A maioria dos estudos, que discorrem sobre a sexualidade feminina, tem a perspectiva de contribuir, sobretudo, nas reflexões sobre a gravidez na adolescência e a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. Então, eles buscam compreender, predominantemente, como se dão as parcerias sexuais de mulheres jovens, em fase reprodutiva. (RIOS, PIMENTA, BRITO, TERTO JR. e PARKER, 2002)

Constatamos, portanto, uma carência de estudos sobre mulheres mais velhas. Assim como, de investigações que historicizem os percursos e as parcerias sexuais, porque a maior parte das pesquisas, ao menos nos campos da antropologia e da psicologia, se atêm na vivência no tempo presente. Nesse sentido, ressalto a relevância do presente estudo, o qual contribuirá, com dados, acerca de como se deu a construção de percursos sexuais de mulheres com idade mais avançada, como se processaram as transformações até se galgar o estado atual, em que se evidencia uma maior autonomia e agenciamentos, por parte das mulheres.

Outro conceito fundamental, com o qual dialogo na referida pesquisa, é o conceito de gênero. Observamos que, nos últimos anos do século XX, pesquisadoras feministas elaboraram o conceito de gênero como uma categoria de regulação e de relação social para operacionalizar a compreensão dos aparatos culturais, sociais e cognitivos utilizados, historicamente, para a construção social das diferenças e desigualdades entre homens e mulheres. (RUBIN, 1993; SCOTT, 1989; BARBIERI, 1991; PARKER, 1991)

Rubin (1993) conceitua o “sistema sexo/gênero” como

um conjunto de arranjos através dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade, e na qual estas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas. (RUBIN, 1993:2)

Nesse sentido, gênero se constitui num construto que - como classe, raça, idade/geração - diz do modo como a sociedade categoriza o mundo (as pessoas, as coisas, o universo) e, a partir do qual, são reguladas uma série de atividades e necessidades, como a divisão do trabalho, a sexualidade e a procriação; na perspectiva de manter a reprodução social.

Os estudos sobre gênero apontam que, no intento de manter a reprodução social, grande ênfase é dada aos afetos. A partir das teorias de gênero, a regulação social vai incidir, sobretudo, na vida sexual e afetiva, no sentido de permitir o encontro e manter as pessoas “nos seus devidos lugares”.

Para abordar a operação do sistema de sexo-gênero Rios, Paiva e Brignol (2018) propõem um olhar para as estilizações corporais que o sistema engendra:

The notion of 'body stylisation' seeks to operationalise the analysis of sex-gender performative positions (Butler 1990). In this study, stylisation is understood as the aesthetic and expressive result of employing corporal elements (physique, gestures and clothing) to enact identifications. To be ascribed to a stylisation produces effects and meanings (senses, values, emotions, feelings and orientations) that, simultaneously, construct oneself, how one views and how one is viewed by others. (RIOS, PAIVA e BRIGNOL, 2018:3)

Assim, é possível compreender as classificações de mulheres acima referidas e as encontradas na minha pesquisa como estilizações corporais que orientam as interações.

Ressalto que, nessa perspectiva, não devemos entender como interações, exclusivamente, as relações sexuais propriamente ditas, porém considerarmos os âmbitos não sexuais da vida social como a divisão do trabalho e de outros lugares sociais.

Considerando que o conceito de gênero opera com vários outros marcadores sociais da diferença, tais como, classe, sexualidade, religião, raça, nacionalidade e idade/geração, convém compreendê-los de maneira articulada, a partir do debate sobre a noção de interseccionalidades e/ou categorias de articulação, o qual tem adquirido centralidade nas teorias feministas e de gênero, como possibilidade para se considerar a multiplicidade de diferenciações que transpassam o contexto social e nele concebem sujeitos históricos e singulares, em diferentes posições relativas às hierarquias de poder.

Segundo Piscitelli (2008),

a proposta de trabalho com essas categorias é oferecer ferramentas analíticas para apreender a articulação de múltiplas diferenças e desigualdades. (PISCITELLI, 2008:266).

Nessa direção, trabalhar com uma perspectiva interseccional é, de um lado, não mais buscar apreender ou analisar a realidade através de um ou outro conceito/marcador social isoladamente, como, por exemplo, o que se tentava fazer a partir do conceito de gênero; e, de outro lado, é pensar categorias de classificação dos sujeitos de forma relacional e articulada. A sobreposição de diferenças e/ou desigualdades, como se fossem complementares, reduz e simplifica uma possível interpretação da realidade social. (BRAH, 2006)

Segundo Piscitelli (2008), partindo da noção de interseccionalidades é possível vislumbrar uma maior margem de agência por parte do sujeito, a qual consiste na ampliação das possibilidades quanto a sua capacidade de ação e de ter controle de decisões.

as categorias de diferenciação não são idênticas entre si, mas existem em relações, íntimas, recíprocas e contraditórias. Nas encruzilhadas dessas contradições é possível encontrar estratégias para a mudança. (PISCITELLI, 2008:268).

Nogueira (1993) destaca a complexidade que envolve a abordagem interseccional, em pesquisas. E aponta que, a despeito do poder social e das instituições produzirem

desigualdades, opressão e subordinação; algumas pessoas resistem, se deslocam, encontrando maneiras criativas de se expressarem.

A autora acrescenta que, diante de tal complexidade, é possível se constatar momentos de emancipação e libertação, bem como, momentos de acomodação e contradição. Nesse contexto, prefiro utilizar, ao invés de contradição, o termo subordinação. Posto que, a partir da noção de dialética, proposta por Hegel (CHAUÍ, 2001; SEVERINO, 1992), considero que a contradição permeia todo o processo, é algo imanente e transcendente ao ser e, portanto, intrínseco e extrínseco às experiências. Dessa forma, penso que não convém posicionar a contradição em um dos polos do espectro de momentos em contraposição, uma vez que ela perpassa o processo, ou seja, existe como fundamento da realidade.

1.2 EXPERIÊNCIA, NARRATIVA E MEMÓRIA

Esta discussão pautada na noção de interseccionalidades concede um lugar de destaque à experiência, considerada, segundo Brah (2006), um conceito fundamental para o debate feminista. Para esta autora, o principal foco dos movimentos de mulheres tem sido dar uma voz coletiva às experiências pessoais das mulheres, enfatizando as forças sociais e psíquicas que constituem a “fêmea” em “mulher”.

O cotidiano das relações sociais de gênero – desde o trabalho doméstico e o cuidado das crianças, emprego mal pago e dependência econômica, até a violência sexual e a exclusão das mulheres de centros-chave de poder político e cultural – ganhou um novo significado através do feminismo à medida que deixou o domínio do “tido como certo” para ser interrogado e enfrentado. O pessoal, com suas qualidades profundamente concretas, mas fugidias, e suas múltiplas contradições, adquiriu novos significados no slogan “o pessoal é político”, quando grupos de conscientização forneceram os fóruns para explorar experiências individuais, sentimentos pessoais e a própria compreensão das mulheres sobre suas vidas diárias. (BRAH, 2006:359-360)

Joan Scott (1999), por sua vez, aborda o conceito de experiência como algo de que não podemos prescindir, porém alerta para os riscos de usá-lo para essencializar a identidade e reificar o sujeito. Acrescenta que a experiência é, concomitantemente, uma interpretação e algo que necessita ser interpretado. Nesse sentido, o que se considera como experiência não é nem definido, nem autoevidente, é, em todo o tempo, contestável, logo, permanentemente, político. O que conta, portanto, não é a repetição e a propagação de um conhecimento/saber adquirido através da experiência, porém, a interpretação da construção desse conhecimento.

Experiência, nessa perspectiva, não é a origem da explicação, ela consiste, porém, naquilo que se busca explicar, considerando a implicação de quem explica; e problematizando os processos de produção do conhecimento e de criação de sujeitos. Essa

abordagem enfatiza, portanto, a abertura de caminhos para se pensar em mudanças. (SCOTT, 1999)

Ainda nessa discussão sobre o conceito de experiência aponto, ainda, a concepção de Canguilhem (2006) acerca do normal e do patológico, a partir da qual ele considera que é a experiência da doença que rompe um certo silêncio entre o sujeito e o seu próprio corpo; é tal experiência, que transforma o corpo em um "problema", que determina exigências de saber e configura necessidades de cuidado e intervenção. Nessa esteira, entendo que tal discussão situada no âmbito clínico/médico abre espaço para reflexões acerca dos fenômenos sociais. A experiência, então, abre a possibilidade para o entendimento dos processos sociais micro, nos quais os sujeitos individuais, ao darem sentido às suas vivências, reinventam as categorias sociais.

Outra contribuição que considero fundamental na discussão sobre a experiência, refere-se ao pensamento do epistemólogo Dilthey, o qual pondera que as formas de cultura, no decorrer da história, devem ser apreendidas a partir da experiência do sujeito. Para ele, a vida é, sobretudo, o partilhamento das atividades e experiências das pessoas que, na sua diversidade social e na sua particularidade humana, constituem o tecido da história. Nessa direção, as experiências referem-se às teias de significados que as pessoas usam para se expressar. (DILTHEY, 2002)

As reflexões promovidas por Bruner (1990), também, destacam a importância da experiência. Na concepção deste autor, a construção da identidade do ser humano se dá a partir da troca incessante com o ambiente no qual está inserido. Em tal perspectiva, portanto, a vida consiste numa intensa troca de experiências entre o ser e a cultura. E, segundo Bruner (1990), a forma de acessar e interpretar os dados da cultura é através das narrativas.

A narrativa é, então, o princípio organizador da experiência humana. Ela consiste na capacidade do ser humano para criar relatos de sua própria experiência, com o objetivo de partilhar e transmitir essa experiência aos outros. A narrativa, nessa direção, possibilita a partilha de conceitos e de significados, oportunizando o alcance de modos de discurso que integram as diferenças de significado e de interpretação. (BRUNER, 1990)

No que concerne à narrativa de experiências, convém refletir acerca do conceito de memória, a luz das propostas de Bosi (2003, 1987) e Veyne (1998), com base nas quais a memória não é concebida como o resgate de um acontecimento verídico, mas como as narrativas das experiências vividas e reatualizadas, a partir do tempo presente. Nessa perspectiva, diz Bosi (1987):

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. (BOSI, 1987: 17).

É, sobretudo, no bojo desta discussão sobre experiência que situo a problematização do presente estudo, qual seja: Como são as experiências sexuais de mulheres desquitadas?

A hipótese que orientou a pesquisa, a partir da discussão teórica acima apresentada, é que, diante do paradoxo estabelecido pelo desquite – a lei libera para o exercício da sexualidade e a sociedade não tolera – as mulheres utilizam estratégias de resistência para vivenciarem as experiências sexuais.

Nesse sentido, considero que, embora haja um cerceamento da sexualidade feminina, seja possível que essas mulheres, a partir da experiência, tenham construído mecanismos – agenciamentos, táticas – para se satisfazerem sexualmente, em meio a tal contexto adverso.

Tais mecanismos, construídos e utilizados pelas mulheres, no sentido de enfrentar a regulação social de suas práticas sexuais, alinham-se com a noção de resistência proposta por Foucault (1986), em contraposição à noção de controle. Nesse sentido, diz o autor:

Não coloco uma substância da resistência face a uma substância do poder. Digo simplesmente: a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa. (FOUCAULT, 1986:136)

A hipótese apresentada considera a sexualidade como aspecto fundamental no projeto de felicidade das mulheres, alinhado com o pensamento de Foucault, que aponta que o mundo ocidental vai colocar a sexualidade como o lugar de dizer a verdade e a felicidade das pessoas. (COSTA, 1998). E, nessa direção, passar pela experiência do desquite poderia funcionar como ponto de viragem, ou seja, como elemento que desencadearia ressignificações, no sentido de vivenciar novas experiências sexuais, a despeito do contexto adverso, marcado pelo controle social sobre sua sexualidade.

Convém aqui ressaltar que embora as três mulheres que participaram deste estudo tenham, quando solicitadas a colaborar, afirmado serem desquitadas, efetivamente não o eram. Não obstante, o próprio fato de terem aceitado a interpelação mostra quão importantes eram os sentidos do desquite para significar as suas experiências de separação e pós separação.

Como buscarei argumentar ao longo deste trabalho, no momento da separação das minhas interlocutoras, os termos “mulher desquitada” e “mulher separada” eram importantes doadores de sentido para o acontecimento da separação conjugal. Os termos assumiram nas narrativas uma das múltiplas posições que engendram estilizações femininas. Agrupadas

numa hierarquia de sexualidade/gênero (RUBIN, 1998), temos um largo espectro, em que num polo figuram as mulheres direitas, boas filhas, boas para casar, boas mães e esposas (“virgens”, recatadas, “santas”, do lar, direitas) e no outro polo as mulheres com má reputação (boas para transar, “mulheres de programa”, “feministas”, “putas”) orientando as interações de forma ampla. No caso em tela, mulher desquitada/separada pode ser pensada como estigma que, inclusive, produziram regulações opressivas de sexo-gênero e sexualidade, podendo, de modo amplo, ter mantido as mulheres posicionadas em casamentos violentos e/ou insatisfatórios.

No entanto, como revelaram as histórias narradas, ocorre a justaposição de múltiplos contextos de subjetivação, em que significados e sentidos sobre os objetos do mundo são variados, além de serem transformados pelas próprias experiências singulares que a vida oferece.

Assim, o que as narrativas revelaram é a participação dessas mulheres na ressignificação do status de desquitada antes, durante e depois do evento separação. Ainda que a estigmatização as aproxime da ideia de “mulheres de programa”, como conceitualizada por Maria, efetivamente, as três participantes se localizam, em uma variação no espectro, mais próximo das ideias de mulher direita. Ou, considerando a hierarquia da sexualidade de Rubin (1998), buscam por uma sexualidade heterossexual, baunilha¹, vivida em certa conjugalidade e monogamia. Certamente, como mostrarei, o fato de terem filhos se revelou nas narrativas como um importante regulador para suas escolhas afetivas e sexuais e para os dramas que me foram apresentados.

1.3 O MOVIMENTO FEMINSTA NO BRASIL NO SÉCULO XX

As ideias feministas de emancipação das mulheres e de igualdade de direitos entre homens e mulheres, associadas à luta por tais mudanças, impulsionaram movimentos que promoveram enfrentamentos e conquistas, como a instituição de leis que possibilitaram a diminuição das desigualdades históricas entre homens e mulheres, a despeito da assimetria ainda vigente.

¹ Sexo baunilha: refere-se à relação sexual convencional, comum, sem a utilização, por exemplo, de brinquedos sexuais ou das várias possibilidades disponíveis, no que concerne à afetividade e à sexualidade humanas.

Dentre tais conquistas, convém destacar as mudanças na legislação brasileira que regulamenta o contrato conjugal, bem como a ruptura desse, estando contemplado, neste âmbito, o desquite, foco do presente estudo.

O movimento feminista pode ser descrito a partir das organizações de mulheres que emergiram no decorrer do século XX, cujas intervenções se deram nos contextos de interesses e reivindicações das mulheres, como, por exemplo: acesso, com segurança, à esfera pública; direitos políticos (votarem e serem votadas); igualdade jurídica; acesso à educação e ao trabalho remunerado; divisão sexual do trabalho (incluindo o doméstico); liberdade de escolha em relação à reprodução; liberdade sexual; combate às várias formas de violência praticadas contra as mulheres. (NOVELLINO, 2018)

Insta salientar que uma característica fundamental do movimento feminista é que esse constrói a sua própria teoria, a sua reflexão crítica. Nessa esteira, a militância e a teorização se ajustam e se coadunam. Tal peculiaridade advém dos atributos do tipo social de militante que fomentou o feminismo, especialmente, nos primórdios da segunda metade do século XX. Nesse período, no Brasil, o movimento era constituído, preponderantemente, por mulheres de classe média; educadas, especialmente, nas ciências humanas, na psicanálise e na literatura; que tiveram contato e conhecimento, através de leituras e/ou viagens, das ações das militantes dos movimentos feministas da Europa e dos Estados Unidos da América. Em decorrência dessa dupla característica (ativismo e teoria), o movimento feminista vem promovendo importantes enfrentamentos, debates, desconstruções e reposicionamentos na história dos movimentos sociais e nas teorizações das ciências humanas e sociais. (NOVELLINO, 2018; PINTO, 2010)

Nas primeiras quatro décadas do século XX, no Brasil, o movimento feminista se voltava, sobretudo, para a luta pela participação plena das mulheres na vida política do país, através da igualdade jurídica para serem eleitoras e candidatas; pelas questões legais da ruptura do casamento; bem como pela garantia de que a abertura para a ocupação de cargos do serviço público fosse destinada aos brasileiros, em geral, independente do sexo. O Partido Republicano Feminino (PRF) e a Federação Brasileira para o Progresso Feminino (FBPF) foram as principais organizações feministas desse período. Sendo algumas das ativistas, em destaque, nessa época: Leolinda de Figueiredo Daltro, Gilka Machado, Bertha Lutz e Maria Lacerda de Moura. Nesse período, era frequente as ativistas serem entrevistadas em revistas, jornais e rádios, bem como, elaborarem resenhas para serem publicadas pela imprensa, abordando temas do interesse do movimento, quais sejam: direito ao voto, condições de trabalho, remuneração, educação, etc. (NOVELLINO, 2018; FELTRIN, BATISTA, CORREA e BECKER, 2018)

Entre as décadas de 40 e 70, o movimento feminista se caracteriza pela formação de organizações relacionadas com partidos de esquerda, como: a União Feminina do Brasil (UFB) e a Federação de Mulheres do Brasil (FMB). Neste período, o movimento se direciona para interesses e necessidades atinentes às mulheres da classe trabalhadora, contribuindo na melhoria da qualidade de vida e na emancipação social e econômica dessas. Foram conduzidas campanhas reivindicatórias para melhorias na vida prática, como: fornecimento de água, calçamento de ruas, merenda escolar das crianças, custo de vida, etc. Entretanto, não foram negligenciados, nas discussões, temas mais estratégicos como: igualdade salarial entre homens e mulheres; garantia do acesso das mulheres ao trabalho remunerado, através da instalação de creches nas empresas; etc. (NOVELLINO, 2018)

No referido período, e já adentrando a década de 80, ocorreu um retrocesso no movimento feminista, considerando a instauração do Estado Novo (1937-1945) e da Ditadura Militar (1964-1985). Nesse contexto, havia a repressão da luta política, compelindo os grupos de esquerda a se conduzirem à clandestinidade. Apesar dessa conjuntura e sofrendo repressões do regime militar, ocorreram manifestações feministas, na década de 70, motivadas pela luta pela anistia, pelo processo de redemocratização do Brasil e pelas pautas e debates propostos pela Organização das Nações Unidas (ONU), que declarou o período de 1975 a 1985 como a Década da Mulher. (NOVELLINO, 2018; FELTRIN, BATISTA, CORREA e BECKER, 2018; PINTO, 2010)

Na conjuntura internacional, emergiam o movimento *hippie*, nos Estados Unidos, que questionava e contrariava os valores de consumo e morais norte-americanos; o lançamento da pílula anticoncepcional nos Estados Unidos e na Alemanha; a publicação do livro “A Mística Feminina”, de Betty Friedan; a revolução musical promovida pelas bandas Beatles e Rolling Stones, entre outros acontecimentos, e, nesse contexto, a pauta do movimento feminista ressalta o seu aspecto libertário, reivindicando, além do espaço para a mulher no trabalho, na educação e na vida pública; uma modalidade de relação entre homens e mulheres, em que essas possuam autonomia para decidir e agenciar acerca da sua vida e do seu corpo. (PINTO, 2010)

No Brasil, a partir de 1979, com a anistia política, e, em consonância com a referida conjuntura internacional, o movimento feminista incluiu, em suas discussões, temas como: sexualidade, violência contra a mulher, controle de natalidade, liberalização do aborto; focando o debate na liberação das mulheres em relação aos papéis que lhes são designados pelo sistema social patriarcal. Nesse período, o Centro da Mulher Brasileira (CMB) e o Coletivo de Mulheres (CM) se posicionam entre as principais organizações feministas. (NOVELLINO, 2018; PINTO, 2010)

Cumpra registrar que os grupos feministas constituídos e atuantes no Brasil, se organizaram no sentido de propagar as ideias defendidas pelo movimento, e, alguns deles, realizavam publicações periódicas como, por exemplo, os jornais: *Brasil Mulher*, publicado de 1975 a 1980; *Nós Mulheres*, que circulou de 1976 a 1978; e *Mulherio*, editado de 1981 a 1988. Os referidos jornais surgiram no estado de São Paulo. (NOVELLINO, 2018; DANTAS, 2017; MONTESANTI, 2016; LEITE, 2003)

O *Brasil Mulher* e o *Nós Mulheres* eram jornais com formato tabloide, de circulação restrita e tiragem irregular. Eram vendidos em bancas, entretanto, as vendas predominavam na esfera da militância. Tais periódicos constituíam uma modalidade de imprensa, que era denominada, à época do governo militar, imprensa democrática ou alternativa ou imprensa nanica. (LEITE, 2003)

O *Mulherio*, por seu turno, era um jornal com formato menor do que o tabloide e cuja distribuição era bimestral. Ele foi concebido por um grupo de pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas, em São Paulo, que realizavam estudos sobre gênero. O periódico contou com o apoio financeiro da Fundação Carlos Chagas e da Fundação Ford. (DANTAS, 2017; MONTESANTI, 2016; LEITE, 2003)

As ideias difundidas pelo movimento feminista, também, tiveram espaço na mídia televisiva, no fim dos anos 70 e na década de 80. O seriado *Malu Mulher*, transmitido pela Rede Globo, entre maio de 1979 e dezembro de 1980; bem como o programa *TV Mulher*, propagado pela mesma emissora, entre os anos de 1980 e 1986², são exemplos importantes na divulgação de temas relativos ao debate feminista, tendo, possivelmente, provocado identificações, inquietações, desconstruções e/ou indagações entre as/os espectadoras/es. (ALMEIDA, 2012; PORCELLO e BRITES, 2018)

O contexto dos anos 80 e 90 consistiu no início do processo de redemocratização do Brasil e, nessa esteira, o movimento feminista assumiu uma postura reivindicatória, estimulada pela pressão das organizações internacionais, para a elaboração e a efetivação de políticas públicas, nos diversos âmbitos, que atendessem as demandas específicas das mulheres. Tal conjuntura levou o Estado a requerer a colaboração das feministas para a concepção e a execução de políticas, bem como, para a implantação de serviços; fomentando, assim, a institucionalização de grupos de feministas, através da criação de organizações não-governamentais (ONGs). Essas se proliferaram nesse período, mormente, financiadas por

² O Programa *TV Mulher* teve uma nova versão produzida e exibida pelo Canal Viva em 2016.

agências internacionais, assumindo funções, em um contexto neoliberal de terceirizações, antes gestadas pelo Estado. (NOVELLINO, 2018; PINTO, 2010)

Convém ressaltar que, nesse período das décadas de 80 e 90, surgem as organizações feministas negras, na configuração de ONGs, constituída por mulheres que buscavam desenvolver ações voltadas para mulheres negras, numa perspectiva, concomitantemente, racial e de gênero. A centralidade das ações seria o enfrentamento dessa dupla opressão, uma vez que, as suas demandas não estavam sendo atendidas nem no movimento negro, que reproduzia as relações de poder desigual entre homens e mulheres; nem no movimento feminista, que se focava nas relações de gênero, desconsiderando as diferenças identitárias entre as mulheres. (NOVELLINO, 2018)

Isto posto, insta reiterar que foi nesse contexto, de emergência e difusão das ideias feministas no Brasil, que o desquite, a separação e o divórcio foram instituídos, e que as mulheres, ora informantes, vivenciaram as suas experiências, nos diversos âmbitos, incluindo as rupturas nos relacionamentos conjugais e as relações afetivo-sexuais.

1.4 NOTAS METODOLÓGICAS

O estudo se desenvolveu na condição de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, estimulando as participantes a pensarem livremente sobre algum tema, objeto ou conceito. Tal modalidade de pesquisa é utilizada quando se busca percepções e entendimento acerca da natureza de uma questão ou fenômeno, abrindo espaço para a interpretação e a compreensão. (PAULILO, 2008; MINAYO, 2012; MINAYO e SANCHES, 1993; BOGDAN e TAYLOR, 1980)

No encaminhamento do estudo utilizei uma abordagem clínica (LÉVY, 2001), em que a minha implicação com o objeto de investigação ao invés de dificultar ou inviabilizar a pesquisa (se se pensa a partir dos pressupostos de cientificidade positivistas, no que se refere ao princípio de objetividade) foi um importante instrumento da pesquisa, desde sua gestação até a escrita final do texto, ou seja, para a formulação das questões, trabalho de campo e análise de dados.

A abordagem clínica é considerada em conformidade com a perspectiva situada, cujo aspecto central, norteado pela epistemologia feminista, consiste em trabalhar ao lado das pessoas, ao invés de trabalhar sobre elas. A perspectiva situada discute a noção de participação, em pesquisa, sobre vários aspectos, tais como: a escolha dos métodos a serem utilizados; as perguntas que são feitas e as perguntas que não são feitas; o questionamento

acerca de a quem pertencem os dados; as indagações sobre quem é o/a pesquisador/a, quem está sendo visto/a e/ou escutado/a e quem está sendo excluído/a; o reconhecimento e a consideração dos privilégios e das opressões/injustiças, que permeiam a relação entre pesquisador/a e interlocutores/as, como objeto de análise; a busca de caminhos para problematizar o material que acessamos através da pesquisa; a problematização e o questionamento acerca de como podemos criar produtos úteis para o campo teórico e para os movimentos sociais. (ADRIÃO, 2015; FINE, 1995)

Outra noção que converge com tal perspectiva é a de saberes localizados, proposta por Donna Haraway (1995), que advoga no sentido de que o conhecimento precisa ser situado e corporificado, e, portanto, responsável, ou seja, o/a pesquisador/a precisa ser capaz de “prestar contas”, de posicionar-se em relação as suas práticas capacitadoras. Haraway (1995) agrega valor à possibilidade de ver a realidade e os fenômenos, a partir da periferia e dos abismos, produzindo saberes localizáveis, parciais, críticos, amparados na possibilidade de construção de redes de conexão.

Nesse sentido, destaco a importância da reflexividade, ou seja, a consideração e a observação da responsabilidade do/a pesquisador/a em todo processo de investigação (ADRIÃO, 2015; FINE, 1995; NOGUEIRA, 1993). A reflexividade precisa estar presente na identificação do exercício de poder, na análise da teoria particular de poder que está sendo considerada, no reconhecimento dos julgamentos éticos e na responsabilidade/implicação pelo conhecimento que é produzido.

Foi utilizado como recurso metodológico as narrativas de história de vida ou método biográfico. As histórias de vida vêm sendo utilizadas como técnica de investigação qualitativa em pesquisas sociais, desde o início do século XX e têm seu esteio conceitual na tradição oral. (MENDONÇA e SILVA, 2014; TERTO JR., 2000; MEIHY, 1996; BECKER, 1993; MINTZ, 1974, 1984)

As histórias de vida buscam reconstruir as experiências individuais em determinados momentos históricos, contar a história de certa cultura e compreender a interação de fatores individuais e culturais, a partir do ponto de vista do indivíduo, analisando a influência de condições sociais, políticas e psicológicas sobre a construção de identidades. (TERTO JR., 2000:2)

A história de vida possibilita que nos debruçemos sobre as narrativas do sujeito, a partir de suas experiências cotidianas. Essas narrativas expressam como a pessoa experimenta sua vida subjetiva, suas idiosincrasias. E a vida subjetiva, para se tornar compreensível é, permanentemente, construída e reconstruída. (MENDONÇA e SILVA, 2014; BOSI, 2003; TERTO JR., 2000; VEYNE, 1998; QUEIROZ, 1991; BRUNER, 1990; MINTZ, 1974, 1984)

De acordo com Bruner (1990), as narrativas se expressam, quando algo provoca o canônico, as normas convencionadas, e a pessoa necessita refletir, ressignificar e restituir uma ordem relevante. Para o autor, a narrativa é um dos recursos fundamentais para a construção do eu. Ela é uma síntese provisória construída pelo sujeito para se expressar para o mundo e para si mesmo, servindo de janela para acessar, operacionalmente, a subjetividade. A narrativa é, portanto, constituída, ao mesmo tempo, pela singularidade e pela herança cultural.

Terto Jr. (2000) aponta que as narrativas de história de vida podem oportunizar a expressão de experiências, emoções e percursos àquelas pessoas que foram silenciadas e que são postas à margem, através de discursos hegemônicos e dominantes. E, como nos fala Bosi (2003): “Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu.” (BOSI, 2003:69)

Nesse sentido, as pesquisas se apresentam como veículos para a expressão dessas vozes e aspirações; e que os resultados dos estudos contribuam, através da mobilização de recursos e pessoas, para a busca de uma vida melhor para o grupo investigado. (MENDONÇA e SILVA, 2014; TERTO JR., 2000; MEIHY, 1996; MINTZ, 1974, 1984)

A partir de um ponto de vista histórico, o que sobrevive no tempo não é o conjunto dos fatos ocorridos e produzidos no passado, mas o produto das escolhas feitas pelos indivíduos, grupos, sociedades e pessoas dedicadas ao estudo da história. Dessa forma, a memória torna disponível o material para o trabalho da história. Através da memória, os atores envolvidos no processo histórico procuram salvar o passado para servir de elemento constitutivo do presente e do futuro. (MASSIMI, 2002)

Com base nesta perspectiva metodológica, a quantidade de pessoas não é o critério mais significativo para a seleção de entrevistados, mas, tal escolha, dá-se pela disponibilidade, desejo e motivação dos sujeitos de compartilharem as suas histórias. Assim, o número de participantes pode ser bem reduzido, inclusive, considerando o propósito de acessar, através das narrativas, o máximo de detalhes das experiências vividas (TERTO JR., 2000; MEIHY, 1996). No caso em tela, participaram três mulheres, de classe média: Rosa, 57 anos; Elisabeth, 67; e Maria, 73 anos, as quais passaram pela experiência de ruptura do casamento.

Cumprir destacar que os três próximos capítulos, referem-se aos relatos de história de vida de Rosa, Elisabeth e Maria, respectivamente, e que, nesses, optei por apresentar as histórias, com o mínimo de intervenções possível, inspirada, notadamente, na proposta de Mintz (1974, 1984), no intento de trazer, majoritariamente, conteúdos narrados pelas interlocutoras, a despeito de não ter sido possível incorporar todo o conjunto de conteúdos das entrevistas, nos

relatos das mulheres. Nessa esteira, um volume expressivo de conteúdos narrados não foram utilizados no referido estudo.

Outrossim, convém pontuar que não serão apresentadas interpretações, logo após o relato das mulheres, as quais figurarão no capítulo 5 - “Aproximações Analíticas”. Resta inequívoco que estou cônica de que as escolhas dos fragmentos de conteúdos das entrevistas já consistem em uma primeira análise, uma vez que, expressam o meu olhar sobre as narrativas. Nesse sentido, convém pontuar que o leitor não encontrará interpretações explícitas nos capítulos relativos aos respectivos relatos de história de vida, das interlocutoras.

O acesso das participantes à pesquisa, deu-se a partir da minha rede de relações sociais, mais especificamente, através de divulgação do estudo, feita por uma amiga psicóloga e pesquisadora, em grupos de mulheres filiadas e/ou simpatizantes de movimentos sociais, na rede social, que opera através do aplicativo *Whatsapp*. Ao mencionar a pesquisa, nos referidos grupos, era abordada a necessidade de se contatar e conversar com mulheres que passaram pela experiência do desquite. Em tal divulgação, foi solicitado que quem tivesse interesse em participar ou conhecesse alguma mulher, incluída na referida condição, motivada para colaborar, que disponibilizasse o contato telefônico e/ou *e-mail* para a citada amiga mediadora e, em seguida, eu as contatei, a fim de esclarecer a proposta geral do estudo e me certificar do interesse delas em participarem.

Importa registrar que enfrentei dificuldades para conseguir participantes para a pesquisa. Desse modo, outras três mulheres contatadas, que se disponibilizaram para integrarem o estudo, desistiram de fazê-lo, antes do início das entrevistas, alegando dificuldades para abordarem a temática da ruptura da relação conjugal, uma vez que, segundo elas, relatar esse percurso levaria a rememoração de experiências que lhes provocaram sofrimento, discriminação, julgamentos, etc.

Convém reiterar que, embora a proposta para a participação na pesquisa foi para mulheres que experienciaram o desquite, apenas uma delas impetrara a referida ação judicial e desistira em seguida, e as demais vivenciaram a dissolução do casamento através da separação e do divórcio. Entretanto, observei que, a ideia de desquite se afigurou como carregada de sentidos para elas, talvez pelo fato desse ter sido o primeiro dispositivo para regular judicialmente a separação conjugal. Nesse diapasão, vale destacar a diferença de idade existente entre as interlocutoras, em especial, entre Rosa (57 anos) e Maria (73 anos), o que aponta para a força e recorrência do uso do termo desquite, como referente à ruptura do casamento.

Farei, a seguir, uma breve apresentação de cada uma das mulheres interlocutoras.

Rosa nasceu e mora em Recife, se autodeclara como negra e é a terceira de um grupo de cinco filhos, sendo duas mulheres e três homens. Seu pai é falecido e sua mãe reside em sua companhia. Ela apresenta o ensino superior incompleto, está à disposição do sindicato da categoria profissional da qual fez parte. Disse ser adepta da doutrina espírita kardecista. Rosa disse que está desquitada (modo como se referiu à separação conjugal) desde os 23 anos de idade, que permaneceu casada durante, aproximadamente, dois anos; e que, dessa união conjugal, teve uma filha, atualmente, com 34 anos de idade, a qual tem um filho de 2 anos.

Elisabeth nasceu na Paraíba e mora em Recife desde os 18 anos de idade, quando se mudou a fim de se preparar para cursar psicologia. Ela se autodeclara como branca e tem um irmão mais velho. Seu pai é falecido e sua mãe reside em João Pessoa. Elisabeth se graduou em psicologia e é mestre em sociologia, está aposentada do serviço público federal e atua como psicóloga clínica em consultório particular. Referiu que não tem religião, mas que acredita em uma força superior. Elisabeth está juridicamente divorciada do primeiro casamento. Afirmou que convive, há 15 anos, com um companheiro, sendo essa a sua quarta união conjugal. Contou que tem um filho, com 29 anos de idade, fruto do terceiro relacionamento.

Maria nasceu e mora em Recife e se autodeclara como branca. Ela é a sexta de uma prole de sete filhos, sendo três homens e quatro mulheres. Seu pai faleceu em 1987 e sua mãe em 1997. Maria tem formação superior em biblioteconomia e sociologia e fez curso de especialização em desenvolvimento urbano e rural. Encontra-se aposentada pelo serviço público do estado de Pernambuco. Disse ser católica. Maria está juridicamente separada do primeiro casamento. Reside sozinha e se relaciona, há 18 anos, com um companheiro, sendo essa a sua terceira relação conjugal, após a separação. Referiu que tem quatro filhos, todos da primeira união, sendo três homens e uma mulher, com, respectivamente, 53, 52, 51 e 46 anos de idade. Disse que tem nove netos e dois bisnetos.

Convém mencionar que a possibilidade de generalização não se apresenta como a principal exigência, nesta modalidade de estudo, considerando que a preocupação excessiva com a generalização pode desviar a atenção e o interesse do pesquisador de importantes características, significativas para a compreensão do caso em si. (ALVES-MAZZOTTI, 2006)

As entrevistas biográficas podem ser abertas, tendo como suporte inicial um roteiro abordando aspectos gerais da vida atual, da infância e da adolescência do participante, podendo ser gravadas, total ou parcialmente, com o consentimento do sujeito. O número de entrevistas e a duração dessas, não podem ser predeterminados, dependendo, portanto, da disponibilidade espaço-temporal e emocional do sujeito e do pesquisador. É fundamental que as entrevistas aconteçam em lugares onde o participante sinta segurança e conforto e, caso seja possível, onde

o pesquisador possa ter a oportunidade de observar suas atividades diárias e seu estilo de vida. (TERTO JR., 2000; MEIHY, 1996; QUEIROZ, 1991; SALEM, 1978)

Utilizei entrevistas em profundidade, na qual as entrevistadas iam contando a história da sua vida e aspectos do discurso iam sendo aprofundados, a partir da observação das inflexões da linguagem, tanto verbal quanto não verbal. (ALVES-MAZZOTTI e GEWANDSZNAJDER, 1998; MINAYO, 1993). Realizei um total de onze entrevistas, sendo, quatro com Rosa e Maria e três com Elisabeth. Isso se deveu ao fato dessa última ter solicitado uma entrevista mais longa no terceiro encontro, que pudesse, se possível, contemplar, também, a proposta do quarto momento, considerando que, na ocasião, ela dispunha de um período maior de tempo para se dedicar à pesquisa. As entrevistas tiveram a duração média de duas horas e foram gravadas e transcritas.

No que concerne à proposta de cada um dos encontros, vale informar que: o primeiro encontro visava favorecer que as mulheres falassem livremente sobre sua história de vida. No segundo encontro, o objetivo era focar na história afetivo/sexual das entrevistadas. O cerne do terceiro encontro era abordar a vivência da ruptura conjugal (desquite, separação, divórcio). E, por fim, no quarto encontro, a intenção era aprofundar alguns temas abordados e esclarecer possíveis dúvidas, relativas aos conteúdos mencionados nas entrevistas anteriores. Ver os roteiros das entrevistas no Apêndice A.

Para a análise dos dados do estudo, foi utilizado, como modelo interpretativo, a dupla hermenêutica, proposta por Giddens (1984), a partir do qual busquei desvelar os sentidos que as participantes construíram de suas próprias ações e experiências, balizando e comparando com o sentido que eu, munida do meu referencial teórico-metodológico, construí das ações, experiências e interpretações das minhas interlocutoras. Com base na proposta de Simon e Gagnon (1999), busquei identificar, nas narrativas, quais são os roteiros socioculturais que orientaram a formação de parcerias e práticas sexuais das participantes.

Segundo a teoria dos roteiros sexuais de Simon e Gagnon (1999), as instituições podem ser consideradas como sistemas de signos e símbolos, por meio dos quais execuções de papéis específicos são propostas, conforme roteiros encenados em uma peça teatral ou em um filme. A prática dos papéis devem revelar, direta ou indiretamente, os conteúdos e significados de cenários socioculturais adequados. Tais cenários seriam como itinerários instrucionais presentes na esfera coletiva que são percebidos e assimilados pelos indivíduos, através dos roteiros sexuais.

A análise das narrativas das participantes foi norteadada pelos contextos de subjetivação que perpassaram e delineararam o curso de vida das mulheres em foco, quais sejam: a sua

condição de filiação, o exercício da maternidade, as vivências avoengas, as atividades laborais, a militância política, as relações de amizade e sociais em geral e as experiências afetivo-sexuais.

A teoria do curso de vida tem sido desenvolvida desde a década de 1960 e considera que as vidas individuais são influenciadas pelo contexto histórico em que estão inseridas, o qual se apresenta em constantes mudanças. Nesse diapasão, os estudos sobre os indivíduos exigem novas maneiras de pensar sobre seu padrão e dinâmica, e que os conceitos acerca do desenvolvimento humano precisam ser aplicados aos processos havidos ao longo de toda a vida. (LAGO e SANTOS, 2016; DEBERT, 1999; ELDER JR., 1998)

Com base na perspectiva da ética dialógica, proposta por Spink (2000), entendo que os procedimentos que implementei na referida pesquisa foram orientados por uma conduta de responsabilidade, expressa pela clareza em relação a objetivos, métodos, processos de interpretação e, principalmente, quanto aos possíveis usos dos dados, tendo sido analisados, exaustivamente, riscos e benefícios.

Na abordagem das mulheres que vivenciaram a experiência do desquite, parti de uma postura de respeito, ficando garantidos: o consentimento informado, no qual as mulheres aceitaram a colaboração na pesquisa, de forma plena, tendo sido esclarecidas acerca dos objetivos e procedimentos que norteariam o estudo, bem como, de que poderiam desfazer o acordo a qualquer tempo; a proteção do anonimato, que consistiu na omissão de informações que levassem à identificação das participantes, tendo sido, inclusive, utilizados nomes fictícios, escolhidos pelas próprias participantes; o estabelecimento de uma relação de confiança, o qual teve como princípio a negação de relações de poder abusivas, tendo sido garantido às entrevistadas o direito de não-revelação ou revelação sem registro (gravação, escrita) de certos conteúdos.

As informações sobre a pesquisa foram apresentadas através de um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), o qual foi previamente assinado pelas minhas interlocutoras. Ver o modelo de TCLE utilizado no Apêndice B.

No que concerne aos procedimentos prescritivos, a pesquisa foi norteadada pelos princípios e recomendações das “Normas para pesquisa envolvendo seres humanos – Resolução CNS 196/96 e outras” (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, 2000). Foi, ainda, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com número 60566816.3.0000.5208, do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE), na Plataforma Brasil.

Esta tese está organizada de modo que nos Capítulos 1, 2 e 3 serão apresentadas as narrativas de história de vida de cada uma das interlocutoras; e no Capítulo 4 serão realizadas aproximações analíticas com base nas narrativas em foco e no referencial teórico utilizado.

Figura 1 - Montagem I com gravuras de Amedeo Clemente Modigliani



Fonte: A Autora (2019).

2 ROSA: FEMINISMO E O MUNDO DO TRABALHO

“[...] foi tão engraçado, quando eu me descobri feminista, foi aqui, primeira gestão [referindo-se ao sindicato]. Ia ter um encontro feminista [...]. Aí, uma colega minha [...] me chamou: ‘Olha, eu arrumei duas vagas, vai eu e tu, o sindicato vai bancar a gente ir.’. Menina, eu passei umas duas noites sem dormir, eu disse: ‘Como é que eu vou dizer pra esta mulher que eu não sou feminista, que eu não tenho nada com feminista e como é que eu vou dizer? Pra ficar no sindicato, será que eu tenho que ser feminista?’”

Neste capítulo será abordada a história de vida de Rosa, cuja principal marca é o seu envolvimento com o contexto de trabalho e o contato com as ideias feministas. Conforme a sua narrativa, ela vai se descobrindo e se constituindo como mulher e como feminista, à medida que se vai acessando e se confrontando com as ideias feministas, através do movimento sindical.

O capítulo foi organizado da seguinte forma: na primeira parte, serão abordados os contextos de subjetivação, a partir da perspectiva de que o processo de desenvolvimento não se esgota na juventude, mas envolve toda a vida da pessoa em suas interações. Essa parte ajuda a compreender Rosa a partir de três contextos que emergiram de forma mais significativa na sua narrativa, quais sejam: a família de origem, a família em sua configuração atual e o local de trabalho. Esse último contexto tem a peculiaridade de fazer Rosa refletir acerca do seu lugar laboral, na condição de mulher, levando-a a se pensar e nomear feminista.

Na segunda parte, tendo como pano de fundo os contextos supramencionados, será apresentado o percurso sexual de Rosa até a ruptura do casamento. E, na última parte, o foco recairá nas experiências sexuais e não-sexuais, em contraposição ao fato de ela ser “desquitada”. Ante o exposto, sigamos:

Rosa tem 57 anos de idade, nasceu e mora em Recife, se autodeclara como negra e é a terceira de um grupo de cinco filhos, sendo duas mulheres e três homens. Sua irmã falecera, abruptamente acometida por um raro tipo de câncer, um irmão mora em outro estado e os demais residem em Recife. Relatou que, de modo geral, relaciona-se bem com os irmãos. Seu pai é falecido, há mais de vinte anos, e sua mãe reside em sua companhia, desde a morte da sua irmã, com quem ela sempre morou. Rosa referiu que iniciou a curso de licenciatura em história, mas não o concluiu, pois não se identificou com as atividades relativas ao magistério. Sobre religião, Rosa disse ser adepta da doutrina espírita kardecista. Mencionou que a sua mãe e os seus irmãos também professam a mesma fé. Acrescentou que, entretanto, durante a sua infância e parte da adolescência frequentava o candomblé e que foi conduzida para essa religião por sua mãe.

Rosa está desquitada (modo como se referiu à separação conjugal) desde os 23 anos de idade, que permaneceu casada durante, aproximadamente, dois anos; e que, dessa união conjugal, teve uma filha, atualmente, com 34 anos de idade. Disse que a sua filha é casada e tem um filho de 2 anos, os quais residem no mesmo prédio onde ela mora com a sua mãe. Afirmou que se relaciona bem com a filha, o genro e o neto. Acrescentou que a filha é graduada em serviço social e que, atualmente, está trabalhando como autônoma, vendendo produtos cosméticos.

2.1 CONTEXTOS DE SUBJETIVAÇÃO

2.1.1 ROSA FILHA

Sobre seu pai, Rosa disse que era tranquilo, provedor, mas pouco presente nas decisões relativas à família, uma vez que trabalhava à noite, como técnico gráfico de um jornal, que consistia em uma atividade de risco, requerendo muita atenção. Nesse sentido, segundo ela: *“Papai trabalhava de noite e dormia à tarde, né? Dormia durante o dia pra voltar a trabalhar, né?! [...] trabalhava como gráfico, à noite [...] rodar o jornal, aí ele não podia controlar nossos horários. Aí tudo que a gente ia pedir, ele dizia: ‘fale com sua mãe, se sua mãe deixar pode ir’. [...] quem controlava mais era Mamãe. Porque Papai, como ele trabalhava de noite, ele não queria, não podia se responsabilizar, de hora de voltar...”*

Rosa mencionou que o relacionamento dos seus pais era muito bom. Eles saíam juntos, eram animados e companheiros. Segundo ela, seus pais eram muito diferentes, a sua mãe era “autoritária”, era ela quem tomava as decisões sobre a dinâmica de funcionamento da casa e que isso trouxe influências para o comportamento dos filhos.

“Autoritária era Mamãe, Mamãe era quem mandava. [...] quem mandava na casa era Mamãe. Aí, por isso, talvez, que eu e minha irmã, a gente era virada. Emplacar carro, as duas novinhas, emplacar carro que aquela fila do DETRAN, que ficava ali embaixo do viaduto cheio de homem, ia eu e minha irmã fazer o emplacamento. [...] Os meninos [referindo-se aos irmãos] não. Aí, hoje como é, a gente bota pra arrombar nos homens e os meninos as mulheres botam pra arrombar neles. Porque, qual foi a criação que eles viram? Eles viram a mulher mandando.”

Contou que a sua mãe, no intento de fazer a sua opinião prevalecer, às vezes, exagerava na postura autoritária, inclusive em relação ao seu pai. Acrescentou que isso a fazia sentir raiva da sua mãe, em alguns momentos. Nesse lastro, relatou uma situação para ilustrar: *“[...] minha*

irmã passou no vestibular, aí a gente ia fazer a festinha. Aí, eu e ele conversando, aí eu disse: 'E aí Painho? O que é que a gente vai fazer, né?! Cerveja não dá pra comprar não, que é muito caro, vamos comprar rum, vamos comprar...'. Aí, a gente, assim, anotando tudinho, né?! Ela chegou e deu um baile nele: 'Você quer que sua filha fique bêbada! Com rum...', não sei o que lá... Mamãe falou tanta coisa, eu chorei tanto, tanto, que vontade de eu ir em cima dela, assim, porque ela humilhou ele. [...] ele não tinha dinheiro pra comprar cerveja. E rum, poxa, bem mais barato, porque faz dose, né? E cerveja... ele não tinha. Aí, fazendo as coisas assim, ele tão empolgado, menina, ele ficou tão triste. Mas, era assim, ele podia combinar uma coisa, se ela chegasse não gostasse, desmanchava tudinho.'".

Entretanto, Rosa declarou que entende que ela agia dessa forma, também, pela sobrecarga de atividades e responsabilidades que precisava assumir. Nessa direção, ponderou: *"E ela, assim, ela era meio grossa, mas grossa, assim, ela tinha quatro filhos, porque meu irmão mais novo chegou depois de dezoito anos. Mas ela tinha quatro filhos pra educar, pra tudo, era só o dinheiro de Papai. Quando apertava ela pegava a carteira, trabalhava uns cinco, seis meses, deixava vovó [referindo-se à avó materna], que ficava tomando conta da gente. Assim, ela tinha muita coisa na cabeça dela, e Papai, querendo ou não, ele não ajudava muito porque ele trabalhava à noite. [...] ele trabalhava na máquina, né?! Deus o livre ele dava um cochilo, ele perdia uma parte do braço. [...] Aí, a gente tinha muito cuidado, ele tinha que descansar realmente. Aí, era ela só pra cuidar. Aí, tinha o ambiente que a gente morava... ela não deixava a gente na rua, não deixava a gente brincar, podia alguém ir lá pra casa, mas a gente ir pra casa de alguém?! A única coisa que ela permitia, na época de televisão, o vizinho da frente comprou, ela permitia a gente ir de dezesseis horas até às dezessete horas assistir, depois tomar café e todo mundo ir pra cama. [...] Aí, assim, não era culpa dela, é porque era tudo em cima dela. [...] Ela abarcava tudo, ela abarcava tudo. Ele trazia dinheiro e tinha que dormir, tinha que descansar.'".*

Sobre a vida laboral da sua mãe, acrescentou: *"Ela sempre foi do lar. Do lar, assim, quando a coisa apertava... que ela costurava, antes dela casar ela era costureira de fábrica, né?! Industrial. Aí, quando apertava, quando ela tava apertada, ou senão quando queria construir uma casa, queria ajeitar um quarto... ela pegava a carteira de trabalho, deixava a gente em casa, deixava com o maior, né? Ou Vovó ficava. Saía, trabalhava cinco, seis meses, até juntar o dinheiro, juntou o dinheiro que queria, pronto. [...] Ia todo dia e voltava pra casa. [...] ela era costureira e, assim, a gente nunca, na época da infância, a gente nunca comprou roupa. Ela sempre fazia e parecia roupa de boutique, que ela costurava muito bem. Eram três*

roupas, Natal, Carnaval e São João, que ela fazia roupa nova pra gente, pra todos os filhos... ela que fazia, porque ela costurava assim, ela era muito rápida na máquina.”

Asseverou que os pais, a despeito das diferenças, eram apaixonados um pelo outro: *“Teve uma vez a gente discutiu com ela [referindo-se à mãe], não sei o que foi, aí ele [referindo-se ao pai] ficou pro lado de Mamãe, ele defendeu Mamãe, não sei, não sei como foi a confusão. Aí, no outro dia, teve uma confusão. Aí, ela chegou e disse pra ele: ‘Olhe, você pensa, se fizer qualquer coisa contra os meus filhos, maltratar, você pensa que eu vou ficar com você, é?! Eu pego tudinho e vou-me embora’. Aí, eu até brinquei com ele: ‘Tá, tu babando tanto, ó aí ó, ela vai embora e te deixa’. Vê como ela era. [...] E ele ficava calado, ele gostava muito dela, ele era apaixonado. E ela era também, mas ela tinha uma carga muito grande em cima dela.”*

Rosa referiu que nunca soube de ter havido traição entre os seus pais. A esse respeito, declarou: *“É por isso que eu não aceito traição [...] pelo que eu convivi em casa, nunca teve nem da parte dela nem da parte dele, pelo menos que até agora a gente nunca soube.”*

Disse que a seu pai falecera aos 59 anos de idade e que sua mãe, à época, tinha, 52 anos. Informou que sua mãe namorou bastante, após a viuvez, mas que só dois dos namorados frequentaram a sua casa, porém não coabitaram. *“[...] morar não. De namorar, assim, pegar pra dançar, tomar uma cervejinha...”*

Contou que seu relacionamento com a sua mãe é bom, apesar de se considerar muito diferente dela em alguns aspectos. A sua mãe é mais comunicativa, gosta de sair e ela é mais caseira. Rosa disse que, quando chega em casa, gosta de ficar no quarto lendo, assistindo a filmes. *“[...] eu sempre fui assim, muito independente, muito na minha. Todo mundo diz: ‘tu és muito solitária’. Sou não, adoro chegar em casa, fechar a porta, pegar um livro ou ficar de bobeira... E perguntam: ‘tu não tens problema de morar só, não?’. Não, nenhum. [...] Eu gosto de ler e de ver filmes em casa, eu sou louca por filmes.”*

Sobre a mãe, disse: *“[...] ela gostava que minha irmã ia pro Blacktie, ia pras Pás, ia pro Cisne [referindo-se a espaços de entretenimento/clubes da cidade], minha irmã adorava fazer isso, as duas faziam. Aí, a minha irmã morre, fica a que não gosta, aí ela tá sentindo.”*

A mãe, a despeito de gostar de sair, tem ficado mais tempo em casa, devido às limitações decorrentes da idade e, também, porque a sua irmã, que falecera, era a companheira de passeios dela. *“[...] é porque é muito diferente, quando ela morava com minha irmã. Minha irmã não tinha isso, era uma pessoa mais próxima, trabalhava muito, mas era assim uma pessoa de tá mais próxima, conversar, sair. [...] Aí, com o problema da osteoporose ela não aguenta mais dançar. Ela ainda vai, tudinho assim [...] tem uma dancinha, aí ela faz. Mas ela era uma pessoa ativa, muito. Aí, quando se vê meio presa, eu não sou muito de sair, eu não sou muito de badalar*

assim, o tipo das coisas que ela gosta. [...] Eu compro aqueles boxes de novela. Acabamos de ver “Vale Tudo”, já comprei ‘Chico’, aquele ‘O Bem Amado’, ‘Roque Santeiro’, aquelas novelas que vêm um box, né? Aí, toda semana a gente via um, que cada DVD é três horas. Aí, a gente sentava, assistia, conversava.”

Informou que se sente, de certo modo, controlada pela mãe, uma vez que, há seis anos, desde o falecimento da sua irmã, está morando na companhia dela. Nesse sentido, declarou: *“[...] porque controla assim, o controle que eu falo, assim, que eu não gosto é hora de chegar, é hora de sair, é com quem tava... que hoje eu tô passando por isso de novo. Porque, como mora só eu e ela, se eu começo a chegar muito tarde, ah cara. Porque parece que eu... aí parece uma menina, que eu não gosto dela, que eu não gosto de tá em casa, que eu não gosto de tá conversando com ela. [...] É, tem sido assim, e tem que aguentar. E eu sou uma pessoa que eu adoro chegar, entrar, fechar, pegar um livro, deitar, ficar coberta. Não. Eu tenho que chegar, comer, assistir a programação junto com ela, pra dar atenção, pra dar aquele carinho, porque só sábado e domingo não resolve pra ela. Ela não me trata tão bem, assim, ontem mesmo eu cheguei ela tava dormindo. Eu tive assembleia aqui [referindo-se ao sindicato]. Saí, cheguei em casa vinte e três e pouca, ela tava dormindo. Hoje, quando eu cheguei, ela saiu e não deixou nem um bilhete. Aí, eu sei que ela tá chateada, porque dois dias que eu já tô chegando tarde. E hoje eu vou chegar tarde. [...] Ela participa de clube, ontem mesmo teve a reunião do clube da terceira idade, ela é sócia. Aula de canto, aula de dança. Mas, à noite, se eu começar a chegar... ela pode sair o dia todinho, mas, à noite, se eu começar a chegar duas, três noites e não sentar conversando com ela, ou se eu chegar e for direto pro meu quarto, ôxe... [...] É porque é muito diferente, quando ela morava com minha irmã, minha irmã não tinha isso, era uma pessoa mais próxima, trabalhava muito, mas era assim uma pessoa de tá mais próxima, conversar, sair...”*

Em relação ao relacionamento entre os familiares, em geral, disse: *“É tranquilo, assim, sem briga, sem nada... muita união. Mamãe sempre fez questão disso, de não ter picuinha, de não ter estresse, e hoje a gente permanece assim.[...] O clima é bom, quando se encontra todo mundo não tem discussão, não tem nada. Se um precisar, todo mundo vai junto.”*

2.1.2 ROSA MÃE E AVÓ

Sobre a experiência de ser avó, Rosa ressaltou que tem sido muito prazerosa e, ao mesmo tempo, tem provocado inquietações e reflexões. Nessa esteira, asseverou: *“Vixe, meu Deus! Assim, tá mexendo, tá mexendo, assim, porque uma das coisas que já tinham me falado,*

algumas pessoas, né?! Que você quer tentar corrigir alguns erros do teu filho ou da tua filha, através do neto. *Aí, já tirei um pouquinho o pé, tem a questão do... [..] Assim, eu acho que eu, sei lá, não brinquei muito com minha menina. Apesar de que eu brincava muito, mas acho que ainda foi pouco. De sacrificar minha vida profissional, eu não tinha condições, não podia, que eu tava com ela recém-nascida, com filha, empresa privada. *Aí, eu tinha que ser a boa, tinha que ser a ótima, a maravilhosa, até pra não perder o emprego, tinha que... muitas coisas eu tive que abrir mão. E o neto, assim, aquela coisa, eu disse: ‘Ó, eu tenho uma plaquinha aqui [mostrando a testa]: cola no meu pé.’, que até eu fico meio assim, né?! Eu já disse: ‘Poxa, tua mãe já pegou, tu também, não!’.* *Aonde eu tiver, se eu chegar não tem pra ninguém, não tem pai, não tem mãe, tem ninguém. Se eu sair, muitas vezes, eu saio da casa da minha filha escondida. Porque ela mora no segundo andar e eu moro no quinto, no mesmo prédio. Eu tô evitando ir muito lá, porque eu queria passar lá todo dia, ‘Oi Pedro [referindo-se ao neto], um beijinho.’. Não. Se eu passar lá, não entrar, não ficar com ele, quando eu vou embora ele cai no choro, as lágrimas caem assim. Da última vez, no aniversário dele, a gente fez na escola, ela [referindo-se à filha] disse: ‘Mainha tu vais?’.* *Eu disse: ‘Mas, a gente vai? Ele vai ficar chorando.’. ‘Não Mainha, bora, bora.’. ‘Oxente, eu vou também.’. Pronto, eu fui. *Aí, teve uma hora que ele tava lá na mesinha, não tinha muitos colegas não. Teve uma hora que ele botou pra chorar e queria vir pro meu colo né?. *Aí, a minha menina: ‘Não Pedro, vamos tirar foto...’.* *Aí, o companheiro dela: ‘Deixe ele ir pro colo da sua mãe, ele não quer ir?!’.* *Eu já senti ele meio grosso, né?! Eu digo: ‘iiiih... tá gerando ciúmeira já.’.* *Porque, assim, ele pode tá com o pai, mas se a avó chegar, minha amiga, não tem pra ninguém. [..] *Aí, assim, eu fico meio pisando em ovos. [..] Porque o menino, eu não posso ir lá, se eu for lá, oh minha filha... Eu fui uma vez ficar com ele, minha menina ia pra um casamento, aí disse: ‘Mainha, não tem problema não, veja bem, ele acorda de madrugada, toma o gagau e dorme de novo.’.* *Eu digo: ‘É mesmo, é?’.* *‘É’.* *‘Beleza. Que horas tu queres que eu vá pra lá?’.* *‘Venha oito horas, oito e meia...’.* *Cheguei lá, ele já tava dormindo, fiquei na televisão assistindo, me deitei com ele. *Aí, o menino acordou, eu pow gagau... Menina, quando ele abriu o olho que viu que fui eu, fez: ‘Eita!’ [risos]. Pronto. Esse menino foi dormir quatro horas da manhã, brincando comigo. Menina, aí eu sei fazer graça, né?! Eu disse: ‘Esse filho da mãe, ele vai dormir.’.* *Eu morta de sono. [..] Então, daqui a pouco, quando eu abro o olho uma zoada na cama, o menino marchando. Que eu brinco com ele: ‘Marcha soldado, vamos marchar Pedro.’, o menino marchando. Minha filha, isso duas e pouca da manhã, eu querendo rir. Quatro horas foi que o menino foi, arriou. Eu disse: ‘Filha, esse menino não dormiu.’.* *Eu fico derretida. Mas fico com medo de não tá... Assim, eu tô trabalhando isso, que não vai ser essas complicações, o problema******

que eu tiver com ela [referindo-se à filha], eu vou resolver com ela, não através dele. Mas eu parti muito pra isso, pra essa compensação através dele. [...] Mas eu fico, assim, parece que tá escrito, 'Não acredito não, meu Deus, era tua mãe grudada no meu pé, vai ser tu agora, é?! Eu sou vovó, vovó, pra coisa boa, coisa ruim é Mamãe.' [risos]. *Mas, assim, é uma relação, já tinham me falado, muito diferente, um amor diferente. Eu acho que mais solto, porque não tem o peso da mãe, porque tudo o que presta ou não presta é a mãe, né? Como eu sou avó, eu não tenho mais essa carga. Assim, mas é muito bom, viu?!”*

Acrescentou que a sua filha e o seu neto são muito comunicativos, o que contribuiu sobremodo para estreitar as suas relações de vizinhança. Nessa direção, contou: “[...] *agora, assim, fiquei mais conhecida, porque quando eu morava com minha filha, todo mundo conhecia minha filha, a mãe conhecia muito pouco, mas minha filha é assim, onde ela chega ela faz logo “cheguei, abafei”*. *Agora eu tô mais conhecida e olhe que já tô lá no prédio a uns... já deve ter uns dez anos. Tô mais conhecida porque desço à tarde, quando tô em casa, com meu neto. Aí, fico lá e eu começo mais a conhecer as pessoas. [...] como a gente foi criado, assim, chegou, precisa, a gente tá lá. No que precisar a gente tá lá. Mas não é muito da gente tá um na casa do outro, não. Mamãe mesmo, não vive na casa de filho... ela diz: ‘quem quiser que venha aqui, eu é que sou a mãe’*. *Aí, a gente foi muito criado assim, não tá na casa dos outros, tá lá, chegar, bom dia, boa tarde, precisou, qualquer demanda, a gente tá lá, todo mundo junto.”*

2.1.3 TRABALHO: DO SINDICALISMO AO FEMINISMO

A renda mensal de Rosa foi estimada em quatro salários mínimos e ela se encontra, há dezoito anos, vinculada ao movimento sindical da categoria profissional da qual faz parte, cujas atividades laborais são burocráticas. Afirmou que, há dezesseis anos, está liberada das atividades de trabalho da base para exercer as atribuições relativas ao sindicato.

Contou que, no movimento sindical ela, já há algum tempo, está ligada a secretarias com atribuições decisórias, fato que ela aponta como um avanço para o movimento de mulheres, considerando que, historicamente, o sindicato do qual faz parte, assim como a maioria deles, sempre foram comandados por homens. Ela ressaltou que, no sindicato do qual é militante, as principais secretarias com poder de decisão são lideradas por mulheres. Afirmou que, além da participação no sindicato, é integrante do coletivo de mulheres da central sindical ao qual o sindicato de que faz parte é vinculado, bem como da secretaria de mulheres do partido político no qual é filiada.

2.1.3.1 A feminista

Nessa esteira, Rosa se qualifica como feminista e afirmou que entrou em contato com tal perspectiva no movimento sindical. Entretanto, acrescenta que: “já era feminista sem saber”, pois, desde jovem, sempre reivindicou direitos iguais para homens e mulheres.

Afirmou que, enquanto estava casada, o seu ex-marido a chamava de feminista como um xingamento. *“Ele me dizia que eu sou muito feminista, eu tinha uma certa aversão, ao grupo de mulheres, assim, na década de 80, né?! Que eu era do jeito que eu era, mas eu acho que todo mundo deveria ser do jeito que eu era, de não aceitar desaforo, não aceitar cantada, mas eu não era muito de grupo, de participar de grupo, eu levava minha vida e pronto. Com as minhas atitudes, ele me chamava de feminista. Aí, eu rebatia, dizia: ‘sou feminista não, eu sou feminina’. Vê, hoje em dia eu falo totalmente o contrário. Mas, na época, eu ficava... porque tinha muito aquele preconceito, é mal-amada, é machão, é isso, é aquilo... quando criança eu sempre gostei muito da brincadeira dos meninos, brincava muito com os meninos. Aí, Mamãe dizia, ela conversava com Papai, dizia ‘essa menina vai terminar um machão’, porque a minha brincadeira era só com os meninos. Eu já trazia isso, entendesse?! Aí, quando ele vinha me chamar de feminista, que eu ligava que feminista era isso, isso, isso, isso, aí, a briga começava. [...] eu tinha ojeriza, eu tinha aquele preconceito realmente. Mesmo sendo sem saber, mas eu não admitia, porque eu não estudava, eu não fazia parte de grupo. [...] É porque, assim, tinha essa questão, esse preconceito, né?! Que a mulher tinha um tipo, que ela tinha uma construção, que era a postura da mulher ser dócil, da mulher aceitar, da mulher ser a cuidadora, da mulher não ter os direitos, do espaço dela ser mais privado, do obedecer pai, mãe, tio, amigo... de estar em rodas de conversas, tá mais próxima das mulheres mesmo não gostando, e isso eu fazia tudo ao contrário, mas não aceitava o rótulo.”*

Sobre o rótulo de mulher feminista, Rosa contou: *“Mulheres que criavam confusão, assim, grupo, gueto, coisinha, assim, pequena, que eu não gostava muito desse negócio de... eram grupos, né?! [...] Era uma visão negativa, porque feminista não era vista com bons olhos, já que rompia com todos os padrões. Mesmo eu rompendo com esses padrões eu não me identificava, até porque eu sem querer eu tinha preconceito com a palavra, com o modo de ser e, não sei, sei lá, eu acho que era coisa da época, que eu não conseguia fazer a ligação. Também, eu não tinha o conhecimento do que era ser feminista, eu não lia, eu não tinha essa literatura. [...] Eu tinha a prática, mas eu não ligava que meu jeito de ser eu era uma feminista. [...] Porque ligava-se muito, feministas, geralmente, eram aquelas mulheres-homens, aquelas mulheres com atitude grotesca, que eu não sei se você lembra... Hoje em dia não, a gente vê*

muitas feministas, mas elas se pintam, elas... que são as ondas, né, do feminismo. Mas antes, que foi necessário, elas tinham que se impor e, às vezes, tinha até uma atitude igual à dos homens, de ser grossa, de bater na mesa, de... Quando eu entrei mesmo no sindicato, eu tive que me impor. Não só eu como outras companheiras, também. E, às vezes, até de termos machistas que os homens usavam... Uma vez, tava todo mundo conversando, tava tudo, assim, agitado, os homens. Eu cheguei, fiz uma pergunta, eles vieram tudo pra cima, né, os dirigentes, lá na década de 90. Aí, eu cheguei e perguntei a eles: 'Ninguém aqui fez sexo não, foi?!'. Pô, isso... se eles perguntassem pra mim hoje eu ia achar a maior agressividade, um homem chegar e dizer: 'Não fez sexo não, por isso que tá assim descabelada?', e eu fiz isso. Quantas vezes eu tive que bater na mesa, que gritar, atitudes que a gente acha que não é por aí. Os homens fazem isso pra mostrar a força deles. Aí, naquela época, essas mulheres foram importantes, essas mulheres que se vestiam como homem, que falavam grosso, que tinham aquelas atitudes bem grosseiras mesmo, feministas, mas que naquela época foi importante. Hoje em dia você não vê mais, vê algumas, mas muito poucas. As mulheres hoje pra serem feministas elas não precisam mais se vestir igual a homem, parecerem os homens, e nem as lésbicas mesmo. Não é porque são lésbicas que têm que andar desarrumadas. Não. Hoje em dia foi mudando, eu acho que as ondas foram mudando. Eu acho que não existe tanto preconceito hoje. Muito pelo contrário, a gente vê muita menina nova lutando, já se colocando como feminista. Porque caiu também esse modo de ser, que na época a gente... foi importante até pra ter esse lugar. Pelo menos eu vejo assim, não tiro a importância dessas mulheres no começo, mas tinha tudo isso, entendeu? Eu não era a mais, assim, vamos dizer vaidosa, tudo mais, mas, também, não queria tá feito homem, porque ia ter um aspecto de homem. ”

Rosa contou, de modo mais detalhado, sobre as brincadeiras das quais gostava na infância e qual era a percepção de familiares em relação ao seu modo de ser: “*Minha mãe e também as vizinhas dela, as colegas dela [...] diziam que vai virar machão, diziam: ‘Essa menina tem que tomar cuidado...’.* [...] *Falavam que, enquanto minha irmã era mais toda burguesinha, burguesinha não, mais, vamos dizer assim, menina não, mais... era diferente, mais delicada [...]* e as brincadeiras dela nunca foram chegadas às brincadeiras dos meninos, as minhas brincadeiras todinhas, que eu gostava, eram relacionadas com menino. [...] *Pião, bola de gude, papagaio, pega, esconde, tudo que era brincadeira de menino. [...]* *De tá na rua com os meninos. [...]* *E as meninas era difícil, era muito difícil. As brincadeiras eram mais de boneca e dentro de casa. [...]* *Meninos, brincar de boneca?! Não, tá louco, até hoje se tem resistência a isso. [...]* *Eu brincava de casinha, de boneca com minha irmã, mas tinha quem me chamasse pra rua. Eu saía escondida, que Mamãe ia dormir, que tinha um negócio de dormir*

de tarde. Aí, Mamãe ia dormir, minha irmã ia dormir, aí eu... uma vez eu levei um corte na perna, fundo mesmo que ficou uma cicatriz, era pra levar ponto, eu tive que esconder, porque eu saí escondida de casa, assim né, ela dormindo. Aí, eu saí pra brincar com os meninos, rasguei num cavalete que tinham botado pra fazer pintura, rasguei mesmo a carne, ainda tenho a marca, mas é pouquinha. Aí, tive que esconder, porque se ela [referindo-se a sua mãe] visse, além do acidente eu ainda levava uma surra. [...] Brincava mais com os colegas da rua, com meus irmãos era menos, com eles eu não podia brincar porque era mais de luta, telequete. [...] É luta, passava muito na televisão, briga, os homens, né? Aí, se juntavam os dois contra eu, só que eu era mais velha, maior do que eles. Do que era mais próximo de mim eu era mais velha... eu tinha dois anos a mais do que ele. Aí, eu sempre conseguia bater nele, quando ele me pegava de jeito Mamãe via, aí dava neles. Aí, eu ficava era triste, eu botava pra chorar, porque eles apanhavam por minha causa. Porque ela não encarava aquilo como brincadeira. Ela encarava como se eu fosse mais frágil, que eu era mulher, e eles tavam batendo em mim. Era uma coisa boa de repente, né? Que era uma agressão que não alimentou, de eles baterem em mim.”.

Ainda nesse contexto, Rosa comentou acerca da postura do seu ex-marido: *“Ele tinha raiva do meu jeito de ser. Uma vez foi interessante, a gente já separados, tudinho, né? Aí, ele foi ver minha menina. Aí, eu cheguei com a feira e pedi pra ele ajeitar, pegar as coisas, ele disse: ‘não tenho obrigação mais pra isso não, acabou-se’. Eu digo: ‘Menino, eu tô pedindo um favor.’ [...] Eu acho que ele não aceitava, como ele veio de uma família que os homens eram tratados assim, comigo ele não era, eu acho que a raiva dele era essa. Eu não quero direitos iguais?! Eu não me coloco no campo feminista?! Então, faça sua comida, não tinha solidariedade, pô, se eu chegasse primeiro, se eu chegasse eu já fazia comida pra mim e pra ele, porque isso não vai me tirar... ele fazia pra ele, mas não fazia pra mim. Eu não quero direitos iguais?! Eu não obrigo ele a lavar um banheiro?!”.*

2.1.3.2 Descobrimo-se feminista

Rosa relatou a experiência da sua descoberta como feminista: *“[...] foi tão engraçado, quando eu me descobri feminista, foi aqui, primeira gestão [referindo-se ao sindicato]. Ia ter um encontro feminista, até na Paraíba. Aí, uma colega minha [...] me chamou: ‘Olha, eu arrumei duas vagas, vai eu e tu, o sindicato vai bancar a gente ir.’. Menina, eu passei umas duas noites sem dormir, eu disse: ‘Como é que eu vou dizer pra esta mulher que eu não sou feminista, que eu não tenho nada com feminista e como é que eu vou dizer? Pra ficar no sindicato, será que eu tenho que ser feminista?’. Passei duas noites sem dormir, eu disse: ‘Tem*

jeito não, eu vou falar pra ela.’. Aí, chamei ela e disse: ‘Obrigada, tudinho, mas eu não vou, porque eu não sou feminista’. Aí, ela disse: ‘Tu não és feminista não, é?!’. Eu disse: ‘Não’. Ela disse: ‘Lê este livro’, Feminismo é Humanismo, ‘Lê este livro, depois que tu ler, tu me dizes se tu és feminista ou não.’. Quando eu li, eu vi que eu era feminista. Aí, eu fui pro encontro.[...] O nome do livro é ‘Humanismo é Feminismo’, a autora é Raquel Gutierrez.[...] Foi aí quando eu comecei a participar.”.

Ao relatar o seu percurso no âmbito do movimento feminista, Rosa ressaltou a importância do conhecimento, da formação, da participação em grupos como estratégias para o fortalecimento das mulheres, através de reflexões acerca das diferentes realidades vivenciadas. A esse respeito disse: “[...] *quando eu tinha todos aqueles preconceitos ou quando eu não me aceitava como feminista. Que eu achava, assim, na minha cabeça não tinha lógica uma mulher apanhar e continuar no relacionamento. Eu não tinha a compreensão, eu não tinha o estudo, eu não tinha a formação, do porquê aquela mulher continuava nessa relação. Se a gente for ver, hoje a minha compreensão, aquela mulher que tá lá, que apanha, que sofre tudo, ela, quando ela não tem esse amparo, esse grupo de mulheres, ela tá sozinha. Não é que ela seja, como diziam, ‘é safada, que gosta de apanhar’, apanha e fica com o cara [...] mas, na minha compreensão, era isso: como é que uma mulher apanha do homem e fica com ele lá? Abre as pernas, faz isso... Era todo um processo, mas falta de conhecimento que eu tinha. E hoje, quando essas meninas novas chegam e se jogam no campo feminista, como feministas, elas chegam através de uma formação. Hoje tem muitas ONGs [Organizações Não-Governamentais] [...] palestras, cursos... e que vêm através de conhecimento mesmo, de formação.”.*

2.1.3.3 Feminismo x movimento sindical

Rosa mencionou que, no referido encontro feminista, o primeiro do qual participara, ocorreram embates nas discussões envolvendo a relação entre feminismo e movimento sindical, considerando que, segundo contou, os debates envolvendo feminismo e mundo do trabalho ainda eram incipientes, naquele momento. Nesse lastro, relatou: “*Teve uma confusão com a gente. Que elas passaram uma pesquisa, eu pelo menos eu defendo assim, a gente tem que ter o nosso momento, mas se eu faço uma conferência, um debate dentro do encontro, por que eu não abrir pra homens e mulheres? Pô, eu trago gente [...] por que falar só pra nós? Aí, veio a pesquisa a gente botou, a maioria sindicalista, né? Botamos que devia ser aberto nessa parte, não nas oficinas, não no momento do empoderamento, não no momento das nossas estratégias,*

mas uma palestra, eu trago gente, pô, mulheres poderosas pra falar. Por que não, pra eu ganhar essas mentes e coração dos homens? Elas foram pra lá, as feministas brabas, né?! Aquelas que são bem radicais mesmo: ‘Ôxe, porque são sindicalistas querem acabar com o encontro!’, mas faz parte.”.

Acrescentou que, atualmente, as mulheres sindicalistas conseguiram galgar espaço no movimento feminista, ao menos em Pernambuco, que é a realidade da qual ela disse poder falar com mais propriedade. Nesse contexto, afirmou: *“Foi difícil, muito difícil porque não nos aceitavam, as meninas não nos aceitavam nos encontros feministas, porque nós vínhamos de entidades mistas, né?! Que têm homens e mulheres. [...] A gente teve que gritar muito, ir pra lá pra frente, brigar muito pra... hoje elas nos aceitam como feministas, mas antigamente... [...] foi uma briga muito grande pra colocar, fazer um debate, fazer uma conversa... ‘Vou fazer um seminário: violência contra mulher’, só doméstica, a do mundo do trabalho ninguém discutia, ninguém levava. Aí, eu disse: ‘E a do mundo do trabalho? Já que eu sou sindicalista, o meu campo de atuação é o mundo do trabalho’. [...] Aí, foi muito bom, foi quebrando, entendeu? Porque elas viram a nossa realidade. Porque é muito bom você militar no movimento feminista, assim, as relações, é diferente. A gente aqui no movimento sindical não, no movimento sindical a gente tem os homens pra nos detonar, pra nos botar pra baixo, pra tentar... [...] Quando elas começaram a ver a nossa realidade, aí foi quebrando. Porque o que elas viam, viam assim: ‘Vocês têm estrutura’, que a gente tem telefone, tem entidade, a gente tem uma máquina. Aí, acha que a vida da gente é uma beleza, mas não é, vem pra cá pra ver, tá com homem no teu calcanhar o tempo todo, que é a realidade na maioria dos sindicatos ainda. [...] A gente aqui pra conseguir... esse sindicato, acho que contando, assim, deve ter uns oito banheiros, não tinha um pra mulher. Era tudo assim, todo mundo entrava, todo mundo usava. Pra conseguirem, lá na década de 90, as companheiras tiveram que acampar na frente de um banheiro, pra esse banheiro ser, se tornar das mulheres. Porque não é um espaço pra gente, não tá pensado nisso. Aí, era assim. [...] Hoje em dia é banheiro de homem e de mulher, aqui nesse sindicato mudou muito. Tanto é que a gente é minoria aqui, a gente tem a questão da cota, que é trinta por cento, a gente conseguiu colocar no nosso estatuto a cota. Só tem chapa que tiver trinta por cento de mulheres. E todo mundo pensa que a gente é maioria, porque a gente está nos cargos mais importantes, quem tá somos nós mulheres.”.*

Rosa mencionou que, a despeito da crescente participação de mulheres no movimento sindical, é difícil trazê-las para tal espaço, pois, segundo ela, o movimento ainda não está preparado para acolhê-las, pois a rotina das atividades do sindicato é, muitas vezes, incompatível com a possibilidade de as mulheres conciliarem com as atividades da esfera

privada, especialmente, com as atribuições domésticas/familiares. Nessa direção, asseverou: *“Você veja, reunião... Ainda bem que quando eu vim eu já vim separada, porque a maioria se entrar no ritmo mesmo, se quiser crescer, casamento não dura. Porque as reuniões que decidem mesmo são de noite. Aí, não dá. Agora, a gente já tem uma preocupação, já que quem tá à frente é uma mulher, a presidenta, que é uma mulher, tem a secretária geral é uma mulher, tesouraria também é uma mulher... aí tem mais essa preocupação. Mas, na época que eu entrei, às vezes, eu saía daqui de reunião de uma hora, duas horas da manhã. Mas, se eu quisesse participar do núcleo de decisões tinha que ficar. Se eu não ficasse, ia ser mais uma a distribuir papel na base, e não tem ascensão dentro do movimento, se fazer ouvir. [...] eu sempre tive um problema, que, pra mim, trabalho é de segunda a sexta. [...] Pra mim, sábado e domingo é família, é relaxar, é curtir a minha vida. [...] fico muito aperreada quando tenho que trabalhar sábado e domingo. Não gosto, só se for um ato, assim, uma passeata, mas fora isso.”*

Em contraposição, referindo-se à participação dos homens no movimento sindical, Rosa mencionou: *“[...] geralmente eles não têm problema, os homens não têm problema disso [...] porque, geralmente, as mulheres entendem mais do que os homens, com os homens é bem mais difícil. Porque tem algumas situações que pra eles é complicado, tem uma posse, tá o sindicato, aí o sindicato foi convidado, de qualquer coisa. É uma festa. Aí, vai tu. Aí, eu não vou poder ir. O marido vai deixar? O marido vai gostar? Mesmo que deixe. Vai desgastando. A gente tá com duas diretoras novas, é, essa gestão nova, mas eu já disse a elas: ‘tenham cuidado, vejam como vocês vão lidar com as coisas, porque senão pode vir a desgastar.’. Uma conseguiu colocar o marido mais dentro do movimento sindical [...] pra ele se engajar mais na luta lá (referindo-se ao sindicato da categoria da qual o marido da citada diretora faz parte), ele viajou, foi pro congresso... O outro ainda não, mas eu digo assim: ‘tenham cuidado, vejam como vocês trabalham isso.’. Porque só sobra pra gente, os homens não admitem. Qual é o homem que admite a mulher chegar dez, onze horas da noite em casa e ele ficar com as crianças? Aí, a gente ainda tem isso, melhorou muito aqui [...] porque temos mulheres à frente. Mas, na maioria dos sindicatos, as mulheres sofrem, sofrem mesmo por isso [...] eu, pelo menos, não me vejo numa situação assim, não me via, né? Porque eu já entrei separada. Mas, muitas companheiras nossas que entraram e se separaram. [...] Mas, como a cultura permite, assim, é uma coisa naturalizada, né?... A gente tem aqui, temos um diretor e uma diretora, casados, agora não, separaram. Aí, a gente foi pra um planejamento [...] os dois foram, levaram as crianças, tinha creche tudinho, né? Só que à noite não tem creche, né?! A gente saiu pra beber, quem ficou com a criança no hotel? Ela. Ah, eu fiquei tão triste. Eu digo: ‘Pô, foram três dias. Assim que chegou, a gente saiu pra tomar uma, né? No outro dia foi a confraternização, e nos*

dois dias ele tava lá com a gente e ela não, ficou com as crianças. [...] Mas, a ideia é essa, porque eles podem, eles podem. Eles não têm que chegar na hora, não têm que dar satisfação em casa, eles não têm menino, não têm nada.”

Rosa reiterou que, considerando a sua experiência no movimento sindical, mantém, juntamente com outras mulheres da diretoria do sindicato do qual faz parte, uma postura de orientação e de alerta às mulheres mais jovens, que passaram a participar do movimento sindical mais recentemente, no intento de permanecerem atentas para a importância de conciliarem as atividades do movimento sindical com àquelas relativas à vida pessoal e familiar. Nesse sentido, falou: *“É como o marido de uma [referindo-se a uma mulher recém chegada à diretoria do sindicato] disse: ‘Eu nunca vi um brilho no teu olhar como eu tô vendo, como tá agora.’. Que é uma coisa nova, saiu da opressão do local de trabalho, tá aqui, o ambiente, querendo ou não, tá bem tranquilo aqui. É diferente. Pra saber conciliar e não perder o espaço dela, não é deixar de fazer uma viagem, não é deixar de fazer uma representação, mas dosar isso. Eu posso sair toda semana, se eu quiser, todo dia pra beber, eu não tenho marido, eu não tenho ninguém. Elas precisam, às vezes, assim, equilibrar. Lógico, pode sair com a turma, pode sair, é como eu disse, uma trouxe já o marido pro movimento, [...] pra ele ver, conhecer a gente, pra todo mundo quebrar um pouquinho, que hoje é menos, mas, antes, a gente era xingada de puta, né?! Sindicalista era tudo puta, ninguém prestava, hoje não tá mais assim. Aí, ela começou a trazer o marido dela, aí outra também começou a trazer. [...] Prevenção pra não entrar muito nessa engrenagem, ir aos pouquinhos. Acho que dá pra conciliar. [...] Nesse ambiente, aqui no sindicato, dá pra conciliar, não precisa extrapolar. E tem as tradicionais cantadas que são muitas, né fia?! Querendo ou não tem as cantadas também, que não pode se deixar envolver por cantada dos dirigentes sindicais. [...] No movimento de sindicato tem, chega uma menina bonita, uma menina nova, uma dirigente nova, eles ficam atenciosos, tudo, mas tudo pra comer. [...] Aqui teve uma época que entrou uma diretora nova Aí, a gente viu, eu e uma colega, a gente viu quando eles tavam apostando quem ia pegar. Aí, a gente foi, chamou ela e detonou, contou tudinho a ela. [...] Outra vez, uma colega também, só que foi funcionária. Aí, foi uma funcionária nova e um funcionário daqui, saíram e depois ele contando tudo pros meninos. Aí, me contaram: ‘Mas, não fala nada não...’. Teve uma festa, tomei uma, aí eu disse: ‘É agora.’. Chamei ela e falei. Ele passou um tempo sem falar comigo, acho que ela disse que fui eu que contei.”*

No que concerne à participação de homens nos encontros e nas discussões promovidas pelo movimento feminista, ainda existe, segundo Rosa, muita resistência do movimento. A esse respeito, ela se posiciona da seguinte forma: *“Ah, é muita resistência, é muito difícil, é muito*

difícil, muito mesmo. [...] Não aceita. E é o espaço delas, é o espaço pra elas, não aceita. Eu já levei tanta porrada que, quer saber de uma coisa, deixa pra lá. [...] Eu já acho que... é porque a gente trabalha na entidade mista, a gente não pode também... a gente não fica isolada [...] Assim, 8 de Março [referindo-se ao Dia Internacional da Mulher], geralmente, se tiver uma palestra aqui a gente procura pegar temas, assim, que são caros pras mulheres [...] aqui eles participam geral, numa boa [...] É, e sei lá, mas eu acho que a gente ampliava mais. Ampliava mais se a gente... pelo menos nos grandes debates, conferência... temas, assim, estratégicos, que não fosse uma oficina de estratégia nova, de empoderamento, essas assim, tudo bem, é um espaço nosso. Mas, eu acho que deveria ter um espaço aberto para os homens participarem, até pra eles ouvirem nossa conversa e se tiver cem homens, eu conseguir dois pra minha causa, já é um grande avanço. [...] Porque, quando a gente tá numa entidade mista, uma coisa, assim, que batia muito, 8 de Março, a gente fechava tudinho [referindo-se à programação] ... Aí, homem não fala. Aí, eu tinha que ir pra dentro da central [central sindical], que, geralmente, bancava a vasta maioria, pelo menos um trio, que era o mais caro. Bancava, às vezes, vinda de mulher, ônibus, tudinho, dizia pro presidente da central que ele não ia falar. E homem não fala lá. [...] Numa mesa ele pode dar uma saudação, que é o dono da casa, pronto, [...] ele pode dar uma saudação, mas ele não vai ser o protagonista, ele vai ser como convidado. Aí, tem aquelas mulheres que nem isso queriam, queriam nem que ele tivesse na mesa. E pra gente explicar que ele é a pessoa responsável pela entidade que tá sediando o evento... [...] Aí não dá. Ele foi fazer uma saudação, ele não poderia comandar, não pode coordenar a mesa nem ser o grande palestrante, não, geralmente, palestrantes que vinham seriam mulheres. De outras entidades, qualquer canto, mas eles não seriam o foco. Tanto é que muitos davam uma palavrinha e depois saíam, inventavam que tinham uma reunião, alguma coisa, não ficavam no evento. Porque ele ia dar aquela saudação, depois ia sair e vinham as convidadas, as palestrantes, seria o espaço, realmente, das mulheres serem protagonistas mesmo. Aí, há essa dificuldade do movimento, entender que, querendo ou não, é o convívio, minha vida todinha é com homens e com mulheres aqui dentro.”

Ainda referente à participação das mulheres no contexto sindical, Rosa lembrou que: “Tem movimentos de mulheres que não são feministas. São movimentos de mulheres, mas não quer dizer que tá no campo feminista. Como a gente, sindicalista, nem toda sindicalista é feminista. O que a gente discute muito no movimento, que foi um avanço no movimento sindical, foi a questão de gênero. Nisso a gente teve um avanço, mas feminismo é muito difícil a gente discutir porque feminismo é bem mais profundo, é bem mais... [...] gênero é mais fácil, dá pra gente introduzir numa entidade mista, como a nossa. Mas as feministas do movimento sindical

ainda sofrem muita retaliação. [...] Aqui tem uma secretaria de mulheres. Mas, não quer dizer que todas as companheiras que tão aqui são feministas.”

Rosa declarou que existem discussões internas, dentro do movimento sindical mais amplo, em que as mulheres divergem quanto à instauração de secretaria de gênero ou secretaria de mulheres. Ela, por seu turno, defende a importância da existência da secretaria de mulheres, no intento de garantir um espaço específico de discussão e defesa das pautas relativas à mulher. Ela lembrou que no sindicato do qual faz parte já existe tal secretaria. Nesse contexto, referiu: *“Porque elas [grupo de mulheres do movimento sindical, no âmbito nacional] queriam discutir gênero, o que é uma secretaria de gênero? Gênero eu posso botar um homem nessa secretaria e não tenho, necessariamente, que discutir só a questão da mulher, é uma discussão bem ampla. [...] Nossa briga sempre foi para ter a secretaria de mulheres, pra discutir a questão específica das mulheres. Aí, há uma diferença, elas não tinham esse entendimento. Como também não tinham o entendimento de porque a gente brigava pra ter uma secretaria das mulheres a nível nacional, [...] elas queriam uma comissão. A comissão não tem o poder que a gente sempre coloca, a questão de gênero, a questão do feminismo, é a questão do poder. Os homens eles têm o poder, nós não. Aí, quando eu brigo pra ter uma comissão e não uma secretaria, dentro do movimento sindical, eu tô tirando o poder, porque poder tem uma secretaria. No movimento sindical, quem tá numa executiva, quem tá numa secretaria, se eu boto uma secretaria de mulheres dentro da minha secretaria executiva eu dou poder. Quando eu boto uma comissão, alguém vai falar por mim na executiva, porque eu não tenho voz nesse espaço do poder. Aí, é muito assim, tem a questão do poder e as meninas não têm entendimento. [...] tem a secretaria de gênero, gênero cabe um homem lá dentro e não necessariamente mulher. [...] É por isso que eu digo, a gente tem muito o que avançar ainda, agora não é fácil. [...] A postura dos homens é de defender o direito do homem. Se eu tô em uma situação cômoda, de poder, eu vou abrir? Eu comprei um livro, saiu um livro agora, [...] ‘Como criar filhos e filhas feministas’. Aí eu comprei, não pra mim, né, que eu não tenho mais, mas pra ler e depois vou dar pra minha filha, pra ela criar, porque a gente tem que fazer essa onda, derrubar toda essa construção.”*

2.1.4 CRUZANDO CONTEXTOS: FEMINISMO X FAMÍLIA/AMIZADES

No que tange a discussões sobre feminismo no âmbito das relações familiares e de amizade, fora do espaço da militância, Rosa declarou: *“Isso nunca foi ponto de pauta. A minha amizade com José [referindo-se ao padrinho da filha], ele era, assim, em questão de família. Na minha vida afetiva e profissional não. [...] Era aquela amizade. Você não tem aquela*

amizade que você não precisa se ver sempre, conviver? Você pode passar dez anos, mas quando se vê parece que foi ontem. [...] Mas o que a gente precisasse e o que ele precisasse, ele tava lá sempre presente. [...] Minha mãe é conservadora, mas também tem que respeitar a idade dela e tem que respeitar toda a origem dela, né?! Mas, de vez em quando, quando eu posso, assim, defender uma cunhada contra um filho dela, já viu, né?! Há problemas, porque ela não chega, mas... com minha filha eu tenho mais diálogo, até porque eu criei ela mais no campo feminista, de não aceitar isso, não aceitar aquilo, que o importante era emprego, não é homem, é isso, ela faz. Com minha filha eu tinha esse diálogo. Com minha irmã não muito, com meus irmãos era mais briga mesmo, que eles têm uma concepção menos... com exceção de um... [...] Ele sempre disse pra gente: 'Olhe, no dia que eu arrumar uma mulher feito você ou Carmem, que é minha irmã, eu vou dar certo, que é uma mulher que não tem interesse, uma mulher que tem a vida própria, uma mulher que é batalhadora, que não depende de homem. E eu só arrumo mulher pra depender de mim'. [...] Ele é encostado a mim, ele é mais velho do que eu dois anos. O mais novo é, vixe Maria, cabecinha assim ó, foi o da Polícia Civil, que é o mais afastado lá de casa, que nunca vê Mamãe. [...] Era o que era o mais novo de uma fase [referindo-se aos quatro filhos mais velhos dos seus pais, já que o quinto nascera dezoito anos depois]. Esse é machista, conservador, assim, minha filha com 19 anos, ela fez uma tatuagem. Ela veio conversar comigo: 'Mainha, vou fazer uma tatuagem.'. Aí, eu digo: 'Tá, tudo bem, agora tu sabes, né?! Tua avó vai detonar.'. Papai já tinha falecido. 'Não, não, eu quero fazer.'. 'Tá, bora lá, eu pago.'. Aí, ela fez a tatuagem, tudinho. Eu digo: 'Dá uma escondidinha pra Mamãe não ver, vai contando a ela devagarzinho, tá? Pra ela não...'. Porque Mamãe não ia falar com ela, ia comigo, né? Aí, meu irmão, esse da Polícia, que é bem conservador, quando soube disse: 'É, quando chega lá na Polícia eu vejo logo quem é a peça, eu sei logo, que é maconheiro.', assim, na minha cara. Eu digo: 'Tá, tudo bem, né? Maconheira, né? Não presta, né?!'. A filha dele com 16 anos fez [referindo-se a fazer tatuagem]. Eu digo: 'E aí, a maconheira, hein?! Porque a minha com 19 era maconheira, e a tua com 16?'. 'Não, veja bem, mas é outro momento...'. Disse que era outro momento, na época minha filha ia ser maconheira, se chegasse lá ele ia botar logo pra... não ia dar atenção. [...] Porque foi a filha, né?! Assim, também nem conversou com ele, nem conversou, quando ele viu... A minha pelo menos chegou, eu fui lá, paguei, vi o que ela ia fazer. [...] Ele sempre foi muito conservador. Ele é conservador, ele é muito complicado, apesar de nessa fase de nós quatro ser o mais novo. [...] Mas a história do feminismo era mais com minha filha, assim, tentar passar a linguagem pra ela. Não falando do feminismo, mas assim, as atitudes dela... entendesse? [...] A prática. Como ela podia vir a ser.".

2.2 PERCURSO AFETIVO-SEXUAL

No que concerne à abordagem de questões relativas à sexualidade, nos espaços onde circulava, tais como, família, escola, vizinhança, etc. Rosa declarou: *“Ah não, a gente não conversava sobre isso não. Quem conversava isso era, a gente tinha uma prima que era mais velha do que a gente, acho que ela era uns seis, sete anos mais velha e mais vivida. Porque era assim, a divisão era assim, tinha as que já eram moças, que eram moças assim, que já tinham menstruado, e as que não eram. Aí, lá em casa, com 10 anos, 10 pra 11 anos a minha irmã menstruou. Aí, minha irmã saiu do grupo nosso, das pivetes, das pequenas e partiu pra de cá, pra esse outro grupo. Aí, no outro ano fui eu quem saiu. [...] Menstruei com 10 pra 11 anos, o corpo desenvolveu. Era nova, levando cantada, era triste. Porque a gente tinha corpo de adulto, de mulher, mas a cabeça era de criança. Mas eu acho que com 10 pra 11 anos me apresentaram sutiã, a primeira coisa que eu tiro em casa quando eu chego. Porque, assim, a única coisa que vieram falar foi que, eu já sabia de tudo, né, mas vieram conversar, Mamãe, vovó, que agora tinha que ter muito cuidado, que eu não podia mais brincar com menino, eu não podia mais fazer isso, eu não podia sentar de perna aberta, assim, botaram tudo aquilo que eu não podia. [...] Não falavam de relação sexual, falaram que depois que eu sangrei ou não podia mais fazer isso, e que tinha que usar sutiã, não podia mais viver correndo com os meninos, não podia nada. Aí, tudo assim, que a gente descobria, nossas descobertas, a gente conversava com essa prima, que era mais velha. Foi ela quem iniciou a gente pra fumar, cigarro, com 13 pra 14 anos. [...] A gente fazia uma roda, aí eu fumava, né, e aí ensinava: ‘Tome um susto.’. Assim, umas aprenderam, outras não. Umam ficaram o vício, outras não. Aí, assim, essa conversa Papai e Mamãe não tinha. Também, naquela época eles não falavam sobre isso, se muito falasse era na escola e assim, aquele muito superficial. [...] Com minha irmã, a gente conversava, mas não conversava muito não. Que a gente tinha uma certa disputa, disputa assim, como ela foi pro grupo das meninas, eu fiquei meio despeitada, porque ela se afastou de mim. Aí, eu não perdoei. Aí, assim, fiquei com uma certa mágoa dela. [...] Quando eu ascendi pro outro grupo, ela tava mais na frente, né, de todo jeito. Eu sempre era a novata, fui a novata. E tinha, também, a coisa que minha irmã era mais espevitada do que eu. Aí, 13 pra 14 anos, Papai e Mamãe mandaram eu tomar conta dela, e eu mais nova do que ela, mais nova do que ela um ano e meio. [...] Ela era mais namoradeira, ela era assim, tinha dois, três namorados ao mesmo tempo. Ela ficava com um, aí saía, ela já se trocava de novo pra já se encontrar com o outro. Ela sempre foi assim. Eu já era diferente, porque eu acho: ‘Se não*

gosta, acaba e fica com o que tu gostas.’. Ela: ‘Tu és muito besta.’. A gente sempre tinha uns pegas, porque era, assim, muito diferente. Aí, a conversa que a gente tinha era mais todo mundo junto. Depois foi crescendo, ela foi mais pro lado de umas primas, eu fiquei mais pro lado de cá. Ela gostava muito de sair, eu já não muito. Aí a gente... terminou a gente se perdendo no meio do caminho, se perdendo, assim, essa cumplicidade de irmã, a gente terminou sem ter, por conta dessas pequenas coisas, e pela diferença que nós éramos.”.

Rosa reiterou que a sua aprendizagem relativa ao ato sexual, deu-se a partir das conversas com a referida prima mais velha, a qual era considerada como a mais experiente pelo grupo de primas que conviviam. A esse respeito, detalhou: *“Ela tinha aquelas revistinhas, né?! Sacanas, safadas, aquelas revistinhas, revistas de safadeza. Revistas pornô. Porque assim, minha prima não tinha formação nenhuma, mas se achava a líder de tudo, a formação dela era essa. Aí, ela mostrava. Menina, quando a gente via, a gente... Ela: ‘Calma, não é assim não. Veja, tem de vários tamanhos...’ [...] Aí, ela explicava tudinho. Mas, só que isso assusta mais do que ajuda, né?! Porque você... É, assusta mais do que ajuda. [...] Ela ficava na roda. Porque toda noite a gente se juntava, morávamos mais ou menos perto. Aí, ela juntava a gente. [...] Ela era de maior [referindo-se a maioria], ela juntava a gente pra fumar, ensinar a gente a fumar... [...] Ninguém via. [...] Assim, era o nosso ponto de encontro. Aí, a gente fumava, mas via, não tinha problema o fumo, porque o pessoal sabia que ela fumava, o cheiro do cigarro, mas não sabia que ela tava ensinando a gente, tanto é que quando vinha alguém, quem tivesse com o cigarro, se não fosse ela, soltava na hora, pra ninguém descobrir. [...] Geralmente, a gente ficava numa parte mais escura, com uma arvorezinha, a gente ficava ao redor, fazia aquela rodinha. Ali vinha a revista, ali vinha tudo, e se a gente tivesse alguma dúvida, procurava a professora. [risos] [...] As aulas eram assim, quando foi pra o negócio de sexualidade, eu já tava no hall das mocinhas, não tava no hall das pequenas não. Aí ela levava e mostrava. A gente: ‘ihh’. Ela dizia: ‘Não, calma, não é só assim não, tem de outros tamanhos.’. ‘E como é?’. Aí, ela ensinava tudinho. [...] Ela já tinha uma vida sexual ativa, mas ela não contava muito as experiências dela.”.*

Acrescentou que, durante a infância e adolescência, não tinha cumplicidade com ninguém para tratar de questões relativas à própria sexualidade. Disse que não possuía aquela grande amiga, para a qual se conta tudo. E, quanto à abordagem pelos seus pais acerca do referido assunto, Rosa contou: *“Papai não falava. É, como eu te disse, ele trabalhava à noite, durante o dia dormia, acordava, almoçava, ficava por ali um pouquinho, daqui a pouco, já tava na hora de ir embora. Aí, ele não se envolvia muito, Mamãe que se envolvia mais. Como a gente era muito pobre, ela tinha muita preocupação na cabeça. Aí, ela não tinha tempo pra*

certas coisas. Pra conversar... que também ela não teve isso da mãe dela, foi uma reprodução.”.

Relatou que, na atualidade, também, não costuma compartilhar aspectos da sua vida afetivo-sexual com pessoas amigas ou com familiares, inclusive com a sua filha, a despeito de ter destacado que estabelece com essa um bom relacionamento. E acrescentou que procura manter cada aspecto da sua vida (trabalho, família, vida sexual) em “caixinhas” separadas, que não interagem entre si. *“Minha filha não sabe de nada não, ela é ciumenta pra caralho. Tinha ciúme até do pai. [...] Quando eu viajei agora com essa pessoa que eu tô me relacionando. Eu disse: ‘Vou a trabalho.’. Quando eu cheguei, cheguei queimada [referindo-se a queimada pelo sol]. Aí, ela: ‘Mainha, que trabalho foi esse hein?!’. Porque ela vê que eu viajo muito e nunca chego queimada de praia. Geralmente, é: entra no hotel, faz o curso, viaja. Aí, eu digo: ‘Quer saber filha?’. Aí ela: ‘Deixa pra lá, deixa pra lá mesmo.’. Aí o meu genro bota pra rir: “Não entra aí, entra aí.’... é porque, também, eu sou muito... é assim, porque se falar alguma coisa, se machucar ela [referindo-se à filha], é uma questão de proteção. Por isso que eu nunca vivi mais com ninguém depois que eu tive filho. Porque eu não admitiria jamais que alguém machucasse ela ou reclamasse com ela. Eu posso, mas outra pessoa... jamais um homem iria fazer isso. Aí, também, por que juntar isso? Não tá bem assim? Não tá tudo certinho? Tudo nas suas caixinhas. Não tá certo, mas pra minha cabeça tá organizado, pronto. [...] Nas caixinhas assim: trabalho aqui, família aqui, sua vida sexual, afetiva aqui. Tudo nas caixinhas, não precisa misturar. Porque, quando mistura, aí vem aqui, Mamãe gosta de falar, gosta de... assim, ela é muito observadora, crítica, aí vai começar a ver algumas coisas, que, às vezes, você até viu, mas não tem porque... Aí, vai falar. Aí, vem outro fala. Aí, vem... não gente, já é complicado, por que mais? [...] Mamãe não pergunta alguma nada não.”.*

Em relação a suas experiências afetivo-sexuais, Rosa declarou que começou a ter os primeiros “paqueras”, na escola, quando tinha, aproximadamente, 10 anos de idade e contou que, nesta mesma época, “descobriu” a masturbação. Acerca de tal experiência contou: *“Uma coisa, assim, que eu descobri muito cedo, eu acho que uns 10 pra 11 anos, foi a questão da masturbação. Isso eu não falava pra ninguém, porque não tinha pessoas de confiança, né, eu não tinha muito coisa com minha irmã. Assim, foi uma descoberta legal, é bom você se descobrir, seu corpo... [...] No começo, eu fiquei com medo, porque era coisa feia, era coisa que não podia, não podia falar pra ninguém. [...] Era o normal na época, não era o normal a mulher falar assim em se masturbar. [...] Os homens podiam fazer. Mas a gente mulher não, tanto é que fechava a porta, esperava todo mundo dormir, era assim... era um tabu, né?! Que era uma coisa errada que você tava fazendo, não era uma coisa certa. Aí, ninguém podia saber.*

[...] *Eu gostava, agora, assim, só não podia falar para o pessoal, pra todo mundo, né, porque iriam achar errado. Eu não achava errado, mas eles iriam achar errado, eles não iriam achar normal. [...] Creio que a primeira vez que eu tô falando é agora. Falo não, acho que, sei lá.”.*

Disse que teve o primeiro namorado quando contava com 14 anos. Referiu que o rapaz era amigo da família, mais especificamente, das primas maternas. Nesse momento, esclareceu que praticamente não teve convivência com os seus familiares paternos, não tendo sequer conhecido os avós por parte de pai, que já eram falecidos.

Concernente ao namoro, acrescentou: *“Namorei com ele, mas me apaixonei por outro, eu tinha 14 anos. O que eu tava namorando, era amigo da família todinha, das minhas primas, né?! Elas faziam o maior gosto. [...] No carnaval, aí ele [referindo-se ao namorado] disse: ‘Eu vou brincar’. Aí, eu: ‘Tu vais brincar?’. Ele: ‘Vou’. Tá, tudo bem, né?! [...] Ele não foi pro clube, aí quando eu chego lá, tava o outro. Aí, fiquei com o outro, né?! Foi ótimo! No outro dia, minhas primas me pegaram, sei que lá, sei que lá... me botaram na mesa, ficaram junto de mim, fui pra canto nenhum, até o namorado chegar [...] Aí o outro apareceu, mas aí, né?... É que eu me arrependo, que eu não fiz nada. Podia ter dado chute no outro, na minha prima, em todo mundo?! Não tive coragem. Fiquei namorando com esse mais ou menos uns dois meses. [...] Encontrei o outro depois, mas, não tinha mais clima não. A partir do momento que você não assumiu na época, né?... Aí, também, eu acho que ele se desgostou, quebrou alguma coisa.”.*

Segundo contou, sua avó materna ia para o clube, durante o carnaval, acompanhando ela e suas primas, no intuito de “tomar conta” delas: *“Vovó ia pra tomar conta das netas todinhas, né?! Vovó ficava lá ne, e a gente tinha que pular, né? A gente não bebia. Ela não bebia e ela ficava sempre sentada. E a gente sempre passando na mesa, lá e cá, passando na mesa, ela tomando conta.”.*

Rosa relatou que, após a referida experiência de namoro, aos 14 anos, não quis mais namoros sérios, optando por apenas “ficar”. Nessa esteira, mencionou: *“Daí, eu não namorei mais... Daí, comecei mais, assim, a ficar. [...] É que eu sou assim, se eu não quero, eu não sei ficar enrolando ninguém. Eu sempre digo assim, às vezes, eu preferiria até que a outra pessoa acabasse do que eu acabar. Eu não gosto de magoar as pessoas. Aí, assim, eu não gostava não, pra eu ficar com alguém, pra eu realmente... tudo bem, mas eu tenho esse problema, que eu enjojo, eu enjojo. [...] Eu acabava mesmo, porque ele não acabava, eu tinha que acabar. Mas, eu me sentia péssima, me sentia muito mal, mesmo quando eu acabava. [...] Eu não tinha muitos namorados, tinha mais ficantes, porque quando você leva pra casa, aí cria vínculo, cria amizade, cria muita coisa. [...] Porque eu tenho um problema, problema não, eu não sei se é*

um problema. Eu enjojo muito. [...] É assim, eu tô com uma pessoa maravilhosa, aí no outro dia, se começar a ligar muito, se começar com muita coisa... eu não quero nem ver. [risos] Às vezes, o pessoal diz assim: 'Procura um médico, procura alguma coisa.'. Porque assim, é o maior love, mas no outro dia, menina, me dá um enjojo... [risos]. [...] Quando era ficante, o que é, é uma festa que acontece... um lugar que depois vai... aí, enquanto tá encontrando em festa, encontrando nos momentos... Mas quando começa a ligar muito, quando começa a querer pegar no pé, quando começa: 'tava aonde?', 'foi pra onde?'. Pronto. Aí, pra mim, não dá! Isso não é só com homem, é com qualquer pessoa. [...] Eu gosto de saber onde as pessoas estão, o que as pessoas tão fazendo. Minha filha, quando ela sai, às vezes, até agora mesmo: 'Oxente, tu tá onde?'. Mas, eu não gosto que faça comigo. É um defeito que eu tenho muito grande. [...] Eu digo muito assim, cá entre nós, eu digo: 'Pô, é uma atitude de homem, né?!' Que homem que é assim, né?! Pega as mulheres, pinta, e no outro dia não quer nem ver, né?! [risos] Mas, não é por maldade. [...] É porque eu gosto, eu tenho neura, eu tô com uma neura muito forte desde que eu fui morar com Mamãe. O quarto, quando eu fui, já tava montado, o quarto que eu durmo, não tem espaço pra nada, pra mexer em nada, desde que eu fui pra lá é do mesmo jeito. Minha menina ria muito, diz: 'Tu tá neurótica.'. Porque, assim, quando eu tava aperreada, eu mudava os móveis tudinho de forma. [...] Eu acho que coisa, assim, muito parada, muito repetitiva eu... dá um enjojo muito grande. [...] Às vezes, eu digo eu não sei se eu, nessa minha vida todinha, eu descobri o que é gostar de alguém de verdade. Amar alguém. Tanto é que meu casamento durou dois anos e meio. Se perguntar: 'Teve algum problema, assim, problema pra você ter uma separação?' Não teve. Tanto é que eu me separei, eu tinha 23 anos, tô com 57, não casei mais. Porque eu disse: 'Não vai dar certo. Não deu certo com ele, não vai dar certo com mais ninguém.'"

Rosa lembrou de experiências sexuais, desvinculadas do ato sexual em si, que foram, para ela, sobretudo prazerosas: *"E a questão da sexualidade eu acho que até a própria... teve um cara, a gente tava num negócio de uma igreja, quermesse, né?! O cara chegou, que o cara era safado, escroto, assim, que comia tudo quanto é mulher. Eu novinha, eu acho que eu não tinha nem 16 anos, ele chegou assim, foi dançar. Menina, quase que eu gozo aí mesmo, do jeito do cara. Teve outro também, uma festa na vizinha, isso tudo 16, 17 anos, não, 17 eu já tava mais velha. O cara foi dançar, mordeu minha orelha, eu parei assim. Aí, o cara: 'Ah'. Eu digo: 'Eu vou sair.'. Sai, fui-me embora pra casa. [...] Eu senti uma coisa boa, mas tão boa que me assustou. Entendeu? Não foi nem o ato em si, ter relação, mas, assim, bem devagar... não precisa ser assim... quando ele mordeu eu parei assim, me arrepiei todinha, disse: 'Ôxe, vou-me embora.', fiquei desorientada. Fugi, fui embora pra casa. [...] No começo eu era*

abestalhada. No começo, por mais que minha prima nos ensinasse ao modo dela, mas... eu ficava assustada, que era muito feio, muito assim, muito agressivo... que era pornô mesmo, aqueles caras, aquele negócio, assim, não tem nada a ver. Era coisa assim...”.

2.2.1 NAMORO, NOIVADO E CASAMENTO

Rosa disse que, o início do relacionamento com o seu ex-marido, deu-se no contexto em que ela já não estava querendo estabelecer relações com compromissos sérios e duradouros, mas apenas “ficar”. *“Eu tinha 17 anos. [...] Ele era amigo dos meus irmãos. [...] amigo do mesmo bairro. [...] Aí assim, o que me chamou atenção nele: ele usava... que minha menina diz que eu tava muito doida na época, usava um óculos de grau fundo de garrafa, loiro, cabelo aqui assim [...] no ombro. A gente ia muito pra festa, eu conheci ele naquelas de formatura, que juntava, a gente ia tudo de ônibus, a gente de longo... [...] Na época, assim, eram mais ou menos uns 20, entre homens e mulheres, minha irmã, meus irmãos, primos e amigos. [...] Tudo de ônibus, que não tinha dinheiro, só tinha os convites pra entrar na festa. Nessa época, a gente já bebia, aí a gente ia, aí ele ia. Ia ele, meu irmão, e outros colegas e outras amigas da gente também, ia uma turma de menina, ia todo mundo pra festa. E ele ia com um paletó horroroso, verde periquito, daquele verde bem ‘cheguei’. [...] Com esse cabelo amarelo, que ele era loiro, no ombro, óculos fundo de garrafa, que ele era quase cego, e com esse paletó, me encantei. [risos] [...] Teve até um mal-estar entre ele e meu irmão, o que é da caixa, porque ele estava namorando com a irmã dele, não tinha pedido autorização. E meu irmão dizia: ‘Porque é um bando de safado, vai tá um safado desse com minha irmã?’. Aquele negócio de irmão. [...] Que não é nem o mais velho, é o mais novo. Mas se conheciam, né?! Faziam safadeza. E, como é que um deles tava com a irmã dele? Aí ficaram até meio estremecidos um tempo, os dois.”.*

Rosa mencionou que o namoro com o seu ex-marido, iniciou-se a partir de relação de amizade em que se divertiam muito em grupo. Nesse sentido, falou: *“Eu sinto que ele era uma pessoa legal. Era uma pessoa legal, divertida, a gente brincava muito, a gente saia muito, conversava muito. [...] Era uma turma assim, sem compromisso. Aquela turma que só ia no final, quando terminava mesmo a festa e depois sentava tudo no meio fio esperando o bacurau. Era assim, era uma amizade muito grande entre nós, tinha esse laço de amizade. Mesmo tirando algumas coisas, mas, tinha as brigas normais, né? Mas, turma boa. [...] Ele era mais velho do que eu uma semana. Mesma idade. Era uma fase boa, legal, e aí foi ampliando, ampliando, ampliando, aí começou a questão. Aí ele foi com minha irmã no meu aniversário, pegou minha irmã, saiu no desespero pra comprar meu presente. [...] De 18 ou 19 anos, sei lá.*

Sabe aquela aliança de compromisso cheia de pedra? Eu não conhecia. Vê só o que eu uso [mostrou-me os anéis e os brincos que usava. Tudo bem discreto]. [...] Imagine eu com aquele 'negócio' aqui. Menina, que quando eu vi. [...] Minha irmã já sabia como eu era, né? Chegou, correu e me contou, disse: 'Olhe, faça uma cara bonita, pelo amor de Deus, mas ele vai buscar uma aliança de compromisso e vai te dar de noite.' Menina, que agonia, eu digo: 'Pelo amor de Deus!'. E comprou da mais cara.'"

E, por ocasião da entrega do anel: *"Aí ele deu. Ele disse: 'Tu não gostasse não?'. Eu disse: 'Não... não é esse não'. Assim, ficou caindo realmente do meu dedo. [...] Eu disse: 'Troca por uma fininha, é mais barato, pô.'. Ele disse: 'Vamos fazer o seguinte, vamos comprar uma fininha'. Aí ele topou. Mas eu fiz, mas sem maldade. Comprou aquela fininha, aliança mesmo. Quando ele chegou em casa, a mãe dele disse: 'Eita otário, noivasse foi?!'. Ele fez: 'Não'. Disse: 'Quem foi que mandou trocar?'. Ele disse: 'Foi Rosa.'. Aí, ela disse: 'É, tu noivasse.'. Depois é que eu fui me tocar, assim a gente noivou. [...] Tinha compromisso, aí depois vinha noivado, que chamava a família tudinho, né?! Mas, só que eu não ia usar aquilo, eu não ia usar, eu ia perder aquele negócio, que eu não gostava. Aí, falei pra trocar pela fininha, só que eu não me toquei, também, que era uma aliança já de noivado. Usava na mão direita. Foi noivado. Aí noivamos assim.'"*

Contou que o relacionamento dela com a família do seu ex-marido e desse com os seus familiares era bom. *"Era boa a aceitação das duas partes. não tinha muitos problemas, ele se dava muito bem com minha irmã também, com meus irmãos. Teve algum arranhão, né? Do começo do namoro, mas se davam. A família dele também, apesar de que eu gostava mais do sogro, que a sogra era muito, assim, mesquinha com algumas coisas, sabe?! Aí eu me dava muito bem com o pai dele. O pai dele era uma pessoa muito legal... que não se apegava a besteira [...] os dois já morreram, já partiram"*

Rosa referiu que ela e o ex-marido permaneceram noivos durante pouco mais de um ano, casando-se logo em seguida. Entretanto, relatou que dias antes do casamento, após uma discussão na qual o noivo lhe dirigiu a palavra aos gritos, ela acabou o noivado: *"Foi rápido, me casei acho que com 21 anos. Tenho muita certeza não, depois eu vejo. [...] Mas antes disso [...] teve uma festa na casa da irmã dele, uns dois dias antes. Aí, ele veio gritar comigo, gritou. Ôxe, ali mesmo eu acabei. [...] Dois dias antes de casar. Acabei. Mande ele ir pra tudo quanto é canto. Eu digo: 'não me apareça mais nunca!'. [...] Foi assim, eu sei que ele me deu uns gritos, assim, e a coisa desandou. Pronto. Voltei pra casa, tomei banho. Daqui a pouco ligam pra mim, que ele saiu da festa doido, capotou o carro até umas horas, perda total no carro, ele não teve nada. [...] Porque ele não teve nada, foi uma coisa, assim, interessante. O carro deu*

perda total, mas ele nada. Ele passou a noite no hospital, porque tinha batido a cabeça, esses negócios, né? Aí, assim a gente voltou. E teve o casamento, porque não aconteceu nada, né?! [...] Tava tudo providenciado, a igreja, tava tudo pronto [...] Igreja católica.”. Rosa acrescentou que, após o casamento até a separação, o seu ex-marido não voltou a gritar com ela.

2.2.2 O CASAMENTO E A DIVISÃO DO TRABALHO

Acerca de como foi o seu casamento, ela disse: “Era bonzinho [risos] Era bonzinho assim [...] Os dois, quando casamos, a gente tava trabalhando [...] Aí assim, Mamãe sempre dizia que o nosso marido é o nosso trabalho, é o nosso emprego, que a gente não se confiasse em homem. E eu sempre tive isso, aí assim, eu sempre fiz de tudo pra não perder esse emprego. De tudo assim, trabalhar, chegar no horário, não dar motivo. E ele não. Pra ele, de manhã, acordar era uma novela, era uma novela. Sábado e domingo era o primeiro a pular da cama, que não tinha trabalho, que não ia trabalhar. No dia-a-dia, se eu não tenho, a grana não era muita.... A questão das tarefas domésticas, queria ficar sentado, abrir uma cerveja pra eu fazer as coisas. Aí, isso começou um desgaste, entendesse?! Porque eu não fazia. E, também, eu não sou assim de toda vez tá mandando fazer, toda vez tá reclamando. Eu acho que a gente tem que ter um acordo, se os dois trabalham é porque precisa do dinheiro dos dois. Então se eu não tenho dinheiro pra botar empregado, eu vou fazer, tu vais fazer. A gente tem que dividir as coisas.”.

Quando questionada sobre o acordo de convivência, por ocasião do casamento. Ela disse que foi ela quem falou sobre a necessidade de compartilhamento das tarefas e que o seu marido, à época, disse-lhe: “‘Olha, tu sabes, né? Os casamentos modernos...’ Aí, eu digo: ‘Já vem coisa que não presta [...] sim, o que é que tem os casamentos modernos?’ ‘Você sabe que hoje mudou tudo, né?!’. Eu digo: ‘Foi, tá, diga como é esse casamento moderno que você quer.’ ‘É assim: na sexta, geralmente, os homens saem pra bater uma bolinha, tomar uma cervejinha, tu sabe como é, né?!’. Aí, eu digo: ‘Ah, beleza, tu vais pra um canto eu vou pro outro. Aí a gente se encontra no sábado, né?! Lavou, tá novo, todo mundo, é isso?’ ‘Não, você não entendeu.’ Assim, pra você ver como era a pessoa, ótima pessoa, mas meio desorientado. A gente não tinha uma situação financeira... Ele tinha um irmão que era gerente [de uma empresa de combustíveis]. Era um cara que se eu ganhasse mil, o irmão dele ganhava dez mil. E tudo que o irmão comprava, vinha um aperreio na cabeça, que ele queria comprar. Eu digo: ‘Não pode.’ Só tô falando assim pra ver como foi o desgaste. [...] Aí foi caminhando. ‘A gente não

pode comprar isso, porque a gente não tem dinheiro pra isso, seu irmão ganha não sei quanto a mais que a gente. A vida do seu irmão é...'. Era uma semana nessa ladainha até ele se convencer que a gente não tinha condições.”.

Acrescentou que o seu ex-marido chegou a fazer um empréstimo sem comunicá-la e que ela teve que gastar as suas economias para pagar a dívida que ele contraía. *“Só uma vez que ele fez isso. [...] Eu não tinha plano de saúde, na época. [...] Aí, eu engravidei, tinha um médico que era amigo dele e que ia fazer meu parto. Tudo bem [...] eu ia pagar o parto, né? Por mais que seja amigo, mas tinha hospital, tem tudo, né?! Aí, eu guardei um dinheiro pra isso. Ele tirou férias, tirou um empréstimo [...] pra não passar as férias liso. Não tinha dinheiro pra pagar o empréstimo e eu tive que pegar o dinheiro que eu tinha, pra pagar meu parto, pra dar pra ele. Foi aí que eu perdi meu dinheiro, aí eu tive que ter minha filha no INSS [Instituto Nacional de Seguridade Social]. [...] Porque você marinheira de primeira viagem, você quer, né?... Você tá naquela, com medo, com tudo... e eu guardei meu dinheiro, eu economizei pra fazer meu parto, pra pagar tudo. E o cara, assim, eu fui obrigada a dar o dinheiro, se não ele ia perder o emprego se ele não pagasse.”.*

Quanto à gravidez, Rosa disse que sofrera muita pressão do então marido e da família desse para ter logo um filho: *“Ah, foi uma novela, minha filha, porque todo dia, nascia um bebê na família... Shiii, na minha cabeça, ele, a família dele, a mãe dele... que a gente prende o marido pela barriga, ou se não com filho. Minha sogra dizia que já que eu não sabia cozinhar, eu tinha que ter filho. Que ele ia me deixar. Falavam que só, porque ele chegava: ‘Ah, bora sair? Bora pra tal canto, vai todo mundo.’. Eu: ‘Ah, tô a fim não. Vai.’. Aí, ela [a sogra] ligava: ‘Você vai perder seu marido.’. Eu digo: ‘Por que, minha senhora?’. ‘Como é que você deixa ele solto?’. Eu disse: ‘Minha senhora, se ele quiser me trair, na hora do almoço ele me trai. Agora, porque se eu tô com dor de cabeça, não tô a fim, eu tenho que ir pra uma festa, ficar acordada pra não perder marido?!’. Eu tinha esse choque com ela, entendesse?! Porque eu não queria engravidar, engravidei por um descuido, porque eu evitava pela irresponsabilidade dele. Eu sempre dizia pra ele: ‘Quando eu engravidar, ou a gente se une de vez ou a gente vai se separar, e pelo que eu conheço a gente vai se separar, porque tu não vai assumir a situação’. Eu tinha certeza, não deu outra. Seis meses, eu me separei. A menina tinha seis meses. [...] Se uma pessoa não faz uma poupança, uma pessoa pra sair de férias, pobre, pobre assim, né? Classe média, na época, eu tenho que tirar um empréstimo pra não ficar liso. Pô, que pensamento é esse? Não tem um pensamento, pô, não tem um plano. A gente não tinha um plano de saúde, não tinha nada. Tanto é que depois que eu me separei dele a primeira coisa*

que eu fiz foi fazer um plano de saúde e comprar uma máquina de lavar, um tanquinho, porque...”.

2.2.3 MAIS DESGASTES DO CASAMENTO

Rosa declarou que nunca gostou de cozinhar no dia-a-dia, como uma obrigação, mas que gosta de ir à cozinha quando quer fazer algo diferente para comer. *“Comida mesmo, feijão, arroz, porque pra mim, não, eu não gosto mesmo. Gosto de fazer, assim, final de semana: ‘ah, faz uma feijoada’, ‘ah, bora simbora’. Porque feijoada, uma farrinha, vem gente, vem mais pessoas... Mas, assim, cozinhar mesmo, eu não...”.* Disse que, atualmente: *“Como na rua e tem Mamãe, né? E tem Mamãe, que gosta de fazer uma coisinha ou outra.”.*

Contou que, enquanto foi casada, cozinhou nos fins de semana. *“Com ele, geralmente, eu fazia no final de semana. Ah, ele aprontou uma, num belo dia, ele me acorda, no sábado: ‘Acorda, já comprei o material.’ ‘Pra quê?’ ‘Minha família tá vindo que a gente vai fazer uma feijoada.’ Eu digo: ‘Quem vai fazer?’ Ele já estava de sunga, com a menina no braço, pra dar banho de sol na menina, pra eu fazer a feijoada. Ai, eu disse: ‘Quem te disse que eu sei fazer feijoada?’ Na época, eu não sabia fazer. ‘Veja bem, não sei o que lá...’. Ai, eu botei o biquíni e fui pra praia, chegou a família dele todinha e não tinha nada pra comer. A velha [referindo-se à sogra] saiu falando de mim até umas horas, né?! Ai, o meu sogro disse: ‘Oxente, quem quer comer feijoada? Eu não quero não, bora Rosa, bota a roupa na menina e bora ali pro restaurante almoçar.”.* Eu disse: *‘Agora!’.* Tinha esse *‘renrenren’,* aquele negócio que diz, *né? Nora com sogra... [...] Na praia, no restaurante o sogro pagou tudo e foi feliz. Por isso que eu gostava muito do meu sogro.”.*

Rosa justificou a postura do seu ex-marido em relação à rotina doméstica e à forma como ele concebia as atribuições de homens e mulheres alegando que ele provinha de um ambiente familiar conservador. Nessa esteira, falou: *“Porque ele vinha de uma família muito conservadora, o pai dele era assim, sentava na mesa, se tivesse um cabelinho, ele derrubava tudinho no chão. [...] Comigo ele não era assim [referindo-se ao sogro]. Também eu já peguei ele mais velho, né?! Mas, assim, ele novo era assim, jogava tudo no chão. A mulher dele pegava ele, a minha sogra pegava meu sogro com outras mulheres, mas no outro dia, quando ele ia viajar, que ele viajava muito, era representante comercial, de manhã estava a mesa posta pra ele. [...] Mas assim, eu tive muitos sinais que não ia dar certo [referindo-se ao casamento], pelo que eu sou e como ele veio, como ele foi criado. [...] Acho que a gente apostou assim, quem vai mudar quem né?!”*

Ela apontou como outro motivo de conflito entre eles, o modo como ela se portava nas reuniões sociais, envolvendo familiares e amigos. *“Quando era uma reuniãozinha, as mulheres ficam aqui e os homens ficam aqui. Era outra briga, porque as mulheres só ficavam aqui falando de menino, falando de cozinha, não me... Aí, eu vinha pro lado dos meninos conversar, que os meninos eram mais animados. [...] Eles conversavam sobre trabalho, sobre a atualidade, às vezes, eles falavam que viram futebol, que eu gosto. Era uma conversa mais animada. Ou estava alguém tocando violão. E ficava essa divisão, que eu não gosto. As mulheres ficam aqui conversando sobre isso e os homens... Aí, também era motivo de briga quando chegava em casa.”*

Em relação à gestação, Rosa declarou que, embora tenha ficado bem, fisicamente, sofrera com a falta de companheirismo, de compreensão do então marido. Nesse sentido, disse: *“A gravidez foi meio ruim, ruim assim, por conta... porque ele era muito assim, sei lá, muito doido. Durante a gravidez, eu ainda me separei uma vez dele. [...] Mas, uma separação safada. Fui pra casa de Mamãe, no outro dia tava de volta. [...] Ele foi atrás. Porque assim, sabe o que é uma coisa você chegar, tá muito cansada. ‘Ah, bora sair, bora fazer isso.’ Aí, aí se você não vai, ‘Bora, a gente não sei o que lá...’. Ficava insistindo. Sei lá, eu achava ele muito imaturo. Muito amigo em casa, era de levar muito amigo, era amigo meu também, mais dele, entendesse? Mas não foi uma das melhores gravidezes, não. [...] A barriga vai crescendo, você vai ficando... Ele chegava mais cedo, assim, a questão de quem chega mais cedo faz a comida, né?! Era pra ser o lógico, né?, Ele chegava, isso já tendo anoitecido. Daqui que eu pegasse, não era como é hoje [...] só tinha um ônibus. Eu chegava quase 23 horas em casa [...] Mas, a comida ele fazia só pra ele. Ele tinha o descaramento de pegar, assar bife, tudinho. E, nesse dia, Papai tava lá, Papai ia dormir lá, que ele tava construindo uma casa [no mesmo bairro onde eles moravam]. Papai viu que ele fez o bife. Aí, Papai perguntou: ‘Ficou pra Rosa?’. Ele disse: ‘Não, ela, geralmente, quando chega, ela já tem comido’. Papai: ‘É?’. Nesse dia quando eu bati na porta, pra você ver que tava o relacionamento, assim, já acabado mesmo, aí eu batendo na porta e eu vendo que ele tava vendo, sem abrir a porta, né?! [...] Quando ele abre: ‘Tava onde?’. Aí, eu escrachei, escrachei. Quando dou de cara, Papai tava lá. No outro dia, Papai pegou a malinha dele, pra casa. Disse a Mamãe: ‘Oh, breve tá voltando, Rosa tá voltando.’. Não deu outra. Mas eu acho que foi mais imaturidade. Você casar com 21 anos, 21 e pouco, com 23 separar. Acho que foi mais imaturidade. É, porque não houve agressão, não houve traição [...] E o pior é que hoje, minha menina diz: ‘Poxa mãe, ele continua sem noção, né?! Ele não tem jeito’. Não tem o pé no chão. vive no mundo da lua. Sonhador, quer fazer o que não pode, ele tá fudido [...] tá desempregado. Casou já, duàs vezes. E tá junto com outra.*

[...] *Eu tenho certeza que com ele eu não ia conseguir nada na vida, eu não ia nunca ter minha casa própria, eu nunca ia ter nada.*”.

“*Outra coisa que eu acho que por isso não deu certo o casamento, eu casei virgem. Eu fiz essa besteira, 21 anos virgem [...] porque aí eu via que não prestava logo daí, aí pronto. Mas não foi só por isso não, foi por outras coisas. [...] Foi com ele [referindo-se à primeira relação sexual]. Foi bom, né? Sexo é bom. Quando você gosta, é bom, legal, mas...*”. Nesse mesmo contexto, acrescentou: “*Casei virgem, mas sarrei muito. Sarrei que o vizinho ficava atucalhando eu namorando. [risos] Atucalhando. Olhando. Sarrei muito, mas assim, dar mesmo, eu digo: ‘Sei lá’. Aí, foi levando, foi levando, terminei sem dar.*”. Afirmou que o então namorado não pedia para terem relações sexuais. “*A gente sarrava tanto... Nunca houve forçação de barra da parte dele não.*”.

Ainda sobre a sua vida sexual com o ex-marido, Rosa acrescentou: “*Era boa, legal, normal. Não era grandes coisas, mas também não era ruim não. [...] Eu acho que ele não foi muito carinhoso, era muito mais direto, entendesse?! Eu adoro namorar, se eu ficar cansada, namorar, às vezes, dá mais prazer do que o ato em si, né? Eu acho que era isso que faltava nele, era legal, né, o sexo, mas era sexo como outro qualquer, mas não era uma coisa... [...] O ato em si é uma consequência, mas tem a preparação, tem tudo antes, que eu acho que ele não era chegado a isso não. [...] Eu não tinha muita experiência não, eu acho que ele também não tinha outras grandes experiências não. Eu acho que também foi isso. [...] Não é como hoje que é muito mais liberado né, tudo mais solto. [...] No movimento feminista, existem muitas discussões sobre sexualidade, oficinas [...] Essa questão da sexualidade, também, é a mulher aprender a se tocar, a se conhecer, tem mulher que as partes íntimas dela ela não conhece. Eu nunca participei não, eu participo mais, assim, de debate, mas de grupo mesmo eu nunca tive a oportunidade de participar não. Mas eu falo muito na comunidade, das mulheres conhecerem seu corpo, sua intimidade, tudinho. Quem já participou diz que foi muito bom.*”.

Rosa continuou relatando o contexto da sua relação com o ex-marido, ressaltando aspectos que foram promovendo o desgaste do casamento até a ruptura: “*Era só, eu acho, agora pensando melhor, eu acho que era a insegurança que ele passava. Que, como eu vim de uma família que Mamãe sempre pensava no futuro. Tinha uma irmã de Mamãe que, de vez em quando, ia lá em casa pedir alguma coisa, pedir carne... que não tinha nada pros meninos comerem. E isso, assim, tendo marido, tendo tudo. E Mamãe sempre nos ensinou: ‘Não vai na casa de ninguém pegar nada, se não tiver carne come ovo, se não tiver ovo come puro.’. Isso pra aprender, quando tiver dinheiro guardar, pensar no futuro, ela sempre... entendesse? Até isso ela botou muito na cabeça da gente. Aí, eu tinha assim pra mim: ‘Pô, tenho que trabalhar,*

eu não posso gastar tudo, eu tenho que guardar porque eu quero ter minha casa, eu quero ter filho, vou ter que pagar colégio, eu não vou botar meu filho em colégio público, que é um conflito que nós sindicalistas temos, né?! Que a escola pública é pra defender, não bote numa privada, né? Que é melhor. Mas, assim, ele não me passava segurança, como eu disse, com ele eu não teria nada. Aí isso vai... aí a cabeça foi além do coração. Por mais que gostasse, que eu não vou dizer que eu me separei sem gostar. Não, eu gostando. Mas eu pensava: ‘Pô, com uma filha, e o cara só fazendo besteira.’. Se você pedisse [referindo-se a pedir ao ex-marido]: ‘Tu tem quanto guardado?’ ‘Eu não tenho nada’. E fazer um empréstimo pra curtir as férias. Aí não tem. Eu viajei esse ano, viajei cinco dias, mas tô com 57 anos, 30 e poucos de trabalho. Aí, tem uma reserva, posso me dar esse luxo. Mas, naquela época, quem podia fazer isso? Então, tinha que guardar. Não tínhamos plano de saúde na época, tínhamos nada. [...] E com um bebê. Aí, assim, eu acho que foi muito a imaturidade dele, a insegurança que ele me passava. E tinha muito forte o que eu trazia de Mamãe, da minha casa, que era que tinha que guardar, [...] pra ter numa necessidade. Aí eu acho que foi muito isso, mas a nossa vida, até onde deu, foi muito legal. [...] Tanto que a gente se encontrava, transava, até o momento que ele achou que tava sendo usado como objeto sexual. [...] Eu acho que foi ali que eu vi que tinha separado. Porque assim, ficou quase assim, mesmo assinando papel tudinho, mas ficou parecendo que a gente estava namorando, que apenas separou-se, mas continuava. Só que não tinha mais obrigação, não tinha que dar mais muita satisfação, assim... aí quando ele rompe eu não ia ter mais, acho que foi ali. Tanto é que eu vim no ônibus, chorei, chorei, chorei, eu fiz: ‘É. Agora acabou realmente.’, foi quando caiu a ficha que realmente tinha acabado.”.

2.2.4 SER MÃE: DESEJO X OPRESSÃO

Acerca do projeto de ter filhos e do contexto no qual engravidara, Rosa prosseguiu contando: *“Eu sempre quis ter filho, eu queria. [...] Mas, até onde eu estava casada, eu não queria engravidar, porque eu achava que seria o fim do casamento mesmo, por toda a irresponsabilidade, pela nossa cabeça, tudinho. Aí, a gente não ia conseguir levar isso, depois de um filho eu achava que eu ia mudar e que ele não ia acompanhar, e que a gente ia se separar. [...] Tanto é que seis meses da minha filha eu me separei. [...] Ser mãe era um projeto pra mim. Eu queria ser mãe, agora, quando eu quisesse, não do jeito que era colocado, não por imposição das pessoas, a diferença era só isso. Aí, quando eu digo que é uma opressão, que vem, é por isso, porque você tem que casar e alguém vai te dizer quando que você vai ser mãe, é o marido, é a família, é tua mãe, é, assim, é todo mundo. Ninguém espera, ninguém respeita*

como eu queria. Não. Eu vou ser mãe, tá, daqui a não sei quanto tempo ou quando eu achar que tá na hora. Não. Aí, pra mim, foi opressão por isso. Tanto é que foi um descuido, minha filha veio de um descuido, eu sei aonde ela foi feita, quando foi feita e, que, muitas vezes, a gente não sabe, né? Aconteceu, eu evitava, por conta de um descuido, pow, engravidei. Quando eu vi a besteira que eu fiz tentei de todo jeito, assim, não aborto, mas eu usava pomada, que era um método bem antigo que minha mãe ensinava, fazia, tudinho. Ah, eu botei água pra cima, no bidê, pra cima, naquela mangueirinha pra sair tudo, mas pegou. Tanto é que eu só fui fazer o teste de gravidez, porque Mamãe mandou, quase três meses depois. Sem vir a menstruação, sem vir nada. Eu disse: 'Eu não estou grávida, não estou grávida.'. Porque eu não queria. Porque eu sabia que era fim de casamento, era fim de tudo.' ”.

Entretanto, a despeito das preocupações decorrentes da possibilidade de estar grávida, Rosa referiu que, ao constatar, através de exame, que estava gestante: *“Ah, não, ôxe, foi uma festa. Eu saí na rua assim, quando eu recebi a coisa [referindo-se ao resultado do exame], saí rindo assim. O resultado, eu saí assim... eu acho que eu voava, eu nem andava.”*.

E, quanto à participação e a parceria do então marido, durante a gravidez, Rosa afirmou: *“Foi legal... Assim, ele era irresponsável, era aquela pessoa...”*. Ao ser questionada se ele a acompanhava nos exames pré-natal, ela respondeu: *“Não, até porque a gente trabalhava né, trabalhava em empresas privadas [...] e não tinha tantos direitos como a gente tem hoje, era bem no comecinho, aí não podia.”*.

2.2.5 SEPARAÇÃO / “DESQUITE”

Em relação ao contexto da separação, Rosa contou: *“O estopim foi uma festinha que ia ter, a festa de São João na creche, no hotelzinho da minha filha. Mamãe fez uma roupa linda, tinha pedido pra Mamãe fazer um chapeuzinho pra ela...que ela tinha 5 pra 6 meses. Aí, Mamãe fez um vestido vermelho, de bolinha, matuta, né?! Ele passou o dia na praia, ele e meu irmão, beberam até... chegou bêbado pra ir à festa. Eu digo: 'Vai não. Deitem aí.'. Meu irmão deitou, ele não, ele foi. Passei vergonha até umas horas. Bêbado, cheio de graça, só chegar junto, numa festa de criança, a pessoa sentir o hálito de cachaça, é pau, né? Quando voltou, eu disse: 'Mãe, acorde meu irmão e leve pra casa'. Ela disse: 'Não, a gente vai dormir aqui.'. Eu disse: 'Vai nada, não vai dormir ninguém aqui, tudinho pras suas casas, tchau.'. Pronto, fechei, chorei a noite todinha, joguei a aliança do sexto andar. Quando ele acordou, pediu desculpa, eu disse: 'Só tô esperando você melhorar pra ir me deixar na casa de Mamãe. Tô te deixando*

hoje.'. "Não, veja bem...'. Eu digo: 'Pelo amor de Deus, curte tua ressaca, que a menina já tá pronta.'. Só isso e nada [...] eu só queria me ver livre.".

Rosa declarou que foi um cunhado do seu ex-marido quem impetrou a ação de "desquite". Acrescentou que, durante, aproximadamente, quinze dias após a separação, tanto os seus familiares quanto os do seu ex-marido, ficaram pressionando para que retomassem a relação. E, segundo ela, após um ou dois mês do desenlace: "Eu disse: 'Não. Quero oficializar.'. [...] Ele só perguntou: 'É isso mesmo que tu queres?'. Eu disse: 'É, é isso mesmo que eu quero, vou me separar.'. [...] Separamos.".

Afirmou que ele permaneceu durante um tempo a procurando, a fim de se reconciliarem: "Um bom tempo, ele só desistiu porque quando... a gente saía depois, transava, tudinho... Aí ele me botou na parede, a gente tava no motel, disse: 'Já que a gente tá assim, a gente vai voltar, né?! Bora voltar?', eu disse: 'Não. Gosto muito de você, mas pra morar não.'. Aí, ele: 'Você está me usando sexualmente, não quero ser usado por você não'. Aí acabou-se de vez mesmo, não quis mais conversa comigo [risos]. [...] tinha tudo pra não dar certo. [...] Mas a gente cortou um pouco os laços [...] ele veio ter aproximação com a filha, falar com a filha aos 15 anos dela. Porque também quando ele ia pra lá aí ia, bebia, dormia lá. Aí ela não aceitava, já que era separado, era um ciúme que ela tinha assim, que ela era muito agarrada comigo, parecia até que ela que era a mãe e eu a filha. [...] Ela entrava no quarto, fechava o quarto com a chave e ficava no quarto, ficava eu e ela. Aí separou, né? Foi quando ele foi pros Estados Unidos, agora ele tá com mais contato com ela. Mas ela disse: 'continua sem noção'".

Rosa disse que, após a separação, sua sogra sempre telefonava, insistindo para que retomasse a relação com o filho: "A sogra ligava duas, três vezes lá pro trabalho. Entrando em contato, entrando em contato, quem nunca ligou foi o sogro, o sogro só conversou comigo, sem querer muito... Eu só disse: 'Não, dá não, você me conhece...'. Aí, ele: 'Então, se é isso que você quer...'. [...] Eu conversava mais com ele. Assim, ele era uma pessoa mais racional do que a sogra. A sogra queria se ver livre, do filho, aí tinha que casar. E ela era mais conservadora. [...] Depois aquilo foi acalmando, foi acalmando. Aí, a sogra parou de ligar.".

Quanto ao marco para que a sua sogra parasse de telefonar para ela, insistindo para que retomassem o casamento, Rosa declarou: "Quando eu liguei pra ele [referindo-se ao ex-marido] e pedi pra ele agilizar, pra ele dar entrada no processo na justiça. [...] Ele ia entrar porque ele tinha um cunhado advogado. Aí, ele ia fazer de graça. Foi ele quem deu entrada. [...] Isso foi uns quatro meses depois da separação.".

Rosa declarou que o ex-marido tem uma família grande e que, após a separação, as interações com os familiares dele foram se tornando cada vez mais escassas, e que, atualmente, não estabelece contatos com esses.

“Ele tem uns oito irmãos, é uma família grande. [...] Não continuo me comunicando com eles, porque, quando teve a separação, depois procurei, negócio de pensão, a mãe dele negou tudo, né?! Aí, depois começou: festinha, ‘Traga, ela [referindo-se à filha].’. O convite pra Rosa, ‘Traga ela porque vai ter o aniversário do avô dela’. Aí eu: ‘Tá, ela vai, tá pronta, só se vierem buscar. Se alguém vier buscar, venha.’ Não vinham. Aí, eu, realmente, afastei ela. Afastei, assim, porque não tinha..., eles não contribuía com nada, eles não iam contribuir em nada, nem pra ela, nem pra mim... Aí, sei lá... [...] Aí, eles foram parando, também, de convidar. Voltou agora depois de ela grande, né?! Depois de ela grande é que começaram a aproximação, né?! Que ela casou, tudinho... [...] Ela, às vezes, vai lá. Mas, ela não tem muita paciência não. Quando ela chega diz: ‘Tem jeito, não. Não tem não, o povo não evoluiu não.’. Continua aquela mesma... as mulheres na mesma coisa, as mulheres sem gostar de trabalhar, as mulheres muito... [...] O pai e mãe dele [referindo-se ao ex-marido] morreram.”

Quando questionada sobre se considera que a proposta da separação partiu dela, Rosa declarou: *“Acredito que sim, visse?! Mas, assim, eu não gosto muito que fale isso não. Porque, querendo ou não, abalou várias vidas, né?! Minha filha... querendo ou não, separei ela da própria figura [referindo-se ao ex-marido], eu não gosto muito de pensar nisso não, assim, se foi minha ou se foi... Eu gosto de ver assim, compatibilidade de gênio. [...] Mas, [a proposta da separação] veio de mim, né?! Porque ele tava falando até em ter outro filho. Aí eu: ‘Vai ter com ninguém, vai ter com quem tu quiser, tô indo!’”*

Quando questionada sobre como se sente ao falar, no momento, acerca da experiência da separação conjugal, Rosa disse: *“Eu, às vezes, assim, não gosto de falar muito disso, porque, às vezes, eu acho, assim, que quem era mal resolvida era eu. Eu tinha os meus problemas, eu via no casamento uma forma de eu sair do círculo. E, assim, porque quando você tá em casa, pai manda, mãe manda, assim, você não é livre, você tem que dar satisfações. Aí o casamento pra mim foi, tanto é que eu fui a primeira a casar em casa, era uma fuga pra eu me libertar. Pô, eu vou sair daqui, vou ficar livre. [...] E foi, porque depois a relação é outra, não é uma relação de pai e mãe, que você tem que obedecer. Eu não precisava obedecer a ele [referindo-se ao ex-marido].”*

Quanto a sua volta para a casa dos pais, Rosa contou: *“Ainda tentei morar só, aluguei um apartamento pra morar com a menina, com minha filha. Aí, uma prima disse que vinha morar comigo, que topava morar comigo, mas Papai pediu muito pra eu ficar, pra eu não sair.*

[...] *Tava um pouquinho mais diferente, né?! Porque você já casou, já tem uma filha [...] tava melhor, tava melhor, não era tanto controle. Eu já trabalhava... antes eu também trabalhava, mas antes eu tava sobre a rédea dele [referindo-se ao pai], e quando eu volto, trabalhando, com uma filha, uma mulher separada, eu talvez eu tenha subido um pouquinho, eu não era mais aquela donzela, aquela menina... Não, eu já era uma mulher.*”

Rosa disse que, após a separação, o ex-marido permaneceu, por três anos, fornecendo pensão para o sustento da filha, a qual contava com seis meses de idade, na ocasião do desenlace conjugal. Interrompeu tal pagamento, pois ficou desempregado. Mas, em seguida, ele conseguiu um novo emprego, porém não voltou a contribuir com as despesas da criança. Rosa declarou que o referido só retomou o pagamento, através de determinação judicial, uma vez que ela impetrou uma ação de pensão alimentícia em favor da filha em comum.

2.3 ROSA: MULHER DESQUITADA

Ao falar sobre o que significava ser “*desquitada*”, Rosa descreveu assim: “*Desquitada, uma mulher largada, uma mulher que se separou, uma mulher que não tem dono, assim, era o que se passava na cabeça*”. Ao fazer tal descrição, lembrou de uma situação ocorrida, logo após a sua separação, no âmbito familiar, que a deixou bastante abalada, sentindo-se discriminada e incompreendida, em decorrência da sua condição de “*mulher desquitada*”. Ela contou: “*Meu primo, que foi meu primo que foi lá conversar com eles [referindo-se aos seus pais], virar a cabeça deles, como é que eles iam deixar eu me separar, eu ficar desquitada, papapa... Quando eu cheguei em casa do trabalho, foi quase uma hora, ele falando, foi quase uma hora. [...] Quem falou mais foi Papai. Mas depois eu soube que quem fez a cabeça de Papai tinha sido ele, ele tava lá, mas ele ficou mais caladinho, sabe?! Mas Mamãe e Papai ó falando, falando... [...] Eles aceitaram [referindo-se à separação]. [...] Eu fui e voltei do mesmo jeito, parecia que eu nem tinha saído de casa. [...] Assim, eles não tiveram problema nenhum, eles já esperavam, pelo que Papai tinha visto, por algumas coisas que ia acontecendo, eles sabiam que eu ia me separar, que não ia ficar.*”

“*Mas quando chega uma pessoa depois e começa a dizer que valor eu ia ter, que eu agora não era mais mulher casada e não sei o que lá, papapapapapa... [...] que eu era muito nova e, outra coisa, eu era a primeira mulher na família, que todas eram casadas, solteiras, não tinha nenhuma nessa condição. Por que eu seria esta mulher?*”

Menina, foi uma hooooora de inferno na cabeça. [...] Falei nada, não tinha condições de falar, não tinha. Eu não valia mais nada, a partir daquele momento. [...] Eu seria isso:

desquitada. [...] Aí, eu abri o berreiro, me tranquei, peguei a menina, botei debaixo do braço [...] botei pra chorar, me tranquei no quarto. Aí, também, eu usei, né? Mamãe não, que Mamãe é mais dura, mas Papai era mais mole, aí, ele começou a bater na porta. [...] Começou a bater, a bater, eu deixei ele bater bem muito, aí disse: ‘O que é que você quer?’, não chamei ele nem mais de senhor. ‘Quero dialogar com você.’. Eu disse: ‘O que é? Pra quê?’. ‘Abra a porta.’. Aí, quando ele entrou, eu chorei mais um bocado. Papai era mole, a gente conseguia mais enrolar ele do que Mamãe, Mamãe era mais... [...] Ele entrou, eu conversei muito com ele, sabe?! [...] Eu disse a ele que não tava certo, se ele queria me ver triste, infeliz, que eu não tava feliz casada, não tava dando certo... Aí foi quando ele me disse que foi meu primo, que eu adoro, amo, já morreu também, assim, era um dos que eu mais gostava, que veio e colocou todas as coisas. [...] A gente se dava super bem, era um dos melhores primos. Ele queria alertar Mamãe e Papai do momento e evitar que eu passasse, eu acredito, por essa situação que eu vinha passar, né?! De ser marginalizada, ele não queria isso pra prima dele. [...] Aí, eu digo: ‘Mas o senhor acha que eu vou virar isso? Que eu vou tá agora ficando com um e com outro?’. Que era uma das preocupações, né? Eu nova, sem marido, já deu, aí, vai dar pra um e pra outro, tinha muito isso, né?! [...] Mamãe, assim, tava firme [...] ela foi mais pelo que meu primo disse, porque depois ela ficou tranquila. Passou o que, uma semana, uma semana e pouca e ela foi se acalmando. [...] Aí, eu conversei com ele e ele foi fazendo a cabeça dela, aí pararam [...] aceitaram. Porque era... muito do tempo, né?.”

Rosa considera que, atualmente, a percepção das pessoas em relação a mulheres separadas, nos dias atuais, mudou positivamente. Nesse sentido, ponderou: “Hoje, assim, tá normal, tá naturalizado, tudinho, mas, na época, assim, que eu vivi foi uma marginalização de ser separada. Quando você é solteira, é solteira, é virgem. Porque, na época, se você era solteira, você era virgem. Hoje em dia que isso não quer dizer nada, mas naquela época era isso. Aí, você tinha um valor. Quando você casa e se separa, não tem mais o homem, assim, a marginalização, tanto é que eu perdi amizades, eu perdi grupos de amigos, as mulheres que tinham seus maridos não queriam mais a minha presença, porque eu era uma mulher disponível, vamos dizer assim. Uma mulher separada, uma mulher separada o que queria dizer? Não tem valor pra sociedade. [...] O medo, o perigo, porque eu era uma ameaça, aí isso machuca, entristece. [...] Eu não me sentia sem valor, mas sentia que as pessoas não me viam mais como eu era antes. Mesmo eu trabalhando, mesmo eu não dependendo de ninguém.”

Tanto é que eu comecei a ir pra cinema só, ir pra bar só, pra reconstruir as amizades, que eu não ia procurar aquelas amizades que eu idiotamente larguei quando casei e vim pra amizade do marido, aí eu não ia voltar. Hoje mesmo, agora, encontrei um amigo meu da época

que eu era solteira. Assim, hoje não tem problema, mas na época jamais, depois que eu me separei eu não ia procurar essa amizade. [...] Eu não quis procurar porque eu me afastei.”

Em relação aos que eram amigos, enquanto estava casada, Rosa acrescentou: *“Aonde você chegasse e dissesse que era separada, tava escrito assim. Os caras mudavam em relação a você. [...] Você tava... tava escrito, você era disponível. [...] Os caras e as mulheres também. As mulheres com medo dos seus maridos. Se tivesse acompanhada, eu não perdia essas amizades, de mulheres casadas. [...] Ninguém queria mais sair com seus maridos e comigo junto? Foram se afastando, sutilmente, devagar, mas foram se afastando, perdi. Porque fiz a grande besteira que a maioria das mulheres fazem, não sei se hoje ainda, você quando casa, seus amigos, seu núcleo de amizade começa a ser o do seu marido. Você começa a se afastar do seu e vem pra cá, eu fiz isso. [...] Fiquei muito no núcleo de amizade dele, dos amigos dele, das amigas. Aí, quando você se separa você é uma mulher separada, e isso pesava. Eu comecei a ir pro cinema só, que eu não tinha mais companhia, eu tive que refazer as amizades todas. E isso eu perdi por conta da separação. Aí se afastaram.”*

Rosa, também apontou como outro desafio, após a separação, o fato de sair sozinha para beber: *“Uma das coisas assim que pesou muito, pra sair, eu gostava de tomar cerveja, né?! Assim, tomar uma cerveja mesmo [...] depois do trabalho. Eu não vou deixar de tomar uma cerveja, porque eu não tenho quem venha comigo. [...] No meu trabalho, a maioria era tudo casada. Aí, eu fui, né? Fiquei lá, sentei, cheguei lá, mas um cara ficou enchendo, enchendo. Eu digo: ‘Se eu tivesse companhia tinha trazido.’ Daí foi, aí o cara acalmou-se. Daqui a pouco, chega um rapaz. Aí, eu: ‘Eita!’ Ele disse: ‘Posso sentar aqui?’. Puta que pariu, eu digo: ‘Moço...’. Ele fez: ‘Eu sei... É porque aquele rapaz ali ele tá espalhando que a senhora é sapatão³, é lésbica, que a senhora tá aqui fazendo ponto, esperando outra.’ Filho de uma puta!*

³ Rosa afirmou que nunca vivenciou relacionamentos homoafetivos. E, a esse respeito, relatou: *“Quase que eu saía do movimento feminista, porque quando você entra, menina, assim, eu chegando, era cantada até umas horas. Eu digo: ‘Eu vou sair dessa porra, eu tenho que botar uma plaquinha aqui, é?!’”. Agora eu não tenho raiva não, entendeste? Mas, quando eu tava chegando, aí a abordagem, às vezes, era meio pesada. Eu disse: ‘Sabe de uma coisa? Eu vou sair dessa merda, ôxe!’ Hoje não, porque hoje já me conhecem, já sabem quem eu sou... aí tá legal.”*

Contou, ainda, que, como não gostava de maquiagem, de cabelo arrumado e apresentava um visual despojado, muitas pessoas consideravam que ela era lésbica: *“Eu, durante a semana, quando eu tava na empresa, era o cabelo grande, todo ouriçado, casacão, calça jeans e tênis. [...]Tinha um gerente [da empresa onde trabalhava], ele viajou, voltou e trouxe um presente pra mim, ele foi pros Estados Unidos. ‘Dona Rosa, eu trouxe um presente, a senhora promete que vai usar?’ Eu digo: ‘Que porra é essa’. Eu digo: ‘Depende.’. Ele: ‘Me prometa que a senhora usa só aqui.’. Eu digo: ‘Tá, o que é?’. Ele trouxe um estojo de maquiagem. Eu digo: ‘Tá me chamando de feia, né?!’. Ele fez: ‘Não, bote um batonzinho...’. Eu não me pintava. Hoje me pinto mais, hoje eu não saio sem me pintar, depois de velha. Mas é porque eu não ligava muito não. Aí, eu não era muito ligada a isso não. [...] Quando eu entrei no sindicato pensavam que eu era uma lésbica. Sapatão, na época, né? Tem uma colega minha que disse: ‘Eu jurava que tu eras sapatão, Rosa. Eu disse: eita, agora o sindicato inaugurou, chegou uma sapatão.’.*

Aí, assim, terminou um grande amigo meu, esse rapaz. Mas era assim, ia pra bar, se não aceitasse a cantada, eles começavam a dizer: ‘Ah, tu não gostas de homem, não é?’. [...] Porque não aceitavam uma recusa.’.

Em contrapartida, Rosa relatou que nunca sentiu discriminação pelo fato de ser “desquitada” na escola da sua filha. Mas que, também, não interagia muito com as pessoas da escola, pois não tinha tempo para tal, uma vez que, trabalhava muito. “*Eu ia para as festas, já chegando na hora da coisa, dia das mães, já no momento assim. [...] Fiz muita amizade com mulheres também separadas. Eu não tenho amizade, eu acho que fora aqui do sindicato, de casadas. As maiores amizades que eu tenho, amigas mesmo que eu tenho, são todas mulheres separadas. Porque assim, não tinha medo, não tinha nada. A gente tinha uma certa identidade. Aí, isso marca né?!’.*”

E acrescentou que a filha não se queixava da sua condição de filha de pais separados. “*Porque ela [referindo-se à filha] sempre foi muito... não tem tempo ruim. Eu digo a ela que ela nasceu pra ser feliz, ela fazia questão de ser. O que ela fazia dia dos pais, lógico que ela tinha pai, o avô, que ela não chamava de avô. Ela chamava de Painho. Brigava ela e o meu irmão, o que veio depois de 18 anos, ele é mais velho do que ela um ano e meio. [...] Assim, pra gente, dia dos pais, festa de dia dos pais, Papai tinha que ir. [...] Ela e meu irmão só brigaram nessa parte, porque... ciúme. [...] Eu cheguei até um tempo a levar pra psicóloga, que ela tava agressiva. [...] A psicóloga: ‘Essa menina é um doce, o que é que tá havendo?’. Eu digo: ‘Não sei.’. Aí, a psicóloga disse: ‘Ela tem um irmão ou um tio?’. Eu disse: ‘Tem’. Disse: ‘Converse com ele, que a conversa dele é pegar ela, sentar e diz: ‘Seu pai é Eduardo, Paulo [referindo-se ao seu pai] é meu pai, não é seu pai. Você não tem pai aqui nessa casa’. Disse que ele ficava assim no juízo dela. Aí, era quando ela brigava com ele, começava a brigar. [...] Disse que era uma lavagem que ele fazia na cabeça dela, todo dia ele fazia isso. [...] Quem resolveu isso foi a psicóloga e Mamãe. Aí, Mamãe foi conversar com os dois dizendo que eram como irmãos. Conversou com ele: ‘Você veja a bichinha, o pai não tá aqui...’, pra ele ir... [...] Minha mãe era Voinha, mas Papai... Quando perguntavam: ‘Quem é seu pai?’, ela dizia: ‘Paulo’. [...] Depois veio o padrinho. Ia pras festas, porque Papai já tinha falecido, aí não pode. Porque se tivesse Papai, quem ia pra valsa, Papai quem ia pras coisas tudinho, mas como ele já tinha falecido. [...] quando ele faleceu, ela tinha 10 anos. [...] Ela e meu irmão estudavam na mesma escola, até um pedaço. Que ele me chamou e pediu pra eu não botar ela na escola que ele estivesse. ‘Mas, por que?’. Eles com 7/8 anos... ‘Porque ela arruma confusão e diz: ‘meu irmão*

[risos] *Eu digo: ‘Putá merda, por que?’, ‘Óxe menina, tu não botava um batom, não botava uma pintura, o cabelo desarrumado, um camisão, calça jeans e um tênis’. Eu digo: ‘Óxe!’.*

vai lhe pegar lá fora, meu tio.'. E meu irmão sempre foi calmo, e ela sempre foi muito arengueira, implicante, aprontava, entendesse? Aí pediu, falou com Mamãe, falou comigo pra eu... porque aonde Mamãe botava ele, aí eu botava ela, porque como ele era mais velho e caladinho, pra tomar conta dela, né?! Mas ela criava confusão pra ele [risos].[...]. Eles eram muito diferentes.”.

No que concerne a interferências ou comentários negativos, por parte de pessoas da família extensa, em relação a sua condição de “desquitada”, Rosa disse que nunca foram feitos. A esse respeito, disse: *“Não senti. Porque Mamãe não deixava ninguém vir abalar a gente não. Mamãe era muito, assim, aquela leoa. Ela podia falar tudo. Mas, ninguém viesse falar não. Só aceitou desse primo porque, até assim. a forma foi uma forma de cuidado. [...] Ele não queria que eu passasse por isso. Ele não veio dizer que eu era isso, que eu era aquilo, ele veio... tentar evitar... pra eu não passar por isso. Aí, Mamãe nunca permitiu.”.*

2.3.1 RELAÇÃO EX-MARIDO COM FILHA

Quanto à relação do seu ex-marido em relação à filha, após a separação, Rosa disse: *“Aproximou-se muito pouco, porque, assim, ele só ia ver a menina se eu tivesse em casa. Ele não ia lá pra pegar a menina, levar pra passear... não. Ia lá só se eu tivesse em casa. Ele só ia quando eu tava lá e isso era, assim, de dois em dois meses, muito pouco. Se eu dissesse: ‘Tô não.’, ele não ia. Se eu passasse um ano sem estar em casa ele não ia ver a filha. E quando ia lá não ficava com a menina. Assim, não pegava dizendo: ‘vamos pro cinema, vamos fazer isso, vamos fazer aquilo.’ [...] E quando eu tava ia pra bar, pra praia. [...] Ele só ia se eu tivesse lá. Mas, praia ela ia todo final de semana comigo. Se ele vai uma vez por mês, sei lá de quanto em quanto tempo, era pra pegar ela, passear, ir pra um shopping, ir pro cinema, ir pra um parque... Mas não, só ia se eu fosse. Se eu não fosse, não ia. Aí, foram se separando né? Se afastando, se afastando. [...] Nem ele procurava, nem ela procurava, e ela também não fazia afago quando ele chegava. [...] Depois dos 15 anos dela é que eles começaram a sair só, ter mais contato, tudinho. [...] Eu nunca falei mal dele, sempre deixei eles, assim, à vontade. [...] Mamãe até falava, que no berço tinha um retrato dele, ela dizia: “Pra que isso aí?”, eu falava: ‘Porque ela tem pai, que não é bandido, que não é ladrão, que não é safado, que não é nada, apenas não deu certo, e ela vai conhecer o pai dela.’. Aí, começou meu pai e minha irmã a falar mal dele: ‘Ah, aquele safado, aquele irresponsável.’. Eu chamei os dois e disse pra Papai: ‘Se a condição pra eu ficar aqui é vocês esculhambarem o pai da minha filha, me avisem que eu vou sair daqui.’. Eles: ‘Não... aquele negócio...’. Eu disse: ‘É muito chato, é o pai dela,*

vocês não pensam nisso não, é?! Ele pode ser o que for, eu não falo, por que vocês querem falar?’. [...] Eu disse: ‘Papai, por que o senhor não gosta de Eduardo? O que foi que ele fez? Nem a mim, ele fez.’. Aí, foi quando minha irmã depois disse: ‘Mamãe disse que a mágoa dele é que ele [referindo-se ao ex-marido] pra casar pediu, pra devolver ele não foi lá.’. Eu digo” ‘Putá merda, se eu soubesse eu tinha dito: bora lá me entregar de volta.’. Tinha evitado, ele ficava do lado de fora. Papai não deixava ele entrar, ele ia ver a menina, ficava do lado de fora, em cima de um murinho que tinha lá na frente de casa, esperando.”.

Rosa declarou que, embora o ex-marido fosse afastado da filha, ela temia ser preterida por essa última. Nesse sentido ilustrou: *“Teve uma vez que eu fiquei tão triste, triste assim... Eu comprei, era aniversário dela [referindo-se à filha], foi aniversário dela ou foi dia das crianças. Eu comprei uma Emília, aquela bonequinha de pano, assim, né? Tava lascada, pagando plano de saúde particular... O homem chegou com sete presentes pra menina. Menina, eu me acabei! [...] Era só, assim, os top dos bonecos. [...] Sete bonecos. E eu tinha dado uma Emília desse tamaíinho de pano. [...] Ela tinha uns 6 anos. Aí, olhou, olhou, recebeu tudinho. Aí, eu amuada. Ela chegou, me abraçou, disse: ‘Não liga não, eu só quero os presentes dele.’. Assim mesmo, ela disse: ‘Eu te amo’. Porque eu fiquei acabada mesmo, sabe?! [...] Eu imaginei que ela podia se bandear pro lado dele, mas ela não... [...] Eu tinha medo de perder o carinho, disse eu tinha medo.”.*

Rosa mencionou que, quando sua filha estava com 15 anos de idade houve uma reaproximação entre ela e o pai. Em relação a tal fato, ela mencionou: *“Nos 15 anos dela, ela mudou de colégio, aí nesse colégio tinha muitas crianças, muitas coleguinhas dela de pais separados. Aí, começaram a conversar com ela: ‘Ôxe, besteira menina, uma semana eu fico com minha mãe, no final de semana fico com meu pai...’. Aí, ela tentou aproximação. As colegas colocaram na cabeça que não tinha porque ela não estar se comunicando, falando com ele. [...] Aí, mudou a cabeça dela, ela começou a querer se aproximar dele. [...] Mas aí foi a parte que ele ficou ruim mesmo [referindo-se às condições financeiras do ex-marido] e foi pros Estados Unidos. Mas ela ficava procurando emprego pra ele, pra ele não ter que ir pros Estados Unidos. Ela teve uma aproximação.”.*

Segundo Rosa, o padrinho da sua filha foi uma figura muito significativa na vida dessa, exercendo o papel de pai, uma vez que o genitor, conforme mencionado, sempre se posicionou de modo ausente em relação a ela. *“Ele faleceu faz uns dois anos [...] não tinha nem 60 anos, câncer. [...] Quando ela perdeu a virgindade, a primeira pessoa com quem ela foi conversar foi com o padrinho. Pra saber como ia me contar [risos]. Assim, tudo dela era com ele, com esse padrinho dela.”.* Rosa contou que o conheceu durante a sua gravidez. Ele era amigo do

seu ex-marido e foi o médico que realizou o parto. Disse que ele se tornou, também, seu amigo e que o convidaram para ser padrinho da filha. Acrescentou que ele e o seu ex-marido se desentenderam e se afastaram, pois, o seu ex-marido o acusou de estar, conforme disse: “[...] *se metendo muito na nossa vida e estar querendo tomar o lugar dele como pai. Aí, brigou com ele* [referindo-se ao padrinho]. *Mas, ao mesmo tempo, ele* [referindo-se ao ex-marido] *não assumia as responsabilidades, né?!”*.

2.3.2 ALIANÇA COMO PROTEÇÃO

Após a separação, Rosa relatou ter permanecido usando a aliança, como forma de se proteger do assédio dos homens, especialmente no ambiente de trabalho. *“Quando eu me separei eu fiquei ainda seis meses indo pro trabalho usando aliança. Porque eu tinha medo, porque na época, as relações de trabalho eram muito complicadas também. Tinha aquilo de cantada, de assédio e eu não tava pronta pra isso. Aí, eu fiquei com aliança, me separei mas não falei pra ninguém. Não tinha coragem de tirar porque eu sabia que, quando tirasse, minha paz de espírito ia acabar. E ali eu tinha medo porque se eu fosse muito grossa eu corria risco de demissão. [...] Empresa privada, se um homem daquele viesse me cantar, eu fosse muito grossa, funcionário não, mas um gerente, acima de mim, eu poderia dançar, né?! Aí, meu medo partia muito disso. Tinha vindo, há pouco tempo, de uma gravidez, tudinho né, aí pronto. [...] Corria o risco de voltar e ser demitida.. Rosa afirmou que acreditava que, se os homens soubessem que ela era uma “mulher desquitada”, ela seria ainda mais assediada.*

Referiu que passou a se incomodar por estar mantendo aquela situação, que não era mais verdadeira. Então, decidiu conversar com o padrinho da sua filha, o qual era seu amigo, e ele disse: *‘Tira a aliança, Rosa. [...] Pô, tu és uma mulher da porra, tu assume, tu te separas e tu não queres falar no teu trabalho. Assuma isso, Rosa! Enquanto você não assumir, você vai ficar com esse rolo. Assuma, assumo!’*. *Aí, foi quando tirei a aliança.”*

Sobre o seu relacionamento de amizade com o padrinho da filha, declarou: *“Porque foi ele quem fez o parto né, aí assim, como eu te disse, eu acho ele quase o papel, até ele falecer, de pai dela [referindo-se à filha] mesmo. Assim, 15 anos quem dançou a valsa foi ele, formatura... formatura a gente se separou. Ele disse: ‘Eu vou pra colação de grau, vou com ela. Na formatura [referindo-se ao baile de formatura], quem dança a valsa é você.’. Eu, né, dancei a valsa com ela. Aí, casamento. Eu disse: ‘Olha, eu sinto muito, mas quem vai entrar com ela sou eu’. Aí ele: ‘Tudo bem.’. Assim, ele disse: ‘Olha, eu fiz com ela [referindo-se a sua filha] coisa que eu não fiz com minha filha.’. Eu confiava muito nele. [...] Um grande amigo,*

um grande amigo, muito, muito, muito mesmo. Tanto no cuidado com minha filha como, assim, qualquer problema que eu tinha, se ele pudesse ele resolvia.”

Rosa contou que, logo que decidira tirar a aliança, houve uma festa de confraternização com o pessoal do trabalho, e que ela fora ao referido evento sem a aliança. *“Tinha a mesa de gerentes, no bar, né, um bar dançante, e a mesa dos piões, que era sempre aonde eu fiquei. Menina, quando eu surgi na mesa, que me viram sem aliança, já foi: ‘Rosa, vem pra cá.’. Eu disse: ‘Por isso que eu não queria tirar a porra dessa aliança.’. Na hora, na hora, fui convidada pra mesa da gerentada. [...] Fui. Eu ia dizer que não?! Meu emprego na roda. [...] Tudo muito educado, muito fino, assim... se eu queria fazer assim, já tava tudo na minha mão. [...] Pra mim incomodou, tinha tom de cantada, era assédio, lógico. Só de me chamar pra lá... nunca, todo ano eu ia pra festa, sempre ficava junto dos funcionários. [...] Eu saí da mesa de pião pra mesa dos gerentes. [...] Esses homens, tudo casado. Agora não iam com as mulheres, iam tudo só.”*

2.3.3 RELACIONAMENTOS APÓS SEPARAÇÃO CONJUGAL

“Quando eu me separei, acho que uns três anos depois, a primeira pessoa que eu tive relacionamento sério, que aí durou acho que um ano e pouco. Sério, mas também era escondido, ele era casado. A gente trabalhava na mesma empresa, só acabou porque um belo dia chega ele, marca comigo, chegou com uma mala, eu digo: ‘O que é isso?’. ‘Tô saindo de casa, monta aí na moto pra a gente procurar um lugar pra morar.’. Eu digo: ‘Como?’. ‘Monta aí.’. Eu digo: ‘Quem te disse que eu quero morar contigo, criatura? Quem te disse que eu vou sair de casa? Volte, antes que sua mulher descubra que você saiu de casa. Amanhã a gente conversa no trabalho.’”

“Vê que ousadia. Ele chegou com tudo. ‘Monta aí, vamos procurar um lugar pra morar.’. [...] Eu gostava dele, mas não era... era uma pessoa engraçada, a gente se divertia muito, saía, mas, assim, ele tava querendo largar a família, largar tudo, filho... e assim, nem me consultou, se era isso, se minha proposta era essa, eu nunca pedi. [...] Ele não se separou. Nada, até hoje. Eu me encontrei com ele eu acho que fazem uns três anos, mas separou-se não. [...] Depois dessa história da mala, esfriou, esfriou muito. Aí a gente terminou acabando. Porque a gente viu que távamos em caminhos diferentes, a proposta dele era uma, a minha era outra, né?!”

“E aí, eu vi a coisa assim: ‘Tá, aí vai que esse cara se separa. Aí sim, lá na frente eu vou ser obrigada a ficar com ele, é?!’. [...] Naquele relacionamento eu não tinha planos de sair de casa, de montar casa, de morar junto, nunca tive. [...] É porque foi uma coisa legal, porque

foi crescendo a amizade. Que nós éramos amigos, trabalhávamos lado a lado. Aí, assim, foi crescendo, aí foi de uma brincadeira, foi numa brincadeira, ele tinha bebido, a gente tava numa festa. Aí, chegaram os meninos e disseram: ‘Tu não tens coragem de ir com Francisco [referindo-se à pessoa com quem se relacionou] na moto não?’. Eu falei: ‘Por que não?’. ‘Ah, quero ver.’. Pronto, aí montei na moto, aí paramos e começou daí. Foi uma brincadeira, a gente já se conhecia, trabalhávamos, éramos amigos. Aí eu acho que durou mais por conta disso, aí esfriou a partir do momento que ele veio com essa de morar junto, de sair de casa, de... que nunca foi proposta minha.”.

Rosa fez menção a outro relacionamento com homem comprometido. Neste outro caso, ele era noivo. Segundo ela, foi logo após a ruptura com o outro, que era casado, e ela contava com, mais ou menos, 26 anos de idade. Sobre essa relação, contou: *“O outro era noivo. Era bonzinho, mas era muito abestalhado, muito babaca... Se eu dissesse: ‘Ah, vou não, não quero não’. ‘Tá.’. Não questionava. Aí, esse durou pouco, e, também, eu conheci a noiva dele. Também não deu certo.”.*

“Depois eu namorei com um menino mais novo do que eu, também motoqueiro, mas também muito porra louca. [...] Esse tava ligado ao mundo do trabalho, também. Aí, depois fiquei com um... eu já com uns 30 e poucos anos, um menino de 20 e poucos anos, aperreou, esse aperreou muito, visse?! Eu digo: ‘Não, menino, não vou criar ninguém não.’. Era uma loucura ele, bem bonitinho, mas complicado que só. Aí, depois foi passando, mas o que eu mais demorei foi o da moto, Francisco.”.

Ao falar sobre a relação dos seus pais, Rosa declarou que nunca tomou conhecimento de que houve traição conjugal por parte de qualquer deles e, nessa esteira, chegou a verbalizar: *“É por isso que eu nunca aceitei traição.”.* Em contrapartida, ela, mencionou ter tido relacionamentos com homens comprometidos e, quanto a tais experiências, ponderou: *“Na época era, assim, já que eu não tinha interesse de tomar o marido de ninguém, só pegar emprestado. Aí, pra minha cabeça, assim: ‘Eu não queria nada sério’. E, se você se relaciona com alguém solteiro, o caminho, geralmente, vai pra isso, né?! Conhecer a família e tudo. Quando o homem é uma pessoa comprometida, não vai entrar na tua casa, não vai entrar na tua família, porque, também, ele não pode se expor. Aí, eu sentia segurança. Hoje em dia, como eu te disse, não, a maturidade, a idade me levou... que isso, também, não é correto. Não é porque eu não conhecia a outra pessoa, mas, também, se viesse a descobrir, ou se alguma chegou a descobrir. Querendo ou não, isso não é legal. Ninguém quer dividir o marido com ninguém. [...] Porque eu defendo muito se você não quer pra si você não dá pros outros, né?! Porque a gente diz assim: ‘Tá, eu tô, mas eu não quero tomar, não quero acabar o casamento’.*

Fica um negócio meio complicado. 'Eu não quero acabar seu casamento, só tô usando, assim, um pouquinho.' [risos]. *Aí depois você vai... a idade vai te trazendo algumas reflexões né?! Sim, e se fosse contigo? Hoje eu prefiro solteiro."*

2.3.4 RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS ATUAIS

Quanto aos relacionamentos afetivo-sexuais atuais, Rosa declarou que tem optado por relacionamentos fortuitos, pontuais, ocasionais, porque não quer se vincular a ninguém. Nessa esteira, mencionou: *"Eu tenho até minha mãe fica pegando no meu pé; minha filha vive de tabela, de vez em quando quer pegar no meu pé também; meu neto, pra eu sair da casa dele, chora que fecha o prédio, quando eu chego ele se agarra aqui em mim e não quer mais ninguém junto, ninguém chega junto, ninguém... se eu me levanto ele já começa a chorar, eu tenho que sair escondida. [...] Aí, tu achas que eu vou arrumar mais alguém pra tá no meu pé? [...] É mais pelo meu jeito de ser, não é, assim, por conta de trauma nada não, é porque é muita coisa na cabeça. Assim, muitas cobranças, eu não gosto não, eu sou muito assim, eu não quero, eu pego no pé, da minha filha, das pessoas que eu gosto... mas não quero que ninguém fique pegando no meu pé. 'Tu tavas onde? Tu foste pra onde? Tu vais pra onde? Tu voltas...'* [...] *Eu sempre fui assim, desde sempre, muito independente, muito na minha."*

Nessa direção, Rosa acrescentou: *"Hoje em dia é assim, apareceu, você vai, vai paquerando, vai assim... geralmente fora do movimento, à parte do trabalho. Porque não dá pra misturar não, se não fica uma continuidade muito grande. Eu acho o pessoal, os homens do movimento realmente um zero à esquerda. Tudo machista, tudo assim. E o homem do movimento, além de ser machista, é uma pessoa do seu convívio, que já imaginou... [...] E, geralmente, muito fora do meu círculo de amizade daqui do trabalho. [...] Não é uma pessoa de direita, é uma pessoa, assim, que tem um pensamento avançado, mas que não tá dentro do movimento. E até pra separar mesmo, entendeste? [...] E também não trago nunca pra coisa daqui. Aí porque digo que achavam até um tempo atrás que eu era lésbica, porque não me viam com homem. Eu digo: 'Pra quê? Eu vejo quando vocês trazem, eu vejo os comentários, eu vejo isso. [...] Ah, os comentários, se for velho tá dando golpe, se for novo que tava olhando pra outras pessoas... 'Ah, tu visse a roupa, tu visse aquilo, aquilo outro.'* [...] *Então, assim, comentários que não agregam, que não ajudam. Aí, eu já tenho uma certa dificuldade, começo a ouvir muita besteira... [...] Além disso, eu não gosto de trazer pras atividades, pra apresentar, porque a gente trabalha de um jeito, a gente brinca muito, a gente esculhamba, a gente... mas é tudo brincadeira. Aqui eu conheço pessoa daqui há vinte e poucos anos, é uma amizade*

mesmo. Se você traz uma figura que tá com você, será que vai afetar? Aí, você pode sujar a coisa, ficar com picuinha. Não, não, tá bom! E outra coisa, é cada um na sua casa, beleza, quando cheguei em casa, fechei, pronto. Eu não gosto de misturar. [...] Porque eu sou assim, às vezes, eu brinco com os meninos, eu digo: ‘Olhe, sábado e domingo se eu encontrar com vocês, pra mim a semana não acabou.’. Porque tem que separar, gente, segunda a sexta é aqui, sábado e domingo é outra coisa. Porque se não fica prologado, fica muito... você termina sem ter vida realmente. Sábado e domingo é outra coisa, é além. Eles não entendem muito não, as meninas, nem as meninas, as próprias companheiras. ‘Tu és muito misteriosa.’. Eu digo: ‘Sou não.’. E, assim, tá dando certo minha vida, não tá boa assim?!’.

Rosa falou que o seu processo de aprendizagem em relação ao sexo, também, deu-se através das próprias experiências práticas. Nesse sentido, disse: *“Minha aprendizagem sobre as questões sexuais veio das vivências mesmo, eu não sei, eu acho que ficou faltando muita coisa. Eu acho que por eu ser como eu sou, e ter esse medo de me comprometer, me entregar, realmente, eu acho que eu me prendo muito. Quando eu sinto que tô começando a querer embarcar, eu caio fora. Eu tenho muito medo de me machucar, eu tenho muito medo de sofrer. Tenho muito medo de esquentar a cabeça, de... com essas coisas. Aí eu acho que eu não vivo a plenitude mesmo desses momentos, entendeste?! É, mais uma coisa... eu acho que minha vida eu levo muito numa pressa, não levo com calma. Eu tô tentando, realmente, eu tô tentando muito viver cada momento, cada... até numa relação nova, que eu tô agora, mas assim, eu sempre sinto uma certa pressa da minha parte. É, assim, você passa a noite com a pessoa, que pressa tem de você sair? Você não bate ponto, você não... é porque a pressa... aí assim, é complicado, já mandaram eu fazer terapia.”.*

E quanto à reação do parceiro, diante da sua pressa, Rosa declarou: *“O outro fica, assim, parado. E diz: ‘Agora eu já entendo, porque você sempre tem uma reunião.’. Eu digo: ‘Eu tô atrasada pra uma reunião.’. Mas, não tem reunião, às vezes, não tem. Eu invento. Eu quero sair dali, eu não consigo relaxar, eu não consigo. Eu consigo relaxar assim, no momento, mas no outro dia, amanheceu o dia, é outro dia, é outra coisa. [...] A gente se encontra na casa dele. Que agora eu estou com um solteiro, não ando mais com homem casado.”.*

Em relação a sua vida afetivo-sexual, após a ruptura definitiva do relacionamento com o ex-marido, Rosa ponderou: *“Talvez eu poderia ter me empenhado mais, eu poderia ter me empenhado mais em reconstruir uma vida a dois. [...] com outra pessoa. Porque eu me separei eu tinha 23 anos. [...] Eu podia ter tentado reconstruir a vida, mais eu tinha... ela [referindo-se à filha] não tinha nem 2 anos, não, quando ela fez 1 ano, eu já tava separada. [...] O casamento foi em novembro de 80. Ela nasceu em dezembro de 82. Que foi aquele martírio, que toda vez*

que nascia uma criança era uma ‘enchecção’ de saco na minha cabeça, queria porque queria ter filho [referindo-se ao ex-marido]. [...] Poderia ter reconstruído minha vida, mas também pintava um fantasma, sabe?! Que com uma filha, pra botar homem dentro de casa [...] talvez tenha me impedido de tentar reconstruir a vida. [...] Aí, botava um igual a ele ou pior que ele. Eu nunca achei um companheiro. Eu sempre achei aquela pessoa que parece que tem escrito aqui [mostrando a testa] em mim: ‘Manda em mim.’. Alguém pra mandar em mim, alguém pra pegar no meu pé. [...] Parece que tá escrito, sabe?! Que eu nunca arrumei um companheiro, eu sempre arrumo uma pessoa que fica grudando, que fica pegando, fica querendo saber de tudo, não é aquela pessoa leve, eu nunca consegui uma pessoa assim. Eu tive caso, com homem casado, dois, que eu até digo, eu gosto porque esse aí não tem perigo de ficar muito sério, é melhor assim. Mas, também fica grudado. ‘Pô, eu não sou tua mulher não, eu sou a diversão, né?!’. Coisa feia! Se Mamãe ver isso, ela fica triste. [risos] Mas, assim, as pessoas grudam demais. Ou sou eu quem acho que as pessoas grudam, tá muito em cima de você, muito... [...] Aí eu não sei, se as pessoas realmente fazem... ou talvez eu que não aceito. Às vezes, nem pega muito no meu pé, mas eu acho muito. Talvez seja até preocupação e eu não veja isso. Como eu tenho essa coisa muito na minha, mais calada, eu não esteja acostumada a essa troca. Aí, pra mim, qualquer coisa, muita pergunta, pra mim, já tá querendo mandar. Talvez seja minha, pode ser que seja minha.”.

Além da existência da sua filha, Rosa apontou como elemento dificultador para um possível relacionamento conjugal mais estável e duradouro, o fato de ter gostado de se estar só, de ter liberdade. Nessa direção, relatou: “Eu sempre digo... me separei. Eu saí de uma relação assim pai, mãe, esse negócio de mandar. Aí, eu pensei: ‘casamento vai ser melhor’. Não foi. Aí voltei. Querendo ou não você agora não é uma mulher casada, trabalhando, eu já trabalhava, né? Trabalhando, tudo bem, eu tenho uma filha, mas liberdade. Como eu não reconstruí logo, eu não procurei isso [referindo-se a casar novamente], você se acostuma. Eu me acostumei a não ter ninguém, não ter hora pra chegar, não ter hora pra sair. Tinha umas brigas com Mamãe e Papai, que eu morava, tudinho, com uma filha, tudinho, mas não era aquela figura de homem. [...] Aonde eu tivesse, deu seis horas, sete horas: ‘Mamãe, bota alguma coisa pra ela [referindo-se à filha] comer.’, ‘Filha, compra alguma coisa.’, ‘Filha, vai na casa da tua avó.’. Eu não teria que sair correndo pra fazer jantar pra ninguém, pra fazer comida, entendeu? Assim, veio uma sensação também de liberdade, eu me acostumei a ficar só. [...] Eu acho que foi isso, eu demorei muito a tentar, eu acho que eu deveria ter tentado, eu acho. Mas, como eu demorei, eu acho que eu gostei da solidão, da liberdade, de não ter ninguém.”.

E, quando questionada acerca do motivo pelo qual deveria ter se empenhado em tentar “reconstruir a vida a dois”, no aspecto da conjugalidade, Rosa disse: “Ah, menina, foi muito nova, 23 anos. Daria pra ter casado de novo, ter refeito a vida, né? Sei lá. [...] Não, faz falta não. [...] Sei lá. [...] Eu acho que eu me neguei, se era importante ou se não era, eu não quis nem tentar. Eu nem tentei. [...] Pronto, é que fica parecendo até, assim, que foi grande a desilusão, não foi. Não foi. Foi um casamento que não deu certo, dois anos e meios, cada um resolveu-se, terminamos assim. Não teve agressão, não teve nada que dissesse: ‘Pronto, o cara fez isso, foi... houve traição.’ Não, não teve nada. Apenas, vi que não dava mais certo continuar tendo uma relação que pra mim ia ter, ainda, muito desgaste mesmo e talvez até com outro filho, né?! Que ele queria outro filho. Seis meses [referindo-se à idade da filha] a menina, que foi na época que eu me separei, ele tava conversando pra ter outro filho. [...] É, que irresponsável é assim, né?! [risos] Mal tem um, já quer ter outro pra irresponsabilidade de macho ser maior. Aí eu acho assim, que eu faço uma avaliação assim, que eu devia ter tentado, mas eu não me dei a isso.”

Em contrapartida, Rosa falou da incompatibilidade que ela percebe entre a vida de casada e a rotina de atividades no movimento sindical, no qual se engajou oito anos após a separação conjugal. Nessa esteira, asseverou: “Eu teria me separado, se eu tivesse casada, no movimento sindical. Se eu quisesse, realmente, crescer dentro do movimento, não ser só mais uma, não ter só uma passagem no movimento. Se eu quisesse, realmente, crescer, como eu consegui, eu não estaria casada.”

Figura 2 - Montagem II com gravuras de Amedeo Clemente Modigliani



Fonte: A Autora (2019).

3 ELISABETH: DESCONTAMINANDO-SE

“A gente precisa se descontaminar, né?!”. Depois que você se descontamina daquela relação, pronto, você pode se relacionar, ser amiga dele, do ex, amiga da família, e tá pronta pra outra relação.”

Este capítulo abordará a história de vida de Elisabeth que, ao narrar as suas experiências nas relações conjugais, vai trazendo elaborações e explicações sobre o modo como vivenciou cada um dos relacionamentos e separações e como tem sido o casamento atual, destacando a importância do que ela nomeou, em certo momento, de descontaminar-se dos aspectos negativos da relação anterior para que seja possível uma vivência mais tranquila em relações seguintes.

O capítulo foi organizado em duas partes: na primeira, serão abordados quatro contextos de subjetivação, que emergiram de forma mais relevante na narrativa de Elisabeth, quais sejam: a família de origem, a família em sua configuração atual, a vida laboral e o seu contato com as ideias feministas. No que concerne às suas experiências no mundo do trabalho, ela destacou as suas aproximações com a sociologia, a psicologia e a militância política.

Na segunda parte, tendo como cenário os contextos supracitados, será apresentado o curso de vida sexual de Elisabeth até o casamento atual, bem como algumas reflexões acerca de traição, ciúme e sobre a condição de mulher separada ou desquitada. Isso posto, vamos a história de Elisabeth:

Elisabeth tem 67 anos de idade, nasceu na Paraíba e mora em Recife desde os 18 anos de idade, quando se mudou a fim de se preparar cursar psicologia, uma vez que, em João Pessoa ainda não existia o referido curso superior. Ela se autodeclara como branca.

Seu pai é falecido, há doze anos, e sua mãe reside em João Pessoa e sempre visita ela e o irmão em Recife. Afirmou que seus pais sempre viveram juntos. Sobre a mãe, acrescentou: *“A minha mãe, ela tem 90 anos, mas é uma menina. Ainda dirige, mora em João Pessoa. [...] Pra cá [referindo-se ao Recife] ela não vem dirigindo. [...] Dirigir na BR a gente [referindo-se a ela e ao irmão] proibiu de uns 10 anos pra cá, né?! Porque a gente viu que era muito perigoso pra ela. Mas lá em João Pessoa ela dirige tudo. Quando vai pra um lugar que é mais difícil de estacionamento, ela vai de taxi, mas ela é muito independente, muito.”*

Ela tem um irmão dois anos e meio mais velho do que ela, o qual é casado, tem filhas e netas e, também reside em Recife. Relatou que, de modo geral, relaciona-se bem com o irmão, apesar de serem muito diferentes.

Elisabeth concluiu o curso de psicologia, mas que começou a trabalhar como funcionária pública federal na área de sociologia, fez uma especialização na área de pesquisa social e mestrado em sociologia. Ela declarou que se considera psicóloga e socióloga. Atualmente, encontra-se aposentada do serviço público federal e atua como psicóloga clínica em consultório, no âmbito privado, sendo a renda familiar mensal estimada em treze salários mínimos (valor do salário mínimo à época das entrevistas: R\$937,00). Tal valor refere-se a sua renda somada com a do seu companheiro, sendo que o salário dela corresponde à maior parte dos proventos. Afirmou que começou a se preparar para assumir o consultório quando estava próximo da sua aposentadoria. Acrescentou que, durante a sua trajetória laboral, esteve engajada em militância política voltada tanto para a sua condição de funcionária pública federal quanto como psicóloga, nos âmbitos da Associação de Psicólogos e do Conselho de Psicologia. Afirmou que, atualmente, encontra-se afastada das atividades da militância e que tem se dedicado ao consultório e acompanhado o marido, nos cuidados relativos à saúde, bem como, dá assistência a sua genitora.

Quanto a escolha do curso de psicologia, declarou: *“Eu sou Paraibana, vim pra cá pra fazer o vestibular de psicologia, porque lá em João Pessoa não tinha. [...] Eu vim em 68, eu vim com 18, que eu fui fazer o cursinho pré-vestibular e em 69 eu entrei na faculdade. Psicologia era uma das minhas áreas de interesse, mas eu acho que eu escolhi psicologia também porque eu queria sair da casa dos meus pais. E a chance era essa. [...] Eu acho que a sociologia sempre teve entremeada na minha teoria e na minha prática. [...] Eu foquei em psicologia porque meu irmão já tinha vindo estudar aqui, né?! Então eu disse “é minha chance”. E acho que foi muito bom. Foi muito duro, né?! Você sair da casa de pais, que tendem a ser superprotetores, né?! E ir pro mundo. Mas a gente aprende. [...] Mas, eu ia sempre pra casa dos meus pais. No começo, eu acho que até minha roupa eu levava pra lavar lá. [...] Meu irmão morava numa república, eu fui morar num pensionato, mas não gostei [...] porque era muito cheio de normas. Aí, eu logo arranjei umas amigas que tinham um apartamento e eu fui morar nessa república. [...] Mas eles [referindo-se aos seus pais] iam me pegar lá, aonde eu morava, eles conheciam as pessoas que moravam comigo.”*

Ela mora em um imóvel próprio, com seu o companheiro, cachorro e uma empregada doméstica, Cleide, que trabalha na casa dela, desde que o filho tinha três meses de idade. Segundo ela, essa última permanece na casa de segunda a sexta. Relatou, ainda, que o clima familiar é tranquilo. Nessa direção afirmou: *“Então, eu considero que a família somos nós quatro, porque o poodle participa de tudo também. [...] Cleide é uma psicóloga, nata. [risos] [...] o clima é muito bom. Ela é da família. [...]O núcleo tá bem adaptado.”* Sobre religião,

Elisabeth referiu: *“Não tenho mais. Fui criada na Igreja Católica, mas eu acho que desde os 18, 19 anos que eu comecei a questionar e me afastar e hoje a minha religião é... respeito ao outro, aos direitos humanos, ao outro ser né?! [...] Acredito numa força superior. Acrescentou que seu companheiro, Cleide e seu filho não têm religião, segundo ela, acreditam em Deus. “Minha mãe, até hoje, reza pra que meu filho se batize, né?! Porque ela é muito católica. Meu marido também não tem religião, e Maria também não. Mas eles acreditam em Deus.”.*

3.1 CONTEXTOS DE SUBJETIVAÇÃO

3.1.1 ELISABETH FILHA

Sobre seu pai, Elisabeth disse que ele era paraibano, formou-se em odontologia, trabalhava em consultório privado, na própria casa, e, também, como funcionário público federal. Além de ser professor titular da de uma universidade pública na Paraíba. Sobre o relacionamento com seu pai, relatou: *“Era muito bom, né?! Eu senti o apoio dele sempre, sempre. Eu acho que a minha mãe avançou pra aceitar os meus casamentos muito por conta do meu pai. [...] Porque ele deu um voo muito grande, ele saiu do interior da Paraíba, do sertão, foi estudar acho que com 11 anos na... ficou na casa de uma prima, morando, foi estudar em João Pessoa e depois veio estudar em Recife. Ele fez odontologia aqui em Recife. [...] Ele tinha uma moto, porque ele trabalhava pra poder ajudar a custear os estudos, né?! [...] Andava de moto e começou a tirar o brevê pra dirigir teco-teco. Então ele era avançado sempre. [...] Ele não chegou a dirigir teco-teco, quando tava perto, eu não sei se foi na época que... na guerra... que ele tava servindo naquela época, tanto que ele era ex-combatente. [...] Ele foi recrutado pra guerra, mas não chegou a ir, ficou aqui em Recife. Então, ele tinha uma antena assim... por exemplo, acho que em 1959, 60, uma das primeiras televisões do bairro foi lá em casa. [...] Quando terminou odontologia, voltou pro interior da Paraíba, onde moravam os pais dele, né?! E montou um consultóriozinho lá e começou a trabalhar lá, comprou uma casa. E, depois, tinha um primo nosso que era deputado federal e conseguiu a nomeação dele pra o serviço público, aí ele foi pra João Pessoa.”.*

Elisabeth afirmou que para o seu pai o mais importante era alimentação e educação, por isso, ele ajudou materialmente ela e o seu irmão até concluírem os respectivos cursos e obterem certa independência financeira. Relatou que ele era participativo nas decisões concernentes à família, entretanto enfatizou que a sua mãe era quem controlava e comandava as questões relativas à casa e à família. Nesse sentido, disse: *“É porque os casais dessa época tinham muito*

isso, né?! O homem ficava mais pra rua e a mulher ia cuidar. Mesmo que trabalhasse cuidava da casa e da educação dos filhos, acompanhava mais, dava mais limite. Quando a mãe não conseguia conter, aí ia atrás da autoridade masculina.[...] Em geral, ela [referindo-se à mãe] resolvia tudo. [...] Meu pai nunca intervia, não precisava. Ele ficava cuidando do trabalho dele, ela resolvia tudo.”.

Quanto à mãe, afirmou que se relaciona bem com ela e que que admira muito a autonomia, a disposição e a lucidez dessa aos 90 anos de idade. Contou: *“Olhe, ela hoje tem 90 anos, ela mora sozinha em João Pessoa e ainda dirige. E toma conta, graças a Deus, não sei até quando, né?! Toma conta da questão financeira dela toda. Vai ao banco, resolve tudo. Então ela saiu de Fortaleza, da casa dos pais, né?! Ela casou com 18 anos e foi morar no interior da Paraíba. [...] Meu pai tava estudando odontologia aqui. E ele e minha mãe se encontraram em uma festa no Parque 13 de Maio [referindo-se a um parque localizado no centro do Recife], começaram a namorar e casaram logo em seguida. [...] Então, ela não tinha essa proteção familiar da mãe, do suporte, não sei o que, né?! Teve um filho sozinha... aliás, não, meu irmão ela foi tê-lo lá em Fortaleza, mas depois voltou pra o interior e ficou cuidando de tudo sozinha.”.* Informou que a sua mãe morou um tempo em Recife, pois seu avô materno era diretor de uma empresa pública federal e trabalhou durante um período nessa cidade.

Referiu que a sua mãe cursou até o nível médio e é aposentada como funcionária pública federal. Contou que ela começou a trabalhar aos 21 anos de idade, que, nessa época, ela (Elisabeth) já tinha nascido e que a mãe gerenciava uma unidade da empresa federal onde trabalhava, a qual funcionava na sua casa, sendo ela (a sua mãe) a única funcionária. *“Era numa sala, a sala da frente lá de casa. Tinha o consultório do meu pai no primeiro quarto, ficou o consultório. E a primeira sala era o local de trabalho da minha mãe.”.*

Afirmou que a sua mãe sempre foi autoritária, controladora e muito organizada e que esse foi o principal motivo que influenciou para ela decidir vir morar e estudar em Recife. Nessa direção, relatou: *“Eu queria sair do jugo materno, paterno, principalmente materno. [...] Ter liberdade. [...] Porque meu pai trabalhava fora, né?! Ele era dentista. E minha mãe trabalhava em casa. [...] Então, ela acompanhava e tolhia o tempo inteiro [risos]. [...] Era mais autoritária do que meu pai. Muito mais, muito mais. [...] E era muito controladora, muito. [...] Ela é organizadíssima. [...] Eu acho engraçado quando ela viaja pra cá, que volta, eu ligo pra ela, ela diz: ‘Tô terminando de arrumar tudo. Graças a Deus já botei tudo no lugar.’. Se não ela não dorme sossegada.”.*

Elisabeth contou que, durante um tempo da sua juventude, se desentendia muito com a sua mãe, devido à característica controladora e autoritária dela. *“É... teve uma época ... ela*

tentava se meter muito no meu namoro [...] e eu não sei, não me lembro o que foi que eu não concordei com ela, aí, passei um tempo sem falar com ela, né?! Me lembro que meu pai veio interceder e tal. [...] Ah, se eu tivesse ficado lá eu ia ser enquadradinha como ela, assim, né?! Ela gosta de tudo bonitinho, de acordo com os modelos vigentes na sociedade conservadora. [...] Por isso que eu precisei sair de casa.”

Elisabeth mencionou que o relacionamento dos seus pais era muito bom. *“Tudo era juntos, tudo, tudo, tudo. [...] Os dois não discutiam na nossa frente. Nunca. [...] Olhe, eu não sei como ela sobreviveu e sobreviveu tão bem, a morte dele. Porque os dois eram muito ligados, né?! Muito ligados. Ele... ela era a luz da vida dele, ele amava muito a minha mãe, né?! E minha mãe largou tudo pra vim casar com ele. Então os dois precisaram fazer uma parceria muito boa pra enfrentar e construir tudo juntos. [...] Tanto que acho que minha mãe é uma heroína. Meu pai morreu em 2006 e ela soube viver a vida dela sem ele, né?! Tava casada com ele desde os 18 anos. [...] Mas ela soube, ela é uma mulher de garra. Uma das coisas que ela fez que é bom pra saúde dela, que ajudou muito nisso, ela todo dia de manhã ela anda duas horas na calçadinha lá da praia. E aí fez amizades com essa caminhada. [...] Ele [referindo-se ao pai] teve Alzheimer, eu acho que ela começou a fazer essa caminhada nessa época, sabe?! Porque é dureza cuidar de alguém com Alzheimer, né?! Então, pra ela respirar eu acho que ela começou a fazer essa caminhada.”* Elisabeth acrescentou que nunca tomou conhecimento de que houve traição conjugal entre os seus pais. *“Se meu pai tinha, fazia escondido, ela não ficava sabendo e ele era muito caseiro.”*

Demonstrou admiração por ambos os pais, enfatizando que os considera pessoas ousadas e determinadas. Afirmou que considera ter recebido influência de ambos e parecer um pouco com cada um deles. Acrescentou, porém, ter mais cumplicidade com o seu pai. *“Eu acho que ele tinha mais abertura, né?! [...] Porque ele era um cara antenado nas coisas novas. [...] Ela era mais conservadora. [...] O desejo de enquadrar o outro é mais dela. [...] Eu acho que minha mãe, se tivesse tido a chance, teria feito muita política, que ela é fissurada em notícia política. Mas ela é conservadora [risos]. Mas, meu pai, também tinha um posicionamento político mais conservador.”* Disse que a sua mãe, em contrapartida, não tecia críticas contundentes, quanto ao seu modo de ser, mais aberto e livre para romper com as convenções sociais. *“Ela não criticava porque ela sabia que eu ia responder. Podia criticar junto com alguém, com meu pai...”*

Elisabeth, ainda em relação a sua mãe, ponderou: *“Eu acho que a minha mãe, embora tenha dedicado a vida inteira dela, né?! Ao mesmo marido e a família, eu acho que ela tinha um quê de independente, sabe?! Tanto que quando chegou, acho que a partir da década de 80,*

principalmente, eu notei que ela começou a dizer mais não pras coisas, né?! E até eu comentava: 'Ela nasceu no tempo errado.' [...] Aí, ela aprendeu a dirigir o carro, né?! E aí, ela resolveu se aposentar. E começou a fazer curso de culinária. E até, dois anos atrás, a gente conseguiu fazer um pequeno livrinho com as melhores receitas que ela fazia. Que ela era afamada como cozinheira boa na família, todo mundo queria ir almoçar lá em casa. [...] E socializamos com os amigos, pessoas da família...”.

Quanto aos familiares maternos e paternos, Elisabeth disse que sua mãe teve dois irmãos e seu pai onze. Afirmou que sempre estabeleceu maior contato com a família paterna, uma vez que, reside na Paraíba, local onde nascera e permaneceu durante a sua infância e adolescência e, até hoje, costuma visitar com frequência. Além disso, relatou que a sua mãe se relaciona muito bem com os familiares do seu pai e incorporou o sobrenome e a identidade deles. Nesse diapasão, disse: *“A minha mãe ela virou um deles [referindo-se ao sobrenome da família paterna], ela assumiu mesmo, né?! Então, tem um primo meu que se preocupa muito com a preservação da história da família, tem um livro que escreveram sobre o assunto e minha mãe sabe tudo, tanto as histórias oficiais quanto os bastidores.”.*

3.1.2 ELISABETH MÃE

Elisabeth ressaltou o seu desejo de ser mãe: *“Ou da minha barriga ou sem ser da minha barriga, eu ia ser mãe.”.* E teve um filho, atualmente, com 29 anos de idade, o qual foi fruto da sua terceira união conjugal. Contou que teve, anteriormente, três gravidezes que resultaram em abortos espontâneos, sendo as duas primeiras do primeiro casamento e a terceira da segunda união. Nessa direção, detalhou: *“Deu trabalho ter um filho. Eu tive três... três vezes eu fiquei grávida e abortei naturalmente. E o segundo foi complicado, eu tive que ir pra sala de cirurgia. [...] Eles chamam... vulgarmente se diz mola, que é a divisão celular, cria uma tumoração e cria o feto e a tumoração termina não dando condições do feto se desenvolver. E aí eu tive que ir pra cirurgia porque essa tumoração pode ser maligna, então o médico queria fazer uma limpeza né?! E acompanhar, porque se fosse maligno tinha que fazer um tratamento, mas não foi. [...] O primeiro aborto foi espontâneo e o terceiro também foi o caso de mola. [...] O primeiro foi com dois meses de gravidez, o médico não aprofundou muito a pesquisa. [...] Quando a gente quer as coisas, elas acontecem, elas vêm, porque eu tive o meu filho quando um médico já tinha virado pra mim e tinha dito que, provavelmente, eu não ia mais engravidar. Que eu tava com seis miomas, no útero, e os miomas são muito abortivos. E tive, a gravidez foi ótima. Então, a força interna da gente, que a gente não sabe usar, é muito grande.”.*

Disse que seu filho nasceu em 1988 e que se separou do pai dele quando a criança tinha 3 meses de idade. Referiu ter engravidado, após três anos de relacionamento conjugal. Acrescentou que, à época, afastou-se da militância política, pois além de retornar ao trabalho, após quatro meses de licença maternidade, estava cursando o mestrado em Sociologia. A esse respeito, comentou: *“Eu tive meu filho em 88 e aí me afastei do trabalho político, porque eu me separei do pai dele ele tinha 3 meses. Porque eu vi que ele [referindo-se ao pai do filho, então marido] tava querendo bater as asas e eu não ia ficar cuidando de um filho nosso em casa e ele batendo as asas, né?! Era melhor ele ir bater as asas fora de casa, né?! [...] Eu pedi pra ele morar em outro canto porque eu ficava com meu filho, cuidando dele, e ele saía de noite, eu ia ser babá do meu filho? Então se ele precisava dessa independência devia ir viver isso, né?! Então foi ótimo, fui super apaixonada por ele, mas passou. [...] Eu tive que me dedicar muito, que eu trabalhava e cuidava da casa e do filho sozinha. [...] Eu tava muito presente na vida dele. Eu era louca pra ter um filho, consegui ter um filho. Então, eu tinha mais era que aproveitar. [...] Então, eu me afastei um pouco [referindo-se à militância], nos anos 90, no início dos anos 90, e eu tava também no mestrado, né?! [...] E durante o mestrado eu tive um filho e me separei. Aí, terminei o prazo tava estourando, né?! Terminei em 91.”*

Relatou que o pai foi totalmente ausente durante a gravidez do filho e muito distante dele durante toda a vida, até hoje. Informou que houve uma certa aproximação entre eles, quando o filho contava com 8 anos de idade, período em que ela oportunizou uma psicoterapia para ele, uma vez que ele estava apresentando insegurança e reações somáticas. Contou que a psicoterapeuta fez intervenções, incluindo a figura paterna, que contribuíram, segundo ela, bastante na aproximação desse em relação ao filho. Enfatizou que seus pais tiveram um papel fundamental e uma presença marcante na formação integral do seu filho. Ela disse considerar que o seu pai ocupou o lugar de referência masculina e paterna para o neto.

Na oportunidade, Elisabeth disse: *“Antes da gravidez ele já tava se distanciando, né?! [...] Na gravidez, a ausência dele foi total, total. [...] Mas, aí eu é que disse: ‘Nada vai abalar essa gravidez, nada.’ Então foi ótima. [...] Eu não pressionava ele não. Teve... olha, eu tive meu filho em março, em janeiro eu tava com sete meses, eu fui pra casa da minha mãe, na praia, e ele foi pra Fortaleza ou foi Natal, eu não me lembro. E a desculpa que a gente usou lá em casa é que ele ia pra uma reunião política, mas ele não ia não, ele foi passar um fim de semana lá e depois... não sei, eu sei que depois eu soube que ele tinha ficado com uma conhecida minha lá, não sei o que... E... eu queria que ele me deixasse em paz, pra eu curtir minha gravidez e meu filho nascer bem. [...] Ele não acompanhou não. Não, de jeito nenhum. Ele já tinha dois filhos, né?! [...] Do primeiro casamento dele. [...] E eu engravidei e eu*

lembro... quando eu fui saber o sexo... eu queria que fosse um menino porque meu pai não tinha nenhum neto, né?! [...] E ele já tinha dois filhos homens, então pra ele não era novidade, né?! E ele já... quer dizer, pra vida dele, né?! Um filho não era novidade, pra mim era uma grande conquista. [...] A separação foi... foi difícil, quer dizer, ele [referindo-se ao filho] substituiu a figura do pai pelo avô, que convivia muito com ele né?! [...] Ele [referindo-se ao avô materno] era muito, muito, muito, muito presente na vida do meu filho. Ele eu acho que foi a figura masculina mais importante. Quando meu filho era pequeno de quinze em quinze dias eles [referindo-se aos seus pais] estavam aqui. E todo final de ano meu filho ia pra lá, ficava lá, eu vinha trabalhar e ele ficava lá. [...] Na praia. Tinha menino lá pra ele brincar, era maravilhoso pra ele. E pra mim também porque eu tinha uma folguinha. [...] Ah, pra eles [referindo-se aos seus pais] foi o céu, né?! Não tinham... as netas já tavam entrando na adolescência e, então, chegou um bebê. Então pra eles era uma delícia. [...] E meu filho era tranquilo. Muito tranquilo, até hoje. [...] O pai ele reconhece como pai, mas não participou tanto da vida dele. [...] Todo aniversário o pai tava lá, né?! Eu nunca falei mal do pai dele na frente dele, nunca. [...] Meu filho só foi conviver pra valer com o pai e a família do pai eu acho que ele já tava com uns 8 anos de idade. Porque eu levei ele pra terapia e a terapeuta chamou o pai dele e conversou e eu acho que ele acordou. [...] Ele somatizava, começou a engordar, quando ele foi pra terapia ele tava engordando e ele tava muito inseguro quando eu saía pra trabalhar. Ele queria saber pra onde era que eu ia, sabe?! Se eu não fosse pro trabalho, fosse pra outro canto, [...] ele ficava aperreado porque ele não sabia onde era. Era como um medo que eu não voltasse. Então, o pai devia tá fazendo um buraco muito grande na vida dele, né?! Então, se não tinha o pai, só tinha a mãe, então, o perigo de perder essa mãe era muito grande. Foi ótimo né?! Porque aí eu levei ele pra terapia. [...] Ele não falava nada sobre o pai, não se queixava. Ele não é de dizer. Ele é de silenciar.”

Mencionou que se relaciona bem com o filho e que a convivência deles é pautada no diálogo e na confiança. Em relação ao modo como percebe o seu filho, Elisabeth expôs: “Eu acho que ele respeita a mulher, sabe?! [...] Ele tem uma noiva que tem opiniões formadas, tem uma personalidade forte. [...] Ela trabalha, ela é, também, da área jurídica, como ele. [...] Eles estudam, aprofundam, também na mesma área. [...] Ele é procurador municipal em João Pessoa e tá fazendo doutorado no Rio [Rio de Janeiro], aí vai toda semana pra lá. [...] Eu acho que ele respeita a mulher. [...] Eu acho que ele tenta fazer diferente, né?! Mas não é fácil, um tempo desse a noiva dele pegou uma informação de que ele teria saído pra jantar com uma colega lá de João Pessoa, não sei o que... deu um rolo, deu uma crise grande, né?! [...] Ele

conversou comigo e eu estimulei ele pra ele ter paciência. [...] O tom da conversa foi de autodefesa, que não fez nada. Eu acho que ele tava arrependido, sabe?!”.

3.1.3 TRABALHO: SOCIOLOGIA, PSICOLOGIA E MILITÂNCIA POLÍTICA

Quanto à sua trajetória laboral, Elisabeth declarou: *“Quando eu tava no curso de psicologia, no primeiro ano, eu fui trabalhar como, porque eu fiz pedagógico, eu fui ser professora numa escolinha aqui, no maternal. Mas a barra foi muito pesada, eu peguei uma estafa, peguei uma pneumonia e aí saí da escola, tive que deixar. E tive que passar acho que um mês na Paraíba, me tratando. [...] Aí, quando chegou acho que no terceiro ano eu comecei a fazer estágio remunerado, né?! Fui monitora também, em psicologia experimental, que também recebia uma bolsa, pronto. Aí, quando eu terminei eu fui fazer o curso de especialização em pesquisa social [...], que também tinha uma bolsa. [...] Nessa época, quando eu terminei o curso de psicologia, eu fiz estágio em psicologia organizacional e eu fui dar uma consultoria a uma loja de João Pessoa. E dava aula também numa faculdade lá de João Pessoa. Mas, quando eu fui selecionada pra esse curso [especialização em pesquisa social], eu encerrei os trabalhos lá em João Pessoa e fiquei só aqui. [...] Eu ensinei num curso de psicologia, aqui em Recife, por pouco tempo. [...] E, também, ensinei em um curso de relações públicas [...]. Ensinei uns dois anos lá. [...] Psicologia social. [...] Aí, eu comecei a viver a dupla identidade, né?! [...] Eu comecei a viver a dúvida, se eu quero ser psicóloga ou socióloga. Aí, fui pra terapia e trabalhei muito lá essa história e cada vez mais eu pegava pesquisas na área de sociologia e dentro do departamento de sociologia, que eu me transferi de psicologia social para o departamento de sociologia [na instituição pública onde começou a trabalhar, após a especialização]. E, aí, resolvi fazer mestrado, em sociologia, né?! E terminei o mestrado em 91. E continuei trabalhando lá, como socióloga, suspendi minha inscrição no Conselho Regional [de Psicologia]. E, no final dos anos 90, comecei a me aproximar de novo da psicologia, através do trabalho no Conselho Regional de Psicologia, e, aí, fui definindo minha volta pra psicologia. [...] Hoje não há nenhum conflito relacionado com a psicologia e a sociologia. [...] Quando eu comecei a fazer trabalhos lá no departamento de sociologia uma das primeiras pesquisas que eu participei foi sobre o trabalhador volante da cana de açúcar. Nessa época, o volante não participava do sindicato. E eu escrevi um artigo junto com uma colega. [...] Que a gente mostrou uma coisa que eu acho que eu só cheguei nela por conta da minha experiência em psicologia. Eles não eram sindicalizados porque eles não se sentiam trabalhadores como os fichados. E o sindicato não sabia levar a mensagem pra esse outro tipo*

de trabalhador porque eles não queriam ser reconhecidos como volantes, porque ser trabalhador volante era quase como ser prostituta. [...] Trabalhador volante é aquele que o empreiteiro pega na cidade, bota no caminhão e leva pra cortar cana. E depois devolve. Eles não têm vínculo com ninguém. [...] Era vergonhoso dizer que era volante. [...] Eu acho que é mais fácil pra um psicólogo se colocar no lugar do outro do que um sociólogo. [...] Em 2000, eu fiz a especialização em clínica bioenergética. [...] Desde que eu vim pra cá (referindo-se ao Recife) eu tive uma participação política, depois parei um pouco e depois voltei novamente.”.

No que concerne aos espaços formais de militância política, Elisabeth declarou que participou da fundação de uma central sindical nos âmbitos estadual e nacional, representando ora a categoria dos profissionais de psicologia, através do Conselho Regional de Psicologia e da Associação de Psicólogos, ora os funcionários públicos federais, já que era uma trabalhadora deste âmbito.

Elisabeth, atualmente, encontra-se aposentada do serviço público, entretanto, trabalha como psicóloga clínica, em consultório privado. E, em relação à militância política, atualmente, disse: *“Hoje em dia eu até tenho sentido falta, né?! Mas não tem sobrado muito tempo para a questão política. Porque, na semana passada mesmo, eu tive que levar o meu marido a dois ortopedistas, a um angiologista e, aí, vai fazer exames e isso toma muito tempo da gente. A minha militância agora é pela internet e pelo Whatsapp, Facebook... [...] Repasso pras pessoas o que eu acho interessante. Hoje em dia, as pessoas não leem muito texto longo, né?! Então, não adianta você escrever muito. [...] Eu mandei, meu filho tá no Rio, que ele tá fazendo doutorado lá aí vai toda semana, aí ontem eu tava rindo, [...] que eu mandei um texto de dez linhas pelo Whatsapp, ele me respondeu com três letras [risos]. B, L, Z (referindo-se ao termo ‘Beleza’). [...] Mas eu acho, eu entendo porque é essa redução. Porque eu mesma, depois que inventaram o Whatsapp, esse Whatsapp rouba muito tempo da vida da gente, sabe?! A gente fica mais informada, mas é uma demanda muito grande. [...] São muitos grupos. Eu mesma tava pensando: ‘Eu tô aposentada, eu tenho dois dias de consultório, mas o meu tempo tá muito pouco.’, por isso.[...] Ah, eu já fiz parte de uma espécie de conselho gestor do condomínio onde moro, mas agora já não faço mais, porque eu acho que a gente tem que ter a renovação. Então, tem um pessoal mais novo, que entrou agora, né?!”.*

3.1.4 FEMINISMO: FAMÍLIA, MILITÂNCIA E CLÍNICA

Elisabeth contou que recebeu influência do movimento feminista e considera que algumas inquietações, relativas a sua condição de mulher, a levaram a questionar o seu primeiro

relacionamento: “Será que eu quero viver minha vida com esse homem? [...] Olhe, nos anos 70 a gente tava vivendo eu acho que foi a década da mulher, que foi quando os movimentos feministas começaram a se organizar aqui no Brasil, né?! [...] E já começavam os grupos de discussão a se organizarem. No final da década. [...] Então, as mulheres tavam se questionando, muito. Então, eu tenho trabalho, eu ganho meu dinheiro, mas quem tem liberdade é ele, não sou eu, né?! Eu fico em casa, vou esperar o marido que viajou, vou pegar no aeroporto e ele, na viagem dele, ele vive como se fosse solteiro. Eu acho que a gente começou a se questionar. [...] Eu cheguei a participar de umas duas reuniões [de um grupo de discussão com mulheres] só, mas não fiquei não. [...] Era um grupo de mulheres que tava se formando, nessa época que eu tava separando [do primeiro companheiro]. E, também, eu acho que uma das coisas que eu não me interessei é porque a namorada dele também participava. E eu não tinha condições, na época, de participar de nada onde ela estivesse. [...] Eu era leitora do jornal *Brasil Mulher* e, numa certa situação, ficaram hospedadas quatro feministas na minha casa e duas delas eram jornalistas ligadas ao *Brasil Mulher*. [...] Eu não as conhecia antes, pessoalmente, elas vieram de férias a Recife e o dono da livraria que eu frequentava, que vendia o *Brasil Mulher*, perguntou se eu poderia hospedá-las e eu disse que elas poderiam ficar lá em casa. [...] Foi bom esse encontro, esse contato. [...] Eu não tenho inserção no movimento feminista. Mas, eu me preocupo quando eu vejo grupos que alijam a participação dos homens. Não se pode avançar sem ter a parceria deles, né?! [...] Porque se as mulheres tiverem paciência com os homens nessas discussões, no aprofundamento dessas questões, a gente pode ganhá-los. Mas se a gente confrontá-los de uma forma muito contundente, a tendência é eles se defenderem e não haver o aprofundamento das questões.”

Elisabeth relatou que a sua experiência na clínica psicológica e a sua participação na rede social *Facebook* oportunizam o seu acesso a informações sobre a existência de posicionamentos, a seu ver, excludentes quanto à participação dos homens nas discussões fomentadas por grupos de mulheres, tais como, violência contra a mulher, desigualdade de gênero, etc. Nessa esteira, declarou: “O depoimento das mulheres e o depoimento dos homens, né?! E a facilidade de condenar um homem sem aprofundar as questões. [...] Têm determinados grupos que são muito radicais. Eu sei que é fase, eu sei que é fase. Eu acho que a gente tá numa fase de recrudescimento do feminismo, né?! Que a gente teve uma fase bem exacerbada, né?! Na época que se queimou sutiã nos Estados Unidos e etcetera. E aí depois as questões foram mais gerais, parará, e agora, novamente, grupos feministas e com posições muito radicais. [...] Mas, não vejo isso como um retrocesso. Eu acho que toda vida que um movimento recomeça, é retomado, aí você tende a ter posições muito radicais. Com o tempo, com o amadurecimento...

né?! Com, talvez, a pressão dos homens, pra participarem também. [...] Eu recebi um vídeo que mostra aquela manifestação que teve em frente ao Palácio do Governo, né?! Que a maioria eram... não sei se foram as mulheres que organizaram, acho que sim, porque a queixa era do número de mulheres estupradas e mortas em Pernambuco, né?! Então, teve um vídeo que tá circulando. [...] Ai, tinha homens e mulheres na manifestação, sabe?! E eu achei ótimo.”.

Contou que, na experiência do consultório de psicologia, escuta demandas que remetem a essas discussões de gênero. Nessa direção, disse: *“Não são pessoas que se dizem feministas, são pessoas que tentam praticar a igualdade, né?! E exigir um tratamento igual. [...] Eu acho que os homens estão num período muito difícil, né?! Porque as mulheres, com o movimento feminista, e com a inserção delas maior na universidade e no mundo do trabalho, elas avançaram muito. Porque elas eram as oprimidas e eles tão passando por um período, acho, difícil, porque eles tão acordando que a mulher de hoje é outra, né?! É uma que entra no embate. [...] E também a herança de comportamento machista, porque educado com pai machista, tio machista, né?! Mundo do trabalho, machista, a sociedade... [...] Eu tenho uma cliente que foi pra uma reunião de trabalho e ela não tinha com quem deixar o bebê, porque ela não é casada com o pai e não conta com ele sempre e ouviu certas ironias. [...] Ela foi com o bebê. Quer dizer, isso é reflexo de uma sociedade machista. [...] Hoje eu tava me lembrando, eu me separei do pai do meu filho eu acho que por conta de não aceitar o machismo dele. De ele ir pra rua se divertir e eu ficar com o filho. [...] Talvez eu tenha exercido o meu feminismo radicalmente nessas separações, né?! Porque eu batalhei pra ser capaz de prover a minha vida. Tenho meu canto, recebo você, no meu ninho. Então, eu não vou admitir que você quebre as nossas regras. [...] Porque é muito mais fácil você se separar quando você já viveu só, você sabe que não vai morrer, não vai se acabar, você nem vai sair do canto, porque a casa é sua, o outro é que vai sair, né?!”.*

Elisabeth, ainda refletindo sobre aspectos concernentes às posições ocupadas por mulheres e homens nas relações conjugais e familiares em geral, declarou: *“Falando dessa questão do feminismo, que eu percebo que hoje quando tem um casal que ela ganha mais do que ele, há um certo incômodo, dela. Por ter que levar a parte mais pesada das despesas. [...] Trinta, cinquenta anos atrás, quantos casais a gente tinha que só o homem trazia dinheiro pra casa, e a mulher não, e ele não ficava incomodado, ele ficava muito satisfeito porque ele tinha o poder, né?! Eu não sei se as mulheres de hoje em dia, que conquistaram essa independência, não percebem que elas tão com o poder na mão. Elas não percebem isso. Elas ainda... talvez tenha um pouco de contaminação, né?! Das visões passadas, dela ficar incomodada porque ela que tem que pagar a maior parte das contas. Mas ele tá lá, é companheiro, paga o que ele*

pode, né?! E não deixa de ser companheiro por conta disso. [...] E noto também que os jovens de hoje, dessa faixa etária, os homens, não querem casar se a mulher também não tiver a sua renda. Quer dizer, isso de classe média, né?! De média pra baixo. [...] A questão é que os homens ainda estão começando a contribuir pra esse cuidado da família e da casa, né?! [...] - Eles não têm como uma constante, até porque os homens, em boa parte das vezes, eles não têm necessidade de uma casa tão arrumada quanto a mulher gosta. [...] Porque ele não consegue ainda assumir, né?! Ele pode cozinhar bem, mas ele não bota na agenda dele tarefas domésticas como ele bota as tarefas profissionais, né?! E eu acho que a mulher já tem, já traz isso porque nossas mães trazem outra visão, né?! Inclusive as que não se enquadram muito são muito criticadas. [...] Eu nunca liguei muito pra isso não, porque eu sou péssima na cozinha. Não gosto. Um dia desse eu fui fazer um almoço e depois eu tava comentando com meu marido: 'É muito tempo que a gente perde.'. E porque eu não tenho a prática eu faço mais devagar ainda. [...] Eu, às vezes, eu comento porque meu filho ele é... ele produz muito intelectualmente, escreve muito, então eu entendo que quando você está escrevendo uma coisa, se tirar o livro ou a anotação do lugar a pessoa se perde, então... [...] Mas, vez ou outra eu digo: 'Eu quero ver como é que vai ser a casa dele.', porque vez ou outra eu dou uma passada lá e encosto assim os livros, pra não cair, faço umas coisinhas assim, né?! Ele vai ter que fazer, se não ele vai se perder.'".

"Olhe, eu acho que primeiro meu pai sempre me disse que eu precisava estudar porque eu precisava ter o meu trabalho e o meu dinheiro, né?! E lá em casa, pra estudo a gente tinha todo o apoio, tanto que em 68 ele concordou que a filha de 18 anos viesse morar em Recife, né?! Sem ter tutela nenhuma. E arcou com as despesas pra isso. [...] E eu via, assim, minha mãe, ela trabalhava, mas o universo dela era o universo doméstico porque o trabalho dela também era em casa, né?! [...] E eu acho que eu queria bater as asas, sabe?! E poder... [...] Pra mim era uma questão de honra. Eu me provar que eu podia me sustentar, sabe?! Então, quando eu me separei no primeiro casamento, o meu nível de renda baixou muito, mas eu me adequiei ao meu salário, né?! Tanto que teve um período que eu fui cozinhar pra poder ter o almoço, ter o jantar, porque a gente não tinha self-service naquela época e era muito caro comer fora, então, eu tive que cozinhar e comer. [...] Então, eu tive que me virar e eu achei bom isso.'".

Nesse diapasão, relatou uma situação ocorrida na sua casa, em um dos dias de entrevista: *"Eu... agora na hora do almoço [risos] eu vi uma discussão, uma conversa entre meu filho e minha nora, né?! E que perpassava por questões feministas, né?! E que eu tava pensando naquela hora, eu pensei: 'É uma pena que dificulta ela ganhar o noivo pra uma posição mais*

avançada porque tá tudo entremeado de questões afetivas que passam por aí'. [...] Foi alguma coisa na área jurídica. Era sobre licença paternidade. Era sobre ampliação da licença paternidade quando não há mulher. E aí as questões jurídicas eu não entendo, eles são da área, né?! E ele argumentava em cima das questões jurídicas que aquele juiz não tinha usado argumentos convincentes para ampliar a licença paternidade daquele pai. [...] Ele tava discutindo a questão jurídica só, né?! Só que a questão jurídica respingava numa questão de costumes, né?! Então era isso. [...] Ele tava puramente com a questão técnica, sabe?! Com a discussão teórica, não tava olhando para a discussão de gênero. E ela tava puxando pela de gênero, né?! Por isso que se ela tivesse um pouco mais de paciência, mais rapidamente ele ia entender aquele olhar dela nessa mesma questão. [...] Porque ela foi bem contundente, né?! Ela escutou pouco ele, né?! Porque eu acho que se ela escutasse mais ele ia poder dizer o que é que ele não tinha percebido que fez com que ele tomasse uma postura equivocada, vamos dizer. [...] Ele já tinha botado uma opinião no Facebook, né?! Criticando a falta de argumentos do juiz. [...] Aí, ela tava contrapondo ao que ele tinha colocado, mostrando a ele que era uma ótima oportunidade de aproveitar para olhar pra essa questão de outra forma, né?! [...] Pelo que ele me disse, ele disse que juridicamente o juiz foi muito sucinto na justificativa pra conceder a ampliação da licença paternidade. [...] Então, eu entendo, é porque o olhar dela, né?! Ela viu uma oportunidade de ampliar esse direito e ao mesmo tempo mudar a sociedade no olhar dessa licença paternidade e, conseqüentemente da responsabilidade sobre as crianças. [...] E ele ficou com o olhar mais em cima das questões jurídicas. [...] E a briga era por isso, porque ele não estava contra a ampliação, ele estava criticando a falta de argumentação, né?! Mas ela: 'Mas você não pode porque as pessoas, muita gente segue o que você diz, você é um formador de opinião, então você tem que ter cuidado quando você vai emitir uma opinião'. [...] Eu acho que foi ótimo, sabe?! Eu acho que ele quando for analisar uma questão jurídica tipo essa ele vai olhar as duas coisas. [...] Como essa implicação afetiva que a gente tem faz com que muitas vezes, independente de qual seja o assunto, das mulheres perderem a oportunidade de criar espaço. E o radicalismo do movimento feminista, sabe?! Tem horas que elas não querem que os homens participem. [...] É terrível.".

Em relação a nomear-se feminista, Elisabeth ponderou: *"Eu acho que eu não preciso disso, sabe?! [...] Nunca fui militante feminista. [...] Porque eu acho que minha militância era mais na política. Política partidária. [...] Eu não precisava dizer que era feminista. [...] Carregar essa bandeira em todos os momentos, sabe?! E, às vezes até dificulta você ampliar os espaços da mulher, porque às vezes o pessoal radicaliza demais. [...] Se eu fosse muito radical eu não teria ficado no trabalho político, que eu sentia a discriminação com a mulher,*

né?! Na política. Ficava muito claro que meus companheiros eram machistas. [...] Eu ia perder meu tempo, né?! [...] Não adiantava. [...] Discutir certas questões, por exemplo, como tinha companheiro que era casado e que a mulher ficava em casa e ele ficava namorando com as companheiras de trabalho político. Eu acho isso um machismo terrível. [...] Agora, eu me lembrei agora, uma vez eu fui pra um congresso de sociologia e tinha um colega de trabalho que tava namorando com alguém lá na festa, que era casado, né?! E ele ficou muito incomodado porque eu estava, como se eu estivesse vigiando ele. Eu disse: 'Eu não tenho nada a ver com isso.' [...] Ele não me abordou. Alguém me falou que ele estava preocupado porque eu estava ali na mesma festa, né?! Eu disse: 'Eu não tenho nada a ver com isso, ele sai com quem ele quiser, quem deve se incomodar é a mulher dele.' [...] Porque, aqui em Recife e junto da mulher, ele fazia aquele papel do marido fiel e devotado.'"

Entrementes, Elisabeth descreveu o que percebia e vivenciou no movimento sindical, acerca da participação de homens e mulheres: *"Mas, na relação entre homens e mulheres no movimento sindical, eu via essa desigualdade. [...] Existe desigualdade, porque a maioria das diretorias tinha mulheres mas a grande maioria eram homens, né?! [...] É como na política, os cargos decisivos são ocupados mais por homens. Porque, também, a mulher tem que se dividir. Na época que eu tive meu filho a minha participação política diminuiu enormemente, porque eu não podia dar conta de tudo. [...] Uns 8 a 10 anos. Eu só ia o que?! Numa reunião muito importante e que aí eu ia, mas eu não podia, não podia dar conta. No movimento sindical tinha duas correntes, uma corrente defendia que tinha que ser criado o departamento feminino, um departamento onde as discussões iam reforçar a emancipação e a participação das mulheres. E outra corrente achava que não, que não era preciso criar isso, que se criasse esse departamento feminino você já tava discriminando as mulheres. E eu acho que a melhor maneira de ganhar espaço é na luta mesmo, na luta política não há espaço vazio. [...] Eu defendia que não tem que criar um departamento feminino isolado não, porque aí você isola as mulheres, né?! [...] Eu não sei se foi criado depois que eu deixei de participar, mas eu acompanhei em algum momento esse tipo de proposta, na minha época não tinha.'"*

3.2 PERCURSO AFETIVO-SEXUAL

No que concerne às suas experiências afetivo-sexuais, Elisabeth declarou: *"Eu tive meu primeiro namorado eu tinha 14 anos, foi lá em Fortaleza. [...] Eu estudei um ano lá. Meu pai resolveu ir fazer especialização em São Paulo e ele foi com minha mãe e eu fui pra casa do meu avô [referindo-se ao avô materno] junto com meu irmão. E meu primeiro namoro... mas*

eu não me lembro nem quanto tempo durou. [...] A gente anunciou pro meu avô. Ele chegou a ir lá, namorar lá no portão né?! Mas eu acho que... nem me lembro de ter tido mais de um encontro lá não. Eu acho que eu namorei muito mais porque eu participei de uma quadrilha e todo mundo queria fazer o meu namoro com esse rapaz e eu terminei... [...] Eu acho que esse namoro não teve nem nada... foi mais uma onda, entendeu? [risos] pra entrar na onda, experimentar ter um namorado, né?! E era aquela coisa, chegava, ficava conversando no portão e pronto. Eu acho que não tinha nem pega na mão. Mas eu acho que a questão sexual surgiu mais depois daí. [...] Mas era o despertar da sexualidade, o pôr na prática era uma distância enorme. [...] Ah, o despertar é você ficar excitada, né?! [...] Era mais em relação aos paqueras, os homens que me encantavam, chamava atenção... [...] Mas a aproximação entre os corpos era muito pouco, né?! Quando se dançava... quando você namorava no máximo era um beijo rápido, né?! Porque até os meus 17 anos, que eu tava na casa dos meus pais, era namoro de portão. Quando eu vim embora pra cá [referindo-se ao Recife] que aí eu tive uns dois namorados antes do meu primeiro marido, mas foi coisa rápida. Um deles, inclusive, ele era homossexual, né?! Depois ele se assumiu. [...] Era aquele namoro tão distante um do outro, era um papo ótimo, né?! Uma companhia agradável, pronto. Era o suficiente. [...] O despertar da sexualidade... eu acho que uma paquera que eu tive na praia... já de volta, em João Pessoa, com uns 15 anos. [...] Era uma praia muito gostosa, minha mãe ainda tem casa lá. Era aquela praia que a gente passava o dia todo mundo junto, jogava vôlei, e de noite cada noite era uma casa diferente que ia ter o assustado, todo mundo ia pra lá, botava música e a gente ficava dançando. [...] E a gente dançava muito, né?! Então a proximidade... [...] Eu sempre adorei dançar. Gostava muito. [...] Era twist, tava começando a época do twist. Então, era uma dança que não era muito junta um do outro né?! [...] Ainda gosto. Tendo uma parceria boa na dança, qualquer ritmo, né?! Eu e meu marido a gente se entende muito na dança. [...] É o que gosta mais de dançar, de todos os quatro. [...] Ultimamente, nunca mais a gente saiu pra dançar... aonde foi que... ah, eu fui pro aniversário do meu primo, foi, que fez 70 anos, aí a gente deu uma dançada lá. Quando tinha festa de maçonaria também a gente dançava. [...] Eu ia pra essas reuniões de maçonaria em respeito a ele. Porque eu sempre achei muito conservador. [...] Tinham umas reuniões abertas, né?! Que eram pra marcar alguma comemoração e aí ia a família. [...] Às vezes, eles marcavam umas comemorações, aí tinha dança. [...] Então... com uns 15 anos tinham esses assustados [...] e a gente passava o dia na praia né?! Todo mundo de roupa de praia jogando, tomando banho, sem preocupação nenhuma. Nem tinha o sol pra matar muito, o sol não era tão castigante quanto hoje, a gente não usava protetor solar, eu comecei a usar protetor solar, eu acho que eu tinha uns 30 anos, antes disso não. [...] Aí, tinha

só paqueras. [...] Naquela época, isso era 65, 66, paquera era à distância, não tinha nem beijo, né?! [...] Deixa eu me lembrar, viu?! Eu tive um namorado, eu acho que eu tava com uns 16 anos, era o irmão de uma colega minha. Mas não foi muito adiante não. [...] Ele foi lá na minha casa, pediu em namoro e eu saí pra conversar com ele no portão. [...] Aí, eu namorei esse... ah, quando... uma das vezes que ele tava lá, que foi falar comigo, meu pai ia chegando e parou pra falar com ele. Eu quase me enterro, né?! Tipo assim, tomar satisfações. Aí depois disso eu disse ao meu pai que se ele fizesse de novo, eu podia tá apaixonada, eu acabava o namoro, que ele não fizesse mais isso não. [...] Pronto, me lembrou meu atual marido, a gente tava lá na casa da praia e meu pai chamou ele pra conversar. Eu acho que meu pai tava preocupado pra saber se esse negócio ia ou não ia, né?! Eu achei engraçadíssimo [risos]. [...] Ah, eu achei um amor isso, né?! Uma preocupação dele com a filha. Eu continuava sendo a filha que precisava de cuidados. [...] A filha mulher. Com a visão da geração dele, que precisava da proteção do pai, mas isso não ia interferir em nada na minha vida, na minha relação com o meu namorado, daquela época, né?! [...] Porque eu com 50 anos, ele [referindo-se ao atual marido] com 59 e meu pai ir conversar com ele [risos] pra saber se ele ia casar ou não ia casar, né?! Aí, essa daí eu achei muito engraçada e eu achei muito carinhoso, um carinho muito grande dele, né?! E o fato dele se portar como o pai, sabe?! [...] Eu acho que ele disse que ia casar. [...] Meu pai aproveitou uma hora que tava lá no terraço os dois e depois meu marido me contou. [...] Eu vou voltar pra aquela coisa que a gente tava falando, né?! Que nessa época namoro não tirava sarro não, né?! Era distante. Então, eu acho que um namorado que eu tive antes de vim pra cá, com 17 anos, eu acho que foi o primeiro que me deu um beijo de boca. [...] E nas festas, era só dançar mesmo... e a paquera era aquele negócio de longe. Não tinha abraço, beijo... Até porque se tivesse... bota aspas, 'você ficava uma menina falada', né?! A tendência era dizer: 'Aquele dali vai com qualquer um.'. [...] A primeira relação sexual foi aqui [referindo-se ao Recife], só com meu primeiro marido, quando a gente namorava. Porque lá em João Pessoa era namoro de portão. [...] Eu tive uns dois namorados antes dele [referindo-se ao primeiro marido], mas foi coisa rápida. [...] Não precisou pedir consentimento pra namorar. até porque eu tava aqui, eu era dona da minha vida, né?! A partir daí o que eu fizesse eu ia arcar com as responsabilidades. [...] Mas depois, ele [primeiro marido] ia lá em casa comigo, lá em João Pessoa.".

Elisabeth contou que, após três anos de namoro, casou com o primeiro marido e, após a separação, namorou um único homem até que foi conviver com o segundo marido. Afirmou que, após o primeiro casamento, os namoros não tinham um cunho de muita seriedade, ambos

não tinham perspectiva de casamento, de união formal, segundo ela: “*A gente ia vivendo, ia ficando, né?! [...] Não tinha essa preocupação não.*”.

Informou que, a despeito da vivência da sexualidade ser um aspecto importante na sua vida, teve poucos parceiros porque: “*A gente tinha que se garantir, né?! Porque era muito fácil você pegar a fama de que tava saindo com todo mundo. [...] A gente tinha que tomar conta da gente né?! [...] Porque numa sociedade machista você sem uma figura masculina pra dar o limite é você quem tem que dar o limite, né?! [...] E, também, tem outra coisa. Como eu me permiti sair com outra pessoa quando ainda tinha uma certa relação com meu primeiro marido, quando estávamos separados por um tempo, é como se eu precisasse me provar que eu era uma pessoa que sabia ficar com um só, entende? Eu tinha extrapolado tanto os limites que eu precisei me tornar meio freira por um tempo, ficar recatada. [...] Eu acho que eu saí meio que pra dar o troco, se ele saia eu também podia sair. Mas era uma coisa que eu não sei se eu tava preparada. [...] O rapaz era solteiro, mas não havia proposta de ter um relacionamento mais sério, era só namoro mesmo. [...] Não me lembro se durou muito tempo, foi muita coisa vivida naquela época. [...] Eu ainda tava muito ligada ao meu primeiro marido. E eu acho que eu só saí pra me provar que eu também podia conquistar outra pessoa. E pra provar pra ele que era capaz de conquistar outra pessoa também, né?! Que ele não dominava o espaço sozinho. [...] Depois que a gente voltou, antes da separação definitiva, ele não falava não, cobrava não. Porque eu acho que ele começou a ver que ele queria mesmo construir família com a outra. [...] O motivo do desgaste que desencadeou a separação era mais a ausência dele. [...] Tinha acabado, né?! E a gente precisava reconhecer que tinha acabado.*”.

Quanto às experiências sexuais, tanto nos relacionamentos mais duradouros, que Elisabeth nomeou como casamentos, quanto nos fortuitos, ela relatou: “*Eu acho que o período onde eu vivi mais intensamente essa liberdade de poder ficar com A ou com B foi entre o segundo e o terceiro casamentos. [...] Eu atribuo à maturidade. Eu pagava minhas contas, eu dava conta do meu trabalho e ninguém podia se meter na minha vida. [...] Entre 33 e 35 anos, eu acho que foi o período mais intenso. Pela idade também, né?! Que você tá com todos os hormônios funcionando, então eu sentia falta. [...] Eu tava no auge do trabalho político também, né?! [...] Eu tomava cuidado para não engravidar. [...] Eu não pensava em ter filho sozinha não. [...] Mas, quando engravidei, mesmo com o casamento em crise, eu fiquei feliz, eu tava realizando um grande sonho. O resto do mundo podia cair, mas meu sonho ia ser realizado. Então, foi uma gravidez sem problemas. [...] No trabalho político, tem muito companheirismo né?! Você conhece muita gente. Porque viaja ou recebe gente de fora também, né?! Na minha casa eu sempre hospedei gente pra congressos... congresso de pesquisa*

mesmo... acadêmico, e congresso político também. [...] *Eu preferia que não fosse casado, né?! É complicado. [...] Havia muito assédio, mas você aceita o assédio ou não, né?! [...] Eu claro que recusava. [...] Eu não tinha preferência por tipo físico específico. Isso é química, puramente química. [...] É... são identidades... [...] O interesse, eu acho, que era a partir de papo mesmo. Começa aí, né?! [...] Eu não tive envolvimento com mulheres. [...] Eu sempre me dei muito bem com os homossexuais, muito bem. Eu acho que eu devo ter uma abertura... quando eu era casada com meu primeiro marido, alguns colegas dele jornalistas, que eram homossexuais, conversavam comigo... Lésbicas também. Já levei cantada, né?! Dei o meu limite... [...] As pessoas eram muito enrustidas. Muito enrustidas. [...] Os homens e as mulheres, né?! O pessoal sofria muito por ter que esconder, né?! Porque você, eu me lembro de um rapaz que participava da política, que era homossexual, na época que... década de 80, que começou a história da AIDS, né?! E ele tava preocupadíssimo com isso, mas nunca ele tinha coragem de dizer “eu sou homossexual”, ficava nas entrelinhas. Então, eu respeitava e conversava através dessas entrelinhas. Tinha uma amiga, que era homossexual e ela nunca falou. Mas ela ia até pras festas da gente com a companheira, a namorada da época, mas não falava. [...] É mais fácil entender a resistência da sociedade aos casais homossexuais, quando a gente vê como era a sociedade em relação à sexualidade e como isso não foi trazido pra uma discussão, né?! E que muitas igrejas condenam. [...] A questão do homossexualismo e dos casais sem ser homossexuais. [...] Eu tô me referindo, principalmente, ao homossexualismo, porque, hoje em dia, você tem inúmeras pessoas que dizem: ‘eu sou homossexual’ ou “eu sou bi”. Não tinha isso, ninguém. Os artistas... ninguém dizia que era homossexual. Você já viu Ney Matogrosso dizer alguma vez que é homossexual? Nunca, porque ele é daquela geração daquela época. [...] E tem igreja que ainda quer curar o homossexualismo, né?!”.*

Relatou que, após esse período de maior atividade sexual, conviveu com o pai do seu filho e, em seguida, teve apenas um namorado antes de conhecer o seu atual companheiro. Em relação a tal contexto disse: “*Nesse outro momento, eu tava muito ocupada com a maternidade e com o mestrado, né?! Então a minha prioridade era isso. [...] E eu não queria assumir casamento com marido que trouxesse menino pra eu criar. Eu já tinha o meu pra eu criar. [...] Porque a gente vai ficando mais seletiva, né?! [...] E todo mundo sabia, quem chegasse na minha casa sabia que a minha prioridade era meu filho. Pra tá ali tinha que respeitar meu filho e compartilhar daqueles cuidados e tudo, né?! [...] Meu filho tinha de 8 pra 10 anos quando eu conheci meu marido atual. [...] Ele [o filho] resistiu um pouco. Cleide [empregada] também. [...] Meu marido me dizia que meu filho implicava com ele, mas não foi coisa muito significativa*

não. [...] Cleide também não queria não. Porque morávamos eu, ela e meu filho, e, aí, vinha mais um adulto pra dentro de casa, né?! E tirava um pouco da liberdade dela, né?!”.

3.2.1 CASAMENTOS E SEPARAÇÕES

Em relação a sua vida afetivo-conjugal, Elisabeth referiu que se encontra no quarto casamento e que só houve formalização judicial da primeira união. Acrescentou que, em relação ao primeiro casamento, houve, também, a dissolução do contrato conjugal, através do divórcio.

3.2.1.1 Primeiro casamento

Quanto ao primeiro relacionamento conjugal, contou: “Bom, eu vim pra cá [referindo-se ao Recife] com 18 anos, né?! Quando eu tava no curso de psicologia, eu conheci meu primeiro marido. Casei quando tava com 23 anos, mas a gente já vivia junto. Ele é pernambucano e jornalista. [...] Hoje em dia tem posições políticas terríveis. Na época, a gente pensava muito parecido. [...] E a gente vivia junto, mas todo mundo da família fazia de conta que não sabia. [...] Ninguém falava no assunto, tanto que quando eu casei com ele, a minha avó materna, que morava em Fortaleza, mandou uma joia, um anel pra mim, através de uma irmã dela que veio pra o casamento, dizendo que entregasse depois do casamento. Tipo assim, eu quero a garantia de que ela tá casada. [...] Mandou, mas só dava depois que eu tivesse casada. Porque quando eu cheguei em Recife, eu morei no pensionato, depois morei numa república e depois foi mudando as pessoas da república e eu achei que não tava mais legal ali. Então, fui morar com meu irmão, que também dividia apartamento com um primo meu e com um amigo dele. Aí, eu fiquei num quarto e eles ficaram no outro. Aí, quando meu irmão casou, eu aluguei esse apartamento com meu namorado. A gente ficou morando no apartamento. [...] Ninguém me perguntava nada. Era como se ele frequentasse o apartamento. [...] Quando a gente ia pra casa dos meus pais, eu dormia num quarto e ele dormia no outro. [...] A gente entrava nessa onda. Porque eu acho que a gente não tinha estrutura pra enfrentar. [...] A gente tinha 22 anos. Ele era da minha idade. Aí, a gente acabou o namoro, foi, e renovamos, e quando tava um dia lá em casa ele já tava falando com meu pai sobre marcar a data de casamento. Então, casamos em 1973 e separamos em 1978 [...] Em 79, eu vim morar no condomínio onde moro até hoje.. [...] Foram uns sete anos de convivência. Uns cinco anos de casamento mais uns dois sem ser casados, né?! [...] Tínhamos 23 anos quando casamos. [...] Casei na igreja,

casei judicialmente, casei de tudo. [...] Mas, não casei vestida de noiva não [risos]. Não me fantasiei não [risos]. [...] Eu realizei o meu desejo e dos meus pais, né?! Que deviam sofrer muito por saber que a filha vivia com o namorado, mas não era casada. [...] Nessa época que casamos, eu não trabalhava, eu tava terminando o curso de psicologia. [...] Ele trabalhava, como jornalista. [...] Ele fazia o curso e trabalhava ao mesmo tempo. [...] Depois de dois ou três anos de casada, eu fui trabalhar como pesquisadora. [...] Ele ganhava mais. Ele já era jornalista há mais tempo do que eu era pesquisadora. [...] Mas, eu que tomava conta da conta do banco, eu que pagava as coisas.”

Elisabeth relatou que o seu primeiro marido tinha um espírito de liderança, era muito comunicativo e sedutor e, ainda, estabelecia muitos relacionamentos extraconjugais. Nesse sentido, declarou: *“Ele era muito mulherengo. [...] Olhe, eu acho que eu devo ter minimizado muitos sinais, né?! Depois, quando eu comecei a descobrir, eu acho que era porque eu já estava um pouco insatisfeita na relação, né?! Então, isso aparece como um estopim, mas não foi isso. A gente, na hora que quer... que tá se sentindo sufocada e quer ir pra outro caminho, arranja um estopim. Mas eu não acho que foi isso, eu comecei a mudar pra um lado, ele mudar pro outro, né?! [...] Eu acho que a gente foca mais no gostar, na atenção do outro, né?! No companheirismo. [...] Eu ajudava ele fazendo uns relatórios da... que ele trabalhava numa revista. Tinha que fazer uns relatórios de produção, não sei o que, eu ia lá ajudar ele, mas ele nunca me ajudou nos meus trabalhos. [...] Eu vivia mais a vida dele do que ele a minha. [...] Eu acho que eu ia me anulando muito, sabe?!”*

Elisabeth relatou que as duas primeiras gestações e respectivas perdas ocorreram durante esse primeiro casamento e ela asseverou considerar que tais abortos, especialmente o segundo, também, contribuíram sobremaneira para o desgaste da relação, culminando com a ruptura do casamento. Nessa direção, contou: *“A primeira e a segunda vez que engravidei eu tava com ele. [...] A segunda, que foi traumática, foi... deixa eu ver viu, eu acho que foi em 76, foi, 1976. E acho que mexeu muito com os dois, né?! Porque em 77 a gente começou a crise. Em mim, eu questionava: ‘Eu vou passar o resto da minha vida só com esse homem? Será que é o melhor pra mim?’, eu me questionava. Eu nunca experimentei ficar com ninguém.”*

3.2.1.1.1 Casamento aberto

Elisabeth relatou que, a partir da crise conjugal, decidiram aderir ao “casamento aberto”, a partir do qual passaram a morar em casas separadas e podiam estabelecer outros relacionamentos, porém assumiram o compromisso de revelarem mutuamente as respectivas

experiências. Relativo a tal contexto, contou e avaliou: *“Separamos em 78, mas, em 1977, a gente passou um ano separados. [...] Foi na crise, né?! Aí, ele teve a ideia de ir morar num canto e eu ficar no apartamento. Era um apartamento alugado, eu permaneci lá e ele alugou outro. [...] Ele tava num apartamento lá perto do que a gente morou juntos. [...] Tava naquela época do casamento aberto. [...] A gente se encontrava. [...] Eu fui lá pra o apartamento dele, fiquei com ele lá. Ele ia no meu também. [...] A gente resolveu que um ia falar pro outro se saísse com alguém. [...] A proposta também incluía dizer pro outro, né?! [...] Um casamento aberto pra pessoas que não estavam abertas, né?! [...] Eu acho que a gente não tinha coragem de separar, né?! Então uma alternativa encontrada foi: ‘Não, vamos fazer o relacionamento aberto.’ [...] Se falava disso já na época, né?! Mas eu acho que é um postergar. Hoje não, eu vejo casais que desde o começo que aceitam, né?! Um ou o outro ter uma ou outra saída fora do casamento, né?! Não vejo mais como: ‘o casamento tá acabando então vamos adotar o casamento aberto pra ver se não separa’, que eu acho que foi o meu caso. [...] Nós dois não estávamos abertos. [...] Ele dizia que tava aberto porque a prática do machismo é essa, você vive com alguém, mas se você viaja, encontra alguém interessante você fica com essa pessoa e volta caladinho, traz uns presentes pra mulher... ele sempre trazia presente pra mim quando viajava. E, hoje em dia, eu acho que esses presentes eram a culpa dele, né?! Aí eu comecei... [...] Hoje em dia eu faço essa leitura, sabe?! Que eu me lembro que eu tinha uma prima que era casada com um militar e ela, às vezes, comentava assim: ‘porque fulano trouxe flores, trouxe chocolate, trouxe não sei o que’, sabe?! Mas esse rodear era a culpa, né?! E eu não queria mais ficar nesse tipo de relação. [...] Ele viajava muito, que ele era jornalista. [...] E, no primeiro ano, eu lembro que eu fiz as contas, ele passou seis meses em casa e seis meses viajando, somando os dias que ele passava fora. [...] Mas, ele estando aqui, a gente fazia muitas coisas juntos. [...] Tinha colega dele que pensava que eu era jornalista. Porque eu acompanhava ele em tudo. [...] As viagens não eram motivo de conflitos entre a gente, eu não brigava porque era uma coisa inerente do trabalho dele. [...] Logo que a gente casou, que ele viajava, não. Não tinha isso não. Não se falava disso de relação aberta não. Isso só veio depois dessa gravidez difícil, que eu acho que foi o que contribuiu pra pensar. Quando a gente tem uma situação que põe em risco a vida da gente, a gente começa a rever tudo, né?! Então, eu acho que isso aconteceu comigo. [...] E acho também que ele se sentiu inseguro na masculinidade dele achando que eu não seria capaz de dar um filho a ele. Eu senti um pouco isso.”.*

Ainda sobre a *“relação aberta”*, relatou: *“Essa coisa da relação aberta... Eu não me lembro bem como era. Eu não lembro a forma como a gente comunicava isso um ao outro, mas*

a proposta era essa. [...] Ele já tava namorando com a atual mulher dele. [...] Ele chegou a falar que tava com essa pessoa. Eu sabia quem era. Ele dizia. [...] A proposta era essa. [...] Tanto que eu saí com outra pessoa, né?! [...] Não convivi com ele, era só uma pessoa que eu saía. Quando ele começou a sair com a atual mulher dele foi a época que eu saí com esse outro rapaz. [...] Eu também falei pra ele. [...] E quando ele soube ele ficou aperreado, e eu acho que foi isso que fez a gente voltar, porque ele ficou inseguro, antes era só eu. [...] Uma vez que eu fui lá no apartamento dele [...] e percebi que ele estava acompanhado, a atual mulher dele tava lá, né?! E eu acho que isso foi muito importante pra eu me preparar pra separação. [...] Eu acho que quando eu cheguei lá, que bati na porta, que eu percebi que ele inventou uma desculpa que eu não podia entrar, aí, eu vi, quer dizer, foi a primeira vez que eu senti a porta bater na minha cara, né?! Que eu não era mais aquela figura importante da vida dele. [...] Ah, eu morri de chorar. Saí de lá, uma amiga morava no andar de baixo ou era de cima, eu fui pra casa dela, chorei e me recuperei. [...] Eu acho que eu ainda tinha uma visão meio sonhadora da relação, né?!”.

3.2.1.1.2 Voltando a conviver

Elisabeth disse que, quando o então marido soube que ela estava “*saindo*” com um rapaz, sugeriu que voltassem a conviver, implementando, porém, algumas mudanças na rotina. Nessa esteira, expôs: “*Aí, a gente decidi voltar a conviver. Porque eu tinha passado já um ano separada dele, ele morando num canto e eu noutro. [...] E aí, ele propôs a volta nuns moldes diferentes, assim, tipo: ‘Vamos mudar até de local de moradia’, né?! Como se fosse mudar a gente, né?! [...] A gente foi pra outro apartamento, em outro bairro, como se fosse em uma lua de mel, né?! Mudar tudo. [...] Eu fiquei uma santa. Fiquei só com ele [risos]. [...] Ele não. [...] Quando ele foi morar separado de mim, ele já tava namorando com a pessoa que ele convive até hoje. [...] Porque o relacionamento dele com a atual mulher dele era coisa pra construir né?! Pra ficar junto. [...] Tiveram três filhos. Já tem neto... É com quem ele vive até hoje.*”.

3.2.1.1.3 Separação

“*Olhe, em geral, os homens não conseguem definir se fica, se não fica, se sai, se não sai, são as mulheres. Então, ela deve ter pressionado ele pra ficar com ela e eu, também, não*

... tinha mais muita energia nem motivação pra motivá-lo pra ficar. Ele jamais definiria. [...] Porque podia transitar livremente nos dois espaços, né?! Por conta do machismo, né?! [...] Eu cansei, chegou um ponto que eu cansei. Tipo assim, inclusive no final do casamento eu estimei ele a ir fazer uma terapia de grupo, ele foi, né?! Então, eu já tinha investido tudo que eu podia investir, agora ele ficava se quisesse. [...] Talvez a terapia tenha ajudado ele. [...] A ele ver que era melhor sair do casamento. [...] De ele poder assumir o que era melhor pra ele. [...] Porque não é comum os homens assumirem. Eles ficam esticando, né?! [...] Porque, na verdade, eles queriam ficar com as duas. [risos]. Ou mais. [risos].” [...] Então, quando a gente voltou, não durou muito tempo não. Uns quatro ou cinco meses depois que voltamos, separamos. [...] Porque era pra separar dele, né?! Mas aí, eu fiquei, tava alugado o apartamento. Esse ano ele ainda ajudou a pagar o apartamento. [...]. Aí, eu terminei o contrato e resolvi vim pra cá, aluguei uma casa e no outro ano, aí, comprei essa que eu moro até hoje. [...] Quando eu vim para a casa, me mudei, eu não falei que eu era separada, né?! Essa coisa ficou nebulosa. [...] Para o dono da casa, entende? Eu assinei contrato e tudo, mas eu não falei porque era como... eu temia que ele não confiasse em alugar pra uma mulher recém separada, né?! Mas a minha relação com ele foi muito boa. Passei só um ano, um ano e pouco, porque eu vi que era uma besteira tá pagando pra conservar a casa dos outros. Aí, eu peguei uma pra pagar a perder de vista.”

Ainda em relação a separação, Elisabeth avaliou: *“A pior separação, a mais difícil, foi essa primeira, desse primeiro casamento. [...] Primeiro, o tempo que eu passei com os outros [maridos] foi menor, né?! [...] E tem a questão da maturidade. [...] Porque, também, essa separação vinha carregada de simbolismo, né?! Eu cheguei a casar na igreja. Mesmo estando afastada da igreja, mas eu aceitei. [...] É, esse tipo de pressão não ia mais existir, né?! [...] A gente [ela e o primeiro marido] tava vivendo um momento de uma relação mais livre, mas nos propomos a casar na igreja... [...] Talvez a gente tenha começado a se acomodar, né?! Pode ser. [...] Eu fui surpreendida, ele... a gente foi em um fim de semana pra casa dos meus pais e ele conversou lá com meu pai e definiram data de casamento... eu fui comunicada disso... e aceitei. Tanto que eu não aceitei vestido de noiva. [...] Ele é mais conservador do que eu, muito mais. [...] Eu acho que ele tava querendo se reabilitar junto com meus pais, porque a gente tinha acabado o namoro um tempo, né?! Eu acho que os dois ficaram morrendo de medo de casar e o namoro foi acabado e, aí, depois renovou, logo depois que renovou aí... [...] Eu não me lembro de jeito nenhum do motivo de ter acabado. Eu acho que era medo de casar. [...] Eu acho que os dois acharam que a coisa não tava a contento, né?! Tava muito morno... [...] Acho que a gente passou pouco tempo separados e, aí, quando voltou, já veio essa proposta do*

casamento. [...] Pra mim, o casamento não ia dificultar... talvez até facilitasse, né?! Porque eu não precisava esconder que tava vivendo com ele. [...] Foi tão conturbado esse ano da separação pra eu lembrar das coisas. Eu tava fazendo teatro, também, nesse período, eu tava fazendo uma pesquisa que eu viajava pra Zona da Mata [referindo-se a uma região de Pernambuco]. [...] Então, eu tava vivendo intensamente a minha vida.”.

3.2.1.1.4 Descontaminar-se

“Porque eu digo: ‘Olhe, quando alguém vive com outro e esse outro sai, se encanta por outra pessoa, você sente a diferença.’. O outro pode não dizer, mas você sente que houve um distanciamento. Agora, às vezes, você não quer ver, né?! Eu acho que no meu primeiro casamento teve muito isso. Meu primeiro marido viajava muito e, em geral, nas viagens dele, ele saía com alguém. [...] Mas, isso aí eu só vim enxergar depois. [...] O distanciamento dele eu atribuía ao cansaço da viagem, preocupação... [...] Eu não tava preparada, né?! Desmanchava o sonho. Porque era... o primeiro casamento é aquele casamento que veio de uma grande paixão, que foi o meu despertar sexual, né?! Então, a gente acha que a cumplicidade vai ser eterna, né?! Por isso, que as outras separações foram menos dolorosas, porque o sonho foi rasgado no primeiro. Os outros não era mais sonho, era realidade. [...] Eu tinha que... é como eu digo: ‘A gente precisa se descontaminar, né?!’. Depois que você se descontamina daquela relação, pronto, você pode se relacionar, ser amiga dele, do ex, amiga da família, e tá pronta pra outra relação.”.

3.2.1.1.5 Interferência de terceiros

Sobre a interferência de familiares, amigos, conhecidos nos seus relacionamentos conjugais, Elisabeth disse: *“Eu nunca deixei muito as pessoas interferirem na hora que eu queria casar ou que eu queria separar. [...] No primeiro casamento, tinha muito a coisa das famílias, né?! Aquilo do primeiro casamento, minha mãe mesmo é apaixonada por ele até hoje, admira muito, porque ele é uma pessoa conhecida nacionalmente, escreve muito bem, não sei o que... e ela gostava muito dele, né?! É... meu irmão casou e morava aqui. E ele... ele é muito carismático, ele se derramava e tratava ela com todo... toda maneirice que agrada ela, né?! Então, teve um dia que ela inventou de conversar com ele, quando a gente tava em crise, né?! [...] Foi lá em casa e encontrou com ele, conversou com ele e tal. Mas, nunca teve interferência*

da família dele não, e eu vi que a gente não deve levar essas questões pra família porque complica.”.

Relatou, ainda, uma atitude da mãe do seu primeiro marido: *“A primeira sogra, depois que eu separei, ela foi lá em casa uma vez e deixou uma carta pra mim. Ela era uma figura ímpar, ímpar, muito independente, trabalhava fora. [...] Era casada, mas os dois já viviam... eu a conheci quando ela ainda... ainda se tratavam como marido e mulher, mas, depois, ele tinha a vida dele lá fora e ela, também, tinha a vida dela. [...] Aí, eles conviviam, mas cada um tinha sua vida. [...] E o interessante que eu acho que ela é ímpar porque ela se permitia ter uma pessoa, entende? Então, eu sei que tinha muito carinho, né?! Que ela era uma pessoa maravilhosa, muito aberta. Ela tava me apoiando na minha decisão de separação. [...] Ela ficou preocupada comigo, né?! Ela gostava de mim e eu também gostava dela. [...] Mas, na época, eu não queria ver ninguém, porque eu queria conseguir sair, né?! Dessa relação e ele [o primeiro marido] é uma pessoa difícil de você por um ponto final, porque ele procura a pessoa, sabe?! E eu ainda encontrei com ele, depois de separada... [...] Depois da separação, ele foi morar fora de Recife e, quando ele vinha aqui, não sei, fazer algum trabalho, ele me procurava e a gente se encontrou. Algumàs vezes eu cedia. [...] Mais de uma vez. [...] Eu ainda permiti. Enquanto eu não tive um outro marido eu dei esse espaço pra ele. [...] até que, um belo dia, eu percebi que se eu não desse um basta, eu não me libertava dessa relação. [...] Ele é muito sedutor, muito. Tanto que todos os meus ex-maridos e as suas respectivas esposas fazem parte do meu Facebook, menos ele. A esposa dele faz parte do meu Facebook, mas ele não. [...] É, porque uma vez ele me mandou uma mensagem, não tinha Facebook, ainda era e-mail, e meu atual marido viu a mensagem e não gostou, né?! Porque ele é muito... como é? Não sei bem o termo que eu uso... ele tem carisma e ele usa esse carisma pra estar perto das pessoas. [...] Sedutor, é, é. Então, eu disse: ‘Tá bom, né?!’. [...] Ele sempre aproveita a oportunidade pra tentar deixar o outro vinculado a ele. A outra né, não é o outro não. [...] É uma necessidade de conquista demasiada, sabe?! A todo momento. Que mostra uma insegurança, né?! [...] Eu não me lembro o que foi não, não me lembro. Eu só sei que meu marido não gostou e eu disse: ‘Olhe, PT Saudações!’. [...] Ah, mesmo com a esposa dele atual, ele teve, ele teve outros casos. Teve, sei lá, alguém me contou que uma vez a esposa dele telefonou para o hotel e lá o pessoal não tinha sido avisado e falou que ele estava com a esposa, né?! E não era, era alguém que ele tinha ido viajar. [...] Mas ele, também, hoje tem uma visão política contrária a minha, né?! Eu não tenho mais muito papo com ele. A visão que ele tem do país e de como as coisas devem ser encaminhadas são muito diferentes da minha.”.*

3.2.1.1.6 Procura da Justiça

No que se refere à busca da instituição judiciária, no intento de propor a dissolução formal do casamento, através do divórcio, Elisabeth disse: *“Logo após a separação, a gente não falou em ir pra justiça, o mais difícil era separar os corpos e as vidas, né?! [...] Separar da casa, né?! Tirar todos os seus livros, suas roupas da casa, né?! E ir morar em outro canto. [...] Eu tava no apartamento, foi ele quem saiu. E ele... primeiro eu acho que ele ficou na casa de alguém, não sei bem quem. Depois ele resolveu se transferir pra outro estado com a atual mulher dele, que, desde então, ele vive com ela. [...] E, nesse ínterim, ele propôs a gente encaminhar judicialmente as questões. [...] Eu acho que foi no início dos anos 80. Que eu resgatei de volta o meu nome de solteira. [...] Olhe, eu acho que eu não seria a pessoa que eu sou hoje se eu continuasse casada com ele. Porque ele tem uma... ele é carismático e ele tem uma personalidade muito forte. É muito inteligente, aonde ele chega ele atrai as atenções, tanto que, como a gente ia pra todo canto junto, tinha gente que pensava que eu era jornalista, né?! E o sobrenome dele é muito marcante. Eu passei um tempão pra poder me livrar desse sobrenome. Que as pessoas me conheciam, quando eu comecei o movimento com os psicólogos, meu nome ainda era o de casada. Então, deu trabalho de chegar o meu nome atual, sabe?! Então, eu acho que foi muito bom pra mim, porque eu pude ser eu mesma, desvinculada dele. Porque os casamentos nessa época fundiam as pessoas, né?!”*.

Em um dos encontros, Elisabeth levou documentos relativos à dissolução conjugal e resumiu: *“Separação em 1978. Mas aquela primeira separação que passou um ano foi em 77. Aí voltamos no início de 78 e separamos definitivamente em maio, junho de 78. Aí, quando foi em 80, a gente entrou com a ação de divórcio. [...] Porque eu não tava preocupada com isso, mas ele já estava constituindo outra família, então ele tinha mais pressa pra casar, né?! [...] A partir de 85, quando saiu o divórcio, foi que eu pude usar o meu nome de solteira. [...] E aqui tem outro documento aonde ele diz... outro documento de 83, que: ‘não há filhos a alimentar nem bens a partilhar e a divorciada dispensa a pensão.’”*.

3.2.1.2 Segundo casamento

Elisabeth referiu que, logo após a ruptura definitiva do primeiro casamento, ficou morando sozinha no apartamento que o seu ex-marido havia alugado quando decidiram retomar a relação, após o período em que moraram em locais separados, na proposta da “relação aberta”. Mencionou que, em seguida, foram umas amigas morar com ela e que, assim, dividiam o espaço

e as despesas. Acrescentou que o seu ex-marido permaneceu contribuindo com o pagamento do aluguel do apartamento, até o término do contrato de locação, uma vez que, o valor do aluguel era bem mais alto do que o do apartamento onde moravam anteriormente e, ainda, foi ele quem havia tomado as providências para a mudança de endereço.

Nesse contexto, relatou: *“Aí, eu fiquei um tempo sozinha, né?! [...] Depois, eu levei umas amigas, como se fosse uma república. [...] Porque um apartamento com três quartos pra eu morar sozinha. Então, duas amigas, quer dizer, se tornaram amigas, foram pessoas que tavam também querendo... uma tava grávida do namorado, mas sem perspectiva de ficar com esse namorado. Tava vivendo um período muito difícil, também, estudando pra concurso, ela era médica. E a outra, uma de São Paulo, que tava morando aqui. Aí, eu fiquei até o fim do contrato. Quando acabou o contrato eu fiz: ‘Não quero morar mais em apartamento, quero morar em casa.’ [...] Aí, vim pra uma casa alugada no condomínio que moro até hoje. [...] Vim com essas duas colegas, né?! Mas a que teve o bebê, depois que o bebê nasceu, a avó paterna do menino chamou pra ela ir morar lá e ela foi. [...] E a outra achou que a rua era muito... não tinha calçamento, né?! Enfim, não se adaptou e foi-se embora. [...] Nessa época, eu já trabalhava no serviço público, mas quando as duas saíram ficou pesado pra assumir sozinha as despesas, mas eu aguentei. [...] Eu não quis pensão do meu ex-marido. [...] Quando eu fui pro divórcio eu já propus que eu não queria não.”*

Acrescentou que a proposta de compartilhar o espaço de moradia com outras pessoas sempre a agradou, independente do aspecto prático relativo à divisão de despesas. Nessa direção, disse: *“Porque eu gosto muito de coletivo, né?! Quando eu morava sozinha... um dia desse, eu tava comentando com a minha secretária lá de casa, ela adora, adora ter a casa dela, adora chegar em casa e tá tudo no mesmo canto. E eu disse pra ela: ‘Olhe, quando eu morava sozinha, eu odiava chegar em casa e tá tudo no mesmo lugar de quando eu saí, nem um recadinho não tinha.’ Eu gosto de dividir com pessoas. [...] Como eu fazia política, eu tinha muitos amigos, vez ou outra ia um amigo dormir lá em casa, passar uns dias. Às vezes, eu saía fim de semana, ficava um que morava com a mãe, que tinha uma namorada, e aí aproveitava e passava o fim de semana lá em casa.”*

Declarou que, o período em que se mudou para a casa, coincidiu com o momento em que estava muito envolvida com a militância política, e foi, nesse contexto, que iniciou o segundo relacionamento conjugal. Nessa esteira, contou: *“Aí, eu vim pra cá [referindo-se ao local onde passou a morar]. Foi numa época que eu estava com uma intensa participação política. Muito, né?! E foi trabalhar numa pesquisa com a gente o meu segundo marido e eu comecei a namorar com ele. E a família dele, a mãe dele, não queria de jeito nenhum, porque*

eu era uma mulher separada e uma mulher separada não era uma mulher confiável, naquela época, né?! [...] A discriminação era da sociedade em geral. [...] E ele era sete anos mais novo do que eu. Mas, mesmo assim, nós começamos a morar juntos. Aí, eu não sei definir a você quando é que a gente começou a morar junto, porque começa ficando, ficando, quando vê, tá morando junto, né?! Eu acho que eu fiquei com ele até 1984. De 80, 81 até 84... três pra quatro anos. [...] Eu separei em 78 do primeiro, né?! Uns dois anos, três depois me relacionei e convivi com o segundo. [...] Nesse ínterim, não cheguei a namorar com ninguém, posso ter saído com alguém, mas nada sério. [...] Meu marido foi candidato a vereador, foi eleito. Na época que ele foi vereador, eu tava com ele.”.

“Eu que era mais estável financeiramente. [...] Antes de ele ser vereador, quem sustentava o pesado era eu. [...] Só tinha um carro que era o meu, isso a gente dividia. [...] Ele trabalhava como fotógrafo, às vezes, como pesquisador. Ele fez psicologia, mas era fotógrafo profissional. [...] Durante o casamento, ele foi eleito vereador. [...] Me separei durante a gestão. [...] Trabalhei muito na campanha. Muito, muito. Todas as horas. Um dia desse, eu tava comentando, eu gostava muito de fazer política naquela época, porque não tinha essa história de financiar ninguém pra fazer campanha não. Ninguém ganhava dinheiro pra fazer campanha. Fazia porque acreditava. [...] No projeto e na pessoa. [...] Eu, de noite, às vezes, eu chegava do trabalho ia fazer sanduiche pra levar pro grupo que ia fazer pichação e colar cartaz na cidade.”.

Disse que não planejaram engravidar, durante esse segundo casamento, porque: *“A vida da gente era trabalhar e fazer política.”.* Mas, que, a despeito da falta de programação do então casal, aconteceu a terceira gestação, a qual, também, não foi viável, por ter sido uma gravidez molar.

3.2.1.2.1 Separação

Quanto à motivação para a ruptura do relacionamento, Elisabeth ponderou: *“Eu questiono porque essa história de dizer que foi a traição que desencadeou... ninguém faz isso sozinho. O que de mim contribuiu pra isso? Sabe?! Porque, no primeiro casamento, aparentemente, a justificativa da separação é essa, no segundo também. Que coincidência. Toda vida eu separava por causa de traição. E o que eu fazia para que essa traição acontecesse. Na hora da separação a gente bota a culpa no outro e acabou-se, né?! Mas... [...] Aí, eu ficava com muita raiva, né?! Porque eu tinha sido traída. Então, eu me fixava nessa questão pra acabar o relacionamento. [...] Hoje, depois de tantos anos, eu acho que todo relacionamento*

tem crise, né?! Se você tem disposição para olhar pra crise pode ser que você ultrapasse uma traição dessa. Mas parece que arranca um pedaço da gente, né?! [...] Parece que a gente não pode admitir, por hipótese nenhuma, um repensar. [...] Eu pedi pra ele sair de casa e não quis mais conversa. [...] Eu acho que todas as três separações a postura do homem, na minha experiência, é que se eu não tivesse pedido pra sair ele ficava mais um tempão, né?! Mas, um tempão do jeito que ele queria.”

“Quando a gente se separou, ele alugou um apartamento perto da minha casa. [...] A gente teve uns namoros. Uns avulsos. [...] Que eu acho que, às vezes, ajuda pra gastar o restinho, né?! De ligação que tem. Pode... é uma faca de dois gumes. Pode ajudar pra você terminar de vez a relação ou você postergar a sua... como é aquele termo que eu usei? Você precisa desintoxicar, né?! Você precisa... se descontaminar [...] Mas, eu acho que no caso da gente foi pouco tempo.”

3.2.1.2 Interferência de terceiros

No que concerne à interferência de familiares na dinâmica da relação conjugal, contou: *“A mãe do meu segundo marido, conversou comigo, no período que a gente tava se separando, pra eu não me separar, dizendo que ela tinha renunciado muito pra que o casamento não... pra que não se separasse. [...] Ela não falou da experiência dela, assim, contando o que passou, né?! Mas ela referenciou que isso seria um papel da mulher, né?! A gente renunciar pra que o casamento continuasse. [...] Eu escutei, né?! Entendi. Mas, eu deixei claro que, apesar de toda argumentação dela, mas você já tava definida que ia separar. [...] O marido dela saía e voltava tarde, né?! Tanto que acho que, no final da vida, eles tavam separados, eu tenho impressão. Ou, se não estavam, existia uma outra figura na vida dele, eu não lembro com detalhes, mas acho que sim. [...] Ela ainda vive. [...] Não tive mais contato com ela, mas um dia desse eu encontrei com meu ex-marido e ele me deu notícia dela, que ela tá bem.”*

Elisabeth relatou, ainda, uma situação de interferência de uma colega, no intento de evitar a sua separação: *“Eu me lembrei agora de uma coisa interessante. Uma colega de política chegou até a me sugerir que eu adotasse uma criança, né?! Que seria meu filho e dele, do meu segundo marido. [...] Tipo assim, que ela arranjaría a situação de deixarem uma criança lá em casa, não sei o que. E eu não quis de jeito nenhum, né?! É aquela história que você... interferências para que a gente não separasse. [...] Bem dentro daquela perspectiva de que filho segura casamento, né?! E quem propôs foi uma mulher.”*

3.2.1.3 Terceiro casamento

Elisabeth relatou que: *“O terceiro [marido] é técnico em telecomunicações, mas foi vereador também. [...] Na época do casamento ele era sindicalista, era dirigente de um sindicato. [...] A gente fazia parte do mesmo grupo político, né?! E eu fiz campanha pra ele. [...] A gente já tava separado quando ele foi eleito vereador. A relação entre a gente ficou tranquila. [...] O terceiro casamento foi de 1985 até 1988. Foi pouco, uns 3 anos.”*

Contou que, no momento em que iniciou o relacionamento com o terceiro companheiro, ele se encontrava casado e convivendo com a primeira esposa e dois filhos, ainda crianças. Conforme dito, ela já o conhecia das atividades políticas e que, também, tinha contato com a família desse. Nessa direção, detalhou: *“Ele tava num período de intensa atividade sindical, né?! E acho que ele, também, o casamento comigo foi uma libertação, também, pra ele. Porque ele tava naquele casamento tipo ‘até que a morte nos separe’, né?! Já com dois filhos, muito jovem, porque ele era seis anos mais novo do que eu. Então, também, a família dele todinha rompeu relações comigo, eles me riscaram do mapa. porque eu conhecia ele e a esposa dele, né?! Mas, a gente foi participar de uma reunião de fim de semana, né?! Um fim de semana todinho juntos. No apartamento de um dos companheiros. Na época, eu participava de uma organização política [...] e era como se fosse... eu acho engraçado porque não era tão clandestino assim, né?! Mas era como se fosse uma reunião reservada, só do grupo de dirigentes políticos. [...] E aí, a gente se apaixonou durante essa reunião. Foi paixão mesmo, não tem explicação não. E eu não mexi uma palha. Eu disse: ‘Eu não vou fazer nada, porque ele que é casado, eu não tenho compromisso com ninguém. Se ele vai ficar comigo ou não, é ele quem vai decidir.’. E aí, eu conhecia a família dele todinha, todos deixaram de falar comigo, porque eu era a bruxa que fiz o casamento dele acabar. E hoje em dia não é mais, né?! A primeira mulher dele é minha amiga no Facebook, ela não vê dessa forma mais, mas, na época, eu era chamada ‘a bruxa’, lá na casa dele.”*

3.2.1.3.1 Pressão x Paixão

“A separação dele lá foi rápida, porque a paixão foi grande, né?! E ele, quando ele resolve que uma coisa acabou, pode o mundo cair, mas ele sustenta aquilo ali. [...]. Então, um belo dia, a gente saiu no fim de semana e, aí, ele resolveu que não ia mais voltar, né?! Não é fácil, né?! Ela do lado de lá enfrentar uma coisa dessas. Mas, imagina se era eu quem ia dizer a ele que: ‘Não, vá cuidar da sua mulher...’. Não, né?! Pra mim, era ótimo que ele tivesse ali

comigo. Então, todo mundo se horrorizou, os colegas da política também. [...] Até uns companheiros da política, alguns, criticaram. Mas ninguém interferia não. Só interfere se você deixar. [...] Eu percebia pela atitude. Porque as pessoas tendem a achar que a outra pessoa que chegou na vida dele é que contribuiu pra acabar o casamento anterior, tem muito isso. [...] Ele tinha dois filhos. Um tinha dois anos, é... três anos, três pra quatro anos, esse me engolia na marra, porque ele ouvia a história da bruxa, né?! E ele ia passar fim de semana lá em casa. E o outro era mais novo, tinha em torno de dois anos ou menos. E esse outro se agarrou muito comigo, né?! E eu me preocupei quando eu me separei, porque o filho dele mais novo também se separou de mim, né?! E isso pras crianças... [...] A ex-mulher, ela é como que filha da sogra. Porque ela não tinha mãe. Então, ela participa de tudo da família dele, ela é como se fosse uma filha também.”

“Eu não pressionei ele pra deixar a esposa não. Eu estava apaixonadíssima, me lembro que eu fui na casa de uma amiga e eu disse a ela, eu disse: ‘Não sei em que vai dar porque eu vou ficar no meu canto, se ele quiser vir ele vem, mas eu não vou pressionar.’. Eu conheci a esposa dele. [...] Eu acho que ele viu que comigo, eu não ia ficar, eu não ia aceitar um relacionamento com ele, ele continuando casado, entende? Que a única forma de ele ficar comigo era ele separando. E eu acho que foi uma paixão, não é?! De ambos os lados. E foi a paixão que fez ele sair desse primeiro casamento. [...] Foi muito rápido. Foi muito rápido. Eu acho que não foi nem um mês, sabe?! Eu acho que foi muito contundente pra ela, um belo dia ele resolveu, ficou comigo e não foi mais voltar pra dormir em casa. [...] E ele era o certinho, ele era o certinho, bem casado e apaixonado.”

Elisabeth contou que, quando passaram a conviver, ele se mudou para a sua casa. Acrescentou que apresentava maior estabilidade financeira do que ele e, além disso: *“Ele tinha que ajudar a ex-esposa e os filhos, né?!.”*

3.2.1.3.2 Gravidez, mestrado e desgaste

Reiterou que foi nesse terceiro casamento que engravidara do seu único filho. E que o desgaste do relacionamento começou, ainda antes da gravidez, mas se exacerbou com a gestação e outros fatos que marcaram o período de convivência. A esse respeito, declarou: *“Eu fiz tudo sozinha. Todo o enxoval. Nada disso ele [referindo-se ao pai do seu filho] partilhou comigo. [...] De jeito nenhum. Ele não tinha interesse nenhum. E eu sabia disso. [...] Pra que que eu ia chamar uma pessoa que tava querendo bater asa? [...] Eu acho que deve ter começado a bater antes da gravidez. Mas, a gravidez eu acho que agravou, porque ele viu que eu não ia*

ser mais aquela companheira de política que topava toda parada, né?! Porque eu tinha um filho pra cuidar. [...] Sim, e eu tava entrando, outra coisa que pode ter contribuído, também, é... antes de ficar grávida, eu tinha feito a prova pro mestrado e eu tava começando meu mestrado. E ele não tava valorizando, né?! [...] É, eu senti alguma coisa nesse sentido assim, que não havia uma valorização, e eu ia galgar mais um degrau, né?! [...] Ia ganhar mais. [...] Eu ia diminuir, como diminuiu, a militância. [...] Eram dois momentos totalmente diferentes que a gente tava vivendo. Ele... era o terceiro filho dele, pra mim era o primeiro depois de três tentativas, né?! Então, eu queria sossegar, cuidar do meu filho, e ele queria voar, porque ele saiu do primeiro casamento pro casamento comigo, sem intervalo nenhum, né?! Que, aliás, é como ele tem costumado fazer. [...] Olhe, ele casou o primeiro casamento, depois casou comigo, depois o terceiro casamento, que ele teve mais dois filhos. [...] Um menino e uma menina. A última foi uma menina, que tá grávida até, agora. Aí, depois ele teve um quarto casamento, aí separou, voltou pra terceira, separou, voltou pra quarta. Aí, separou e casou com uma que é da idade do filho mais velho. [...] Do quarto casamento, ele não teve filho. Ela já tinha três e ele tinha cinco. [...] Essa que ele está agora, eu não sei exatamente, mas eu acho que há uns quatro, cinco anos, ela tem uma filha. Essa filha não foi com ele não... ele fez ligação [referindo-se à vasectomia]. Depois que ele teve cinco filhos.”

3.2.1.3.3 Foco na gestação

Contou que, quando estava grávida, em um fim de semana, decidiu ir para a casa de praia dos seus pais, em João Pessoa, pois o seu então marido viajara para um outro município para “espairecer”. Ela detalhou: *“Eu disse aos meus pais que ele ia pra uma reunião de política. [...] Também não sei se ele combinou com a pessoa ou encontrou lá. [...] Mas, eu sabia que ele não ia pra reunião política, ele ia espairecer, digamos assim. [...] E depois eu soube que ele ficou com uma pessoa por lá. [...] Eu tava triste, eu tava sim, né?! Porque eu sabia que não tava contando com o pai do meu filho. [...] É porque era praia, eu adoro praia, o mar me faz muito bem. Mas, meus pais ficaram preocupados. Eu lembro que teve uma tarde que eu fui tomar banho de mar, eu já tava com sete, oito meses de gravidez, e eles foram pra beira-mar, olhar. Eu senti que eles tavam preocupados. [...] Não falaram nada. [...] Talvez eles tenham me percebido triste, né?! [...] Mas, em vez de me concentrar na separação, eu me concentrei na minha gravidez. Porque se eu fosse me preocupar com o afastamento que tava havendo entre a gente eu ia interferir negativamente na gravidez. [...] Menina, ter filho era uma alegria tão grande que essas tristezas ficavam em segundo plano. [...] E o meu trabalho também. Minhas*

colegas de trabalho eram companheiras, né?! [...] A gente tinha um grupo que era muito coeso. Quando uma tava aperreada as outras tavam ali junto. [...] Elas tavam sabendo dessa crise. [...] Eu não ficava perdendo muito tempo com essa questão não. Eu tava muito envolvida com a questão da gravidez.”

3.2.1.3.4 Separação

Elisabeth disse que, ante o progressivo desgaste da relação conjugal, a ruptura do casamento se deu quando o filho contava com 3 meses de idade. Nesse contexto, narrou: *“Eu não tomaria a iniciativa de ter uma produção independente, mas eu tava numa situação que, provavelmente, eu ia ter quase uma produção independente, que foi que eu me separei quando meu filho tava com 3 meses. E aí, não foi ele quem decidiu, porque pra ele tava cômodo porque tinha casa, tinha um filho, tinha... [...] E a esposa dele, com quem ele já tava namorando, ela era jovem, né?! Mais jovem do que ele, e não tinha estrutura, ele ia ter que montar uma estrutura, né?! Mas, tava cômodo pra ele, mas não tava pra mim. Que eu, além de cuidar de um filho recém-nascido, eu tinha que conviver com um marido saindo pra namorar. Aí, eu disse: ‘Não, você precisa sair daqui.’ [...] Teve uma separação, um mestrado e um filho, né?! [...] Mas, eu tive a sorte de com três meses encontrar Cleide. [...] Cleide foi a segunda mãe do meu filho. [...] Aí, eu parei a militância, não tinha condições de jeito nenhum. [...] E relacionamento... nessa época, não tinha tempo pra namorar não. Tinha o mestrado, tinha o filho, né?! E tinha o trabalho, eu não pedi licença. [...] Eu não tranquei o mestrado por conta do nascimento do filho. Quase que eu trancava. Eu ia trancar, quando o meu orientador disse que não, que eu não fosse trancar, porque se não eles perdiam a bolsa. [...] Eu não tinha bolsa, mas o programa ia perder. [...] Aí, eu não tranquei e o programa me deu, passou pra mim uma bolsa, né?! E eu, também, não peguei licença do trabalho para estudar. [...] Eu tinha projeto em andamento. [...] Só me afastei do trabalho durante a licença maternidade, na época, era de quatro meses.”*

“Na época da separação, ele tava com uma pessoa que ele conheceu, também, na militância política. E casou com ela e teve dois filhos com ela. [...] Depois, casou com outra, separou e casou com outra.”

3.2.1.3.5 Tentativa de superar a crise e manter a relação

“Olha, eu até cheguei a conversar com ele e propor que a gente aprofundasse, discutisse sobre a crise, né?! Mas ele não tava a fim. Então, eu pedi pra ele ir morar em outro canto. [...] Eu acho que foi a única vez que eu me dispus pra abrir os braços pra tentar manter o relacionamento. [...] Mas, parece que ele não tava a fim de mais responsabilidade naquela época. [...] Eu acho que, também, o filho, a maternidade tinha a ver com o fato de eu tentar manter, aprofundar, né?! [...] Provavelmente, a tentativa de continuar a relação tinha a ver com o fato de ter um filho. Eu tava mais quieta. E a idade, eu tava com 38 anos. E ele tinha 31. [...] Esse meu terceiro marido tem muito isso, ele vai, vai, vai, ele tem muita paciência, mas chega um ponto que é o limite dele, aí, pode o mundo cair, mas ele vai fazer o que ele definiu. Então, eu acho que na nossa relação, ele tava se envolvendo com outra pessoa. [...] Ainda tentei, mas... [...] E, nesse casamento, o terceiro, quando a gente acabou, acabou. Não teve mais encontro nenhum.”.

3.2.1.3.6 Relação pai e filho

Sobre a presença paterna na vida do seu filho, Elisabeth mencionou: “Ele só foi pra pediatra uma vez com o filho, logo que ele nasceu. Foi uma vez só. [...] Eu não podia sentir falta da participação dele, como pai, porque eu nunca tive. A gente não sente falta do que nunca teve, né?! [...] Ele, também, não tinha essa participação com os outros filhos. [...] Ele é ausente, ele é muito ausente. [...] Eu não concordava com aquela postura dele como pai, mas não adiantava ter raiva. Ele é assim. [...] Ele é tão ausente que, na formatura do meu filho, ele ficou de ir na colação de grau e não apareceu, né?! [...] Porque foi a missa, que ele entrou com a minha mãe, a colação que ele entraria com o pai e a festa ele entraria comigo. Aí, o pai não apareceu. Aí, eu entrei com ele na colação. Foi o jeito. [...] O pai foi só pra festa. [...] E os irmãos também.”.

Em relação, a contribuição financeira do pai para a manutenção do filho, Elisabeth disse: “Logo que eu separei não. Eu fiquei com uma postura de que eu ia prover tudo. Até que uma amiga minha conversou comigo e me mostrou que eu tava sendo egoísta, porque eu tava tirando o direito do meu filho de ter a ajuda do pai, né?! [...] Aí, eu chamei ele pra conversar e ele começou a pagar uma pensão. Então, ele contribuiu na formação dele, ajudou a pagar as contas dele. [...] Quando ele começou a pagar a pensão, eu acho que meu filho tinha uns 2 anos.”.

No que concerne aos contatos estabelecidos entre pai e filho, contou: *“Acho que, quando meu filho tava maiorzinho, ele foi, assim, algumas vezes, quando ele tava casado com a terceira esposa. [...] Aconteceu muito pouco, muito pouco, ele ia muito pouco lá. [...] Mas ele não gostava muito não. Não sentia muita segurança, sabe?! [...] Porque eu acho que como ele é muito ausente, né?! Se você tem... você é pai, seu filho não mora com você, se seu filho vai passar o fim de semana na sua casa você tem que dar mais atenção a ele, né?! Eu acho que faltava isso. [...] Mas, ele não reclamava, ele era muito calado, ele não falava muito, né?! Eu lembro de uma vez que o carro do pai deu prego, não sei o que, e ele voltou comentando que tinha demorado. Parece que ele se sentiu meio inseguro, sabe?! [...] Me lembro que teve um dos aniversários do irmão de meu filho que eu fui até lá, que ele tava até separado e voltou a morar com ela, com essa terceira esposa.”*

“Mas, meu filho intensificou a vivência com o pai depois da história da terapia (referindo-se à psicoterapia que o filho iniciou aos 8 anos de idade). [...] Com a terapia, ele (o pai) começou a tomar iniciativa pra aproximar mais o meu filho da família dele. [...] Nessa época, o pai dele já estava no quarto casamento, foi com uma companheira maravilhosa, foi quem deu muitas oportunidades de juntar todos os filhos. Foi o período que meu filho conviveu mais com os irmãos. [...] Ele se dá bem com todos os irmãos, mas se relaciona mais com os dois do terceiro casamento do pai, com quem conviveu mais. [...] Essa quarta esposa dele tinha três filhos e não teve filhos com ele. [...] Ela é muito, muito, muito importante na vida do pai do meu filho e na vida do meu filho também. [...] Eu tenho a maior admiração por ela. [...] Eu acho que foi essa companheira que propiciou uma maior aproximação entre pai e filhos e entre os irmãos. [...] Enquanto ele foi casado com ela, ele via com mais frequência os filhos, todos. [...] Acho que foi com a que ele viveu mais tempo, foi essa quarta esposa.”

Quanto a sua iniciativa de buscar acompanhamento psicoterápico para o filho, Elisabeth justificou: *“Ele tava muito inseguro, porque eu estava indo pro mundo, né?! E, além disso, tinha um namorado (referindo-se ao namoro com o seu atual marido). [...] A terapia foi um pouco antes do namoro. [...] Ele engordou um bocado. [...] Eu acho que ele tava precisando da presença do pai, sabe?! Porque é o período de uma identidade, né?! Um modelo masculino, que ele tinha o meu pai. [...] Meu pai vinha muito aqui, né?! E a gente ia muito lá. [...] Mas meu pai já tinha muita idade, né?! [...] Pronto, eventos da escola ele (o pai) só foi um. Foi quando eu fui defender a minha dissertação coincidiu com a festa de São João da escola dele, aí eu pedi pra ele ir. [...] Na comemoração do dia dos pais da escola, ele entregava o presente ou a mim ou ao meu pai, que era um artesanato ou uma pintura, [...] O contato com o pai era*

muito esporádico. Ele sabe o pai que tem, né?! [...] Ele aprendeu a conviver. [...] Mas, depois da terapia, a visitação do pai ficou um pouco mais regular.”.

Quanto o relacionamento atual do seu filho com o pai, disse: *“Hoje em dia ele sabe o pai que tem, né?! Ele sabe que nem toda hora ele conta com o pai. O pai tá no outro relacionamento e a esposa levou uma filha, que ele cria como filha, também, né?! E ele sempre tá muito ocupado com as questões políticas. [...] Vez ou outra ele marca algumas coisas, assim, de família pra juntar os filhos.”.*

3.2.1.3.7 Ser ‘a outra’

Em relação à experiência de ter sido “a outra”, no início do terceiro relacionamento conjugal, Elisabeth asseverou: *“Eu estava apaixonada e resolvi viver essa paixão, não matar, porque se ela não fosse alimentada ela ia se acabar, né?! Mas, eu ia ficar no meu canto porque eu sabia que a relação dos dois era um... eu me lembrava do meu primeiro casamento, né?! Porque foi o primeiro casamento dela, né?! E ela era muito jovem e tinha dois filhos, né?! Mas, eu não ia negar a minha paixão. Então, eu fiquei no meu canto, não pressionei ele. [...] E essa experiência foi muito rápida. Eu acho que foi menos de um mês. [...] Eu tenho impressão que ela só descobriu esse relacionamento entre a gente depois que ele saiu de casa. [...] Ela deve ter se surpreendido, né?! E acho que por muito tempo ela teve raiva de mim. Mas depois ela entendeu, teve outro relacionamento. [...] Teve uma filha.”.*

3.2.1.4 Quarto casamento

Elisabeth referiu que, após o término do terceiro casamento, quando o seu filho contava com 3 meses de idade, ela, durante o período de, aproximadamente, dez anos, só estabeleceu relação afetivo-sexual com um único homem, antes do relacionamento atual, o qual é o seu quarto casamento. Nesse contexto, relatou: *“Eu fiquei me dedicando ao mestrado, que eu tava fazendo, e ao meu filho, curtindo. Então, eu passei... deixa eu ver... eu me separei dele em 1989. Pronto, eu passei uns dez anos, que eu só tive um namorado. [...] Era um cara que morava em João Pessoa, quando eu ia lá me encontrava com ele, ele chegou a vir uma vez aqui. Mas, eu vi que a gente era muito diferente. [...] O namoro durou... não sei. Seis meses, um ano... por aí. [...] Depois disso, o próximo foi o meu marido atual. [...] Ele é paulista. Tem 76 anos. [...] Toda a família dele, os filhos, os irmãos moram em São Paulo. [...] A gente se conheceu, no final de... 98, em João Pessoa. [...] A gente tá junto há 15 anos. Mas, há controvérsias [risos]. Eu*

brinco muito porque não tem data de quando a gente casou. Porque a gente começou a namorar ele ia pra lá, voltava, né?! Eu digo a ele que eu só considero a partir de 2001, quando ele começou a morar aqui. [...] Mas antes foram uns três anos. [...] Meu filho tinha uns 10 anos quando a gente se conheceu e uns 13 anos quando passamos a conviver. [...] Ele está casado pela terceira vez, a primeira ele ficou viúvo, a segunda... Pronto, essa primeira era prima da esposa de um primo meu, né?! Aí, quando ele se separou no segundo casamento, que foi um pouco traumático, porque ela arranhou outra pessoa, né?!”.

3.2.1.4.1 São Paulo – João Pessoa – Recife

“Ele fez direito. Mas, não exerceu não. [...] Tinha um estacionamento em São Paulo. Depois ele veio, montou um estacionamento em João Pessoa, mas não durou muito tempo não. [...] Que foi esse tempo que a gente ficou se vendo mais, porque ele estava estruturando esse estacionamento. [...] Ele é amigo de uma prima minha que mora em São Paulo, o marido dela é cirurgião plástico e, vez ou outra, vem fazer cirurgia em João Pessoa. E ela tem apartamento lá, também, na praia [em João Pessoa]. [...] Aí, ele veio passar uns dias aqui na Paraíba, essa minha prima trouxe ele pra aliviar a cabeça e me apresentou. E, aí, ele começou, vinha pra cá, ficava lá em casa, não me lembro, passava quinze dias e depois ia embora, porque ele tinha estacionamento em São Paulo. Aí, depois de uns dois anos o pessoal brinca dizendo que eu dei o golpe nele, porque eu resolvi fazer uma reforma em casa, aí, ele ficou o ano todo, acompanhando a reforma. E aí, começou a fazer a mudança pra cá. [...] Ele passou a empresa de estacionamento pros filhos. [...] Tem três filhos, todos os três casados. [...] Um do primeiro casamento e dois do segundo. [...] Uma mulher e dois homens. [...] Aposentou-se pela iniciativa privada.”.

3.2.1.4.2 Não foi paixão, foi amizade

“Quando a gente se conheceu, eu tava no terraço da casa da minha mãe e tinha uma barraca de praia pertinho assim e minha prima e meu atual marido tavam lá, né?! Eles eram amigos. [...] Aí, eu fui encontrar com eles, falar com eles, mas ela tinha esse intuito, de conseguir uma namorada pra ele, porque depois ela fez um jantar na casa dela e convidou todas as amigas solteiras que ela tinha lá em João Pessoa [risos]. E eu não queria ir, que eu acho muito ridículo. [...] Eu acho que ficou implícito porque a minha prima ligou: ‘vamos,

vamos'. Eu digo: 'E eu quero ir pra esse negócio não', não sei o que... Aí, ela me convenceu a ir. Eu fui, né?! [...] Eu acho que ele ficou... sondando... E acho que foi, por alguma razão, aí, eu não sei, a gente se aproximou mais. Não teve essa história de paixão não. [...] Foi amizade, né?! Ele vinha pra cá, ele não tinha amigos aqui, né?! [...] Porque, depois, ele inventou de botar um estacionamento lá em João Pessoa com um sócio daqui e ficou vindo pra cá. Aí, vinha pra cá pra casa, se hospedava aqui em casa e ficou dois anos nesse vai e volta. Eu fui uma das amigas que, talvez, por não ter marido, ele se sentiu mais à vontade pra vim na minha casa e eu tava disponível, também, tava sozinha, né?!".

3.2.1.4.3 Lidando com as limitações

“Ele ia a São Paulo duas vezes por ano e passava quinze dias em cada vez. Mas em 2014 ele teve o rompimento de um tendão, fez uma cirurgia e passou um ano todo aqui. Em 2015, ele fez catarata nos dois olhos, também, passou aqui. E ele começou a ter problemas de memória, né?! De orientação espacial. Então, hoje ele tem consciência que ele não pode mais ir sozinho, né?! A filha dele veio no ano passado e é o que eu digo: ‘Você tá numa época que seus filhos é que precisam lhe visitar, né?!’. Porque com mais idade, ele tem nove anos a mais do que eu, você tem seus cantos, seu conforto, não é a mesma coisa de quando você tem 30 anos. Quando eu tinha 30 anos eu ia fazer pesquisa no interior, eu dormia até no chão, eu entrava em banheiro que tinha que respirar fundo pra poder aguentar o fedor do banheiro e a sujeira do banheiro, pelo interior do Nordeste. Mas depois dos 50, 60 você não aguenta. Então, esse ano tá sendo um ano não muito fácil porque ele tá com saudade, mas a gente não pode também tá indo pra lá. [...] Ele tem dois netos, que já tão entrando na adolescência. E aí, quando entram na adolescência não é mais o mesmo interesse pelo avô que tinham antes, né?! Que, aí, começa a bater as asas. [...] A filha dele veio, mas os outros não vieram ainda. Porque, também, os outros dois não têm muita folga de dinheiro, né?! Um trabalha no estacionamento que foi deles, que já não é mais só dele, e o outro tá num empreendimento lá no interior de São Paulo, onde mora a mãe dele, que é tipo uma lanchonete, sabe?! Que ele tem com um sócio. Então, não deve ser fácil.”

3.2.1.4.4 Relação com a moradia e a vizinhança

Elisabeth ressaltou que ela e o marido estabelecem uma relação muito prazerosa com a vizinhança e com a localidade na qual residem. Nesse sentido, asseverou: *“É maravilhoso ali, sabe?! É um lugar que a gente, às vezes, de noite, bota a cadeira, conversa, todos se conhecem. [...] Um dia desses, eu tava conversando com um vizinho, que deve ter uns 70 anos e um bocado. Aí, eu tava falando com ele: ‘Olhe, aqui, se você tiver sozinho, querendo conversar com alguém, basta você sair na rua, você encontra um vizinho, encontra uma criança, se você for morar em apartamento, às vezes, o máximo que você recebe é um bom dia e um boa tarde no elevador.’. Então, é uma vida muito diferente, sabe?! O isolamento é muito maior em apartamento. Se você tiver filho, não, os filhos ajudam você pra fazer relações. Mas se você é idoso, ou você já conhece ou tem algum movimento ali que possibilite você entrar em contato, senão você fica muito isolado. [...] E isolamento não existe na minha vizinhança. [...] Eu e meu marido, a gente adora curtir a vida aonde a gente mora, né?! [...] Ele adora. Todo dia, ele sai com o cachorro pra passear de tarde. [...] Ele não tinha essa qualidade de vida em São Paulo. [...] Eu digo a ele que ele tá vivo porque ele veio pro Nordeste. O estresse é muito grande lá, né?! Recife mesmo, o trânsito já está infernal, né?! Eu um dia desse tava dizendo: ‘É porque eu sou velha?’. É não, é porque antes a gente chegava mais rápido nos cantos. [...] Ainda bem que o consultório é perto de casa.”.*

3.2.1.4.5 Momentos de lazer

Como atividades de lazer, além de aproveitar desfrutar da localidade onde moram, costumam ir à praia e sair com amigos. Nesse sentido, contou: *“A gente vai muito, também, pra João Pessoa, né?! Minha mãe tem uma casa na praia, que é uma delícia, porque ainda não tá invadida pelo turismo. E a gente vai muito lá, também, porque ela mora só, né?! Meu filho tá morando com ela, mas meu filho todo fim de semana vem pra cá, que a noiva dele mora aqui. [...] A gente fica, também, no apartamento dela, que, também, é lá perto da praia, de outra praia, né?! Numa praia mais urbanizada. [...] Também, tem um grupo de colegas psicólogos, que a gente foi da direção do Conselho Regional, que a gente, vez ou outra, a gente marca e se encontra. E ele vai também.”.*

3.2.1.4.6 Marido e participação política

Quanto à participação política, Elisabeth afirmou que o seu atual companheiro nunca teve qualquer engajamento nesse âmbito. Ela disse: *“Esse tem não, esse é o inverso dos outros. [...] Nunca teve participação e ele só votou com a esquerda [...] depois que veio pra cá, casou comigo. [...] Além de votar, ele não fala, não lê sobre política. [...] Ele já está em uma fase de saúde que ele tá precisando muito da minha ajuda, que já tá com problema de memória, né?! A gente conversa, vez ou outra, mas ele tá ficando mais distanciado dos problemas da sociedade, né?! [...] Mas, ele não é muito de opinar não. Ele é muito calado, né?! Ele é mais de escutar.”*

3.2.2 REFLEXÃO SOBRE TRAIÇÃO E CIÚME

Elisabeth falou, mais de uma vez, nos encontros, sobre o seu movimento de ressignificação das traições dos ex-maridos, como principais motivadoras das separações. Nesse sentido, refletiu acerca da sua “contribuição” para as rupturas dos casamentos, tendo apresentado, inclusive uma hipótese. Nessa esteira, disse: *“Por que é que eu contribuía tanto pra que os maridos me traíssem, né?! Porque, que coincidência! [...] Não sei responder essa pergunta. Eu sei que no meu atual casamento eu não tenho ciúme. [...] Nos outros eu tinha. Por isso que quando eu sentia algum movimento dele em relação a alguma outra pessoa, uma outra mulher, eu me sentia desrespeitada. [...] Eu não falava, eu acho que eu nunca falava diretamente, né?! Porque também sempre as coisas são feitas nas sombras né?! [...] Pra você dizer que ele estava com outra pessoa, você tem que... [...] Eu desconfiava. [...] Não tinha prova, mas você sabia que era, né?! Pelos olhares... pela forma dos dois se tratarem... [...] E nunca, nem passou pela minha cabeça, eu ir falar com uma mulher que tivesse saído com ele. Porque eu acho que não tem nada a ver, a relação dele com a outra não tem nada a ver com a relação minha com ele.”*

Elisabeth continuou refletindo: *“Eu tenho uma hipótese em relação minha responsabilidade nisso tudo. É... no segundo e no terceiro casamentos, a casa era minha, o canto que a gente vivia era meu, eu que tinha construído, né?! [...] Então, será que isso não me dava um poder? [...] Será que não me dava um poder tipo assim, eu não admito, né?! Uma paquera, uma saída com alguém porque eu me entreguei inteira, né?! E eu não vou admitir esse tipo de coisa. [...] Talvez passe por aí. [...] Eu pensei nisso agora. [...] Talvez eu tenha exercido o meu feminismo radicalmente nessas separações, né?! Porque eu batalhei pra ser capaz de prover a minha vida, né?! Tenho meu canto, recebo você, né?! No meu ninho. Então, eu não vou admitir que você quebre as nossas regras.”*

3.2.3 PONDERAÇÕES SOBRE SER DESQUITADA OU SEPARADA

Elisabeth lembrou de experiências que vivenciou em que percebeu preconceito por parte de algumas pessoas em relação ao fato de ser uma mulher separada: *“Eu tinha me separado do meu primeiro marido e fui jantar na casa do meu irmão. Eu não sei se eram dois ou três casais junto com ele e a esposa e eu senti que eu era ameaça para os casais. Ele fazia parte de... como é? A igreja católica tem um trabalho encontro de casais com Cristo, né?! E ele fazia parte desses encontros. E eu percebi que eu era uma ameaça para os casais porque era uma mulher livre. [...] Pronto, quando eu... eu já ouvi depoimento no consultório de mulher separada que começa a se relacionar com homem que nunca foi casado e enfrenta a resistência da família dele. [...] E eu, no segundo casamento, ali eu era separada e era mais velha do que ele. E no terceiro também.”*

Acrescentou que percebia que era comum, quando se aproximava de alguns homens, nas relações sociais, de um modo geral, esses apresentavam certo oportunismo, desrespeito quando se envolviam com mulheres separadas: *“Alguns você percebe certo oportunismo, assim, essa facilidade, né?! É como se... é... sair com uma mulher separada não implica em compromissos de continuar. [...] E isso é difícil de você discutir, porque o outro, que tem um preconceito, não vai reconhecer que tem. [...] Então, percebendo isso, eu me afastava.”*

E ela continuou fazendo algumas ponderações quanto ao que considera, a partir de suas experiências e observações, ser uma mulher desquitada ou separada: *“Engraçado, me dá a impressão de que o termo desquitada tinha um ‘quê’ de pejorativo, de negativismo, sabe?! Eu tenho a impressão de que tinha um peso disso na sociedade. [...] ‘Fulana é desquitada.’ [...] Eu me lembro aquela história de ser olhada com outros olhos porque eu era uma pessoa separada. [...] Eu me sentia assim. [...] Era diferente de uma mulher solteira. Uma mulher solteira não era igual a uma mulher desquitada ou separada. [...] O termo desquitada me leva pra um passado mais antigo aonde o preconceito era pior. [...] E pelo que eu escuto, pelo que eu escuto no consultório eu acho que muita mulher não separava por não ter coragem de enfrentar a sociedade como mulher sozinha, separada. [...] Das mães das clientes que eu atendo, sabe?! Muita gente deixou de se separar, porque não tinha coragem de enfrentar a sociedade como mulher separada. [...] É... a sociedade ainda faz uma marcação, uma diferença, entre quem é solteiro e quem é separado, porque eu nunca mais vou poder botar em documento nenhum que eu sou solteira. [...] Eu não posso mais, ou eu sou divorciada ou sou casada, mas nunca mais na minha vida eu vou poder ser solteira. [...] Porque o jurídico não permite isso. [...] É uma*

injustiça, né?! [...] Por que é que não pode ser? [...] Por que é que a gente não pode voltar pra certidão de nascimento?''.

Figura 3 - Montagem III com gravuras de Amedeo Clemente Modigliani



Fonte: A Autora (2019).

4 MARIA: ENTRE A FORÇA E O SOFRIMENTO

“Porque eu precisava de alguém que me valorizasse, né?! Que tivesse comigo. Eu gostava de ser elogiada, de ser acompanhada, de ter companhia pra conversar, pra discutir os assuntos, tudo isso era importante pra mim. [...] E digamos que o sexo era até talvez uma... não sei, podia até estar palmo a palmo com essas ideias minhas de companhia, existia também uma necessidade sexual, que é normal, né?!”

Neste capítulo será relatada a história de vida de Maria, cuja principal marca na sua narrativa é a ambiguidade entre ser uma mulher forte e, também, sofrida com o dilema entre a impossibilidade de ter se mantido casada com o ex-marido e de ser mãe. Mas, ela vai estudar, se capacitar, trabalhar e lutar no intento de tentar superar esse impasse.

O capítulo foi organizado em três partes: na primeira parte, serão abordados os contextos de subjetivação, que auxiliam na compreensão de Maria a partir de quatro contextos que se revelaram de modo mais significativo na sua narrativa, quais sejam: a família de origem, a família em sua configuração atual e o seu posicionamento político.

Na segunda parte, tendo como pano de fundo os referidos contextos, será discorrido sobre o curso de vida sexual de Maria até o momento anterior ao casamento. E, na terceira parte, serão focalizados os seus relacionamentos afetivo-conjugais e as separações, culminando no relacionamento atual. Diante disso, prossigamos com Maria:

Maria tem 73 anos de idade, nasceu e mora em Recife e se autodeclara como branca. Ela é a sexta de uma prole de sete filhos, sendo três homens e quatro mulheres. Disse que seus três irmãos faleceram, que sua irmã mais velha, com 87 anos mora no Rio de Janeiro e que as duas outras moram em Recife, sendo que a mais nova, com 69 anos mora mais próximo a sua casa e a outra, 85 anos, reside em um bairro mais distante. Afirmou que se relaciona bem com todas e que se comunicam com frequência. Referiu que é mais apegada e tem maior afinidade com a sua irmã que reside no Rio de Janeiro. Declarou que ela é viúva e que sempre vem visitar a filha e os demais familiares que moram em Recife. Seu pai faleceu em 1987 e sua mãe 1997. Disse que eles sempre viveram juntos e que sua mãe não manteve outro relacionamento, após a viuvez.

Acrescentou que nenhum dos seus irmãos e irmãs fizeram curso universitário. Informou que seus irmãos fizeram cursos técnicos nos Estados Unidos, um deles na área de agropecuária e dois deles na de química. E, quanto às irmãs, disse: *“as duas mais velhas fizeram só ginásio na época [hoje, ensino fundamental], né?! Agora a outra, que é mais nova do que eu, fez pedagógico [magistério/ensino médio], como eu fiz também.”*

Dando continuidade aos estudos, referiu que, depois de separada do primeiro relacionamento, entrou na universidade: *“Fiz meu vestibular e fiz biblioteconomia e, aí, me formei, aí comecei a trabalhar como bibliotecária. Isso aí foi em 78. Aí, em 79 eu já tava contratada pelo estado, né?! Eu sempre fui funcionária pública, né?! Naquela época, era mais fácil de se contratar sem concurso, aí me contrataram. [...] Depois é que... acho que... não sei o ano, eu fiz outro curso universitário... ah, foi em 87, eu fiz ciências sociais. Aí fiz, depois, um curso de pós-graduação [especialização] em desenvolvimento urbano e rural. [...] Eu gostava de estudar. [...] Sempre estudei muito. Agora não quero nem saber mais de nada, já passei. [...] Eu primeiro tive vontade de fazer ciências sociais, fiquei com muita vontade de fazer, né?! E... Mas, aí, eu optei por biblioteconomia, que eu fiz, pra arranjar logo emprego, que eu sabia que eu ia conseguir mais rapidamente do que ciências sociais. Você vai ser professor, você vai ser pesquisador... eu fiz depois, né?!”*

Atualmente Maria reside sozinha, em imóvel próprio, e se encontra aposentada do serviço público estadual de Pernambuco, onde atuou como bibliotecária e como socióloga em projetos na área de planejamento urbano e rural, sendo a sua renda mensal estimada em sete salários mínimos (valor do salário mínimo à época das entrevistas: R\$937,00), estando incluso nesse montante, o valor referente ao aluguel de dois imóveis.

Sobre religião, Maria referiu ser católica, que frequenta a missa todos os domingos e que não participa de qualquer outra atividade da igreja, além de ir à missa. Disse que seu atual companheiro não tem religião. *“Ele vai comigo. Ele não fica na missa não, ele me deixa lá e vem me buscar depois.”*

Maria está juridicamente separada do primeiro casamento, separação consensual, segundo ela: *“Separação consensual, que eu nem gosto, eu acho uma coisa arcaica, sei lá, eu preferiria se fosse divórcio, divorciada, mas eu nunca cuidei disso, deixei pra lá. [...] Qualquer documento que eu preencho, algum formulário, quando tem aquele local que bota estado civil eu coloco separação consensual, mas não coloco desquitada porque parece que não se usa em termos, assim, formais, se usa esse termo, separação consensual.”*

Afirmou que se relaciona, há 18 anos, com um companheiro, sendo essa a sua terceira relação conjugal, após a separação.

Referiu que tem quatro filhos, todos da primeira união, sendo três homens e uma mulher, com, respectivamente, 53, 52, 51 e 46 anos de idade. Disse que tem nove netos, sendo, dois filhos do seu primeiro filho, que é casado; três do seu segundo filho, o qual é solteiro; e três do seu terceiro filho, que, também, é casado. E, ainda, dois bisnetos. Ressaltou que, de modo geral, se relaciona bem com todos.

Em relação à formação acadêmico-profissional e vida laboral dos filhos, relatou: “O mais velho fez administração, formou-se e hoje em dia ele trabalha, no cargo dele, de administração, também, trabalhando no governo [do Estado de Pernambuco]. [...] Agora, o segundo é ele, que não trabalha. [...] Ele não tem formação. Porque ele passou no vestibular de economia, que não é fácil, na Universidade Federal [de Pernambuco], e abandonou [...] perdeu por falta, não ia, não dava as bolas e queria trocar de curso. Eu fiz tudo pra tentar trocar, mas não consegui, ele disse que não gostava de economia, queria administração, mas não consegui. [...] O terceiro trabalha em uma empresa. [...] Não tem formação superior. Não tem porque ele casou cedo... [...] Fez só o científico [hoje, ensino médio]. Fez o vestibular também, ele começou a fazer a faculdade de biologia e, também, deixou, porque a moça engravidou, aí, ele foi trabalhar pra sustentar a casa, né?! [...] Ele trabalha já há vinte anos nesse mesmo lugar. É uma empresa [...] em ciência contábil, né?! Só que ele não é contador, tem na prática, né?! E minha filha é psicóloga, já fez doutorado, né?! Tem mestrado e doutorado já. [...] Ela ensina numa universidade, de Recife. [...] Ela trabalha como professora e tem consultório, né?!”.

4.1 CONTEXTOS DE SUBJETIVAÇÃO

4.1.1 MARIA FILHA

Maria contou que os pais eram naturais de Recife, que conviveram durante mais de sessenta anos e que se relacionavam muito bem. “Meu pai nunca chegou com caso, esses casos que se vê por aí, nunca [referindo-se a relações extraconjugais]. Graças a Deus. Era um homem íntegro. [...] Eu nunca soube, nem foi. Passaram sessenta e tantos anos de casados e eram super unidos, pra onde um ia o outro ia também, eram muito felizes.”.

Relatou que a sua mãe não exercia atividade remunerada. “Mamãe nunca trabalhou, era doméstica mesmo.”. E que seu pai era comerciante. “Papai, ele comercializava, era comerciante. [...] Na área agrícola. [...] Com açúcar, arame farpado e adubo, essas coisas. [...] Ele sempre foi de vender coisa assim [...] tinha escritório, um escritório de representações e de exportações. [...] Aí, tinha depósito porque aquele material ficava depositado lá e exportava pra fora. [...] Ele fazia exportação pra Londres, quando ele trabalhava no comércio mais ativo, ele exportava.”.

Em relação à escolaridade, disse que sua mãe: “Eu acho que deve ter feito só o... aquele curso ginásial [hoje, ensino fundamental], né?! Eu acho que o comecinho do ginásial, que hoje

é quarto ano, ou terceiro, sei lá, não sei. [...] Fez esse curso ginásial, só. Fez nada não, fez nada... Nem as irmãs fizeram também, as mais velhas.”

E que seu pai: *“Papai foi... também não fez curso universitário não, mas Papai fez um curso de contabilidade. [...] Foi, técnico em contabilidade. [...] Estudou fora [...] foi na Inglaterra [...] estudou lá, ele passou uns três anos em Londres. [...] Eu não sei como é isso aí lá, porque lá é outra coisa, né?! Diferente daqui. Eu sei que ele fez contábeis, ciências contábeis. [...] Ele falava inglês fluente. [...] Total. E era louco pela Inglaterra. Ainda bem que ele não tá vendo essas coisas de hoje, né!? Se ele visse isso aí ia ficar muito triste [referindo-se a atentados terroristas]. [...] Papai tinha mania, ele gostava muito da Inglaterra e queria que todo mundo estudasse lá. Todo mundo estudou inglês lá em casa, todas, todas as irmãs. [...] A gente tinha professora particular. Eu estudei, muito tempo, estudei muito tempo com uma professora de inglês. [...] Mamãe, não [risos]. Era doméstica total! [...] Eu arranho [referindo-se a falar inglês], né?! Eu não sei mais falar, porque inglês, qualquer língua, pra você falar muito bem, você tem que morar no lugar, ou falar todo dia com uma pessoa, fazer conversação... agora eu viajei pros Estados Unidos e lá eu falei, me virei muito bem. Fui com prima... foi cinco mulheres, foi muito boa essa viagem da gente, a gente foi pra Nova York e também Canadá. Quer dizer, Estados Unidos e Canadá, né?! [...] Faz muito tempo. [...] Eu tinha 50 anos já, mais de 50, cinquenta e alguma coisa.”*

Acrescentou que, a despeito da admiração que seu pai tinha pela Inglaterra, ele não expressava fazer planos para que os filhos fossem para aquele país. Segundo disse: *“Não. Ele só queria mesmo, assim, ele me levou, eu conheci quando eu era... antes de casar, entendeu? A gente foi. Eu tinha 18 anos. [...] Fomos Papai, Mamãe, eu e uma prima, entendeu? Essa minha prima, ela também tinha 18 anos. Ela ficou interna num colégio lá, mas ela quis passar um ano no colégio pra aprender inglês melhor. E, aí, a gente foi conhecer o... somente as capitais, né?! Conheceu Londres, conheceu Paris, conheceu Roma e conheceu Lisboa. Aí, foi um mês praticamente de viagem, porque Papai demorou mais lá em Londres. [...] Queria rever os antigos amigos, não sei o que... Demorou quinze dias lá. Já pensou!? [risos].”*

Maria lembrou que seus três irmãos foram estudar nos Estados Unidos, tendo permanecido naquele país durante, aproximadamente, dois anos. E acrescentou: *“Tinha um tio meu, que era irmão de Papai, que tava lá, mas na época do meu terceiro irmão. Na época dos outros mais velhos não tinha ninguém, mas na época do meu irmão mais novo, que é o que é seis anos mais velho do que eu, esse tinha um tio meu que morava lá. [...] Meu pai mandou eles [referindo-se aos irmãos] pra lá, eu acho que era coisa da época mesmo, não é?! Que muitas pessoas daqui iam mesmo, estudar, mas... [...] Tinha esse meu tio [...] ele morou lá, ele comprou*

uma fazenda lá e morou, passou muito tempo lá. [...] Com filho e tudo, a família toda, foi todo mundo. [...] Eu só me lembro desse meu tio, agora eu sei que muita gente, aqui de Recife foi, né?! Quem podia ia. [...] Eu não tive vontade de ir não, muito não. [...] Eu tive muita vontade de ir pra o colégio no Rio e minha irmã mais velha morava lá... mas não deu, né?!”

Quanto ao relacionamento com os seus pais, Maria ressaltou: *“Meus pais eram pessoas muito boas, assim, muito do bem. [...] Meu pai e minha mãe eram as pessoas mais maravilhosas que eu já conheci em toda a minha vida. [...] O relacionamento com meu pai era bom. [...] Ele não era tão presente como minha mãe, né?! Porque meu pai trabalhava muito, mas era uma pessoa maravilhosa, e depois eu morei com eles, depois de separada, fui morar lá, com menino e tudo, por um certo tempo. [...] Meu pai era muito presente, muito preocupado. Uma vez, ele disse a minha irmã mais nova, ele disse assim: ‘Olhe, eu só não queria morrer...’. Ele tava bem malzinho já, ele não morreu muito tarde não, muito velho não, ele morreu com 83 anos, não é tão velho assim. Minha mãe morreu com 93, morreu dez anos depois dele. Ele dizia: ‘Eu só não queria morrer pra não deixar’, me deixar, a mim e a Mamãe, ele dizia. Era só o que se prendia à vida, ele tava achando. Ele ficava preocupado de deixar, que ele sabia que... que ele resolvia tudo meu, entendeu? Pra tirar o CPF [referindo-se ao documento], ele me levou pra tirar, chamava um menino, um sobrinho, um neto dele que era meu sobrinho. Aí, ele ia com esse menino: ‘Vamos lá, tirar o CPF dela’, não sei o que... [...] Minha mãe foi super presente, minha mãe tomou conta dos meus filhos, praticamente, pequenos, minha mãe ficava com eles. [...] Aí, minha mãe tomava conta, botava almoço... me ajudava. [...] Quando eu me mudei pra minha casa, ela ia assim... muito pouco, ia depois de idosa já. [...] Ela ia assim, por exemplo, pra ir pra missa, ela ia me buscar pra eu ir com ela, entendeu? [...] Ela ia, mas eu ia mais pra casa dela, porque eu morei com ela.”*

No que concerne às relações domésticas e familiares, de modo geral, Maria descreveu os seus pais assim: *“Ela era mandona, Mamãe era, entendeu? Mas, assim, em relação a nós [referindo-se aos filhos], à empregada, à casa, aí, ela era forte. Mas, com Papai não. Papai, aí, ela ficava quieta. Papai era que dava a ordem final. Agora, tinha uma coisa, tudo ela contava a Papai, tudo, não escapava nada [risos]. Se você pedisse: ‘Mamãe, não conte não, pra não ter problema.’ Ela, pá! Contava, entendeu? Eles eram assim, a corda e a caçamba, entendeu? Eram, os dois. [...] Meu pai não incentivava estudar. De jeito nenhum! Não incentivava, minha mãe é que incentivava, minha mãe é que era... assim... foi graças a ela, foi, tudo eu devo a ela, ir pro colégio... entendeu? [...] Com minhas irmãs, era também, a mesma coisa. Era. Era meio assim, Papai era meio patriarca, assim, mais duro, assim, e muito tradicional. [...] Era machista, era, e muito tradicional, entendeu? E ficava meio... era, aquele*

sistema antigo, ele tinha isso. [...] Meio preocupado, que no colégio pudesse aprender outras coisas... a cabeça, né?! A cabeça de antigamente, não é?! [...] Ah! Eu, quando me separei, eu tive uns... eu tive uns entraves com ele problemáticos, que ele dizia que eu era rebelde, 'você é muito rebelde'. Porque eu discutia com ele e eu externava as minhas opiniões, não ia só pela cabeça dele, entendeu? Mas ele não gostava, ele queria o modelo dele ali, ele achava que eu não sabia de nada, né?! Que eu era, assim, uma menina boba e não tinha a vivência do mundo. Mas, eu tinha minhas ideias, então, eu queria fazer alguma coisa do meu jeito, essas coisas... [...] Eu tinha muita vontade de sair da casa dele. Porque era um cabresto danado, né?! Eu não podia... sete horas da noite fechava o portão da casa [risos]. [...] Eu não podia ter um namorado de maneira... eu separada? Desquitada? Jamais podia ter namorado. Mas eu tinha esse namorado meu [referindo-se ao primeiro namorado após a separação], mas assim, era escondido, não era assim abertamente. [...] Mamãe não, Mamãe era mais aberta, era mais flexível com essas coisas. [...] Ela aceitava e até estimulava, assim, eu acho que sim. Eu acho que dizia que eu era jovem, que devia arranjar um namorado. [...] Mas sabia que enfrentar Papai era complicado. [...] Eu já não me lembro, assim, como era a reação dela quando tinha meus embates com Papai, eu não me lembro. Eu não sei se ela ficava presente, ficava escutando aquilo, não sei. [...] Eles eram super bem casados. Passaram sessenta e tantos anos juntos. [...] Algumas vezes, devia ter alguma divergência de opinião, né?! [...] Era, assim, uma coisa ou outra, uma coisa caseira, assim... [...] Porque Mamãe, também, tinha a vontade dela, né?! Não podia ser marionete só. [...] Olhe, às vezes, ela também externava as ideias, né?! [...] Podia ser até que eu tenha me espelhado um pouco nela, né?! Nessa coragem que ela tinha de externar as ideias. É verdade.”.

4.1.2 INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Concernente a sua infância, Maria disse: *“Foi normal. Não teve nenhum problema assim... Assim, eu era gordinha, né?! Eu era bem gorda, aí tinha um pouquinho de bullying assim, mas era pouco, não era muito de... uma vez, assim, eu vi que as meninas riram que eu era gorda, eu senti, sabe?! Mas, aí eu já tinha... acho que perto... eu tinha 11 anos já nessa época, aí, eu comecei a fazer dieta... mas foi uma infância tranquila. [...] Eu emagreci. [...] Na adolescência e na vida adulta eu fiquei magra. Hoje em dia, o pessoal não acha que eu era gorda, mas eu era. Mas era, assim, normal. [...] Ah, eu adorava minha avó materna, ia muito. Paterna eu nem conheci, eu me lembro dela de longe assim, mas ela morreu eu acho que eu tinha 4 anos, assim, tenho uma vaga lembrança dela, de preto, mas não me lembro de nada*

não. Mas minha avó, eu gostava de ir lá, brincar, eu era muito, assim, quietinha, de brincar de boneca no chão, sentada assim. [...] Eu sempre fui tímida. Eu nunca fui desinibida, assim, não. Fui mais pra tímida mesmo. [...] Mais na minha. No colégio mesmo eu era calada. Eu sei que tinha as meninas que falavam na aula, eu não falava, ficava prestando atenção. Eu nunca fui considerada, assim, mal comportada, entendeu?”.

“Eu não brincava com meus irmãos e irmãs. Acho que por conta das idades. Brincava mais com a minha irmã que era mais nova quatro anos do que eu, né?! [...] Ela, assim, pequena eu brincava mais com ela, mas nem era tanto porque ela assim, quatro anos, já é uma diferença... não era muito boa, né?! A gente brincou um pouquinho, mas brincava mais com as primas, né?! [...] Que as minhas outras irmãs eram mais velhas do que eu doze anos, a outra quinze, aí... já eram adolescentes quando eu nasci. [...] Teve um irmão meu, o segundo, ele já faleceu. Quem fez o álbum de bebê foi ele que fez, o meu [risos]. Tenho muito pai, né?! Foi ele quem fez, aí outro dia eu achei aí esse álbum de bebê todo escrito com a letra dele, ele tinha uma letra bonita. [...] Era porque antigamente não tomava pílula, né?! Tinha um negócio de tabela, né?! Aí, eu acho que as tabelas deram errado. Devia ser. [...] Ela teve quatro filhos seguidos, diferença de dois anos de um pra o outro, sendo que do primeiro pra o segundo foi diferença de um ano só. Depois teve dois depois dois. Aí, depois passou, depois da quarta pro quinto foram seis anos. E depois, do quinto pra sexta, a sexta sou eu, seis anos também. E de mim pra minha irmã, quatro anos. Ela espaçou um bocadinho, né?!”.

“Carência, eu sempre tive muita carência afetiva, né?! Demais. Porque, eu não sei, eu acho que até porque eu era caçula até um certo tempo, aí, depois minha irmã nasce, aí, as atenções se voltam, né?! Isso é muito natural, né?! [...] Porque eu era, assim, a caçulinha, que minha irmã é mais nova do que eu quatro anos, quando ela nasceu a outra já fica mais pra lá, né?! As atenções voltam-se pra neném, né?! Então, não sei... eu tô... isso aí é uma coisa que eu nem sei se é verdade, se não é, eu tô só assim, jogando, achando que pode ser, não é... [...] que é uma coisa que existe, né?! Que a carência afetiva começa desde a infância, né?!”.

Quanto aos familiares em geral, disse: “A gente se frequentava mais de que hoje, porque hoje a gente cada um tá nos trabalhos... [...] Não morávamos próximos, no mesmo bairro, mas era sempre tinha aniversário, tinha essas coisas, tinha fim de semana que iam almoçar e tal. [...] Minha avó, também, não morava perto, mas Mamãe ia muito lá, eu ia com ela. E eu tinha um dia, o dia de quinta-feira, eu me lembro, toda quinta-feira eu passava o dia lá, eu adorava ir pra casa dela, gostava, ela era boazinha. [...] Meu avô eu conheci muito pouco, ele morreu logo, aí eu conheci muito pouco, não lembro não.”.

Nessa esteira, Maria continuou: *“Eu considero que a minha infância e adolescência foram boas, só não foi melhor porque eu conheci ele [referindo-se ao ex-marido] muito cedo, né?! Aí não foi tão tranquila. [...] Porque eu tinha 12 anos, aí já começou já, complicado... [...] Ele era muito mulherengo, né?! Aí, uma menina nova, que tá começando a se relacionar, fui logo me impactando com essas histórias, né?! [...] Inclusive a família do meu tio, que eu conheci lá, elas me contavam: ‘Olhe, ele tem caso até com a empregada da casa.’, e tinha mesmo, entendeu? Em uma casa de junto. Ele namorava com uma mocinha lá, quer dizer, namorava comigo, né?! Mas tinha caso com essa moça, ficava até altas horas lá batendo papo no portão. Eu também não sei o que era, o detalhe do que era, mas era um... isso aí foi ruim porque isso aí foi praticamente na minha adolescência, né?! Minha adolescência todinha foi isso. [...] Meu pai queria que eu acabasse, mas aí... e foi acabado, perto do... foi uma coisa assim muito chocante porque hoje em dia, meu Deus do céu, se eu pudesse ter pulado, aí meus filhos fazem: ‘Mamãe, assim eu não tinha nascido.’, ficam brincando. Porque assim, faltando assim uns 15 dias pro casamento acontecer ele teve uma depressão muito grande, entendeu? Teve uma depressão enorme. E aí ele, mas acabou, a gente acabou, eu achei melhor, digo: ‘Não, é, pra não dar errado é melhor a gente acabar.’. Não sei se era 15, se foi 3 semanas, talvez, eu acho que foi umas 3 semanas, aí foi acabado mesmo. Mas aí por azar, né?! [risos] eu digo logo por azar. A cunhada dele se meteu, aí começou ‘não, faça isso não, volta’, aí eu era muito bestinha. [...] Gostava dele, infelizmente, eu gostava. Se eu não gostasse eu não tinha feito essa besteira, não tinha feito, de ter casado com ele. Eu gostava, e eu achava que eu não ia gostar mais de ninguém, imagine, que ingenuidade, imaturidade, ingenuidade, todas “ade” que você quiser botar aí. [...] Eu não sei dizer o que chamava atenção nele, sei lá... eu gostei, pronto, gostei, não tinha nada especial, mas... Aí, tinha uma tia minha que dizia: ‘Mas ele é tão feio. Como é que ela gosta desse homem tão feio?’. Mas, eu achava bonito, nem era feio nem era bonito, eu não sei [risos]. Eu gostei, eu gostava, era boba mesmo, eu era imatura, besta, boba.”.*

4.1.3 MARIA MÃE

Quanto ao relacionamento com os filhos, Maria relatou: *“Eu me acho mais ou menos carinhosa com meus filhos. Eu não sou muito de dar assim abraço, beijo não, mas eu sou carinhosa. Mas, gosto muito deles, adoro. Eu acho que, não sei, ficar sem meus filhos, pra mim, é a pior coisa que tem na face da Terra. Eu sinto saudade, falta, que, às vezes, demora pra a gente se encontrar. Porque, né... agora cada um tem suas vidas, né?! É difícil se encontrar assim. [...] Eu sempre valorizei muito isso, encontrar com meus filhos. Ah, demais. Adoro meus*

filhos, adoro. Até esse meu companheiro atual diz que é uma coisa extraordinária essa amizade que eu tenho pelos filhos, que é exagerado. Eu acho que ele tem um pouco de ciúme, sabe?! Eu sinto, que ele sempre fala: ‘Mas, esse relacionamento seu com seus filhos é uma coisa impressionante.’ E não é não, é normal. Qual é a mãe que não adora os filhos? Que não quer ver os filhos felizes? Eu sou ligada nos filhos, sou, muito ligada. [...] Meus filhos são bonzinhos, muito legais, todos eles. Eu sou uma mãe coruja [risos], porque eles são muito bons.”

“Eu moro só. Desde a época que eu me separei e me desquitei eu primeiro morei com um filho, morei com dois, porque os outros... no início morei com os quatro, né?! [...] mas depois dois dos quatro casaram, aí ficaram dois, um rapaz que ainda hoje é solteiro, ele morou comigo um tempo, hoje em dia ele mora só, na casa dele. E a minha filha, também, que depois ela foi, casou né?! Também saiu de casa, então eu fiquei só e hoje tô só ainda, continuo só. [...] Eu tô morando aqui neste apartamento há 17 anos. Eu morava numa casa.”

“Porque isso aqui foi um apartamento que meu pai me deu em outro lugar e eu vendi e comprei aqui, meu filho mais velho me ajudou a comprar esse apartamento.”

“Eu vendi a casa que morava antes, quando eu saí da casa dos meus pais. Troquei por quatro apartamentos na área construída, no prédio construído no mesmo local onde era a casa. [...] Eu vendi um porque eu precisava pra pagar dívidas, né?! Então, eu fiquei com três. Aí, atualmente, um eu não recebo aluguel, porque um dos meus filhos, o terceiro, mora e ele não me paga, né?! Mas, se eu precisar de qualquer coisa, ele ajuda a pagar. Por exemplo, agora os alugueis caíram, tá tudo ruim, você sabe, a gente tá numa crise financeira terrível [...]. Eu sou aposentada e pago um plano de saúde que é descontado da folha, então, eu tô recebendo muito pouco. [...] O plano de saúde é caro. E a gratificação que eu recebia, perde depois de aposentada. [...] Aí, complicou-se a história, hoje em dia tá bem complicado.”

Referente ao primeiro filho, com 53 anos de idade, disse: “Meu primeiro filho é bom. Agora, pra dizer que não é machista, eu não vou mentir, é, principalmente esse mais velho. [...] Hoje ele tá muito melhor, que, antigamente, ele não aceitava a filha dele namorar, hoje em dia a menina namora e dorme na casa do namorado e tudo, ele tá aceitando. Quer dizer, eu acho que ele já ultrapassou muito os limites, porque ele era pior, eu acho que com o tempo... o mundo vai evoluindo, as pessoas vão mudando as cabeças, né?! Eu acho que ele tá muito melhorado, sabe?! [...] Ela tem 24 anos, a menina, né?! É formada em arquitetura, estudiosa, o trabalho que ela fez de conclusão de curso foi escolhido como o melhor da universidade [...] pra competir com os outros, do Brasil inteiro, né?! [...] Quer dizer, ela é uma menina que só dá prazer aos pais, né?!”

Em relação ao seu segundo filho, que tem 52 anos, contou: “*E eu ainda pago o plano de saúde de um filho meu, o segundo, que ele é desempregado, esse que é solteiro e mora só. Eu, aliás, eu sustento ele de tudo. Hoje mesmo fui fazer as minhas compras e as compras dele. [...] E eu, ainda, pago uma pensão da filha dele, que ele tem uma filha já mocinha, mas que ela não trabalha também, e ele ainda tá com esse problema [referindo-se à pensão alimentícia para a filha], eu tô tentando acabar, sabe?! Com isso. [...] Ele tá, há muito tempo, desempregado e ele é muito complicado. Agora, acho que, não sei, pra conseguir emprego tá muito difícil.*”.

Maria expressou quão cansativo e desgastante tem sido assumir as responsabilidades e os cuidados relativos a esse filho: “*E ele me solicita muito, sabe?! É uma coisa meio cansativa, porque tudo dele é comigo. Aí, é compra de remédio, compra de comida, tudo, meio difícil. [...] Ele já fez tratamento psiquiátrico, mas agora não tá fazendo não. Mas toma remédios, né?! Toma remédio controlado... [...] Ele tem um diagnóstico de... sei não. Eu sei que ele tem. Ele fez até um laudo com uma psicóloga que atendeu ele, mas eu não cheguei a ler, ela botou muito termo...é uma pessoa que tem algum problema psicológico, né?! [...] Porque esse laudo é pra tentar ele não continuar pagando essa pensão da menina, porque quem paga sou eu. Aí, como tá a coisa muito difícil. [...] Eu não vou deixar de pagar uma coisa a ela, porque ela, também, toma esse remédio controlado e tudo, eu tenho que ficar pagando, mas eu não quero processo [referindo-se a processo judicial], tá entendendo? [...] Ela é também uma pessoa... não é muito fácil não. Então, veja, já que tem que pagar alguma coisa, paga o que você pode, mas você ficar limitada naquele processo de pensão alimentícia o valor é alto e eu não consigo pagar, tá entendendo? [...] Na atual conjuntura da minha economia, tá muito difícil, difícilíssimo. [...] Ele fez o laudo, eu entreguei ao advogado, o advogado é um sobrinho meu, eu tenho que fazer assim porque é uma pessoa que eu não pago honorário, que eu não posso [risos] [...] Então, ele tá vendo, ele vai entrar com uma, eu até preciso conversar isso com ela [com a neta], pra não ter surpresa, né?! Mas, não deu entrada ainda não, tá em processo pra dar entrada. É hipossuficiência, alguma coisa assim [...] que quer dizer que ele não pode pagar a pensão, né?! [...] Eu tenho uma nora, a minha nora do meu filho mais velho sempre me diz isso: ‘Aposenta ele pelo INSS... [Instituto Nacional do Seguro Social]’. Eu vou ver se meu sobrinho faz isso.*”.

“*Ele vem toda semana aqui, porque eu faço a comida dele aqui toda... eu até fazia eu mesma, agora eu não tô aguentando, tô chamando uma pessoa pra fazer, porque é muito trabalhoso, é comida pra semana inteira. [...] Vai congelado. [...] Pra mim é ruim, porque eu tenho que pagar, né?! Mais uma despesa, mas eu não aguento, fico cansada. [...] Agora, quem me ajuda muito, é a minha irmã, que é mais velha do que eu doze anos. Essa daí, todo mês ela dá um dinheiro pra esse meu filho, entendeu? Pra ajudar ele.*”.

Em relação ao terceiro filho, o qual tem 51 anos de idade, disse: *“O meu terceiro filho tem três filhos, tem uma menina, essa já é mãe, tem dois filhos, acho que ela deve ter 25 anos; tem um rapaz mais velho, que deve ter 26 ou é 27, eu não sei; e tem uma menina de 15. [...] Ele não terminou, não formou-se. Ele começou a fazer biologia até, mas acontece que ele... a moça engravidou, não essa mulher dele atual, né?! Porque ele já casou umas três ou quatro vezes, nem sei. Mas, ele teve que trabalhar, porque ela ficou grávida, ele tem um filho já de 27 anos, o filho mais velho, né?! Aí, ele foi ter que trabalhar, não pôde mais estudar, deixou o curso universitário, que ele gostava, mas não acabou.. Mas, trabalha numa empresa, ele trabalhou em vários lugares, agora tá numa empresa há mais de vinte anos. Sempre no setor de contabilidade, porque ele tem uma experiência muito grande nisso. [...] Ele é sensível, bem mais que os outros, ele é um menino ótimo, maravilhoso.”*

E quanto à quarta filha, que tem 46 anos, referiu: *“A quarta é uma menina. Ela não tem filhos. É solteira ela. É a única que não tem filhos. [...] Mora só, na casa dela, né?! Morou comigo, também, mas agora mora só. [...] Ela não casou mesmo, assim, de papel passado, não. Ela viveu com uma pessoa divorciada e agora separaram.”*

4.1.4 VIDA SOCIAL

No que tange à sua vida social, Maria declarou: *“De um modo geral, minha vida social é muito simples, viu?! É muito caseira. [...] Eu tenho amizade, assim, com as primas, né?! [...] Eu gosto muito delas porque elas são da mesma idade minha, todas elas, as que eu tenho relacionamento, tem umas que são um pouquinho mais velhas, mas... a gente, às vezes, se encontra. Não é, assim, religiosamente toda semana não. É, assim, de três em três meses, a gente se encontra. Aniversários, né?! [...] São primas paternas. Do lado materno não me dou com ninguém, já pensou? Do lado materno ‘oi, tudo bem?’, quando se vê, conversa assim, mas não tem amizade. Agora, com as do lado paterno eu tenho amizade, tenho amizade com três, quatro, por aí.”*

“Tem, também, amigas minhas do trabalho, a gente não se vê toda hora, mas se fala muito por telefone, pelo ‘zap zap’ [risos] [referindo-se ao Whatsapp], que a gente fica passando mensagem, Facebook. Essas coisas eu faço, isso eu gosto, porque eu acho que me distrai. Mando uma mensagem, aí, o pessoal curte, eu me distraio com isso, entendeu? [...] Agora, eu fico com vontade de fazer, chamar pra um lanche, mas tudo com problema financeiro complica, né?! A barreira [risos]. [...] Mas, assim, até que eu faço, às vezes, já fiz várias vezes, chamo pra almoçar, as meninas vêm, eu vou chamar. Próximo mês, que é meu aniversário elas vêm,

mas não pra comemorar aniversário, é porque faz um ano que elas vieram. Aí, a gente faz qualquer dia, não tem dia marcado não, entendeu? As que eu trabalhei, na mesma sala, que ficaram amigas. Que são pessoas que você trabalhou tantos anos juntas que a gente gosta, né?! É isso.”.

“De manhã, eu faço uma academia de ginástica, que é uma coisa importante, porque saúde, né?! [...] Eu sou saudável, faço sempre os exames periódicos. [...] Eu tenho uma amizade lá na academia... já tive até mais, mas teve gente que saiu, mas eu continuo, fiquei amiga no Facebook dessa pessoa [...] É aqui perto, eu vou a pé. Eu só ando a pé agora [...] porque eu não tenho mais carro, tudo meu é a pé. Eu vou andando numa boa, ontem mesmo eu fui resolver umas coisas, cheguei em casa seis horas, já foi escuro, eu não aconselho ninguém a fazer isso não, porque eu sou meio doida, às vezes. Porque já tá escuro e você sabe como tá de assalto, eu não levo celular, né?! Aí, eu vou, boto, assim, uma bolsinha dentro da calça, vou com sapato tênis, calça jeans, né?! Sapato tênis porque é melhor pra andar, e boto cartão e dinheiro aqui no bolso. Aí, eu fui comprar umas coisas [...] e fui numa boa.”.

E quanto às relações de vizinhança, disse: “Tenho não. Eu só dou ‘bom dia’, ‘boa tarde’. Eu acho que é meu jeito de ser, eu sou assim. A não ser que tenha uma pessoa... já tive muita amizade, até com vizinha, de fazer amizade, mas em outra época, agora eu não tenho.”.

4.1.5 IDEIAS FEMINISTAS E SOCIALISMO – POSICIONAMENTO POLÍTICO

Em relação às ideias e ao movimento feminista, declarou: “Sei que as mulheres têm direitos como os homens têm também, né?! É isso que eu penso... mas, assim, eu nunca participei de um movimento desses, não. [...] Mas as minhas ideias são feministas, claro, que eu acho que as mulheres têm direitos iguais, não têm nada que ficar subalternas como eu fui, né?! Eu fui totalmente subalterna por causa dele, ele me fez ficar assim. [...] Acho que não chega a eu ter esse título, assim, de feminista, mas eu sou mais pra esse lado, entendeu? Eu acho que eu sou mais. [...] Eu sempre, eu fui muito, assim, é... digamos... é... uma mulher muito... como é que eu diria? Sem valor, desvalorizada por ele, não valorizava, né?! [...] Ele [ex-marido] é muito machista, demais. Por isso, que eu achei que nos outros relacionamentos eu fui valorizada, então, isso daí ultrapassa qualquer expectativa, entendeu? [...] Eu acho que eu expressava minhas ideias feministas. [...] Eu não tô lembrada desses detalhes, sabe? Muito tempo. Mas eu acho que sim, eu acho que eu dizia sim. Eu dizia, eu também eu agredia, também, porque eu tava sendo agredida, ele gritava, ele, sabe... fazia enxerimento com empregada dentro de casa. [...] Se tinha uma engraçadinha, pronto, aí já viu. Uma vez eu vi ele olhando

pras unhas da empregada, pegando nas mãos, e era uma menina nova. Depois, eu fiquei procurando mais as pessoas mais velhas, mais feias [risos]. Porque ele ficou assim olhando pras unhas da empregada pra que? A partir dali já, né?! Ele era horrível. [...] Aí, eu tinha aquela raiva dele. [...] Eu cobrava ciúme e era dura, também, com ele, mas eu vou dizer porquê. Porque ele tinha que ter respeito, né?! Ele não tinha nenhum, né?! [...] Eu briguei porque eu me sentia... ninguém gosta de ser traído, né?! Porque né... brigava. [...] Aí, uma vez eu joguei um sapato nele. Outra vez, eu me lembro que eu joguei um copo nele, mas não bateu, porque ele fechou a porta, era pra bater, mas não bateu. [...] Foi, uma vez eu fiquei com raiva, né?! Ciúme mesmo, que é chato, né?! Porque você tem um marido, aí ficou de papo com a vizinha que era uma pessoa assim, só né, aí ele ficou batendo papo lá embaixo e eu vendo de lá de cima, era de primeiro andar a casa. Eu fiquei meio chateada, aí quando ele subiu eu reclamei, disse: 'Rapaz, é chato, essa mulher fica aí batendo esse papo com você.'. Aí, ele pegou e me deu um bocado de murro no braço, ele nunca bateu no meu rosto não, bateu uma vez assim, peteleco, mas foi uma coisa leve. [...] Mas, aí eu fiquei com o braço roxo, assim, um hematoma danado, e fiquei só botando manga pra não aparecer. Nunca... podia ter reclamado, negócio lá [referindo-se a denunciar], naquela época não tinha, né?! [...] Tinha delegacia, mas eu não tinha coragem porque eu sabia que ele ia revidar, eu tive medo. E eu não queria dizer ao meu pai, tinha pena de Papai e Mamãe, sabe?! Porque eles iam sofrer...”.

“Quando eu defendia as ideias feministas, essa coisa da igualdade, ele sempre fazia chacota e... e mangava, alguma coisa desse tipo, ficava desdenhando. [...] Os outros [referindo-se aos outros companheiros], nem precisou eu ficar falando, porque já eram pessoas diferentes, não tinha nada a ver. [...] As amigadas, nas conversas. Água para o vinho. Totalmente diferentes, não tinham nada a ver com nada, entendeu?”.

Ainda nessa esteira, Maria acrescentou: “Eu sempre tive ideias feministas, porque eu sempre fui diferente da minha família. Minha família era tudo, vamos dizer, politicamente, ninguém era socialista como eu, eu preferia sempre o lado socialista das coisas, elas não, era tudo tradicional, todos, eu sempre fui diferente. Aí, eu dizia assim: 'Eu sou a ovelha negra da família.' [risos], mas não [risos], eu tô dizendo assim brincando, né?! [...] Assim, seria a ovelha branca até, mas... Eu tô dizendo, assim, um caso, não sei o que é feminista e o que não é, mas assim, defendia as minhas ideias, como minha filha também é assim como eu, ela também é, ela tem as ideias dela e ninguém muda não, tá entendendo? Que na minha família todo mundo é mais, assim, tradicional, tudo de direita... é aquela coisa. Cada um é como é, né?! [...] Todos. Assim, é uma coisa assim unânime, não tem ninguém diferente. As únicas pessoas diferentes na família sou eu e a minha filha. [...] Eu acho eu fiz ciências sociais por isso, que essas ideias

feministas, socialistas influenciaram. [...] Aí, me aprofundei mais, eu gostei mais, só que eu nunca exerci nada, né?! [...] Eu tive acesso a literatura, ah, tudo, de Marx, tudo isso, porque tinha que ser, pra quem fazia o curso, né?! [...] Eu lia, eu gostava, tinha interesse.”

4.2 PERCURSO AFETIVO-SEXUAL

Quanto às suas experiências no âmbito afetivo-sexual, Maria contou:

4.2.1 PRIMEIRA PAQUERA

“Foi uma vez, eu me lembro, eu não sei a idade, talvez eu tinha, sei lá, 11, sei lá, era muito nova. Um rapaz, não sei a idade dele, não sei o nome, sei nada, o nome parece... eu acho que eu me lembro vagamente... mas assim, amigo do meu irmão, talvez, uma coisa assim, mas uma coisa vaga, entendeu? Mas não teve nada de contato não. [...] Foi uma paquera, houve a recíproca dele. Houve assim, mas é que eu era desenvolvida, eu era alta, grande, entendeu? Então... ele tinha mais idade, tá entendendo? [...] Mas, foi, assim, uma coisinha muito besta. É, porque eu era muito menina, né?! 11 anos, sei lá, ou 11 ou 12 mesmo, porque logo depois eu conheci ele, o que eu casei... namorei com ele com 13 anos, 12, 13, uma coisa assim, não me lembro bem exatamente, assim, pra fixar data, idade e tal, eu não sei, mas entre 12 e 13. [...] Mas foi isso, teve esse outro que eu falei a você. Foi uma coisinha tão assim, sem... até porque a gente não aprofundou namorar nem nada porque eu já tava, eu acho que eu já tava, assim, querendo namorar com meu ex marido [...]. Aí, ele fez assim: ‘Eita, aqui tem dente de coelho nessa história.’, eu me lembro dessa frasezinha que ele disse. Dente de coelho significa que tinha outra coisa, né?! Não aconteceu nada, não teve nada, assim mais sério.”

4.2.2 PAQUERA NO CARNAVAL

“E, também, tinha durante o... sempre no carnaval eu tinha uma paquera com um rapaz no corso [referindo-se à agremiação carnavalesca, em que se desfilava com fantasias, em carros abertos, jogando confetes, serpentinas e lança perfume], que naquela época tinha corso, aí... eu sei até o nome dele [...] ele tinha uns olhos verdes, tinha um jeep land rover, verde também, sabe?! Aí, ficou marcado, entendeu? Então, ele sempre botava o jeep dele atrás do nosso, no corso. Aí, eu menina, também, eu acho que até eu tinha essa idade, 12, 13 anos. Eu acho que

eu já tinha até namorado com esse meu marido, mas que a gente complicava muito, acabava, renovava, entendeu? [...] Porque sempre deu errado, né?! Eu não era nem pra ter casado [risos].[...] Era, acabava, aí depois, voltava, aí depois... tá entendendo? Mas, aí nesses intervalos, assim, eu tive esse... não era namoro, foi um paquera. Uma vez até a gente combinou pra se encontrar no cinema, mas ninguém foi pra esse filme, a gente não se encontrou. [...] Ficava só nos carnavais, que chamava antigamente de corso. E até depois eu vi esse rapaz que ficou um senhor. Eu me senti até a filha dele, que ele ficou tão envelhecido, sabe?! Ele não era nem tão mais velho do que eu, eu não sei porque eu não sei as idades, ele era mais velho, devia ser, assim, mais velho porque, à época, se eu tinha 12, ele dirigia já, devia ter uns 18 a 20, né?! [...] Era mais velho. Mas assim, com o cabelo todo branco, assim, conheço logo, quando a gente vê que tá muito idoso já. [...] Eu vi umas duas vezes essa criatura, mas sabe que os olhos não negam, né?! [...] Reconheci. Ele eu acho que não... não sei nem se ele me viu direito, me reconheceu, não sei, passei assim en passant, como se diz... ”.

4.2.3 NAMORADO

“Eu tive outro namorado, fora o meu marido, que era o irmão do namorado da minha prima, que já era um rapaz, assim, também, mais velho do que eu uns cinco, seis anos, sei lá, mas a gente namorou dois meses, entendeu? [...] A gente namorou durante o período que eu namorava com o que eu me casei, porque é como eu tô dizendo... acabava. Aí, eu namorei com ele durante uns dois meses e depois acabou também. E, também, ele morava no Rio [Rio de Janeiro], não morava aqui, foi-se embora e... namorico de... aí eu já era mais velha, devia ter uns 14 anos pra 15. [...] Eu saía com minha prima pra... a gente se encontrou. Parece que foi numa fazenda dela, que a gente foi passar fim de semana e ele tava lá, também. Aí, eu comecei a me entrosar com a paquera, terminou namorando dois meses... coisinha besta. [...] Namoro, que... você sabe o que é namoro. Namoro, não era namoro que como é hoje de ficante, não, que antigamente não tinha isso, né?! [...] A gente beijava, essas coisas normais, que todo mundo faz, né?! [risos] normal. [...] Meu pai e minha mãe eram muito rígidos. E eles nem gostavam desse rapaz, eles achavam que esse rapaz era esquisito, não sei o que... [...] Eu devia ter 14, ele devia ter 20 anos. [...] Ele não ia lá em casa. Não, de jeito nenhum. Namorava assim, no cinema... ou num clube, que essa minha prima... foi mais coisa de cinema mesmo... foi tão... uma coisinha tão leve, tão besta que a gente nunca foi assim na minha casa conversar no portão, essa coisa... que antigamente era assim, né?! Era no portão, né?!”.

4.2.4 NAMORO COM O PRIMEIRO MARIDO

“Papai era mais do rígido do que Mamãe, Mamãe era menos, né?! Mas, mesmo assim, eu sei que, quando eu comecei a namorar com esse meu marido, ela fez uma pressão forte. Ficou assim, braba mesmo. Que eu era nova, menina pequena, assim, novinha, 12 anos, sei lá, criança quase, né?! [risos] Ele morava em frente à casa do meu tio, aí começou a conversar ali na rua, essas coisas. Ele era mais velho do que eu oito anos. [...] Ele foi lá na minha casa, namorava no portão. [...] Depois de um certo tempo, aí que estabilizou mais, porque era como eu lhe disse, né?! Acabava, renovava, aí entregava foto... aquela coisa, né?! Aí renovava... [...] Entregava as fotos de volta, era. Que não queria foto mais, quando acabava. Pra você ver, a ingenuidade, né?! Aí vai... depois... presente, também devolvia, oh, que besteira, né?! Coisa infantil mesmo. Bom, aí depois, Mamãe já deixou: ‘Fique aqui no terraço, sente aqui’, depois... Eu noivei com 15 anos, basta dizer isso a você. Foi um período curto essa história de portão, depois entrou, pronto. Aí, quando eu tinha 15 anos, aí ele me deu uma aliança de compromisso e pediu, né?! Fez o pedido. Que eu faço aniversário em junho, aí, até ele me deu uma aliancinha daquelas de compromisso. Tudo uma doidice só. E, quando foi em dezembro, a gente noivou, nesse ano em dezembro. Exatamente. Eu tinha 15 anos. E ele tinha 23, né?! Que ele já era oito anos mais velho que eu. Mas a gente ainda passou três anos pra casar, que eu casei com 18 e ele com... 26.”

4.2.4.1 Namorava e acabava

“O motivo dessas intrigas, de acabar tanto esse namoro era ciúme, porque ele era muito mulherengo, sabe?! Demais. E ele... é porque eu acredito em destino, porque eu tinha que ter casado com ele, né?! Porque foi o destino. Sei lá, eu tô dizendo assim, não sei. [...] Mas era uma coincidência, porque eu via ele passar com outras criaturas na minha frente e... aí acabava e, depois de certo tempo renovava, era sempre assim. Uma vez teve um... essa foi a parte pior [risos], mais drástica, vamos dizer assim. No carnaval, eu me lembro que a gente fez... todo mundo fez uma fantasia de marinheiro, todo mundo. Aí eu já devia ter uns 16, por aí, uns 16, não sei dizer, 17, sei lá, acho que 16. Aí, todo mundo, no carnaval do clube até. Aí, minha irmã mais velha tava aqui com o marido dela e não sei mais quem, sei lá, a família assim, as irmãs, tudo fantasiado de marinheiro e ele foi também com a roupa de marinheiro e eu fui também. Aí, de repente, a gente tava todo mundo lá, né?! Aí, ele disse assim: ‘Olhe, eu vou no banheiro, viu? Daqui a pouco eu chego.’. Aí, desapareceu. No clube. Aí, minha irmã

que é mais... eu fiquei lá na mesa esperando, passou, assim, umas meia hora, quarenta minutos, quase uma hora. Aí, minha irmã, que é uma pessoa mais velha, né?! Tem mais... assim, tem mais ideias, né?! Foi com o marido dela dar uma volta, aí, nessa volta, eles viram ele com uma mulher, sentado na grama ali, naquela grama que fica o pessoal sentado ali no chão. E outro casal junto. E ele tava lá namorando com essa outra, né?! Eu acho que uma moça mais avançada, né?! Com certeza, né?! Porque eu era uma pessoa menina, né?! Mocinha. Então, essas outras moças eram de programa, como se chamava, antigamente tinha essa história, moça de programa, né?!”.

4.2.4.2 Moça de programa

“Hoje em dia, o que se chama de garota de programa é uma prostituta, né?! Mas, naquela época, era uma mulher livre, eu acho que a moça que transava, entendeu? Que a namorada não transava. Algumas até faziam, né?! Que até casava grávida, né?! Tem muitos casos desse, mas não foi meu caso. E de outros casos também que não, né?! Era só assim, só pra... o namoro era um namoro livre, quer dizer, se namorava ali e depois podia ir pra motel, sei lá, porque eu não sei. Bom, aí a gente viu, né?! Aí, quando ela [a irmã] viu com o marido dela, os dois viram, foram me chamar: ‘Vamos dar uma volta...’, ela quis que eu visse. [...] Eu só vi, ele viu que eu vi, mas eu não fiz escândalo não. [...] Foi muito chocante, né?! [...] E, pronto, passou. Aí, fui pra casa. Aí, eu terminei, né?! No dia seguinte, eu liguei e conversei com ele por telefone e disse: ‘Não, eu... não me apareça mais não, acabou, você tava com outra mulher lá... rapaz, tu tava...’. [...] Aí, ele vai, pra você ver, parece que é destino. Porque tive chances e mais chances de acabar e não acabava, voltava. Porque tinha que ser mesmo, eu acho que é... sei não... Bom, aí é... no dia seguinte, ele vai na minha casa chorando copiosamente: ‘Aaah...’, chorando, chorando, pra renovar. Dizendo que foi uma fraqueza dele... que perdoasse porque ele não ia mais... aquelas coisas todas. Aí, terminei caindo no conto do vigário, né?! Como sempre. [risos] Aceitei de volta. E nunca... ele nunca melhorou isso aí. [...] Jamais, jamais, até hoje. Esse homem tem 80 anos e ainda hoje meus filhos tão aperreados com ele, que ele... ainda tem gente que vai lá pegar dinheiro, porque ficaram coisas do passado e muito tempo que andaram, aí, elas se acham no direito de querer uma recompensa pelo serviço prestado e, ainda, presta algum serviço. Mas, eu não vou entrar nesse mérito, né?! [...] Porque eu não tenho nada a ver com isso, graças a Deus [risos]. Graças a Deus que eu interrompi isso. Eu só passei treze anos casada com ele. Treze anos. [...] Eu tô contando com tudo. Com todo o tempo.”.

4.2.4.3 Santa, pessoa inatingível, intocável

Maria referiu que casou virgem e em relação a intimidades durante o namoro, contou: *“Existia umas coisinhas assim, mas não o principal, né?! Só umas coisinhas bestas assim... [...] Ir pra motel nunca. Nunca. Só um sarrinho, assim, no terraço. Aí, Papai aparecia e todo mundo ficava quieto. Umassas coisas assim, muito bestas. Porque, na realidade, essas coisas assim tinham as pessoas pra fazer, então, ele não queria fazer, nem queria fazer comigo isso. Porque, na realidade, ele já tinha as pessoas adequadas, né?! Como se diz, que ele preferia, eu sei, porque ele me achava assim... ele chegou pra mim disse: ‘Olhe, pra mim, você é uma santa, você é uma pessoa assim inatingível.’, essas coisas, maluquice. [...] Dizia: ‘Você é intocável.’. Acho que foi isso que dificultou a história da lua de mel não ter dado certo. Porque ele não me via como uma mulher comum, ele me via como uma mulher diferente, tá entendendo? [...] Foi isso que atrapalhou tudo, foi isso, foi esse detalhe.”*

4.2.4.4 O carão do tio

“Que também uma vez que a gente foi no cinema, ele me beijou no cinema, foi a primeira vez que a gente saiu. [...] primeiro dia que começou a namorar. Só pra eu elucidar o que ele disse, que ele me considerava uma pessoa diferente e que... não sei. Aí, assim... a pessoa diferente no caso de ser ingênua, de ser intocável, de ser pura, tá entendendo? E ele achava que o sexo era pra fazer com aquelas mulheres lá do programa, as moças de programa, como garota de programa. [...]. Aí, nesse dia do primeiro encontro, que foi num cineminha de bairro [...] E foi aquela gente que só, a meninada toda. [...] Os primos, as primas. Primo, amigo dos primos, aí foi aquela... [...] tudo adolescente pra baixo, criança, porque cinema de bairro, você vai a pé, ali pertinho, tá entendendo?! Tudo perto da casa do meu tio, que a casa dele era na frente. Aí, eles viram os beijos, saíram do cinema pra chamar meu tio pra ver. Foi uma... [risos] Aí, meu tio viu. Aí, no dia seguinte, pegou ele dentro do carro, deu o maior esculacho nele, dizendo: ‘Você foi fazer isso com a minha sobrinha, com uma menina nova, tem 12 anos, você tá doido?’. Porque eu tinha 12 e ele tinha 20, já, era mais velho oito anos. E, aí, ele me contou depois que isso foi que prejudicou tudo. Eu não sei se isso é invenção dele, se é uma desculpa, eu sei que...”

“Olhe, eu não lembro se ele [o tio] comentou alguma coisa com a minha mãe, não tô lembrada, mas é capaz, porque Mamãe, depois disso, ficou tão assim, cercando, pra eu não me encontrar. Eu acho que foi capaz de ter dito. [...] Eu acho que os dois, ele e minha tia [esposa

do tio]. Os dois chamaram Mamãe lá e contaram a história. [...] A minha tia, botava lenha na fogueira, né?! Que é a cunhada de Mamãe, né?! [...] Aí, Mamãe ficou braba e começou a me proibir de sair, Mamãe ficou um tempo que ela ficava meio fazendo carão toda hora, falando nessa história: ‘Ah, mas não vai pra namorar não, não vai não.’. Aí, ficou muito assim, entendesse?! Esse lance foi. Mas, como eu tô lhe dizendo, essa questão desse carão, vou dizer assim, o fora que o meu tio deu nele, ele acha que isso prejudicou, eu não sei se isso é uma desculpa dele, prejudicou o fato de ele ter dificuldade de desvirginar. [...] Ele sempre alegava isso. Aí, conversando, né?! Depois de um tempo. Porque... é... ele me achava assim... como se fosse uma santa no altar. Eu achei ridículas essas besteiras, sabe?! Realmente isso é patético, né?! Mas, eu tô lhe contando o que ocorreu. [...] Porque, às vezes, tem muita coisa ridícula, besta, que eu não gosto nem de tá gravando esse negócio. [...] É, mas é importante, né?! Porque tem a ver com a mentalidade da época, né?!”.

4.2.4.5 Não sabia seduzir

“Porque ele tinha aquela cultura de andar com essas moças de programa, né?! E, depois desse dia, desse carnaval, eu vi, eu cheguei a ver. Eu passei com o carro, uma pessoa... não era eu quem tava dirigindo, eu não sei quem tava dirigindo, não me lembro. Essa pessoa nem viu, quem viu fui eu. Aí, eu vi quando ele passou com uma outra pessoa, a pé assim... pela praia, sabe?![...] Aí, acabava e depois de um certo tempo, um mês, dois meses, aí voltava. [...] Eu gostava dele. É, gostava. Infelizmente, eu gostava, porque também não conheci ninguém [...]. Só aquele rapaz que eu falei que foi dois meses, que nem voltei a ver porque ele foi-se embora, não morava mais aqui. Não tive namoro mais. Coisa muito rápida. [...] Eu acho que era mais porque... Sabe o que é que eu acho? Eu vou dizer. Eu acho que era a carência afetiva, né?! Porque todo mundo tem, né?! Quem não tem uma carência afetiva? De tá querendo uma... um companheiro. Um companheiro no caso não, né?! Um namorado, um amor, um afeto, né?! No caso. Era isso mais. [...] Era dizer pra mim que eu era uma pessoa, assim, diferente das outras. Eu era diferente das outras porque era virgem, né?! Porque as outras eram... faziam programa, né?! [...] Dizia que era diferente e tal, coisa... E aí, quando casou achava que eu não tinha condições de seduzir ele, né?! Não consegui, né?! Porque ainda era aquela pessoa ingênua, sem aqueles macetes daquelas mulheres... isso eu penso, né?! Eu acho. [...] Uma vez, ele disse claramente, mas, aí, eu já tinha até filho nessa época. Que ele disse pra justificar as puladas de cerca, né?! [...] As traições. Então, ele uma vez disse assim : ‘Olhe, eu realmente vou lhe dizer, eu não tenho atração por você não.’. Ele disse na minha cara assim, com todas

as letras, disse [risos] que não tinha atração por mim. Porque tinha... a vontade dele era sair com mulher de programa, ele gostava disso.”

“Ele usava os filhos pra justificar porque ficava comigo, né?! Porque, aí, nesse caso, nessa época, eu já tinha três filhos, não tinha a menina ainda, né?! Tinha os três meninos. Mas, ele disse isso a mim. Uma vez, ele falou perfeitamente. Porque uma vez eu descobri na mala do carro uns perfumezinhos de presente, ele presenteava, né?! Acho que era até mais de uma, porque eu não vi uma caixinha só, vi umas três ou quatro caixinhas de perfume, na mala do carro. Eu estranhei aquilo, né?! Aí, lógico, que eu não sou burra, vi logo que era pra dar de presente. Perfumezinho, pra que é? Pra você botar em você você traz pra casa, né?! Pra deixar na mala é pra você levar pra algum canto. E ficou na mala por que? Pra esconder, porque se botasse dentro do carro eu via [risos]. É... aí ele disse isso a mim, mas... fazer o que? Chato né?! E, também, quando ele me disse claramente que tinha uma amante eu também achei horrível. Eu... eu achei assim... quando eu olhava... meu Deus, quando eu analiso, eu me achava a mulher mais... eu me achei... eu acho que eu fui a mulher mais burra, mais maluquinha, mais imbecil do mundo. Porque aquele homem não tinha nada pra me oferecer. Eu não sei por que eu gostei dele, porque não apareceu outro e eu não fui atrás, né?! Porque também eu podia ter encontrado. Mas também, ficava ali, né?! Na redoma, como se diz. Como ele dizia, que eu vivia na redoma. Mas vivia mesmo, não tinha acesso, não ia pras festas nem nada, entendeu? Tudo era com ele.”

4.2.4.6 Conselhos para acabar o namoro

“Junto da casa do meu tio, vizinho dele, tinha uma moça. Que é que ele ficava lá no muro, que eu acho que ele também namorava com ela também durante o tempo que namorou comigo. Ele sempre fez isso. [...] Minha tia via, aí, foi que me contou. Disse: ‘Deixa esse cara, ele não presta não.’. Eu me lembro de um termo que ela usou que eu nunca mais esqueci esse termo: vasilha podre. Vê! Que termo horrroso. [risos] [...] Ela disse: ‘Olhe, ele é uma vasilha podre!’ , não sei por que ela veio com esse termo. Mas, nem dei tanta importância, tanto é que casei com ele, né?! E eu gostava dele mesmo, como eu tô lhe dizendo, não tive outra saída. Se eu tivesse conhecido outro rapaz... Eu tive uma oportunidade perdida, meu Deus! Porque eu, quando houve um problema maior, não sei qual foi mais, é tanta coisa que eu me esqueço. Mas foi uma das brigas lá que a gente teve, foi uma briga mais forte, e, aí, Papai: ‘Acaba esse namoro de uma vez, menina, não sei o que... não vai dar certo isso não, não sei o que lá...’. Já tava pertíssimo do casamento, sabe? Aí teve um problema, que eu não sei qual foi. Ele foi

grosseiro comigo, mas não chegou a me bater não, mas foi grosseiro, gritou e tudo. Aí, eu disse: 'Eita, eu acho que não vai dar certo mesmo não, acho que vou deixar esse menino, não quero mais não ele assim. Eu quero viajar, quero ir pra um colégio, um colégio interno no Rio.'. Porque tinha um colégio e a minha irmã morava lá e teve uma prima minha que foi também. Aí, eu digo assim: 'Eu vou ficar nesse colégio, aí, todo sábado eu saio e vou pra casa da minha irmã.'. Era minha solução, minha sorte, que eu perdi, né?!'".

4.2.4.7 Apelo da cunhada

"Agora veja por que eu perdi. Porque foi assim, aí ele aceitou acabar, a gente acabou e ficou com uma depressão horrível, porque ele tinha problemas psicológicos, entende? Claro que ele tem, lógico, já foi comprovado isso, entendeu? Então, ele ficou em uma depressão. Aí pronto, ficou com essa depressão fortíssima, em casa, não saía do quarto, aquela tristeza toda. Aí, a cunhada dele, casada com o irmão dele, foi atrás de mim pra renovar, vê! Que azar que eu tive! A única coisa que eu não considero azar é porque eu tive meus filhos que eu adoro, né?! Mas, se não fosse isso seria o grande azar da minha vida. [...] A cunhada dele [...] começou a...: 'Vá lá falar com ele, ele tá tão derrubado, tá deprimido, tá acabado, tá isso, tá aquilo...' Aí, eu caí na besteira de ir, né?! Pronto. Aí, renovou, né?! Fiquei com pena, né?! Perdoei. [...] Aí, depois, eu ainda fui no psiquiatra com ele pra poder o psiquiatra dizer que ele não tinha problema nenhum psicológico. Mas ele lógico que ele tem. Ele tem até hoje, ele tem, que eu sei que ele tem. E tem um filho que tem também. [...] Isso aí foi no ano... acho que foi 62, é, que eu casei nesse ano, 62. [...] Aí, pronto. Eu fui lá, o psiquiatra disse: 'Não, o seu noivo não tem nada.', mas eu acho que esse psiquiatra não falou a verdade não. Acho que ele não fez uma boa abordagem não, sei não. [...] Com aquelas coisas todas que ele... aquele comportamento assim difícil... [...] Aí, passou pouco tempo e a gente se casou."

4.2.4.8 Namorou muito tempo, tem que casar

"No namoro, meus pais gostavam mais ou menos dele... mais ou menos. Mas, Papai tinha uma mentalidade assim, porque já que namorou muito tempo, aí acha que tem que casar porque as pessoas vão falar. Essas coisas de antigamente. E eu não fiz nada, você vê que eu casei virgem e passei um mês pra ser desvirginada, né?! Casei em dezembro e só foi em janeiro que aconteceu. Exatamente um mês. [...] Até marquei essas datinhas assim. [...] Então, meus

pais acertavam bem... não tinha nada contra não. Porque achavam assim que essas coisas acontecem, porque é homem, não sei o que... Tinha essas desculpas aí. [...] Meu pai e minha mãe, os dois, assim, desculpavam, né?! Achavam que, quando casasse, ia acabar isso aí, não ia ter mais, porque né... É o pensamento: 'Ah, não, quando casar isso acaba, porque você vai casar com ele e ele não vai mais procurar outras mulheres, não sei o que...'. Aí eles achavam, ingenuamente também, né?! [...] Mas meus pais, depois, não gostavam mais dele não. No começo, ainda gostavam um pouco, num período assim menos conflitante, depois...”.

4.2.5 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE SEXO

4.2.5.1 Conversas sobre menstruação e sexo

“Quem me falou sobre sexo, relação sexual eu acho que foi até o marido mesmo, o ex-marido. Não teve... Mamãe não dizia nada não. Até quando eu menstruei eu nem sabia o que era. Ela nunca comentou nada. Eu sei que eu fiquei mocinha com 9 anos, muito cedo, né?! [...] Porque as minhas primas disseram: ‘Olha, vai aparecer um negócio em você, vai sair uma coisinha em você.’, e ‘Qual é a cor?’. Aí, eu disse, pra não passar de boba: ‘Eu sei, menina, eu sei.’, que eu não queria passar por boba. Elas fizeram assim: ‘Qual é a cor?’. Aí, eu fiquei assim: ‘Será que vai ser leite no peito?’, pensei né?! Porque eu não sabia nunca, eu nunca imaginava que existia menstruação. Minha mãe devia ter dito, mas nunca disse. E, aí, eu disse: ‘É branco’. Aaah, mangaram que só, mangaram, riram... aí, isso, eu acho, logo depois, algum tempo depois, meses depois, eu já, uma vez fui no banheiro, vi a manchinha e Mamãe não se envolveu muito não. [...] Eu disse: ‘Olha, isso e isso aqui.’, ‘Ah, minha filha, é isso mesmo, todo mês vai ter isso [...] Aqui, olhe aqui, use isso aqui [referindo-se ao absorvente].’. Assim, uma coisa muito assim, nunca teve esses detalhes. [...]. Ela deixou uma pessoa lá encarregada de me auxiliar, né, [risos] nessa tarefa. Que era uma costureira, que era conhecida, Marta, aquela pessoa ótima, muito reconhecida, de confiança, vivia muito lá em casa, passava, assim, três, quatro dias, depois ia embora e voltava de novo, ela não era fixa não, mas era uma pessoa antiga, de confiança, entendeu? E ela dava injeção também... uma pessoa bem assim faz tudo, sabe?! [...] Aí, ela deixou Marta, assim, pronta pra me ajudar nessa coisa de botar modess [absorvente higiênico]... aquelas coisas lá. Aí, ela providenciou tudo e passou a bola pra Marta [risos]. Marta ficou comigo, aí eu fiquei, né?! Pronto, aí, primeiro mês, depois se acostuma, né?!”.

4.2.5.2 Iniciação em práticas sexuais

“Na adolescência, a minha iniciação sexual já foi com meu futuro marido, que era namorado, foi com ele. Que começaram, assim, os primeiros sintomas, né?! Sei lá como eu digo... assim, desabrochar, né?! Da coisa. Não era... antes não teve. Só teve com a presença dele e surgiu de mim também, né?! Eu também tinha o desejo, tudo, mas muito assim, de... mas eu notava que ele não era muito receptivo, como eu lhe disse, que a prática dele era usar mais, assim, o namoro com moça de programa, né?! [...] Ele não era muito receptivo a essas práticas, assim, a um agarrado mais, uma coisa assim mais... um sarro. Ele ficava assim meio... meio avesso, né?! Não era muito chegado. Porque, sei lá, ele não era muito não. Ele era... [...] É aquela história da preservação da pessoa como se fosse uma pessoa especial, que tinha que tá ali recatada... Assim, separada num pedestal mais elevado, como se fosse até uma santa. [...] Era, ele dizia isso, ele mesmo dizia isso. Porque era a questão que ele disse, que aconteceu isso com ele por causa daquela conversa forte que ele teve com meu tio, né?! Que meu tio brigou com ele, então ele ficou como se fosse um trauma, né?! [...] Aí, ele achava, assim, que eu era uma pessoa, assim, que não era pra isso, pra essa finalidade, era mais, assim, pra um namorinho, simplesinho, mão na mão, essas besteiras mesmo. Ele não era chegado, eu era, porque eu tava despertando, entendeu? Pro sexo. Eu queria mais alguma coisa além, mas ele não, ele não queria de jeito nenhum, entendeu? Porque... eu não sei. [...] Porque era uma coisa natural, né?! Natural do ser humano, né?! Que desperta pro sexo, de adolescente, né?! Todo adolescente desperta. E eu tinha o que? 14, 15 anos, depois 16, 17, por aí, nessa faixa, por aí, na idade que todas as pessoas, né?! [...] Tem essa prática, né?! Mas, eu tive uma coisa assim muito... assim... limitada, assim, por causa dele, ele limitava, ele não queria aprofundar, né?!”

“Sobre sexo... eu acho que foi... eu não sei se alguém falou disso, assim, trocando em miúdos comigo não, mas eu acho que isso o mundo ensina, né?! Isso aí, eu sabia, eu acho que... [...] Eu acho que a gente aprende sobre relação sexual com a gente mesmo, né?! Fica sabendo, né?! [...] Eu acho que eu fiquei sabendo por mim mesma. De tudo isso. [...] Esse assunto de sexo não era tratado na família, não. Agora, no colégio, a gente via muita coisa de piada, né?! Aí piadinha tinha muita, viu?! Elas [as colegas da escola] contavam anedotas. [...] É, piadinhas, mas eu nunca fui muito chegada a essas coisas não, sabe?! Acho que minha educação era muito rígida, aí, eu não ia muito por essas coisas, nem sabia, era inocente, era boba. [...] Na escola, eu não tive nenhum paquera, porque eu estudei em colégio só de meninas. [...] Eu não tinha, nenhuma amiga tinha uma vida sexual já ativa, na adolescência. Eu acho que esse início mesmo foi com ele [ex-marido], ele é que falava essas coisas, conversava,

assim... eu passei três anos noiva, né?! [...] Até porque, quando eu casei, logo ele tentou, né?! Na primeira noite. Ele tentou, mas, aí, eu acho que até eu contribuí, de uma certa forma de culpa, porque eu senti uma dor muito grande, ardeu muito, doeu muito, porque também não passou uma coisa pra ajudar, né?! Geralmente se usa o que? Uma... como é que chama? Um... como é, meu Deus do céu... [...] Usavam até uma coisa, sei lá, pomada não sei de que... mas não teve nada, e eu acho que eu tava, né?! Com medo. Aí a pessoa com medo retrai, né?! Aí, eu acho que, também, isso atrapalhou um pouco porque teve uma tentativa ou duas, mais ou menos. Aí, não consegui porque doeu, aí eu digo: 'Aí, tá doendo, não sei o que...' [risos]. É muito chato. [...] Aí, foi meio ruim, porque eu não quis, eu acho que eu não quis: 'Aí, não, não, tá doendo muito, tá doendo.'. Aí, pronto. Aí na segunda, no dia seguinte foi tentar, aí puf, não teve mais jeito. [...] Aí, eu não sei se eu tive uma contribuição de culpa, ou, sei lá. Mas, isso aí é besteira, porque se você... se a pessoa... eu acho que poderia ter tentado outra vez e ter dado certo, mas não deu porque ele teve essa impotência, né?!”

4.2.5.3 Masturbação

“A masturbação só aconteceu comigo muito depois, já tava separada... já tava sozinha. Já tinha... eu acho que até já tinha tido algum desses namorados, já tinha acontecido, não sei, eu acho que sim, aquele primeiro. E, aí, assim, na solidão, aquela coisa, assim, até com sono, aí, eu fazia aquilo mais, assim, porque o organismo tava precisando de sexo, né?! [...] Mas, como eu tô dizendo, já era uma pessoa adulta já, entre quarenta anos pra cima, sei lá. Aí, eu fiz com quarenta e poucos, fiz com cinquenta também, né?! [...] Eu, quando conheci esse meu marido atual, que eu digo marido porque já tá há 18 anos, muito tempo, né?! [...] Então, aí eu já não fiz mais, porque... até fiz um pouco, assim, até com ele também, mas sei lá. [...] Eu só tive essa prática já adulta, com mais de quarenta anos. [...] Nas conversas com pessoas, já adulta, que eu fiquei sabendo que os adolescentes fazem... Pois é, isso aí eu só fui saber... até esse meu namorado, meu marido, sei lá, namorado atual, é que me diz, ele disse: 'Não, você nunca fez isso não?'. Eu disse: 'Não, nunca fiz.'. Ele ficou, assim, admirado, porque as moças fazem, eu digo: 'Eu nunca fiz.'. Eu não sentia necessidade. Agora, eu sentia necessidade com uma pessoa junto, que ele fizesse comigo, aí... o meu namorado, aquele que eu casei, né?! Aí, sentia mais necessidade, assim, de alguma coisa maior. [...] Mas, sozinha não. [...] Teve momentos que teve sarro, claro que teve. Agora sempre tinha uma coisa, assim... era, assim, mais limitado, mas houve. [...] Mas havia, havia alguma coisa. Não de fazer ato sexual mesmo, nunca houve isso não, como eu lhe disse, eu casei virgem e ainda passou um mês, né?! Pra

desvirginar. Era uma coisa... uma coisa meio diferente, né?! [...] Eu sabia o que era uma relação sexual na teoria. Na prática nunca tinha feito.”

4.2.5.4 Sentir-se valorizada

“Eu procurava me relacionar com alguém, após a separação, foi o caso da carência, né?! [...] Porque eu precisava de alguém que me valorizasse, né?! Que tivesse comigo. Eu gostava de ser elogiada, de ser acompanhada, de ter companhia pra conversar, pra discutir os assuntos, tudo isso era importante pra mim. [...] E digamos que o sexo era até talvez uma... não sei, podia até estar palmo a palmo com essas ideias minhas de companhia, existia também uma necessidade sexual, que é normal, né?! [...] Mas não era só isso que me movia pra... assim... É o companheirismo. Também, eu acho que sexo vem como consequência, que é bom, também, lógico, né?! E eu era nova, as pessoas novas têm muito hormônio, tem muita coisa, então, faz parte da vida, né?! Quando a pessoa fica mais velha as coisas ficam bem diferentes, né?! São muito diferentes, não é?! Totalmente diferente.”

4.2.5.5 Relações sexuais

No que concerne às relações sexuais com o ex-marido, Maria disse: *“Foi bom, não teve nada ruim não. Foi bom. [...] Era, razoável. Não era maravilhoso, mas, também, não era ruim, não. Era médio, nível médio.”*

E, depois da separação, as experiências sexuais, segundo ela: *“Eu tive dois relacionamentos, antes desse outro meu, que eu tô até hoje, né?! A experiência sexual foi boa. Foi tudo normal. Não teve nenhuma coisa, assim, maravilhosa, mas, na média também. [...] Atualmente, as relações sexuais... a gente tem mais ou menos, né?! Que já tá idoso, né?! Aí tem menos, né?! A gente já teve... no começo era muito frequente. A gente se conheceu eu tinha 55 anos e ele, também, ele ainda é mais novo do que eu seis meses, a gente tava, ainda, numa fase boa, foi bom, muito bom, no início do namoro da gente. A gente tava sempre... assim, era uma coisa, assim, quente, pronto é a palavra certa, era quente, era bom, foi bom. [...] Eu acho que, dos quatro relacionamento, o que foi mais quente. Eu não sei dizer assim... Eu acho que, talvez... eu acho que com esse meu atual mesmo. Eu acho que foi. Se bem que agora tá difícil, porque a pessoa quando fica mais velha não é igual, né?! Sente dificuldade. Mas foi bom. Mas,*

os outros dois, também, não foram ruins, não, foram bons, também. O dele é que não foi essas coisas todas, porque era muito complicado, né?! Tudo na média, assim.”

Maria referiu que, a despeito do primeiro relacionamento conjugal ter sido sobremodo desagradável, tal experiência não dificultou o seu encontro e relacionamento, inclusive sexual, com os outros parceiros. Nesse sentido disse: *“Não, nunca dificultou, porque é tão diferente. Nunca atrapalhou não, essa parte não. Porque as pessoas são diferentes, assim, as pessoas são diferentes no trato, entendeu? Porque as pessoas que se aproximaram de mim é, assim, começa como amizade, entendeu? Então, eram pessoas legais, que eu gostava, também.”*

4.3 RELACIONAMENTOS E SEPARAÇÕES

Quanto a relações conjugais, Maria declarou que se casou judicialmente com o seu primeiro marido e que, após a separação de fato, dissolução judicial de tal união. Disse que, após a separação, teve outros três relacionamentos; que em nenhum desses coabitou com os respectivos companheiros nem estabeleceram vinculação judicial; e que o último desses relacionamentos está em curso há dezoito anos.

4.3.1 PRIMEIRO CASAMENTO

Como observado no curso da narrativa de Maria, informações acerca do seu primeiro relacionamento conjugal, perpassam diversos momentos do seu discurso. Nessa direção, continuou contando:

4.3.1.1 Lua de mel

“E até tinha uma coisa meio chata, que os pais dele foram na lua de mel da gente também, com a gente. A gente lá [...] numa estação de águas que a gente foi. Aí, daqui a pouco chega os velhos lá, os dois. Aí, ficaram, também, lá no hotel, aí, quebra muito... pra saber como é que tava o filho... a mãe dele era assim, sabe?! Tinha dessas coisas. Possessiva, sabe como é?! [...] A gente passou, eu acho, duas semanas ou três, não me lembro. Mas, eles passaram uma semana só. [...] Eu achei chato, assim, porque quebra mais, né?! Porque a gente, pelo menos, tava mais assim um clima afetivo, bom. De se abraçar, ficar à vontade. Essas coisinhas, assim, não tinha nada de penetração, que não tinha feito ainda. [...] Mas, tava bom o ambiente,

assim, o aconchego, o afeto, tava bom. [...] E com eles lá... não foi legal, né?! Você acharia bom, uma pessoa chegar assim, os pais, na lua de mel... É muito chato, né?! Eles não têm noção. [...] Eu me dava bem com mãe dele, nessa época, eu me dava, só teve problema depois que passou, que eu deixei ele mesmo, que eu não aguentava mais.”

4.3.1.2 Caderneta com telefones de mulheres

“Lembro que, quando eu casei, logo depois do casamento, assim, que a gente voltou da lua de mel, tudo, que ele foi pra casa que a gente morava, eu já encontrei, sem querer, não tava nem procurando, encontrei uma caderneta com um bocado de nomes de amigas, entendeu? Com os telefones lá. Porque antigamente não tinha celular, né?! Era as cadernetinhas, né?! Com os telefones. [...] Eu achei que tinha alguma coisa. [...] Eu acho que eu mostrei a ele. Teve muita coisa que passou, sabe?! [...] Eu cobrava ciúmes dele. Sempre cobreí. [...] É, eu devo ter cobrado. Eu sempre fui muito ciumenta, é um grave defeito meu, eu reconheço, eu sou ciumenta. [...] Ainda sou. ainda sou, eu sou. Eu acho errado isso, mas é da pessoa, vou fazer o que? Mas aí, bom, com esse meu atual marido, digamos assim, eu não tenho, não tive, né?! Ele nunca me deu motivo de ciúme. Mas, assim, às vezes eu me chateio com a filha dele que é muito pegajosa, aí eu acho que faz diferença das outras. Eu não sei se é ciúme, mas assim, ficou meio assim, não sei, é muita... É filha, né?! Não é outra mulher, no caso. Mas, assim, mas voltando ao assunto que agora eu mudei de novo, mas aí no caso... eu vi essa cadernetinha, com pouquíssimo tempo de casada, eu acho que tinha dois meses... ele já tinha a caderneta e conservou, né?! Quer dizer, claro que ele tinha a intenção de voltar a encontrar com essas pessoas, não é?! Com certeza, né?! E isso aí...”

4.3.1.3 Estudo e trabalho durante o casamento

“Nessa época, que eu vivia com ele eu nem estudava ainda, tá entendendo? Nem trabalhava nem nada, fiz nem curso universitário porque eu acabei... acabei com 18 anos e me casei logo, imediatamente, né?! Me casei com 18 anos. Eu era muito nova. Acabei o pedagógico com 17 e me casei com 18. Quer dizer, eu não fiz faculdade. [...] Enquanto eu casei com ele, todas as minhas primas e colegas, as amigas do colégio e as primas, também, que eu tinha relacionamento, todo mundo acabou. Aí, eu fiz pedagógico, né?! Naquela época, como se fosse científico, né?! Aí, as meninas também que fizeram, todas elas ingressaram logo na

faculdade de filosofia ou fazia pedagogia ou fazia outro curso universitário, e eu não fiz, né?! Porque eu casei com 18 anos, né?! E fui ter filho, depois, com 20... 19 pra 20 eu tive o mais velho, né?! [...] Ele não me estimulava a estudar, ele achava que mulher que ia pra faculdade ia namorar, ia atrás de homem pra namorar. [...] Porque as amigas dele eram assim, né?! Ele achava que eu ia ser também. Aí, ele não queria, né?! Ele achava que a mulher devia ficar, assim, à mercê... [...] Ah, ele dizia isso, ele tinha essa mentalidade tacanha de machista, né?! Inclusive, atrasada, né?! [...] Nessa época, eu não tinha um curso, em mente, pra fazer na faculdade. Mas, eu queria fazer alguma coisa, né?! [...] Depois de separada, eu fiz biblioteconomia e me empreguei logo.”

4.3.1.4 Gestações e partos

“Eu só fiquei muito magra quando eu casei [risos], porque quando eu fui pra casar, com 18 anos, eu já tinha emagrecido muito, emagreci mesmo. [...] Eu acho que é o seguinte, quando as pessoas casam, relaxam, né?! Têm aquela vida tranquila... e a minha não foi. A minha foi uma vida atribulada, complicada. Aí eu emagreci. Sei lá, eu tô dizendo isso da minha cabeça, mas eu não sei se isso tem alguma coisa comprovada não, eu não sei, tô jogando assim, eu não sei. Eu sei que eu emagreci, nunca mais eu engordei. Até depois que eu tinha filho, que eu tinha barriga grande, que os meninos eram todos grandões. Porque a família da gente é tudo grande, né?! Meu pai, a família dele tem muita gente grande, aí os meninos são grandes também. [...] Pra você ver, o casamento era ruim assim, mas menino não faltou não, né?! Foi um atrás do outro [risos]. E a gente não tinha muita relação não, viu?! Tinha pouca. Porque um casamento atribulado assim, era... não era muita coisa não, mas quando engravidava... eu acho que é porque eu tinha muita fertilidade [...], num instante pegava. [...] E eu era muito jovem, também. A minha filha, eu ainda tinha 26 anos quando ela nasceu. [...] Foram partos tranquilos. [...] Dois normais e duas cesarianas. [...] Eu amamenteei pouco, porque eu tinha pouco leite, até porque tinha muito problema, né?! Porque, desde a maternidade, ele já vinha dizer coisinha, aperrear, dizer coisa, chacota, essas coisas... [...] Ele participava dos cuidados, assim, depois que o menino nascia, participava. Agora, quando eu ficava grávida logo, ele ficava uma fera, ficava com raiva. E os meninos gostam muito dele, por isso, que eu não gosto de dizer essas coisas. Mas, ele não gostava quando eu engravidava não, principalmente, os dois mais velhos, o segundo ele queria que eu abortasse de todo jeito, esse que é complicado, problemático. Eu aguentei calada dois meses, com um enjojo danado e sem dizer que tava grávida. [...] Ele não queria, porque dizia que não tinha condições financeiras. [...] A gente

tinha poucas relações sexuais quando estava grávida. Nunca tive nem muitas sem ser grávida, quanto mais... [...] Eu tomei pílula, mas pouco tempo, e, também, o médico dizia: 'Não, tome não, porque você é muito nova pra tomar pílula.' Ele dizia isso, era um certo preconceito com a pílula, né?! [...] Que achava que era nova, que não sei o que, não devia tomar, deixar a natureza... Haja menino. Aí, depois, com a menina eu tomei, antes, do terceiro filho pra o quarto eu tomei pílula, eu tomei. Porque, às vezes, eu tomava aquele negocinho todinho de pílula e tinha duas relações por mês. Aí, eu achava ruim porque tava me intoxicando com aquele remédio pra ter duas relações por mês. O mês todo, né?! Quer dizer, é porque era assim, era raro mesmo, não era uma coisa... certamente porque tinha fora, né?! Aí não tava interessado."

"Eles dizem: 'A gente não ia existir se você não casasse com ele.' Besteira, né?! A maternidade, eu acho algo maravilhoso, nunca achei ruim não, sempre foi bom. [...] Eu acho que meus filhos foi a coisa melhor, a única coisa boa do casamento foram os filhos, né?! A única coisa boa, porque outra não tem mais. Não tem nenhuma coisa boa, só teve os filhos, a única coisa boa. Eu sou louca pelos meus filhos, adoro. [...] Eu só tenho problema com um filho, que é um filho que dá muito trabalho, mas não tem nada a ver com a maternidade, né?! É o fato desse menino ser problemático somente. Esse rapaz, né?!"

4.3.1.5 Situação financeira e trabalho do ex-marido

Quanto à situação financeira do ex-marido, Maria relatou: "Ele era bem sucedido financeiramente, não era tão ruim não. Era bem sucedido, porque o pai dele... era o pai dele que sustentava mais, entendeu? Ele fez curso de direito, formou-se em advogado. Mas, eu não acredito, assim, que ele tenha tido muita coisa pra... assim, trabalhava muito na profissão não. Acho que era muito pouca coisa. [...] Ele trabalhava com o pai dele, aí tinha uma retirada lá com o pai dele, mas uma coisa assim... O pai dele tinha um escritório. [...] O pai dele era comerciante, ele exportava coco. [...] Ele pegava os cocos lá em Alagoas, vinha de embarcação, e mandava pro Rio Grande do Sul, exportava pro Brasil, outros estados, não era nem pra fora, entendeu? Era o trabalho dele, mas ele tinha uma boa situação econômica, o pai dele, e ele [o ex-marido] vivia nessa sombra do pai, tá entendendo? [...] então, trabalhou um pouco lá com o pai dele... [...] Aproveitava esse mesmo espaço pra fazer alguma coisa de advogado, muito pouco, sabe? Mas, teve uma fase que ele começou a procurar emprego, aquela coisa assim, mas, aí, houve um tio dele, que era irmão da mãe dele, que tinha um cargo público, um cargo público, que só podia ser assumido por um advogado formado e passava de... hereditário..."

como é que chama, meu Deus...?! Conselho penitenciário. Era do pessoal que julga os presidiários, essas coisas, entendeu? Então, esse tio dele disse: ‘Olhe, meus dois filhos não são advogados, são economistas, sei lá, então vou dar pra você esse emprego de mão beijada.’ Ele não fez concurso nem nada, pegou pra ser diretor, que era o lugar do tio dele que se aposentou porque já tinha 70 anos, sei lá, não sei. Aí, deu a ele esse cargo. Aí, ele foi, né?! Muito satisfeito, eu também achei ótimo, meu Deus, graças a Deus! Pelo menos, a gente vai ter um equilíbrio financeiro aqui melhorzinho, né?! Porque sempre tinha... as custas do pai dele, né?! Não do meu, né?! Do dele. Mas aí, ele... namorou logo com uma pessoa lá. Teve logo um caso. Aí, foi a vida toda essa pessoa, essa moça, essa criatura, que perturbou muito. Eu acho até que ele tem filho com ela. [...] Então, ele deixou, ele não quis continuar. O negócio que ele recebeu de mão beijada... agora ele se dispôs com o chefe lá. Eu não sei se o chefe sabia do caso do namoro deles lá e chamou atenção, né?! Podia ser, né?! Não sei esse detalhe, ele nunca me disse direito. [...] Ele alegou... veja a cabeça. Ele alegou que o cara perseguia ele. Mas, isso é bem próprio das pessoas que têm problema psicológico, né?! Que são perseguidos, né?! Que tem gente que persegue... você não sabe disso?! É conhecido, né?! Que tem esse negócio de perseguição, né?! [...] No trabalho, ele sempre teve isso. No trabalho. E, depois, teve com gente amiga, também, teve outras coisas. [...] Dizia que as pessoas pensavam que ele tinha dinheiro guardado, que ele tinha dólar, que ele tinha não sei o que... que achava que... tudo imaginação. Tudo criatividade. [...] Então, com o chefe lá, disse que deu problema lá. Aí, ele se dispôs, ele não gostava do homem, que o homem perseguia ele, que o homem tinha inveja dele... tudo... aí, saiu. Eu não lembro exatamente se foi exonerado, se foi... esses detalhes eu não me lembro não. Mas acabou. Aí, saiu do trabalho. Saiu. Aí que inventou de ir pra São Paulo, né?! Depois disso é que ele quis ir pra São Paulo. Porque não tava dando certo, né?! Aqui não arrumava emprego.”.

4.3.1.6 Em São Paulo

“Durante o tempo que a gente passou em São Paulo, apesar de que eu nem sabia dessa história que essa mulher foi pra lá nem nada, eu não sabia, né?! Soube depois de um tempo. Até que o relacionamento da gente foi estável, né?! Foi estável. [...] Não houve negócio de grosseria nem bater, esse negócio, não houve nada disso não, sabe? Foi uma época mais anterior, aí não teve nada disso não, mas era assim, eu senti muita falta dos meus pais, entendeu? Do aconchego da família, eu fiquei muito isolada lá, entendeu? [...] Eu era muito apegada a minha família, sempre fui. [...] Principalmente, eu sentia muita falta dos dois, do

meu pai e da minha mãe. Eu falava muito por telefone, né?! Só, não tinha esse negócio de mensagem, de computador, nada, né?! Isso faz muitos anos. [...] Era por telefone e, ainda por cima, na casa da vizinha, porque não tinha telefone nesse lugar que eu tava. Era uma senhora que morava junto que Papai ligava pra ela e me chamava, eu ia lá e falava. [...] Quando eu cheguei logo lá, eu me lembro que [...] com os meninos pequenos, eram novinhos ainda, assim, deviam ter 5, 4 e 3 anos, talvez, eram novinhos. Eu me lembro que ele sumiu, ele devia tá com ela, né?! Porque eu não sabia nada de São Paulo, tinha chegado lá há pouco tempo, né?! Na casa lá. Eu não sabia onde tinha as coisas. De repente não tinha nem leite pro menino lá, ele não tinha comprado, e eu não sabia o que fazer porque ele não tava. Aí, ele tava com alguém, né?! Aí, tinha que dar o mingau do menino... [...] eu nem sabia onde é que tinha. Podia ter até o dinheiro na mão, mas sabia lá onde é que tinha um lugar pra vender. Ali um mercadinho, supermercado, armazém... [...] Foi, nos dois primeiros dias logo. E ela ainda estava, depois ela voltou pra cá. [...] Em São Paulo, nós passamos um ano, primeiro, depois outro ano. Dois anos, uns dois anos, mais ou menos, por aí. Uns dois anos, assim, mas não direto, porque eu voltei pra Recife, né?! Voltei, e até quando eu voltei pra Recife, eu engravidei da minha filha, quando eu tava aqui. Quando ele veio, também depois, aí, eu engravidei, e voltei pra São Paulo grávida já, no comecinho da gravidez, e vim tirar a menina aqui, já com uns sete ou oito meses, uma coisa assim, bem pesada já. [...] Ainda voltei pra terminar o curso dele, que ele fez um curso lá de administração [...] Aí, que ele depois trabalhou com o cunhado dele lá e, nessa mesma época, ele fez esse curso de administração de empresas. Aí, a gente voltou para São Paulo. Eu voltei com dois meninos e deixei dois com Mamãe, deixei até a neném, né?! A pequenininha, com três meses, por aí, a bichinha pequenininha. Mamãe ficou com ela. [...] Ficamos por lá dois meses só, pra ele concluir o curso e depois voltou de vez. A gente ficou em um apartamento alugado, num apartamento pequeno. [...] Então, na época de São Paulo ele até melhorou. [...] Aqui é que foi, foi tudo aqui em Recife mesmo, lá ele tava mais tranquilo.”.

4.3.1.7 Relacionamento extraconjugal que perturbou sobremaneira

“Eu fui pro casamento dessa moça, entendeu? Porque sem saber que ela era... porque ela era noiva quando começou a namorar com ele, teve um caso com ele noiva de outro, entendeu? Mas aí... e parece que, até, eles transavam e tudo e dizendo que foi ele que desvirginou ela, não sei o que... fazia o gênero dele, né?! [...] Ele não disse a mim não, disse aos pais dele, mas eu escutei. Ele disse aos pais dele e eu, em um certo lugar, ouvi ele dizer, entendeu? Já sabia até o nome dessa mulher e tudo, não sabia quem era. Até fui na casa dela

sem saber que era ela, ele me levou lá, não devia, né?! Mas levou. Um jantar que teve lá, fizeram um jantar, no aniversário do marido dela, imagina que coisa horrível. Aí, lá vou eu pra esse negócio também, mas eu não sabia. Mas conheci, né?! Conheci ela, depois... bom, não sei como foi que eu, depois de um certo tempo... ela era assim, cobrava dele, sabe?! Cobrava e ficava atrás, muito atrás, ela era muito persistente no relacionamento deles dois. Aí, eu terminei sabendo, né?! Porque ela telefonava toda hora pra ele... eles ficavam, tiveram um caso mesmo. Tudo isso, durante o nosso casamento, eu era casada ainda com ele. Aí, às vezes, eu pegava, assim, na extensão [do telefone]: ‘Você ficou de trazer o remédio de Mamãe e nem trouxe...’. Quer dizer que ele já tava se infiltrando assim na família dela. [...] Ela separou-se do marido dela, né?! Aí, ficou mais dependente dele, assim, ele também... Aí, sei que, uma vez, ele chegou, não teve mais como escapatória, aí ele me disse: ‘Olhe, eu, realmente, tenho um caso com fulana, tenho mesmo, vou dizer a você que eu tenho, não vou mentir, não.’. Aí, disse que ela era muito atraente... aí, já foi o inverso de mim. De mim, ele não tinha atração nenhuma por mim, né?! Por ela teve, tá entendendo a história?! Tudo bem, né?! Fazer o que? Pronto. Parecia que os edifícios todinhos tavam desabando na minha cabeça, foi uma sensação péssima que eu tive, [...] uma sensação de tristeza, de me sentir... eu sei lá, traída, ultrajada, sei lá, o que você tiver de pensar aí. Porque foi uma coisa muito chocante, entendeu?’.

“O tom foi de conversa, não foi brigando, não. Foi dizendo que não tinha jeito porque tava muito envolvido com ela, entendeu? Aí, parece que, depois, ele veio com umas mentiradas, dizendo que tinha deixado... não sei como é...: ‘Eu não tenho mais nada com ela, não. Já acabou, não sei o que... Vamos, eu vou pra São Paulo, que eu vou conseguir um emprego lá em São Paulo...’. Aí, nessa época, eu tinha três filhos já. Já tinha até o menorzinho, né?! Tinha os três meninos, só não tinha a menina. Aí, fui pra São Paulo com ele. Ele foi primeiro pra arranjar um lugar e não arranjou emprego nenhum, mas o pai dele sustentava. Mas, aí, ele foi, arranjou uma casa, alugou uma casa, parara... resolveu tudo, tudo né... Aliás, a casa que a gente morava [em Recife], que era minha essa casa inclusive, que foi meu pai quem me deu essa casa, essa casa foi alugada pra pagar a casa de lá [São Paulo], entendeu? [...] Alugamos a casa daqui pra pagar o aluguel da de lá?!. Quer dizer, não foi nada que ele fez, né?! Ele sustentava, assim... o dia-a-dia o pai dele mandava dinheiro. [...] Porque ele não conseguiu trabalho lá, não. Nada, o tempo todinho... e..., depois, eu soube que essa mulher foi antes de mim pra lá, pra ficar se encontrando com ele lá. Ela foi pra São Paulo primeiro do que eu. [...] Ela foi passar um tempo lá com ele. Enquanto eu não tava lá, ela foi. Não ficou nessa tal casa não, ficou em outro apartamento com ele lá, a casa ainda tava sendo procurada, tá entendendo?. Ele não tinha achado a casa ainda, mas ela foi primeiro do que eu, foi antes. E

ficou lá com ele um tempo. [...] Quem me contou que ela foi para São Paulo, ficar com ele lá, foi um irmão meu. Homem sabe tudo, né?! [...] Esse meu irmão soube, não sei porque, sei lá, ele me contou. Depois que eu me separei, não foi logo, não. Que ninguém queria botar lenha na fogueira. Mas uma vez separada, o negócio tinha acabado, ele me contava, me contaram as coisas todas.”.

“Ela era funcionária pública, né?! Quando eu me separei, depois, fiquei sendo funcionária pública, também. [...] Aí, uma vez lá, na instituição que eu trabalhava, depois de algum tempo, não foi imediatamente não, demorou anos pra eu me encontrar com ela. Que ela, também, era funcionária pública e era de lá, também. Aí, uma vez teve uma reunião lá e era sobre um assunto que ela... eu tava e ela também tava, aí, eu reconheci. Aí, falei com ela numa boa, não tinha raiva nenhuma dela. Porque eu não gostava mais dele. Aquilo já passou pra mim, entendeu? Aquela coisa morreu completamente. Depois de um certo tempo, e ele chegou pra mim, quando a gente tava em São Paulo eu já não gostava tanto dele mais e ele sabia. Ele chegou a dizer a mim: ‘Você não gosta mais de mim não, né?!’. Eu disse: ‘É. Mas, assim, é uma amizade já, aquela coisa, porque ficou né... tanta coisa que a coisa vai caindo, né?!’. Graças a Deus, né?! Que imagine se eu gostasse, eu ia sofrer muito, né?! Aí sofre menos. Aí sofre muito menos. [...] Então, ela, na tal reunião, assim, me elogiando, ‘Você foi miss não sei o que?’. Eu disse: ‘Não, eu nunca fui miss de nada, não.’ Assim, puxando assunto, querendo, sabe, assim. Tudo besteira, não tinha nada a ver com nada. Agora, é... uma vez eu subi com o filho dela no elevador, que é muito parecido com a família dele. Lá do lado da mãe dele, e com ele também, assim o jeito. Eu acho que esse menino eu acho que era filho dele, eu desconfio, não tenho certeza, né?! [...] A aparência. É muito parecido. Mas, ele tinha caso, relacionamento, com ela firme, né?! [...] Mas, ele não conviveu com ela não. Eu acho que ele nunca morou com ninguém. [...] Ele teve um relacionamento maior com uma pessoa que até eu fui apresentada, falei, umas duas vezes, eu me encontrei com ela e ele, que é a que hoje tá uma pessoa inutilizada, que ela deu um tiro na cabeça, imagina. Tentou suicídio, na casa deles, na cama deles, no quarto, ela tentou suicídio, que ela brigou com o filho e aí pegou uma arma dele e deu um tiro nela, mas a bala passou assim, varou a cabeça, entendeu? E se alojou na parede. Até hoje, ela tá uma pessoa assim deficiente, coitada, tenho até pena, mas foi muito depois, já era velha nessa época. [...] Depois disso, ele deixou ela, porque essa daí, coitada, ela ficou só pra ser tratada, assim. A família levou ela pra cuidar... [...] Ele não teve relação com a tentativa de suicídio dela, não. Ele nem tava em casa nessa hora. Ela pegou uma arma dele. A história é que ele tinha uma arma que o irmão dele deu, entendeu? Aí, ele guardou essa arma lá, aí, foi essa tal arma que ela usou pra se suicidar, mas não conseguiu, porque a bala

passou e foi se alojar na parede. [...] Ela ficou, assim, uma pessoa, digamos... desfalecida... não sabe das coisas... entendeu? Doente mesmo, parece que não fala, sei lá, eu não sei. [...]”

“Em relação a essa vida dele toda, é... que tinha muitos relacionamentos e tudo, né?! Graças a Deus, eu nunca tive doença venérea. [...] Uma vez, eu, antes de engravidar, eu nem tinha nem o primeiro filho ainda, apareci com uma coisa lá suspeita, assim, mas eu acho que não foi não, depois esclareceu que não foi nada. [...] Porque as pessoas não eram daquelas lá.. baixo nível não. Eram de um nível melhor, só que era gente livre, gente que estudava faculdade, tá entendendo? Eram universitárias, que tinham a vida livre mesmo, que fazia programa mesmo, porque gostava. Não era porque recebia dinheiro nem nada, prostituta não. [...] Era um nível melhor. E essa mulher... essa que ele teve muito, muito tempo, casado até, namorando com ela, ela era casada com uma pessoa e tinha dois filhos. Só que desses dois filhos dela, eu acho que um pode ser dele.”

4.3.1.8 Agressões físicas

“Sobre as agressões físicas, eu disse aos meus pais só depois. Aí, quem me ajudava muito assim era minha irmã e meu cunhado, que iam lá me buscar, essa minha irmã que tem 85. O marido dela era vivo. [...] Aí, ela ia lá me buscar, eu ia pra casa dela, passava um tempo lá, depois eu ia pra casa de Mamãe. Eu sei que, pronto, passava um tempo longe depois voltava. Mas, voltava, mas não tinha mais vida conjugal, era só assim, ficava lá, né?! Por causa dos filhos. Era complicado. [...] Mas, ele queria ter relações comigo. E uma vez ele me obrigou, ele... eu não queria nem dizer isso a você, é tão chato, né. [...] Eu fiquei com vontade de vomitar, tive ânsia de vômito, você acredita? Que era tão ruim a história, eu não queria de jeito nenhum. Foi terrível! [...] Eu era muito jovem. Foi muito difícil, minha vida foi muito difícil, eu acho muito ruim. Mas pronto, passou, acabou. Graças a Deus, já passei, já superei tudo. Uma das coisas que me ajuda muito é que eu rezo, entendeu? Eu tenho fé, a fé remove montanhas, como se diz. Então, eu tenho muita fé, que eu ultrapassei tudo isso com a ajuda lá de cima, entendeu? Se não fosse isso, eu acho que eu não tava hoje aqui não. Mas, eu sempre rezei, sempre me entreguei a Deus, com muita fé.”

4.3.1.9 Ciclotímico

“Ele teve depressão, tinha, horrível. [...] Ele ainda tem né, quer dizer, na realidade, agora tá melhor, quem tem é o meu menino. [...] Ele tem muita coisa do pai, eu acho. Ele tem, parece. Se bem que eles são brigados os dois, né?! Quer dizer, às vezes, falam, às vezes, não falam. Meu filho tem os negócios dele de coisa do passado, tem raiva... Ele [o ex-marido] tem umas características muito semelhantes, eu acho, nessa depressão, nessas angústias... ele também tinha isso. [...] Ele [o ex-marido] passava uma fase assim... ele durante o dia ele, às vezes, tinha três tipos de comportamento. Era uma coisa assim, de manhã ele acordava bem, eufórico, não sei o que lá, tava ótimo. Aí, na hora, assim, de tarde, duas horas da tarde, na hora do almoço, ele tava chato. Aí, de noite, ele melhorava. Era assim, ele mudava, ele era ciclotímico, mudava muito de temperamento, mudava, às vezes, três por dia. Aí, quando eu fui morar em São Paulo, que em São Paulo tem esse clima assim, muda, de manhã é uma coisa, de tarde é outra, de noite é outra, né?! [...] Eu não dizia a ele, eu pensava com os meus botões, né?! Não dizia não, mas pensava, que é muito parecido, o funcionamento de São Paulo com o funcionamento dele.”.

4.3.1.10 Morando na casa dos pais dele

“Passei um tempo até morando lá com eles, os pais dele, na mesma casa. A casa era dividida em dois pavimentos, eu morava embaixo e ela [referindo-se à mãe do ex-marido] em cima. Mas ela interferia muito, sabe?! Ela queria manobrar, dizer como é que fazia e eu não gostava, porque cada um tem um sistema, né?! Ela queria que eu trancasse tudo pra empregada não roubar, ela era assim neurótica dessas coisas, entendeu? E não podia dar um lanche a empregada, e a menina... eu tinha a minha filha, novinha, com 7 meses, pesada, que ela era gordinha. Aí, tinha uma mocinha que me ajudava, ainda bem, porque eu, também, tinha os outros meninos, era muita coisa pra mim, né?! [...] Pronto, ela não queria que eu desse um lanche a essa menina, você imagina, ela, a minha sogra, ex-sogra, e uma tia dele, irmã dela. [...] Essa tia morava perto e ia todo dia lá. E essa irmã dela descia e via eu dando um pedaço de bolo: ‘Ah, mas você tá acostumando mal... você vai dar bolo a sua empregada... não pode.’. Aí, eu tinha uma raiva disso, sabe?! Mas ela, coitada, ela trabalha, um ser humano, né?! Precisa comer, né?! Não é boneco não, né?! Fica ali, a escravidão já passou, né?! Aí, eles tinham esse... era assim. [...] Porque achava que eu era, assim, uma pessoa inexperiente, que não consegue fazer as coisas, aí ela tinha que dizer como é, que o certo é o que ela acha. [...]

Ela pegava a geladeira, botava um cadeado na geladeira, duas pecinhas, assim, aldraba, que chama, né?! Bota um cadeadinho ali, e a chave pendurada na cintura [risos]. [...] Da casa dela, na minha Deus me livre, eu nunca fiz isso, eu não faço isso, não. Você imaginou? Toda vez que você quer tomar uma água gelada tem que abrir um cadeado que tá... [risos] tá louca, menina! [...] A empregada não podia nem beber água gelada, né?! [...] Ele [o ex-marido] queria que eu fizesse o que a mãe dele queria, mas ele depois, até um mérito, que ele respeitou a minha ideia de: 'Não, eu não vou fazer isso não, não faço, não quero.'. Aí, eu não fiz, eu nunca fiz. [...] E ele tratava bem a empregada, nunca teve problema não.'"

4.3.1.11 Desquite e Separação

“É porque teve o seguinte, eu casei em 62, eu me separei, mas voltei. [...] A primeira vez, eu acho que foi 74, 75, por aí. Essas datas o tempo desgasta, né?! [...] Separei. Aí voltei. Passei um tempo separada ainda, voltei. Aí, até anulei o desquite, que meu pai até ficou chateado: 'Mas, menina...'. Eu tinha dado entrada no desquite. Já tava tudo pronto. [...] Eu anulei pra poder ficar com os filhos, né?! Porque ele queria ficar com os filhos. [...] É uma ameaça, porque ele disse: 'Eu só dou o desquite, só se você deixar os meninos comigo, os três homens.'. [...] O documento tava pronto, já tava pronto. Aí, ele deixou os meninos ficarem comigo, mas, aí, ficou aperreando, aperreando, terminou... [...] disse que não ia dar dinheiro nenhum pra ajudar, entendeu? Nenhuma pensão, nada, nunca deu. [...] Ele fez o seguinte, ele nunca deu pensão assim, mas ele pagava os estudos, né?! [...] Na realidade, ele nunca quis dar pensão, porque ele dizia que eu não precisava de pensão, que meu pai podia suprir. Meu pai tinha uma condição boa, né?! Equilibrada. Então, meu pai que arcasse lá com as despesas. [...] Na época, eu não trabalhava nem tinha curso universitário. [...] Eu tinha eu acho que era uns 28 anos, alguma coisa assim. [...] Aí, a primeira vez que eu sai, eu tinha 28, mas depois eu voltei, passei uns dois anos, era uns 30 anos eu ainda tava com ele, com 31 já tava separada. [...] Depois dessa volta, eu passei dois anos com ele. [...] Aí, foi a separação definitiva, quando entrou com essa ação, que já era separação consensual. Primeiro começou com o desquite litigioso [referindo-se à separação litigiosa], mas aí ele inventou tanta coisa, ele inventou inverdades, né?! Depois separação consensual [...] Isso, da segunda vez, porque o primeiro desquite foi anulado, né?! [...] Porque, aí, não deu certo. Eu voltei, mas ele era infiel e grosseiro. Tem que dizer a verdade, né?! Não é pra dizer? Então, eu tô dizendo. Não gosto de dizer, sabe?! Sinceramente, mas... só pra poder justificar. [...] Eu convivi com ele uns 13 anos por aí.

4.3.1.11.1 Desquite

“O período do desquite foi um período sofrido. Foi muito sofrido, porque ele não queria, né?! Ele não queria de jeito nenhum. Aí, teve aquele evento do advogado, Papai contratou, e fez o desquite todinho e , depois, ele quis voltar atrás e eu feitei uma besta voltei, com mais ou menos um mês de separada, eu voltei, né?! [...] Meu pai contratou o advogado. Eu me lembro que eu fui na justiça com o advogado, mas foi um dequite amigável, foi simples, não teve nenhuma confusão, ele aceitou. Agora, ele aceitou e depois quis voltar... mas, aí, porque parece que tinha ficado os dois meninos lá e eu fiquei com dois, dividiram, aí, eu desmanchei por isso, pra poder ficar com os outros dois. Aí, foi pior porque essa volta eu sofri mais do que antes de todo tempo.”

4.3.1.11.2 A volta

“Aí, eu voltei a coabitar com ele, mas eu acho que a gente não teve nem muito relacionamento, dormiu até em quarto separado, imagine, nem dormiu no mesmo quarto. E a menina, minha filha pequena, quando chegava alguma amiguinha dela lá, ela novinha, ela fazia assim: ‘Ah, esse aqui é o quarto de Papai e esse aqui é o quarto de Mamãe.’. Ela dizia as amiguinhas dela, entendeu? [...] E, aí, eu escutava ele marcando encontro com outras. Teve uma vez que eu fui com uma pessoa amiga, de família, eu não sei se foi um sobrinho meu que me levou, a gente foi em um determinado local do encontro dele pra ver, eu vi. Foi tão ruim, sabe?! Eu não gosto nem de me lembrar. Foi muito sofrido. Eu ouvia conversas na extensão... [...], essas coisas chatas. [...] Foi muito ruim, aí terminou eu não aguentando.”

Quanto à reação do seu pai, quando ela desistiu do desquite, relatou: *“Papai ficou... depois que eu desmanchei o desquite, Papai ficou que não quis nem falar comigo. Passou um tempo meio de mal, assim. [...] Ficou aborrecido porque ele ficou achando que foi um absurdo, um negócio que ele pagou e tudo, e fez pra poder eu ficar livre dos maus-tratos dele. [...] Aí, ficou muito chateado, não quiseram nem falar com ele mais, e cortaram de vez relações com ele. [...] Ele e Mamãe. Total, eles dois, mudou tudo. [...] Eu falava com Mamãe, assim, pelo telefone, mas não iam nem na minha casa, os meus pais, né?! Porque Papai tava chateado e com razão, porque, né?! Eu não tinha que fazer isso, né?! [...] Eu fui morar de novo com ele, num canto, ele arrumou um apartamento lá, mas até eu que tinha um apartamento alugado do meu pai, que meu pai me deu esse apartamento e eu alugava e o dinheiro foi todinho pra despesa da casa. Quer dizer, não era nem pra mim, pra eu comprar uma roupa, uma coisa,*

nada. Eu não tinha nem roupa, eu tinha duas roupas, duas, eu me lembro muito bem. [...] Lavava uma, botava a outra, não tinha mais nada. Que, aí, meu pai também trancou-se, né?! Papai não ajudou mais não, deixou pra lá. [...] O dinheiro do aluguel do apartamento era todo pra comprar comida, e, às vezes, não tinha nem comida em casa, que uma vez uma sobrinha minha foi levar a comida dos meninos lá, que não tinha nem almoço, [...] eu me lembro que tava zerado lá, que na hora... os meninos comiam bem, era tudo crianças com 10, 9, 8, sei lá. [...] Aí, ela ia, a menina levou um prato lá grande, pra todo mundo comer. Aí assim, foi muito sofrido.”

“Porque Papai achava que os meninos voltavam, como eles voltaram mesmo, voltaram todos. Eu fiquei com guarda de dois, né?! Que era a menina e o outro, que era logo junto à menina, quatro anos mais velho que a menina, e os outros dois maiores ficaram com ele, e ele concordou, e assinou e tudo. Mas, ficou fazendo minha cabeça, dizendo que os meninos tavam perguntando por mim... tudo isso armação, só golpe, como se tá dizendo muito, assim, só pra eu voltar. Aí, eu terminei caindo no laço. Fiz uma grande besteira, né?! Porque eu ficava deprimida, também, pensando nos meninos lá. Foi pior, porque depois, ele ficou com os três meninos. Foi pior até. Mas, eu tive que fazer isso, porque eu não aguentava mais viver com ele não. [...] Essas histórias... Acho que, depois que eu voltei, fiquei um ano. Talvez... Eu acho que foi, no máximo, um ano. [...] Aí, eu fui para a casa dos meus pais, eles aceitaram, né?! Porque pai e mãe... pai e mãe a gente aceita mesmo, né?! Aceitaram. Ficou tudo bem. [...] Ele disse que só assinava o desquite se os meninos ficassem com ele. [...] A separação. [...] Foi muito complicada minha vida, olhe, eu nem gosto de falar nisso, eu acho horrível. [...] Por mim, a gente já tava encerrado, não gosto não, porque eu acho, assim, que mexe na ferida, não é?! [...] É uma fase muito ruim... foi muito... Muito difícil, muito triste. [...] Meus filhos, minhas histórias. E esse meu filho, que é muito complicado, ele não aceitava ficar longe de mim, e ele fugia e vinha lá pra casa... é muito complicado.”

4.3.1.11.3 Separação definitiva

“Porque a primeira... a separação, praticamente, foi a grande né?! Porque eu me separei e voltei, voltei por conta da história dos três filhos, né?! [...] A separação foi tanto por conta da história da grosseria, inclusive de me bater, quanto da infidelidade, né?! Que era uma coisa horrível. [...] Quando eu voltei eu acho que não tive mais relações [relações sexuais] com ele, acho que não tive não, visse?! Nada, se teve foi muito pouco, sabe? Porque eu não gostava mais dele e ele sabia.”

“Eu fiz esse acordo de deixar meus filhos, depois, não tive como não fazer. Não tinha como viver com ele, não tinha, tinha nenhum jeito, então foi o jeito, né?! Tive que deixar os meninos e fiquei só com a menina, e fiquei com meu pai e minha irmã, na casa deles. Aí foi quando eu fui fazer faculdade. [...] Fiz o curso de biblioteconomia, que eu arrumei emprego logo. [...] Eu precisava de um emprego urgente, eu não podia ficar só dependendo de Papai e ele [ex-marido] nem me dava pensão, né?! Porque não quis dar mesmo, pra poder eu voltar pra ele, ele queria pressionar. Aí, eu precisava de um emprego, né?! Que, graças a Deus, fiz esse curso e arrumei um emprego. Aí depois, como eu gostava de estudar, queria saber coisas a mais, aí, eu fiz sociologia, também. Mas, aí, foi um bocado de tempo depois. [...] Meu pai não me pressionava pra eu estudar, trabalhar, eu é que queria. Papai nem gostava, achava que eu não devia fazer isso. Papai era contra. [...] Papai foi rígido, ele já era e continuou sendo. E, aí, ele, também, achava que eu podia ficar uma mulher falada, uma pessoa de má fama, né?! Que ficava... se saísse de noite sozinha... Mesmo que não fosse, mas era... ficava rotulada. [...] Então, eles tinham que ter cuidado comigo, pra eu não ficar assim, me tornar uma pessoa falada. [...] Pra não ficar saindo, pra não ficar exposta, pra não ficar sendo chamada disso, daquilo, daquilo outro, tá entendendo? [...] Mas, eu fui estudar de noite, eu fiz curso, tudo. [...] Eu nunca me senti assim, nos lugares onde eu circulava, nunca senti que as pessoas olhavam pra mim diferente. Sabe por que eu nunca me senti assim? Porque todo mundo conhecia ele, sabia o que ele fez comigo. Então, todo mundo sabia que o certo foi isso que eu fiz, porque eu não podia. Porque mulher que fica com homem que bate é uma mulher que gosta de apanhar, eu não gostava de apanhar. [...] Todo mundo me deu valor, me deu razão.”

“Ele passou um bocado de tempo com os meninos, uns cinco ou seis anos, mas só que os meninos pegavam a semana tem cinco dias, vamos dizer, fora o fim de semana. Aí eles passavam cinco dias lá, que tavam no colégio, tinham que ficar lá com ele, mas depois iam pra minha casa, direto, casa do meu pai e tudo. [...] Quando o meu ex-marido ficou com as crianças, mas passava... eles depois saíram e voltaram tudo pra mim, tá entendendo? [...] Ele morava só com os meninos, não tinha companhia, não. [...] Os meninos já tavam assim grandes, já tinham 11, 10 e 9 anos, por aí, eram sabidos já, eram meninos grandes. [...] Tinha uma empregada. [...] Aí, eu ia toda tarde lá pra ver o dever, eu nem gostava muito, mas como ele não tava em casa eu entrava lá. Até minha mãe ia comigo, algumas vezes, a gente ia ver o dever dos meninos.”

“[...] Eu sentia o trabalho que eu dava morando na casa dos meus pais, entendeu? Não o valor financeiro não, porque não era isso... era também, né?! Quer dizer, porque, de repente, era eu e mais filhos, que os meninos viviam lá, entendeu? Muito mais lá do que com o pai, o

pai ficava só na hora de colégio, ali, que ele tinha que ir, mas depois de um certo tempo teve... esse segundo que é meio complicadinho, ele voltou até pra morar comigo, não quis nem mais ficar com o pai, eu até botei ele num colégio perto de mim. [...] Ele não maltratava os meninos, assim, não batia, não. Ele teve uns eventos desse, pouca coisa, mas não era muito costumeiramente, não. Teve uma vez que ele bateu até no rosto desse meu filho complicado, que ele até hoje ele fala nisso. Porque foi lá de noite, tava tudo... tavam comigo nesse dia, né?! E aí não sei como foi... eu não gosto de falar nisso, me faz mal, mas aí ele foi lá pra dar um recado, ninguém queria ir, ninguém queria ir lá falar com ele, nenhum dos três quiseram, né?! Aí eu mandei esse daí, até hoje ele me culpa disso, já pensou?! Que aí ele foi e ele disse... o menino me contou que ele deu um murro nele, no rosto. [...] Mas, ele falava mal de mim pra os meninos. Ele dizia que eu tava com amante, não sei o que, era muito ruim, foi horrível. Ele fazia isso, ele criava coisa e dizia. [...] Os meninos podiam ter acreditado na hora, mas hoje eles sabem que não é, porque eles conhecem o pai deles, sabem que o pai dele é imaginativo... hoje em dia já tá explicado isso, entendeu? [...] Fim de semana, sexta-feira, já iam lá pra casa depois do colégio. Porque sábado não tinha aula, né?! [...] Porque já tava tudo certo, tinha colégio matriculado, não podia morar comigo, porque morava em outro bairro longe, né?! Então, não ficava, mas, de qualquer jeito, sexta-feira já iam lá pra casa, na sexta. [...] Eu não sentia que eles eram tristes. O único que foi mais prejudicado foi esse do meio [referindo-se ao segundo filho].”

“Só quem ficou morando comigo foi a minha filha. [...] Ele disse que queria ficar com os meninos homens, porque, se eles fossem educados por mãe, iam ficar maricas, como se dizia antigamente, entendeu? Ia ficar afeminado, né?! Porque mulher pra educar filho não pode. Era uma desculpa, ele não queria era dar pensão, na verdade, sabia? Porque ele sabia que se eu ficasse morando com os quatro filhos, ele tinha que dar uma pensão grande, né?! Além de pagar o colégio. Aí ele inventou isso, inventou muita mentira, disse que eu tinha, que recebia dinheiro, que meu pai tinha isso... ele inventou tanta mentira na audiência da separação. E outra coisa que ele fazia, ele chegava, pagava os oficiais de justiça, ou aquele pessoal que fica ali no tribunal, no palácio da justiça, sei lá, pra pegar o... vamos dizer, tem lá uma pilha de papéis pra ser julgado, né?! Pra o juiz, pra fazer a audiência, aí o processo da gente tava aqui [em cima], ele pagava ao cara pra o cara botar aqui [embaixo], pra demorar. Tudo isso ele fez. [...] Mas, quando terminou o processo, eu voltei ao nome de solteira. [...] O dia que eu consegui assinar aquele desquite [referindo-se à separação], aquele papel, foi a mesma coisa de ter tirado na loteria!”

Depois desses cinco ou seis anos mais ou menos que ele levou os meninos, né?! Aí, os meninos voltaram e ficaram todos, ficou tudo morando. [...] Todo o fim de semana, ele levava a menina. [...] Mas, às vezes, ele não levava todo fim de semana, não. Era uma vez ou outra, assim. [...] Mas, também, teve afeto e dedicação por ela, não deixou de ter, não. Aí, eu não vou negar, vou dizer a verdade, ele sempre foi pai, né?! Assim, presente, ele... até na minha casa ele foi, depois de tudo isso, ele ia lá pra ver os filhos, uma horinha dessa ele passava lá e via. A menina, também, ficava com ele, às vezes. [...] Agora, às vezes, ele fazia uma coisa muito errada, quando ele soube desse meu namoro, do que eu passei seis anos, dessa pessoa que era meu colega de trabalho, ele ficava com raiva, né?! Porque ele queria... ele não queria se separar, ele queria que eu ficasse lá aguentando todas aquelas coisas dele, dele ter mulher por fora e era grosso demais, que eu ficasse na minha, eu não consegui, entendeu? Eu nem sou santa nem sou modelo de perfeição. Aí, ele sabia, porque alguém contava a ele, que me via no barzinho com essa pessoa. Aí, ele pegava a menina, uma vez ele foi onze horas da noite buscar a menina pra dormir, pra me fazer raiva. A menina tava de camisola dormindo, pois botou um robezinho na menina e levou a menina. Eu tive que descer com a menina e entregar a ele pra ele levar. Só pra me punir, sabe como é? Ele usava... ele punia através de uma ação assim. [...] Os meninos sempre ficavam comigo no fim de semana, é. Era combinado isso, e eles queriam mesmo. Depois que ficaram adolescentes, 15, 16 anos, não tinha mais essa história, né?! Ficaram até morando comigo mesmo. Aí, deixaram pra lá, ficaram comigo morando lá no meu apartamento. Eu acho que eles só passaram com ele uns seis anos no máximo, não foi mais do que isso, não. Aí, moravam todos comigo. [...] Depois de separada eu fui pra casa dos meus pais e morei, eu acho, que de dois pra três anos, depois fui pra minha casa. [...] Mas, eles sempre foram presentes. Demais, meu pai ia na minha casa me ver, me visitar. Ele sempre ia lá.”.

4.3.1.11.4 Quando voltou para a casa dos pais

“Todo mundo da minha família era contra ele, né?! Ninguém gostava dele não. [...] Era a favor da separação, lógico, com certeza. [...] Meus pais tinham horror a ele, horror. [...] Eu nunca senti discriminação na minha família, por ter me separado, porque todo mundo sabia que ele não prestava, né?! Tava na cara. [...] Mas, em relação à sociedade, se apresentar como mulher separada, naquela época, era ruim, era, não era bom. Porque as pessoas já olhavam assim, né?! Com um olhar duvidoso, né?! Você sabe, né?! Naquela época, né?! Agora é a coisa mais comum que tem. [...] Ele [ex-marido] dizia assim: ‘Você quer ser desquitada, mulher, é

um estigma na sociedade, é quase como uma prostituta.’, não sei o que... dizia umas coisas lá, quando tava com raiva de mim, ele dizia que eu tava com má influência. Ele perseguiu, perseguiu muito. Eu não podia continuar. [...] No começo, eu podia ter sentido um pouco, até porque era uma coisa da sociedade mesmo. Mas, as pessoas não sabiam o que eu tava vivendo, né?! [...] Mas, às vezes, sabiam, também, porque uma ou outra sabia, contava. Tinha gente até que era contra mim, quando eu vivia com ele, dizia assim: ‘Mas como é que essa menina ainda tá lá, ela gosta de apanhar, é?!’. Já escutei isso de uma pessoa, uma pessoa contou que escutou de outra, entendeu? Uma fofocazinha. Mas por que? Eu fiquei um tempo, mesmo depois de ter apanhado, mas eu fiquei em casa, não tendo nenhum relacionamento com ele, até cada um no seu canto, mas por causa das crianças, também, eram muito pequenas ainda. [...] Isso de bater em mim... não foi frequente, toda hora, toda hora. Foi, assim, alguns eventos, né?! Uns três, sei lá, separados por algum tempo, assim. Mas, aconteceu porque ele era uma pessoa grosseira, né?! Uma pessoa, assim, muito... brava mesmo. [...] Ele não bebia não, mas era gênio mesmo, era gênio. Bicho ruim.”.

“Eu não sei se toda essa situação afetou o meu relacionamento com os meus filhos, porque eu... não, eu nunca senti isso não. Pode ser que pequenininho, eles pequenos, assim, foi ruim pra eles, né?! Aquele fato todo do pai levar os meninos pra lá, tudo isso bagunçou a cabecinha deles, mas depois melhorou, depois normalizou, eles nunca quiseram ficar com ele lá, eles não gostavam de ficar com ele, era muito diferente a vida, ele era chato, entendeu? Era aquela coisa assim... rígido. E eu era mais maleável, tudinho, aí eles gostavam mais, né?! Bem melhor.”.

Declarou que, no segundo momento do desfecho do casamento, da separação judicial, o seu pai não se envolveu. Segundo ela: *“Papai não quis nem saber. [...] Eu nem sei como foi que eu paguei isso, meu Deus, não me lembro mais. Porque eu devo ter pago, né?! Não me lembro. Eu acho que eu vendi um carro pra fazer isso, eu tenho impressão que eu vendi. [...] Papai falou que já tinha pago um, aí ele não quis pagar mais não nem se envolver.”.*

4.3.1.11.5 Interferência da mãe dele após separação

“A família dele devia saber desses relacionamentos dele, mas era assim, sabe... achando com aquela mentalidade que homem pode tudo, mulher não pode nada, entendeu? Mulher se fizer qualquer coisa tem aquele lindo nome que chamam logo, né?! As pessoas. [...] E os pais dele sempre foram a favor dele, nunca foram ao meu favor, nunca! [...] Não tinha conflito comigo, não, tinha não. Só teve mais, assim, conflito maior, assim, conflito do pai dele

não. A mãe é que era muito assim, sabe?! Protecionista dele. Que, quando eu me separei dele, ela foi lá na minha casa um dia, eu tava com os meninos, assim, ela me deu o maior esculacho. [...] Quando eu tinha me separado dele, que tinha saído de casa, já tava em vias de fazer o desquite, tudo. Aí, ela: ‘Você isso, você aquilo...’, ela disse um bocado de coisa lá, assim, comigo, porque eu deixei o filho dela, né?! Que eu fui a pior mulher do mundo, mas... aí, eu sabia que ela tinha horror a mim. [...] Eu tava contando com o apoio só da minha família. A minha família, na realidade, eu fui morar na casa dos meus pais.”.

4.3.1.11.6 Como e quando voltaram a se relacionar socialmente

“Depois da separação, teve um período que a gente não se falava, assim, não aguentava, a gente podia se falar, assim, numa necessidade. [...] Teve uma época, melhorou, já passou mais, os meninos tavam até morando mais comigo, que ele chegou a pedir, implorar, chorar, na minha casa, na mesa do almoço da gente, da minha casa, né?! Ele morava lá na casa dele, pedindo pra voltar. [...] Implorando, pedindo: ‘Ah, vamos voltar. Eu quero voltar’. [...] Eu não voltei pra ele, não, porque eu já tinha comido da banda podre, aí, eu já sabia o que era. [...] Ele sempre quis voltar, porque ele queria, assim, aquele jarro de decoração na casa dele, sabe?! A mulher assim, só pra ter mulher. [...] Ele queria lá, aquela pessoa lá, aquela mulher, a mãe dos filhos dele, e queria continuar com amante, com as grosserias. [...] Ele não casou. [...] E amante não deixava de ter nunca, sempre teve. Até agora velho, eu sei por causa dos filhos que me contam, né?! Que ele já tem 80 anos, imagine, 80 ele tem, ele ainda tinha casinhos, casinhos. Não sei como essas mulheres querem se relacionar com um velho desses, um decrépito, né?! Só porque, acho, que tem dinheiro no meio, né?! Ele paga alguma coisa lá pra... não sei. [...] Os meninos é que tão se aperreando com ele [risos]. Ficam... tem uma lá que vai buscar dinheiro lá, eles ficam louquinhos, ficam danados com ele. [...] Eu não sei, mas eu acho que são mulheres mais nova, não sei que tipo não. É mais gente, assim, mais simples, sabe?! Que vão até porque dá um presente, dá um dinheiro, dá um dinheirinho lá, sei não. Eu tô dizendo, assim, o que eu ouço. Eu não posso dizer porque eu nunca vi [...], mas é o que eu ouço, que meus filhos me contam. [...] Mas, há muito tempo, que eu falo com ele, falo, já faz tanto tempo isso. Olhe, a fase pior, a fase mais pesada, foi na década de 80, entendeu? 90 já tava mais amena, década de 90 já amenizou mais [...], 80 é que tava exacerbado. [...] Eu acho que foi melhorando quando ele percebeu que eu tinha outros relacionamentos, ele viu que, realmente, não tinha mais espaço. [...] Ele almoçou aqui domingo passado, no dia das mães. [...] Pois é, ele almoçou, almoçou com os filhos. Porque o outro [companheiro atual] não tava,

eles não se encontram, não. O meu atual não quer saber dele, não quer ver ele, não, nem ele quer ver, não querem se encontrar.”.

4.3.1.11.7 Relação pai e filhos

“De um modo geral, meus filhos se dão bem com o pai. [...] Quem é mais apegado ao pai é o filho mais velho. [...] Mas, o outro, o segundo, mora lá, no mesmo prédio, no apartamento que era dele. O pai mora no mesmo prédio, mas não mora junto, né?! Ele não se dá com o pai não, quer dizer, aguenta né, assim, porque tem...”.

4.3.2 RELACIONAMENTOS APÓS SEPARAÇÃO

Maria ressaltou ter se sentido valorizada, nos relacionamentos posteriores a sua primeira união conjugal. Nesse sentido, disse: *“Olhe, diante do que eu passei, não é?! Eu fazia uma comparação. Diante do que eu passei com uma pessoa que me tratava mal, né?! Que era uma pessoa que tinha um pensamento muito diferente do meu, que eu não me sentia à vontade com ele, entendeu? Então, eu via uma grande diferença, pessoas atenciosas, pessoas amáveis... A diferença... [...] pessoas que me elogiavam, muito, muito, elogiavam, pois é. [...] Passeava [...] Eu vivia trancada dentro de casa. Total. [...] A gente praticamente não tinha vida social. Uma vez ou outra ia numa festa, assim, uma coisa, porque alguém chamou, não sei o que, aí ia, sabe?! [...] Mas, com os outros... aí, é diferente. Era mais, assim, pessoas mais amáveis... É mais por aí. [...] Eu melhorei muito minha autoestima, né?! Claro. Subi muito.”.*

4.3.2.1 Relações sociais no trabalho, na faculdade e nos momentos de lazer

“Eu acho que, no ambiente de trabalho, os homens já olhavam com uma certa... assim, com interesse. Isso aí, é normal, né?! Porque na época, que via que tava separada, aí, sempre dava uma... [...] Eu sentia, uma coisa velada, mas tinha. Eu me lembro que teve um que fez tudo pra, assim, ajeitar o negócio no trabalho, mas ele tava interessado em mim, na realidade. Eu senti isso. [...] Ajeitar um lugar. Porque eu tava pra escolher onde ficar, entendeu? [...] Tavam me chamando pra um programa [...], que eu ia ficar à disposição. [...] Então, eu já tava com uma pessoa que tinha me chamado pra ficar lá, uma moça que conhecia a família e era bibliotecária, também, ela queria uma pessoa pra biblioteca. [...] Então, esse diretor lá, ele

ficava dizendo, assim, que eu parecia com as figuras de Modigliani [referindo-se ao pintor e escultor italiano, Amedeo Modigliani], porque não sei o que, que tinha pescoço comprido... [...] Era tudo cantada velada, né?! Assim. [...] Eu acho que ele devia ser casado, mas eu não me lembro, mas devia ser, né?! Bom, sei não. Nesse detalhe eu nem cheguei, porque eu não tive nada com ele, ainda bem [risos]. Só que teve cantada, assim, queria,: ‘Fique aqui, porque você não sei o que...’, ele queria ajeitar pra eu ficar lá, porque aí ele ia ter mais acesso, né?! A mim, né?! [...] Mas, eu não fiquei, eu fui.”

Além desse, teve outros, teve, teve, claro que teve, né?! Isso é normal. [...] Eu saía, barzinho, com amigas, essas coisas, eu saía. [...] Eram mulheres separadas, tinham duas que eram solteiras. Casada não sai sozinha, né?! Sai com o marido, né?! Era, só amigas mesmo, de faculdade... [...] Sempre aparecia gente cantando, ali era uma mulher só. Isso é normal, né?! [...] Acho que hoje ainda tem mais, né?! Sempre teve, eu acho que é sempre a mesma coisa. [...] Eu não me sentia incomodada, quando um homem olhava e se aproximava de mim por perceber que eu era separada. [...] Eu achava bom, conversava, incomodava não. [...] Era uma coisa, assim, da vaidade feminina, que elogiava. Então, eu gostava, porque também era... entendeu? Não tinha as vias de fato, não, porque eu não conhecia, aquela coisa não ia pra frente, porque era uma coisa, assim, passageira, mas... eu não me incomodava. Agora, teve um caso que me incomodou, foi até um professor, esse professor foi horrível que esse homem era chato! Eu acho que ele foi um assédio, porque ele queria ter um caso comigo de todo jeito, e eu não queria nada com ele, nem sei se ele era casado, se era... devia ser até, não sei, era mais velho. Já foi do curso de sociologia, que foi no curso de pós... [...] Aí, esse professor foi chatíssimo. Esse era horrível. Aí, querendo pegar, assim, sabe?! Querendo ter contato, e eu: ‘Olhe, desculpa, mas eu não...’. Eu dizia assim com ele, porque ele era meu professor, não podia brigar [risos]. Mas, eu não... eu não queria nada com ele. Eu ficava rindo, brincando, e doida que ele fosse pra longe. Mas ele era insistente, chato, sabe?! Se tornava importuno, ele era horrível. Esse daí, foi um caso que... eu nem me lembrava disso, mas você falou agora eu me lembrei desse.”

Em relação ao modo como a sociedade lidava com as mulheres desquitadas e separadas, na época da sua separação, Maria contou: *“Agora, tá muito melhor do que na minha época. Na minha época era muito difícil. [...] Papai não queria que eu ficasse falada, né?! Tem aquelas histórias, né?! E as pessoas tradicionais, tem muita gente preconceituosa, que achava que uma mulher, assim, separada, podia ser até uma hippie, eu me lembro que uma vez alguém me chamou de hippie, não sei porquê. Uma pessoa lá. [...]. Minha irmã que me contou. Por que? Porque eu era uma pessoa mais livre, né?! Uma pessoa só, era uma hippie. O que é hippie?*

Hippie é uma pessoa, né?! Totalmente alternativa. Eu não era isso. Mas, é que isso é preconceito, às vezes até desdém, né?! Só porque a pessoa é divorciada, assim, desquitada, é. [...] O hippie era, também, porque eu sempre fui de esquerda, né?! Eu acho que tem a ver com as duas coisas juntas. [...] Foi um homem, até, que fez esse comentário. [...] Eu não sei nem quem foi, mas ela [irmã] me contou que em um caso lá uma pessoa disse isso. Que ela até disse: 'Não, minha irmã não é hippie, não, tem nada a ver, ela é separada do marido, ela é desquitada, mas não é hippie, não, cuida dos filhos dela e tudo o mais.'."

4.3.2.2 Primeiro relacionamento pós-separação

"Eu me apaixonei muito, principalmente, por um deles. O primeiro de todos foi uma pessoa ótima, excelente, maravilhosa, que até hoje eu tenho uma certa saudade do tempo que eu convivia com ele, era assim também, cada um no seu canto, engraçado, né?! Que eu não preservei, que eu podia ter preservado. Hoje eu tava numa boa, porque ele era generoso comigo, muito parceiro, uma pessoa muito legal, entendeu? Uma generosidade, assim, de acordar, o dia, e procurar saber: 'O que você tá querendo fazer hoje?'. Eu nunca tive isso do meu marido, nunca, nem tenho desse também, porque é do temperamento das pessoas, né, cada um é de um jeito. [...] A generosidade é do companheirismo e, também, da doação de alguma coisa que eu precisasse. Ele ajudou. [...] Contribuía, assim, de presentes, entendeu? Ele não me dava o dinheiro, assim, não, não era. Mas, porque ele chegava... pronto, ele chegou... Minha filha era pequena, tinha 10 anos, sei lá. Aí, ele ia na loja, comprava o sapato, a meia, as calças, camisa, tudo da menina, pro colégio, tá entendendo? Aí, era assim. [...] Até hoje, minha filha tem uma boa relação com ele. Não se encontra assim muito, mas se encontrar faz a maior festa. Agora, tem amizade nas redes sociais, essas coisas. Então, ele, também, eu fiz besteira. [...] Foi muito tempo de relacionamento não, foram uns seis anos, mais ou menos... por aí. Foi pouco tempo. [...] Ele era solteiro, era solteiro mesmo. Ele ainda hoje é solteiro. Agora, lógico, que ele tem relacionamentos, né?! Ele nunca deixou de ter. Acabou comigo, a gente acabou, no mês seguinte ele já tava com outra, entendeu? [risos] Aí, tudo bem. Ainda hoje ele tem uma namorada. Que ele já tá o que? Já deve ter o que? Ele dever ter 66 anos, é mais moço. Ele foi colega de trabalho meu, né?! Ele é economista e muito, assim, uma pessoa muito brilhante, ele fazia tudo bem feito e ele é, também, ligado à música, ele é compositor, ele toca, ainda hoje. Mas era uma pessoa, assim, excelente. Se perguntar dos três o melhor, como pessoa, eu nem pisco o olho pra dizer que é ele. [...] Ah, dos quatro, no caso, que seria os

quatro, incluindo ele (ex-marido), também, né?! [...] Sei lá, eu esqueci dele [risos]. [...] Então, dos quatro, de todos. [...] Ele é uma pessoa maravilhosa. E era louco, apaixonado, por mim.”

“Agora, eu comecei a enjoar, cansar dele, já pensou? Que coisa horrível. Eu fiquei enjoada, era sufocante, porque ele era tão ligado em mim, pra você ver como a natureza humana é difícil, né?! Eu tava, assim, cansada, não tinha mais, sei lá, eu não sei, cansou, mas, aí, foi burrice minha. [...] Ele era um pouco ciumento, assim: ‘Ah, não bota batom não, criatura! Quem já viu botar batom no trabalho? Pra que?’ Besteira, né?! Aí, saia: ‘Saia? Pra trabalhar, botar saia? Bota uma calça, menina. Pra que saia?’ [risos]. [...] Uma saia até meio comprida que eu tinha. Mas, ele achava que chamava atenção, que era uma saia estampada lá que eu tinha. Assim, essas besteirinhas, sabe? [...] Porque trabalhava em um lugar que tinha muita gente, muito homem, né?! No caso, ele achava que eu era uma mulher atraente, né?! Porque eu era nova. Eu agora tô velha [risos], mas, quando eu namorei com ele, eu era nova. Eu tinha o que, naquela época... trinta e alguma coisa, sei lá, faz muito tempo isso. [...] Eu não deixava de fazer, eu fazia. [...] A gente depois conciliava, entendeu? Ele era uma pessoa compreensiva, não tinha isso não. Não era muita coisa não. [...] Ele não era agressivo. [...] Às vezes, ele ficava meio aborrecido, mas não era agressivo de jeito nenhum, nunca foi não. Era uma pessoa maravilhosa, assim, que eu fiquei com saudade dele, depois que eu acabei. [...] Hoje em dia, eu me arrependo, porque eu acho que ele tinha qualidades, mil qualidades, entendeu?! E eu não soube preservar isso na época, mas acontece, né?! Isso é maturidade, saber que você só tem quando você vivencia muitas experiências na vida, com pessoas, né?! Não só com pessoas de afetivamente, de relacionamento amoroso não, com pessoas da família, com a vida. Você aí chega a uma conclusão que você perdeu algumas oportunidades na vida, não é isso?! É verdade, né?! [...] Hoje, eu penso assim, ele é uma pessoa tão maravilhosa que eu perdi, pronto, só isso. Mas, eu tô bem com esse aí. Eu não quero pensar, não. 18 anos já, que eu tô... muito tempo, né?! [...] Porque não ficou muito resolvido o desfecho, ficou não. Foi, foi ruim. Foi uma... fiz besteira, fiz besteira. Eu queria acabar e ele não queria, e eu insisti. [...] Agora, meu filho mais velho não aceitava nada. Ele é muito, assim, ciumento. Ele é chato com essas coisas de namorado, sabe?! Aí, era horrível. [...] Eu sabia que ele não gostava, entendeu?! Então, eu evitava, por exemplo, ele não frequentava minha casa, nada. Era ruim por isso, né?! A gente tinha que só sair pra os lugares, ir pra barzinho, essas coisas, não ficava na minha casa, não, porque tinha esse lado, né?! Que ele não gostava. Minha filha é que se dava muito bem com ele, ele era quase pai dela. Ela até hoje gosta dele e é amiga dele, assim, né?! Gosta muito. Porque ele é uma pessoa muito boa, de um caráter assim... muito bom caráter. [...] Eu não me comunico com ele. Nem amizade com ele no Facebook eu não tenho,

porque eu, sei lá, por causa do outro. [...] Uma vez, até passei um e-mail pra ele em um aniversário dele, dando os parabéns a ele, ele gostou, respondeu tudo, mas não... Não alimentou isso, né?! Porque eu tô com esse outro relacionamento. [...] Eu também não gostaria que ele fizesse isso comigo, por isso que eu não faço com ele, né?! Porque se ele ficasse com a ex-namorada dele, comunicando, eu não ia gostar.”.

4.3.2.3 Segundo relacionamento pós-separação

“O outro é uma pessoa influente, assim, na política, ele chegou a ser deputado, se não me engano, eu não conheci ele nessa época, não. [...]. Foi antes, foi antes de eu conhecer ele. [...] E ele era economista, também, economista agrícola, mais ligado na parte de agricultura. [...] O relacionamento foi mais longo, uns dez anos, mas, também, era meio complicado, não era muito bom não, mas a gente se gostava bem. [...] Cada um na sua casa. [...] Ele é divorciado. [...] A gente se via muito pouco na realidade. Se encontrava pouco, ele viajava muito, a gente se encontrava pouco, muito pouco mesmo. [...] Meus filhos não aceitavam ele de jeito nenhum, nem pensar, ave Maria! Aceitavam não. [...] Nenhum. Ninguém. Aí esse daí não... nem a minha filha, que gostava mais ou menos. [...] Era porque achavam que não tinha nada a ver e realmente não tinha mesmo não, mas foi que eu me apaixonei por ele, acho que até pelo jeito dele, sei lá, eu me apaixonei. [...] Mas ninguém, ninguém lá em casa gostava não, todo mundo era contra. Todo mundo mesmo. [...] A minha vida sexual com ele foi boa. Foi bom porque eu gostava dele, né?! Mas, ele, também, era muito mais velho do que eu, ele era quatorze anos mais velho do que eu, já era uma coisa que não era tão boa assim, porque ele já era mais velho, né?! Mas aconteceu. [...] Eu me apaixonei. É isso.”.

4.3.2.4 Relacionamento atual

“Esse agora tem 72 anos, é mais novo do que eu seis meses. Ele não é formado, ele chegou a cursar direito, mas ele não terminou, ele interrompeu e ele sempre trabalhou com comércio, era representante de firmas. [...] Está aposentado. [...] Quando eu conheci ele já tava divorciado. E ele já tinha até tido um relacionamento com outra pessoa, mas, aí, já tinha acabado, também, quando a gente se encontrou. [...] Eu fiz um pequeno negócio na minha casa, até pra ajudar esse meu filho [segundo filho], tive um restauantezinho de peso, naquela época, tava na moda, né?! Todo mundo fazia, aquele restaurante self service, e deu certo. Mas depois

não deu mais porque é difícil porque eu trabalhava no Estado, né?! Aí, pra eu conciliar as duas coisas foi complicado, e ele [filho], também, não ajudou suficientemente, né?! [...] Foi nessa época do restaurante que eu conheci esse meu marido. Que eu fiz o restaurante no peso e de noite fazia um barzinho, aí ele começou a frequentar e a gente se conheceu. [...] A gente era vizinho, já são 18 anos de relacionamento, né?! [...] Meus filhos se dão bem com ele, menos o segundo. [...] Ele tem três filhas. [...] Eu acho que ele tem mais ligação com uma das três, né?! Uma é doente, é esquizofrênica, uma delas, a mais velha. Aí, essa daí vive com a mãe, né?! Com a ex-mulher dele, né?! Que ele é divorciado dela e ela é viúva de um marido que teve depois dele. [...] Aí, ele leva ela pra médico, compra remédio, toma conta, assim, e as irmãs também tomam. Aí, ele tem mais ligação com a segunda filha, eu acho, que ajuda ele também, né?! Faz tudo com a questão de informática, ajuda muito ele.”

4.3.2.4.1 Cada um na sua casa

“Conviver de coabitar, não. Até com esse agora eu não coabito. [...] Ele, também, mora sozinho. [...] Pode ser que um dia, ele disse que tem um projeto de viver comigo, mas ele... ele tem medo de vim pra cá por causa dos filhos, pode não dar certo, acha que um o filho pode vir morar aqui... porque já moraram comigo. [...] Mas, nem tem filho pra vir mais pra aqui, não tem como vir, porque eu já não tenho nem cama de solteiro mais aqui. Eu guardei um colchão, porque, se precisar alguém dormir aqui, tem um colchão ali encostado, mas cama mesmo não tem não. [...] Mas é, sei lá, pode ser que um dia a gente conviva, a gente coabite, pode ser. Mas, mais adiante, né?! Pode chegar um tempo que até a pessoa mais idosa um precise do outro, né?! Como precisou para a cirurgia de catarata. [...] A gente fez catarata, os dois, a gente fez muito perto, pra um ajudar o outro, os dois fizemos essa cirurgia de catarata, que é ótimo, pelo menos a minha deu certo. Eu não uso óculos mais, vejo tudo sem óculos, né?! [...] Mas, a dele não foi tão satisfatória não, porque ele tem um problema, ele tem um olho seco, vive botando colírio, sabe?! [...] Ele operou-se primeiro, aí veio aqui pra casa, passou um tempo aqui, uma semana só, besteira. Aí, depois eu fiz a minha, aí, ele, também, ficou aqui comigo. Aí, depois que faz uma faz a outra, são os dois, né?! Os dois olhos, né?! Depois ele fez a dele, depois eu fiz a minha e pronto. [...] Ele cozinha. Ele cozinha bem, ele gosta de cozinhar. [...] Ele que cozinha no fim de semana, eu, às vezes, faço, também, mas ele faz mais, ele gosta, ele gosta muito de cozinhar. Gosta mesmo.”

“Eu até queria viver com esse aqui na minha casa. Assim, mas eu tive mais vontade há um tempo atrás, mas, hoje em dia, eu tô achando bom cada um no seu canto, sabe?! Porque

ele tem uma coisa, também, que é um pouco diferente de mim, que é assim, é porque eu não sou, assim, tão metódica, tão de horário... eu sou mais descansada, meus horários vão acontecendo... ele não, ele é assim, metódico, de horário, gosta de tudo muito certinho. [...] Tudo ele tem horário. Se você vai pra algum lugar: 'Olhe, você vai pra missa? Ah, sua missa é hora tal. Olhe, são nove e meia, você tem que sair com tanto tempo, pra se vestir, pra tomar café...' , essas coisas, cronometra, entendeu? Isso é que eu não gosto muito. Eu não tenho isso, nunca tive, tá entendendo? Eu não sou chegada a esse negócio de ter horário. Não. Agora, claro que eu cumpro meus horários, né?! Na minha maneira, né?! [...] E nesse momento da vida que não tem que cumprir tanto horário com história de trabalho, de levar menino em escola, de nada. [risos] E, assim, eu sou dorminhoca, gosto de acordar mais tarde, eu costumo dormir tarde, entendeu? E ele é mais, assim, de horário, de cumprir as coisas. Mas deixa, assim tá bom, ele na casa dele, eu na minha, porque eu faço as coisas como eu quero. [...] Aí, fim de semana eu entro no jogo dele, sabe?! [risos] [...] Eu entro mais no dele do que ele no meu, sabe?! Porque ele quer tudo como ele quer. Aí, eu faço como ele quer, mas eu, também, faço da minha maneira, dou um...”.

“A questão, também, é a seguinte, ele fuma muito, demais, sabe?! [...] Então, eu acho que vai ser pior pra mim, porque eu vou conviver mais com aquele cigarro, não vai ser bom pra mim. [...] Ele não é muito saudável, não, porque ele fuma, que é um grave defeito que eu acho nele, que eu não gosto, eu tenho horror a cigarro. É por isso que eu não quero também que ele more aqui comigo. [...] Mas ele não fuma em cima de mim, ele fuma ali na varanda. Deus me livre. [...] A gente é praticamente da mesma idade, mas eu acho que ele tá mais envelhecido do que eu, assim, no sentido de ter mais problemas. E tem uma tosse horrível, mas é tosse do cigarro. [...] Vive tomando remédio pra pressão alta, né?! [...] Eu não tenho problemas de saúde, procuro ter uma alimentação mais equilibrada e tudo, né?!”.

4.3.2.4.2 Lazer do casal

“Ele vem mais aqui do que eu vou pra casa dele. Toda sexta-feira ele vem, às vezes, vem uma vez na semana, mas não é esse o comum... é mais certo sexta, sábado e domingo, aí, segunda vai-se embora [risos], aí vem de novo. [...] A gente passeia pouco, infelizmente, eu gostaria de passear mais. Outro dia, a gente deu uma passeada, foi lá até Olinda, deu um passeiozinho, mas, normalmente, a gente fica aqui vendo televisão e não passeia muito não. [...] Ele é muito caseiro, tem preguiça de sair. É muito... [risos] Até cinema mesmo, a gente ia mais, antigamente, agora já tá com preguiça de ir pro cinema. Fica vendo novela, fica vendo

um programa, outro, não quer ir. Eu adoro cinema, mas..., às vezes, vejo na televisão, filme, mas... gostaria muito, mas pra eu ir sozinha também, né?! É ruim, né?! Só.”.

4.3.2.4.3 Sexo na terceira idade

“A terceira idade é agora, porque quando eu conheci ele, eu tive dois anteriores, eu, ainda, era mais jovem, né?! Esse primeiro, que era um colega meu de trabalho, eu tinha o que? 33, 34 anos, então... e ele era mais novo do que eu, ele era seis anos a menos, era todo mundo muito novo, então, daí era tudo... ninguém era terceira idade ainda. O segundo, também, eu ainda era nova, né?! Tinha menos de 50 anos, sei lá, quarenta e alguma coisa, sei lá, 45, eu demorei mais com esse segundo do que com o primeiro, acho que eu passei quase dez anos, de oito a dez, e com o primeiro foram uns seis anos. Aí, quando terminei com ele, eu acho que, logo depois, eu conheci esse que eu tô hoje. Aí, assim, um ano depois, sei lá quanto tempo. Eu acho que já tinha, na época, quando eu conheci meu marido atual, eu tinha 55 anos. [...] Aí, com meu marido atual, sei lá, era muito bom, o sexo era muito eficaz, era muito, muito... assim, digamos, abundante, era sempre, sempre, sempre. Só caiu depois que a gente foi ficando mais velho, ele, né, principalmente, foi ficando mais velho. Eu também, né?! Que eu sou mais velha do que ele seis meses. [...] Principalmente dele por conta da ereção mesmo, porque 72 ele tem, já é... diminui, né?! Ele até brinca comigo: ‘Ah, acho que vou arranjar aqueles azulinhos’, né?! O viagra, né?! Ele sempre diz isso: ‘Vou atrás do azul’, não sei o que, porque... mas, ele faz ainda, ele consegue, entendeu? Mas, assim, não é... é meio complicado, né?! Não é fácil, não, não é fácil, não, acontece. Acontece, uma vez ou outra, acontece, mas não como era quando eu comecei com ele. A gente fazia assim, por dia, assim, dez vezes, por dia! Imagine! E a gente não morava junto, nem mora junto hoje, cada um mora no seu canto, né?! Mas, quando a gente se encontrava, assim, fim de semana era muito, e era bastante solicitante, depois... aí passou muito tempo, tudo bem, né?! Foi caindo, caindo, com a idade, né?! A idade é... lógico, né?! Depois de 70, já diminuiu bastante, 68, por aí, sei lá. [...] Independente de penetração, é bom, não é ruim não, é bom. Mas, já teve coisas melhores anteriormente. Agora, já tá uma coisa meio morna, sabe?! Porque fica, né?! Fica morna, atualmente tá [risos] talvez até de mim também, eu não tenho mais essas... digamos assim, esse desejo todo, não, eu tô também devagar. Eu já perdi um pouco esse interesse, entendeu? Eu já perdi porque eu acho que faz parte da fisiologia, sei lá de que, da idade, não sei, de tudo. Acho que perde. Mulher perde também, primeiro porque a gente fica sem hormônio, né?! Você sabe. Eu não tomo nem hormônio mais, que eu tomei reposição hormonal até uns dez anos atrás, mais ou menos, depois

eu parei de tomar e, aí, envelhece mais, né?! Perde a tesão, como se diz. Cai, né?! Você pode até ter momentos, assim, melhorzinhos, né?! Assim, mas não...”.

4.3.2.4.4 Amizade, companheirismo

“A relação com menos sexo tá se transformando, cada vez mais, em amizade. Ah, é amizade, amizade boa, a gente conversa tudo, troca ideias... eu não imagino, assim, a minha vida sem ele, porque ele conta a vida dele toda a mim, eu conto a minha vida toda a ele e a gente conversa muito, tem toda uma... olhe, é uma cumplicidade muito interessante. É muito bom. É a união, a união, apesar de tá, como ele diz, a gente não mora junto, ele diz que um dia mora, vai morar comigo, não sei quando, né?! Quando tiver tudo lá acabado [risos], caindo aos pedaços. Não, é porque ele tem receio que venha algum filho morar aqui, ele tem esses problemas... [...] Eu acho que agora fica, assim, o companheirismo... aquela coisa do sexo cai, né?! Assim, é uma coisa, assim, de gostar... eu gosto dele, ele gosta de mim, também, a gente se gosta, mas tá bom assim, todo fim de semana a gente tá junto. [...] Sexta, sábado e domingo. [...] Se tiver, por exemplo, dia dos namorados, aí ele ficou aqui na segunda-feira [risos]. Namorado velho, né?! Mas, aí, ele ficou. Aí... mas foi dormir em casa. Dormiu do domingo pra segunda, veio sexta, passou sexta, sábado, domingo e segunda, aí, segunda à noite, dez horas da noite, sei lá, dez e meia, ele foi embora pra casa, porque de manhã tinha muita coisa pra fazer. É assim, esse tipo de pessoa assim. [...] É aposentado de muito tempo. Mas, aí, fica... porque tinha o inventário do pai dele, ele tava fazendo um processo lá, aí, ele fica... entendeu? Fazendo as coisas, aí... [...] A gente se abraça, eu gosto de abraço, acho tão bom um abraço forte, eu acho uma coisa gostosa, sabe?! Eu me sinto feliz. Acho que a adrenalina, sei lá, aquela cito não sei das quantas, que eu esqueci o nome, serotonina, alguma dessas daí [risos], alguma dessas ‘nina’, uma ‘nina’ aí [...]. Aí, essas ‘ninas’ todas fazem bem, elas tão lá trabalhando numa boa, só, assim, de carinho, de amizade, de paz, porque isso aí resulta numa paz, entendeu? Às vezes, a gente também arenga, claro, né?! Porque eu sou diferentíssima dele, muito diferente, da água pro vinho, entendeu? Em tudo, até em gosto assim, gosto, ele quer... aí, eu: ‘Não, meu filho, essa coisa cafona, não quero não, não gosto.’”.

4.3.2.5 Não ter coabitado após separação

“Isso de eu não ter morado junto com ninguém, após a separação, não tem a ver com a minha experiência negativa do casamento. Não é por isso, não. É porque, geralmente, é mais da parte das pessoas de que da minha, eu... quer dizer, o primeiro ele era solteiro, né?! Morava com a mãe dele, não ia jamais morar comigo, e ainda mais com os filhos, uns, ainda adolescentes. O outro, também, o outro viajava muito, não tinha um... não ia jamais morar comigo. [...] Era divorciado, tinha filhos, netos. [...] E minha família não aceitava ele não, não gostava dele não. [...] Meus filhos. [...] E esse, agora, prefere morar só também. [...] Além disso, as pessoas são tão diferentes agora. Muito diferentes dele [ex-marido]. Ninguém foi como ele não, ninguém, graças a Deus. Eu jamais... se eu tivesse começado um relacionamento com uma pessoa igual a ele, eu tinha acabado logo, no mesmo dia, porque... não, igual a ele só teve ele mesmo. Realmente... experiência horrível!”

Na ocasião em que Maria levou os documentos da separação, em uma pasta, para me mostrar, ela enfatizou como o fato de entrar em contato com aqueles documentos, com aquela página da vida dela, era difícil, mesmo tendo sido dela a proposta de me apresentar os referidos papéis. Na ocasião, ela bateu com a mão em cima da pasta e asseverou: *“Isto é uma coisa terrível pra mim e isso gerou um monte de conflitos, de problemas na família. [...] com meus filhos, principalmente com o mais velho, que, às vezes, ficava me culpando. Às vezes, eu acho que pelo fato de ele ser machista como o pai, sei lá, é como se eu tivesse que ter dado uma chance ao pai dele, que tudo foi provocado por mim.”*. Tais palavras foram ditas carregadas de uma tristeza e um peso intensos. Apesar de Maria sempre ter feito uma avaliação de quão negativo foi esse relacionamento para ela, nesta ocasião, ela expressou culpa, por ter causado danos aos filhos.

5 APROXIMAÇÕES ANALÍTICAS

[...] só reconhecerei um sistema como empírico ou científico se ele for passível de comprovação pela experiência. Essas considerações sugerem que deve ser tomado como critério de demarcação não a *verificabilidade*, mas a *falseabilidade* de um sistema. Em outras palavras, não exigirei que um sistema científico seja suscetível de ser dado como válido, de uma vez por todas, em sentido positivo; exigirei, porém, que sua forma lógica seja tal que se torne possível validá-lo através de recurso a provas empíricas, em sentido negativo: deve ser possível refutar, pela experiência, um sistema científico empírico. (POPPER, 2006:42)

A análise das narrativas de Rosa, Elisabeth e Maria foi norteadas pelos contextos de subjetivação em etapas do curso de vida dessas mulheres em foco, já apontados nas respectivas histórias de vida. Tais contextos de subjetivação, relativos tanto ao passado quanto ao presente, são relevantes para auxiliar na compreensão das experiências sexuais e de ruptura conjugal de cada uma das participantes. Ressalto que a perspectiva de subjetivação aqui enfocada envolve todo o processo de interações com os contextos de convivência com pessoas em diferentes espaços, os quais atualizam culturas, percepções e concepções acerca da realidade. (LAGO e SANTOS, 2016; DEBERT, 1999; ELDER JR., 1998)

Vale reiterar que a ideia de desquite, embora nenhuma delas tenha passado pela experiência jurídica concreta, apresentou-se como uma concepção importante e estigmatizante para as interlocutoras, talvez por ter sido o primeiro dispositivo para regular judicialmente a dissolução do casamento. Embora as mulheres tenham verbalizado o valor recriminatório que era atribuído socialmente à condição de mulher desquitada ou separada, percebo, pelas narrativas, que foi, sobretudo, através de tal condição que elas puderam dar sentido aos seus posicionamentos como mulher, na perspectiva de uma maior autonomia e da possibilidade de agenciamento de suas decisões e escolhas.

O esforço analítico consistiu em buscar perceber singularidades e globalidades nas narrativas das interlocutoras, sem qualquer pretensão de chegar a generalizações. A ideia é que tais reflexões, que apontam para uma compreensão da realidade, provoquem uma tensão compreensiva, operando como catalisadores para novas compreensões, em consonância com a noção de “tipos ideais” proposta por Weber (1997), considerando, inclusive, a escassez de pesquisas abordando esta temática.

Para Max Weber (1997), a construção de tipos ideais não interessa como finalidade, mas como meio de se aproximar do conhecimento. Quando os tipos ideais são confrontados com a realidade, se instala uma tensão compreensiva, a qual desencadeia esclarecimentos, comparações, refutações, contribuindo, assim, para a produção do conhecimento.

Nas aproximações analíticas elegi alguns eixos presentes nas narrativas das participantes, de modo recorrente e enfático, considerando-se as idiossincrasias de cada narrativa, que auxiliaram na compreensão geral das histórias de vida, tendo como foco as relações afetivo-sexuais e a vivência da ruptura conjugal.

O primeiro eixo de discussão é a família de origem dessas mulheres, no tocante ao modo com o contexto familiar contribuiu na reprodução e na reconformação dos modelos de gênero. Nas histórias das três interlocutoras, a mãe aparece como tendo um papel importante, no sentido de incentivar o engajamento delas nos estudos, no sentido de garantir uma independência financeira, bem como, essas mães foram descritas como mulheres fortes, na dinâmica das relações familiares.

“Autoritária era Mamãe, Mamãe era quem mandava. [...] quem mandava na casa era Mamãe. Aí, por isso, talvez, que eu e minha irmã, a gente era virada. [...] Aí tudo que a gente ia pedir, ele (referindo-se ao pai) dizia: ‘fale com sua mãe, se sua mãe deixar pode ir’. [...] quem controlava mais era Mamãe. Porque Papai, como ele trabalhava de noite, ele não queria, não podia se responsabilizar, de hora de voltar...”. (Rosa)

“Era mais autoritária do que meu pai. Muito mais, muito mais. [...] E era muito controladora, muito. [...] Ela é organizadíssima. [...] Em geral, ela [referindo-se à mãe] resolvia tudo. [...] Meu pai nunca intervia, não precisava. Ele ficava cuidando do trabalho dele, ela resolvia tudo.”. (Elisabeth)

“Ela era mandona, Mamãe era, entendeu? Mas, assim, em relação a nós [referindo-se aos filhos], à empregada, à casa, aí, ela era forte. Mas, com Papai não. Papai, aí, ela ficava quieta. Papai era que dava a ordem final. Agora, tinha uma coisa, tudo ela contava a Papai, tudo, não escapava nada [...]. Meu pai não incentivava estudar. De jeito nenhum! Não incentivava, minha mãe é que incentivava, minha mãe é que era... assim... foi graças a ela, foi, tudo eu devo a ela, ir pro colégio... entendeu?”. (Maria)

Considerando a época em que essas relações se estabeleceram, enfatizo a relevância do papel dessas mulheres-mães que, a despeito de estarem sob o jugo do poderio masculino, criavam, através da sua postura firme e potente, uma zona de desconforto para o machismo. E, ao que parece, contribuíram sobremaneira para que Rosa, Maria e Elisabeth pudessem, em momento seguinte, se contrapor a essa regulação de gênero, sobretudo, no que concerne à divisão de tarefas e ao posicionamento acerca da fidelidade conjugal. Nessa esteira, convém conjecturar que os contextos familiares, notadamente o papel das mães, consistiram em um aspecto importante para mobilizar inquietações que convergiram na decisão de ruptura do casamento, por parte das mulheres em foco.

Vale destacar como elemento que despertou curiosidade, no curso das conversas, o fato de que as famílias dos ex-maridos das interlocutoras foram, em geral, descritas por elas como muito mais conservadoras do que a delas. Segundo contaram, nas famílias dos ex-maridos, as mulheres eram mais submissas e voltadas para o mundo doméstico. Nesse sentido, cabe refletir

e questionar como eram os contextos familiares de outras mulheres que, embora tivessem passado por questões conjugais semelhantes às narradas pelas minhas interlocutoras, não se desquitaram, separaram ou divorciaram.

Outro aspecto relevante que permeia os contextos de subjetivação das mulheres em tela diz respeito ao valor positivo que foi atribuído, nas suas vivências, ao binômio educação-trabalho, como propulsor de independência financeira e da capacidade de agenciar a própria vida, inclusive, de oportunizar a decisão acerca da separação conjugal. Nesse caso, também, as mães apareceram como grandes incentivadoras para que as filhas estudassem e trabalhassem. E, no caso de Elisabeth foi referido que seu pai, também, estimulou e investiu na sua formação.

Em contraposição, Rosa e Maria declararam não ter tido qualquer estímulo por parte dos pais para a sua formação escolar e profissional. No caso específico de Maria, inclusive, ela retornou à casa dos pais, após a separação, e retomou os estudos, necessitando de forte determinação para enfrentar a desaprovação do seu pai para tal intento. Porém, contou, como as demais, com o apoio e o estímulo da sua mãe. Convém ressaltar, que a escolha do curso superior, por parte de Maria, foi direcionada para uma área que possibilitasse o seu ingresso célere no mercado de trabalho e, assim, pudesse assumir financeiramente os seus filhos e sair da casa e da dependência financeira dos seus pais.

“Papai era meio patriarca, assim, mais duro, assim, e muito tradicional. [...] Era machista, era, e muito tradicional, entendeu? E ficava meio... era, aquele sistema antigo, ele tinha isso. [...] Meio preocupado, que no colégio pudesse aprender outras coisas... a cabeça, né?! A cabeça de antigamente, não é?! [...] Ah! Eu, quando me separei, eu tive uns... eu tive uns entraves com ele problemáticos, que ele dizia que eu era rebelde, ‘você é muito rebelde’. [...] Eu tinha muita vontade de sair da casa dele. Porque era um cabresto danado, né?! Eu não podia... sete horas da noite fechava o portão da casa [...] Mamãe era mais aberta, era mais flexível com essas coisas. [...] Mas sabia que enfrentar Papai era complicado. [...] Eu já não me lembro, assim, como era a reação dela quando tinha meus embates com Papai. [...] Eles eram super bem casados. Passaram sessenta e tantos anos juntos. [...] Algumas vezes, devia ter alguma divergência de opinião, né?! [...] Era, assim, uma coisa ou outra, uma coisa caseira, assim... [...] Porque Mamãe, também, tinha a vontade dela, né?! Não podia ser marionete só. [...] Olhe, às vezes, ela também externava as ideias, né?! [...] Podia ser até que eu tenha me espelhado um pouco nela, né?! Nessa coragem que ela tinha de externar as ideias. .Eu primeiro tive vontade de fazer ciências sociais, fiquei com muita vontade de fazer, né?! E... Mas, aí, eu optei por biblioteconomia, que eu fiz, pra arranjar logo emprego, que eu sabia que eu ia conseguir mais rapidamente do que ciências sociais.”. (Maria)

Ao incentivarem as suas filhas, ora interlocutoras, para que estudassem e trabalhassem, as mães, ao que parece, percebiam que uma parcela significativa da relação de dominação masculina encontrava relação com a questão da dependência financeira, e faziam uma projeção da diferença que a formação profissional traria para a vida das suas filhas. Nessa esteira, isso

corroborar com a importância para o processo de autonomia feminina, a inserção da mulher no mundo do trabalho, a qual oportuniza a independência financeira.

Destaco que Maria, ao invés de ter ficado imobilizada, estagnada com a sua condição de mulher separada e sem qualificação para o mundo do trabalho, reagiu no sentido de retomar e concluir os estudos, e, posteriormente, ingressar no mundo do trabalho, na perspectiva de suprir financeiramente a sua vida e a dos seus filhos. Vale destacar que ela, do mesmo modo que Elisabeth e Rosa, optou por não requerer judicialmente pensão alimentícia do ex-marido, demanda comum naquela época, considerando o modelo de homem-provedor e mulher-cuidadora, ainda predominante. Nessa direção, Elisabeth disse: *“Eu não quis pensão do meu ex-marido. [...] Quando eu fui pro divórcio eu já propus que eu não queria não.”* (Elisabeth)

Acerca dessa questão econômica que permeia as análises das relações de gênero, ressaltando-se a divisão do trabalho, a qual implica na divisão econômica das tarefas, e, portanto, coordenando e definindo quem pode dizer sobre tal ou qual aspecto da relação (RUBIN, 1993), vale retomar uma hipótese forjada quando da elaboração do projeto deste estudo, que consistia em, supor que algumas mulheres poderiam considerar como elemento mais relevante do desquite o fato de poderem ter o controle financeiro da sua vida, através da garantia do direito de receberem uma pensão do ex-marido, uma vez que, na vigência da união conjugal era ele quem controlava as finanças. Ou, ainda, que algumas mulheres declarassem que, em algum momento, tiveram dúvidas quanto à decisão de se desquitarem ou não, a fim de não perderem direitos econômico-financeiros.

As narrativas das minhas interlocutoras refutaram a citada hipótese e expressaram que elas ou já possuíam condições de gerir a sua vida financeiramente e/ou se propuseram a se qualificar, a fim de conquistar e ocupar ou, mesmo, aprimorar o seu espaço do mundo do trabalho. Nessa perspectiva, pondero que tal hipótese, ao ser concebida, supunha uma condição de imobilidade e dependência das mulheres em relação aos maridos e, quiçá, aos pais e/ou outros familiares.

É oportuno salientar que tal relação, ora estabelecida, entre autonomia e trabalho/independência financeira pode ser observada entre mulheres de classe média, que é a realidade socioeconômica das minhas interlocutoras. Entretanto, convém apontar que as mulheres de classes populares necessitam trabalhar, precocemente, em decorrência das poucas condições materiais, o que leva à especulação de que as separações conjugais, nesse último caso, irão acontecer de modo diferenciado e a partir outros marcadores. Entretanto, optei por não me deter em tais particularidades, por considerar que extrapolam os objetivos deste estudo.

Outro eixo que se destacou nas narrativas das três participantes foi a abordagem do tema feminismo. Na história de Maria tal temática apareceu em menor frequência, apesar de ela se posicionar como sendo adepta de ideias feministas. Nas narrativas de Rosa e Elisabeth, por sua vez, o tema feminismo foi abordado de modo recorrente e enfático, bem como suscitou reflexões envolvendo as suas interações de modo abrangente, mas, sobretudo, aquelas relativas as suas atividades laborais, na interface com as militâncias sindicais e políticas. A recorrência da referida temática nas narrativas dessas mulheres, pode estar relacionada com a rede de relações com a qual trabalhei na busca de interlocutoras, a qual envolveu grupos de mulheres implicadas em movimentos sociais.

A despeito da importância que as interlocutoras, considerando as suas singularidades, atribuíram à influência positiva das ideias feministas em seus percursos e escolhas, foram relatadas críticas a alguns posicionamentos radicais do movimento, o que, em certas ocasiões e contextos, pareceram dificultar, inclusive, que o feminismo pudesse ser assumido.

“Ah, é muita resistência [referindo-se à participação de homens nos encontros e nas discussões promovidas pelo movimento feminista], é muito difícil, é muito difícil, muito mesmo. [...] Não aceita. E é o espaço delas, é o espaço pra elas, não aceita. Eu já levei tanta porrada que, quer saber de uma coisa, deixa pra lá. [...] Eu já acho que... é porque a gente trabalha na entidade mista, a gente não pode também... a gente não fica isolada [...] aqui eles participam geral, numa boa [...] É, e sei lá, mas eu acho que a gente ampliava mais. Ampliava mais se a gente... pelo menos nos grandes debates, conferência... temas, assim, estratégicos, que não fosse uma oficina de estratégia nova, de empoderamento, essas assim, tudo bem, é um espaço nosso. Mas, eu acho que deveria ter um espaço aberto para os homens participarem, até pra eles ouvirem nossa conversa e se tiver com homens, eu conseguir dois pra minha causa, já é um grande avanço.”. (Rosa)

“Eu não tenho inserção no movimento feminista. Mas, eu me preocupo quando eu vejo grupos que alijam a participação dos homens. Não se pode avançar sem ter a parceria deles, né?! [...] Porque se as mulheres tiverem paciência com os homens nessas discussões, no aprofundamento dessas questões, a gente pode ganhá-los. Mas se a gente confrontá-los de uma forma muito contundente, a tendência é eles se defenderem e não haver o aprofundamento das questões. [...] Eu acho que eu não preciso disso [referindo-se a se nomear feminista], sabe?! [...] Nunca fui militante feminista. [...] Porque eu acho que minha militância era mais na política. Política partidária. [...] Eu não precisava dizer que era feminista. [...] Carregar essa bandeira em todos os momentos, sabe?! E, às vezes até dificulta você ampliar os espaços da mulher, porque às vezes o pessoal radicaliza demais. [...] Se eu fosse muito radical eu não teria ficado no trabalho político, que eu sentia a discriminação com a mulher, né?! Na política. Ficava muito claro que meus companheiros eram machistas. [...] Eu ia perder meu tempo, né?!” (Elisabeth)

No tocante ao curso de vida sexual de Rosa, Elisabeth e Maria, as narrativas mostraram que essas mulheres não tiveram muitas experiências sexuais. Elas, praticante, casaram com o primeiro namorado, tendo estabelecido, anteriormente, apenas alguns “namoricos” e “paqueras”, como nomearam. Não relataram a experiência de “ficar”, que consiste numa

modalidade de envolvimento sexual sem compromisso com o parceiro, no intento de experimentar se a relação teria êxito, podendo ser ou não ser sucedida pelo namoro. Assim, mantiveram relações sexuais só após o casamento, no caso de Rosa e Maria, ou durante o período de convivência, anterior ao casamento, no caso de Elisabeth, ou seja, tiveram a primeira relação sexual com os parceiros com os quais se casaram e, praticamente, sem experiência.

“Outra coisa que eu acho que por isso não deu certo o casamento, eu casei virgem. Eu fiz essa besteira, 21 anos virgem [...] porque aí eu via que não prestava logo daí, aí pronto. Mas não foi só por isso não, foi por outras coisas. [...] Foi com ele [referindo-se à primeira relação sexual com o ex-marido]. Foi bom, né? Sexo é bom. Quando você gosta, é bom, legal, mas.... [...] Casei virgem, mas sarrei muito. Sarrei que o vizinho ficava atucalhando eu namorando. [risos] Atucalhando. Olhando. Sarrei muito, mas assim, dar mesmo, eu digo: ‘Sei lá’. Aí, foi levando, foi levando, terminei sem dar.” (Rosa)

“Na adolescência, a minha iniciação sexual já foi com meu futuro marido, que era namorado, foi com ele. [...] Sei lá como eu digo... assim, desabrochar, né?! Da coisa. Não era... antes não teve. [...] Existia umas coisinhas assim, mas não o principal, né?! Só umas coisinhas bestas assim... [...] Ir pra motel nunca. Nunca. Só um sarrinho, assim, no terraço. Aí, Papai aparecia e todo mundo ficava quieto. Umas coisas assim, muito bestas. [...] Eu também tinha o desejo, tudo, mas muito assim, de... mas eu notava que ele não era muito receptivo, como eu lhe disse, que a prática dele era usar mais, assim, o namoro com moça de programa, né?! [...] Ele não era muito receptivo a essas práticas, assim, a um agarrado mais, uma coisa assim mais... um sarro. Ele ficava assim meio... meio avesso, né?! Não era muito chegado. [...] É aquela história da preservação da pessoa como se fosse uma pessoa especial, que tinha que tá ali recatada... Assim, separada num pedestal mais elevado, como se fosse até uma santa. [...] ‘Olhe, pra mim, você é uma santa, você é uma pessoa assim inatingível.’, essas coisas, maluquice. [...] Eu achei ridículas essas besteiras, sabe?! Realmente isso é patético, né?! [...] Aí, ele achava, assim, que eu era uma pessoa, assim, que não era pra isso, pra essa finalidade, era mais, assim, pra um namorinho, simplesinho, mão na mão, essas besteiras mesmo. Ele não era chegado, eu era, porque eu tava despertando, entendeu? Pro sexo. Eu queria mais alguma coisa além, mas ele não, ele não queria de jeito nenhum, entendeu? Porque... eu não sei. [...] Porque era uma coisa natural, né?! Natural do ser humano, né?! Que desperta pro sexo, de adolescente, né?! Todo adolescente desperta. E eu tinha o que? 14, 15 anos, depois 16, 17, por aí, nessa faixa, por aí, na idade que todas as pessoas, né?! [...] Tem essa prática, né?! Mas, eu tive uma coisa assim muito... assim... limitada, assim, por causa dele, ele limitava, ele não queria aprofundar, né?! [...] Acho que foi isso que dificultou a história da lua de mel não ter dado certo. [...] Prejudicou o fato de ele ter dificuldade de desvirginar. Porque ele não me via como uma mulher comum, ele me via como uma mulher diferente, tá entendendo? [...] Foi isso que atrapalhou tudo, foi isso, foi esse detalhe. [...] Como eu lhe disse, eu casei virgem e ainda passou um mês, né?! Pra desvirginar. Era uma coisa... uma coisa meio diferente, né?! [...] Eu sabia o que era uma relação sexual na teoria. Na prática nunca tinha feito.” (Maria)

“Mas eu acho que a questão sexual surgiu mais depois daí. [...] Mas era o despertar da sexualidade, o pôr na prática era uma distância enorme. [...] Ah, o despertar é você ficar excitada, né?! [...] Era mais em relação aos paqueras, os homens que me encantavam, chamava atenção... [...] Mas a aproximação entre os corpos era muito pouco, né?! Quando se dançava... quando você namorava no máximo era um beijo rápido, né?! Porque até os meus 17 anos, que eu tava na casa dos meus pais, era namoro de portão. Quando eu vim embora pra cá [referindo-se ao Recife] que aí eu tive uns dois namorados antes do meu primeiro marido, mas foi coisa rápida. [...] Era aquele namoro tão distante um do outro, era um papo ótimo, né?! Uma companhia agradável, pronto. Era o suficiente. [...] Eu vou voltar pra aquela coisa que a gente

tava falando, né?! Que nessa época namoro não tirava sarro não, né?! Era distante. Então, eu acho que um namorado que eu tive antes de vim pra cá, com 17 anos, eu acho que foi o primeiro que me deu um beijo de boca. [...] E nas festas, era só dançar mesmo... e a paquera era aquele negócio de longe. Não tinha abraço, beijo... Até porque se tivesse... bota aspas, 'você ficava uma menina falada', né?! A tendência era dizer: 'Aquele dali vai com qualquer um.' [...] A primeira relação sexual foi aqui [referindo-se ao Recife], só com meu primeiro marido, quando a gente namorava.”
(Elisabeth)

As narrativas apontaram que as vivências sexuais das interlocutoras se intensificaram, tornando-se um pouco mais diversa, em geral, a partir da maturidade, mais especificamente, a partir dos 30 anos de idade ou, até mesmo, mais tardiamente, como pareceu ter sido o caso de Maria. Rosa, por sua vez, estabeleceu alguns relacionamentos, sempre sem a intenção de compromisso sério, ainda jovem, logo após a separação.

“Eu acho que o período onde eu vivi mais intensamente essa liberdade de poder ficar com A ou com B foi entre o segundo e o terceiro casamentos. [...] Eu atribuo à maturidade. Eu pagava minhas contas, eu dava conta do meu trabalho e ninguém podia se meter na minha vida. [...] Entre 33 e 35 anos, eu acho que foi o período mais intenso. Pela idade também, né?! Que você tá com todos os hormônios funcionando, então eu sentia falta. [...] Eu tava no auge do trabalho político também, né?! [...] No trabalho político, tem muito companheirismo né?! Você conhece muita gente. Porque viaja ou recebe gente de fora também, né?! Na minha casa eu sempre hospedei gente pra congressos... congresso de pesquisa mesmo... acadêmico, e congresso político também.” (Elisabeth)

“Mas, com os outros... [referindo-se aos relacionamentos que tivera após a separação] aí, é diferente. Era mais, assim, pessoas mais amáveis... É mais por aí. [...] Eu melhorei muito minha autoestima, né?! Claro. Subi muito. [...] A terceira idade é agora, porque quando eu conheci ele [referindo-se ao relacionamento atual], eu tive dois anteriores, eu, ainda, era mais jovem, né?! Esse primeiro, que era um colega meu de trabalho, eu tinha o que? 33, 34 anos, então... e ele era mais novo do que eu, ele era seis anos a menos, era todo mundo muito novo, então, daí era tudo... ninguém era terceira idade ainda. O segundo, também, eu ainda era nova, né?! Tinha menos de 50 anos, sei lá, quarenta e alguma coisa, sei lá, 45, eu demorei mais com esse segundo do que com o primeiro, acho que eu passei quase dez anos, de oito a dez, e com o primeiro foram uns seis anos. [...] A minha vida sexual com ele foi boa. Foi bom porque eu gostava dele, né?! Mas, ele, também, era muito mais velho do que eu, ele era quatorze anos mais velho do que eu, já era uma coisa que não era tão boa assim, porque ele já era mais velho, né?! Mas aconteceu. [...] Aí, quando terminei com ele, eu acho que, logo depois, eu conheci esse que eu tô hoje. Aí, assim, um ano depois. [...] Quando eu conheci meu marido atual, eu tinha 55 anos. [...] Aí, com meu marido atual, sei lá, era muito bom, o sexo era muito eficaz, era muito, muito... assim, digamos, abundante, era sempre, sempre, sempre. Só caiu depois que a gente foi ficando mais velho, ele, né, principalmente, foi ficando mais velho. Eu também, né?! Que eu sou mais velha do que ele seis meses. [...] Principalmente dele por conta da ereção mesmo, porque 72 ele tem, já é... diminui, né?! Ele até brinca comigo: 'Ah, acho que vou arranjar aqueles azulinhos', né?! O viagra, né?! Ele sempre diz isso: 'Vou atrás do azul'. [...] Acontece, uma vez ou outra, acontece, mas não como era quando eu comecei com ele. A gente fazia assim, por dia, assim, dez vezes, por dia! Imagine! E a gente não morava junto, nem mora junto hoje, cada um mora no seu canto, né?! Mas, quando a gente se encontrava, assim, fim de semana era muito, e era bastante solicitante, depois... aí passou muito tempo, tudo bem, né?! Foi caindo, caindo, com a idade, né?!” (Maria)

“Quando eu me separei, acho que uns três anos depois [ela tinha, aproximadamente, 26 anos], a primeira pessoa que eu tive relacionamento sério, que aí durou acho que um ano e pouco. Sério, mas também era escondido, ele era casado. A gente trabalhava na mesma empresa, só acabou porque um belo dia chega ele, marca comigo, chegou com uma mala, eu digo: ‘O que é isso?’. ‘Tô saindo de casa, monta aí na moto pra a gente procurar um lugar pra morar.’. Eu digo: ‘Como?’. ‘Monta aí.’. Eu digo: ‘Quem te disse que eu quero morar contigo, criatura? Quem te disse que eu vou sair de casa? Volte, antes que sua mulher descubra que você saiu de casa. Amanhã a gente conversa no trabalho. [...] Eu gostava dele, mas não era... era uma pessoa engraçada, a gente se divertia muito, saía, mas, assim, ele tava querendo largar a família, largar tudo, filho... e assim, nem me consultou, se era isso, se minha proposta era essa, eu nunca pedi. [...] Depois dessa história da mala, esfriou, esfriou muito. Aí a gente terminou acabando. Porque a gente viu que távamos em caminhos diferentes, a proposta dele era uma, a minha era outra, né?! [...] O outro era noivo. Era bonzinho, mas era muito abestalhado, muito babaca... Se eu dissesse: ‘Ah, vou não, não quero não’. ‘Tá.’. Não questionava. Aí, esse durou pouco, e, também, eu conheci a noiva dele. Também não deu certo. [...] Depois eu namorei com um menino mais novo do que eu, também motoqueiro, mas, também, muito porra louca. [...] Aí, depois fiquei com um... eu já com uns 30 e poucos anos, um menino de 20 e poucos anos, aperreou, esse aperreou muito, visse?! Eu digo: ‘Não, menino, não vou criar ninguém não.’. Era uma loucura ele, bem bonitinho, mas complicado que só. [...] Na época era, assim, [sobre ter tido relacionamentos com homens comprometidos] já que eu não tinha interesse de tomar o marido de ninguém, só pegar emprestado. Aí, pra minha cabeça, assim: ‘Eu não queria nada sério’. E, se você se relaciona com alguém solteiro, o caminho, geralmente, vai pra isso, né?! Conhecer a família e tudo. Quando o homem é uma pessoa comprometida, não vai entrar na tua casa, não vai entrar na tua família, porque, também, ele não pode se expor. Aí, eu sentia segurança. Hoje em dia, como eu te disse, não, a maturidade, a idade me levou... que isso, também, não é correto. Não é porque eu não conhecia a outra pessoa, mas, também, se viesse a descobrir, ou se alguma chegou a descobrir. Querendo ou não, isso não é legal. Ninguém quer dividir o marido com ninguém. [...] Porque eu defendo muito se você não quer pra si você não dá pros outros, né?! [...] Aí, depois, você vai... a idade vai te trazendo algumas reflexões né?! Sim, e se fosse contigo? Hoje eu prefiro solteiro. [...] Aí, tu achas que eu vou arrumar mais alguém pra tá no meu pé? [...] Hoje em dia é assim, apareceu, você vai, vai paquerando, vai assim... geralmente fora do movimento, à parte do trabalho. Porque não dá pra misturar não, se não fica uma continuidade muito grande. Eu acho o pessoal, os homens do movimento realmente um zero à esquerda. Tudo machista, tudo assim. E o homem do movimento, além de ser machista, é uma pessoa do seu convívio, que já imaginou... [...] E, geralmente, muito fora do meu círculo de amizade daqui do trabalho. [...] Eu acho que por eu ser como eu sou, e ter esse medo de me comprometer, me entregar, realmente, eu acho que eu me prendo muito. Quando eu sinto que tô começando a querer embarcar, eu caio fora. Eu tenho muito medo de me machucar, eu tenho muito medo de sofrer. Tenho muito medo de esquentar a cabeça, de... com essas coisas. Aí eu acho que eu não vivo a plenitude mesmo desses momentos, entendeste?! É, mais uma coisa... eu acho que minha vida eu levo muito numa pressa, não levo com calma. Eu tô tentando, realmente, eu tô tentando muito viver cada momento, cada... até numa relação nova, que eu tô agora, mas assim, eu sempre sinto uma certa pressa da minha parte. É, assim, você passa a noite com a pessoa, que pressa tem de você sair? Você não bate ponto, você não... é porque a pressa...”. (Rosa)

Concernente ao percurso sexual das minhas interlocutoras, relativa aos relacionamentos mais duradouros, e, nesse sentido, como eles começaram e terminaram. Considero que são mulheres cujos contextos de subjetivação relacionados com família de origem e trabalho, conforme mencionado, oportunizaram a ampliação da sua margem de agência, ou seja, das possibilidades quanto a sua capacidade de ação e de ter controle de decisões. (PISCITELLI,

2008). Assim, o investimento em formação profissional e o ingresso no mundo do trabalho, contribuíram, significativamente, para que elas garantissem a independência financeira, a fim de que pudessem gerir a sua vida e a de seus filhos. No caso de Maria, tal movimento se deu em termos de perspectiva. Ela retornou à casa dos pais; retomou os estudos; administrou, mesmo que de modo sofrido, o afastamento temporário dos filhos; para, em seguida, garantir a sua independência financeira, através do trabalho.

Outro aspecto que se destacou, nas narrativas, acerca do curso de vida sexual dessas mulheres, foi como a existência dos filhos, de alguma forma, mediou as interações afetivo-sexuais, no sentido de, por exemplo, ter influenciado na decisão de se separar ou não, bem como, de estabelecer outra relação e o modo como se configuraram as parcerias afetivo-sexuais. De um modo geral, elas justificaram o intervalo entre a separação e o relacionamento seguinte, utilizando como argumento algum aspecto relacionado aos filhos (necessidade de prestar cuidados, preocupação com integridade física e mental, não aceitação dos filhos em relação ao parceiro). No caso de Rosa, por exemplo, ela só estabelecera, após a separação, ou relacionamentos “às escondidas”, por terem sido com homens comprometidos, ou relações fortuitas e pontuais, sem qualquer perspectiva de compromisso mais sério. Nesse sentido, nenhum dos seus parceiros chegou sequer a ir na sua casa.

“Mas, assim, eu não gosto muito que fale isso não [que a proposta de separação partiu dela]. Porque, querendo ou não, abalou várias vidas, né?! Minha filha... querendo ou não, separei ela da própria figura [referindo-se ao ex-marido], eu não gosto muito de pensar nisso não.” (Rosa)

“Talvez eu poderia ter me empenhado mais, eu poderia ter me empenhado mais em reconstruir uma vida a dois. [...] com outra pessoa. Porque eu me separei eu tinha 23 anos. [...] Eu podia ter tentado reconstruir a vida, mais eu tinha... ela [referindo-se à filha] não tinha nem 2 anos, não, quando ela fez 1 ano, eu já tava separada. [...] Poderia ter reconstruído minha vida, mas também pintava um fantasma, sabe?! Que com uma filha, pra botar homem dentro de casa [...] talvez tenha me impedido de tentar reconstruir a vida. [...] Aí, botava um igual a ele ou pior que ele. Eu nunca achei um companheiro. Eu sempre achei aquela pessoa que parece que tem escrito aqui [mostrando a testa] em mim: ‘Manda em mim.’. Alguém pra mandar em mim, alguém pra pegar no meu pé.” (Rosa)

“Olha, eu até cheguei a conversar com ele [referindo-se ao terceiro marido, pai do seu filho] e propor que a gente aprofundasse, discutisse sobre a crise, né?! Mas ele não tava a fim. Então, eu pedi pra ele ir morar em outro canto. [...] Eu acho que foi a única vez que eu me dispus pra abrir os braços pra tentar manter o relacionamento. [...] Mas, parece que ele não tava a fim de mais responsabilidade naquela época. [...] Eu acho que, também, o filho, a maternidade tinha a ver com o fato de eu tentar manter, aprofundar, né?! [...] Provavelmente, a tentativa de continuar a relação tinha a ver com o fato de ter um filho.” (Elisabeth)

“Eu fiquei me dedicando ao mestrado, que eu tava fazendo, e ao meu filho, curtindo. Então, eu passei... deixa eu ver... eu me separei dele [referindo-se ao terceiro marido, pai do seu filho] em 1989. Pronto, eu passei uns dez anos, que eu só tive um namorado. [...] Era um cara que morava em João Pessoa, quando eu ia lá me encontrava com ele, ele chegou a vir uma vez aqui. Mas, eu vi que a gente era muito

diferente. [...] O namoro durou... não sei. Seis meses, um ano... por aí. [...] Depois disso, o próximo foi o meu marido atual. [...] Eu tive que me dedicar muito, que eu trabalhava e cuidava da casa e do filho sozinha. [...] Eu tava muito presente na vida dele. Eu era louca pra ter um filho, consegui ter um filho. Então, eu tinha mais era que aproveitar. [...] Então, eu me afastei um pouco [referindo-se à militância], nos anos 90, no início dos anos 90, e eu tava também no mestrado, né?! [...] E durante o mestrado eu tive um filho e me separei.” (Elisabeth)

“Separei. Aí voltei. Passei um tempo separada, ainda, voltei. Aí, até anulei o desquite. [...] Eu tinha dado entrada no desquite. Já tava tudo pronto. [...] Eu anulei pra poder ficar com os filhos, né?! Porque ele queria ficar com os filhos. [...] É uma ameaça, porque ele disse: ‘Eu só dou o desquite, só se você deixar os meninos comigo, os três homens.’ [...] Aí, foi pior porque essa volta eu sofri mais do que antes de todo tempo. [...] Eu fiz esse acordo de deixar meus filhos, depois, não tive como não fazer. Não tinha como viver com ele, não tinha, tinha nenhum jeito, então foi o jeito, né?! Tive que deixar os meninos e fiquei só com a menina, e fiquei com meu pai e minha irmã, na casa deles.” (Maria)

“Era uma pessoa maravilhosa [referindo-se ao primeiro companheiro, após a separação], assim, que eu fiquei com saudade dele, depois que eu acabei. [...] Hoje em dia, eu me arrependo, porque eu acho que ele tinha qualidades, mil qualidades, entendeu?! E eu não soube preservar isso na época, mas acontece, né?! Isso é maturidade, saber que você só tem quando você vivencia muitas experiências na vida, com pessoas, né?! Não só com pessoas de afetivamente, de relacionamento amoroso não, com pessoas da família, com a vida. Você aí chega a uma conclusão que você perdeu algumas oportunidades na vida, não é isso?! [...] Hoje, eu penso assim, ele é uma pessoa tão maravilhosa que eu perdi, pronto, só isso. Mas, eu tô bem com esse aí. Eu não quero pensar, não. 18 anos já, que eu tô... muito tempo, né?! [...] Porque não ficou muito resolvido o desfecho, ficou não. Foi, foi ruim. Foi uma... fiz besteira, fiz besteira. Eu queria acabar e ele não queria, e eu insisti. [...] Agora, meu filho mais velho não aceitava nada. Ele é muito, assim, ciumento. Ele é chato com essas coisas de namorado, sabe?! Aí, era horrível. [...] Eu sabia que ele não gostava, entendeu?! Então, eu evitava, por exemplo, ele não frequentava minha casa, nada. Era ruim por isso, né?! A gente tinha que só sair pra os lugares, ir pra barzinho, essas coisas, não ficava na minha casa, não, porque tinha esse lado, né?! Que ele não gostava. [...] Conviver de coabitar, não. Até com esse agora eu não coabito.” (Maria)

A história de Maria mostrou-se, particularmente, sofrida em relação a esta temática relativa aos filhos, tanto que ela finalizou a sua narrativa trazendo a culpa para si. Embora ela tenha feito várias afirmações, reflexões e ponderações de quão opressivo e violento o casamento foi para ela, nessa ocasião, ela expressou culpa, por ter provocado danos nos filhos. E, em especial, a sua percepção do segundo filho, que Maria qualificou como “problemático”, parece contribuir bastante na sua autoavaliação de que talvez não tenha sido uma boa mãe, por ter se separado.

“Isto [referindo-se aos documentos da separação] é uma coisa terrível pra mim e isso gerou um monte de conflitos, de problemas na família. [...] com meus filhos, principalmente com o mais velho, que, às vezes, ficava me culpando. Às vezes, eu acho que pelo fato de ele ser machista como o pai, sei lá, é como se eu tivesse que ter dado uma chance ao pai dele, que tudo foi provocado por mim. [...] É uma fase muito ruim... foi muito... Muito difícil, muito triste. [...] Meus filhos, minhas histórias. E esse meu filho [referindo-se ao segundo filho], que é muito complicado, ele não aceitava ficar longe de mim, e ele fugia e vinha lá pra casa... é muito complicado. [...] Ele [segundo filho] tem muita coisa do pai, eu acho. Ele tem, parece. Se bem que eles são brigados os dois, né?! Quer dizer, às vezes, falam, às vezes, não falam. Meu filho tem

os negócios dele de coisa do passado, tem raiva... Ele [o ex-marido] tem umas características muito semelhantes, eu acho, nessa depressão, nessas angústias... ele também tinha isso.”. (Maria)

Outro aspecto observado na biografia de Maria é o fato de ela fazer reiteradas alusões à situação de nunca ter coabitado com qualquer dos namorados, maridos ou “namoridos”, conforme nomeou em diferentes momentos da sua narrativa. Tal observação parece estar em consonância com achados das pesquisas de Carvalho (2012) e Pizzato (2010), realizadas com mulheres de classe média, em idade reprodutiva e independentes financeiramente, acerca da “amizade colorida”, que consiste numa modalidade de parceria afetivo-sexual, a partir da qual, frente à infidelidade dos homens, as mulheres optam por manterem relações de amizade e não, propriamente de conjugalidade.

Na história narrada por Maria me parece que é como se ela tivesse estabelecido, ao longo de seu percurso afetivo-sexual, “amizades coloridas”. E, no seu caso específico, a relação de conjugalidade vivenciada fora marcada por variadas formas de opressão simbólica e explícita, além da infidelidade do homem, como a violência física, o escárnio, a difamação, a ameaça e a chantagem. Outrossim, Maria relatou a resistência, em diferentes graus, de seus filhos quanto aos seus relacionamentos posteriores à separação. Nessa esteira, ela parece ter optado por vivenciar as suas experiências sexuais sem coabitar.

Outro elemento recorrente nas narrativas de Rosa, Maria e Elisabeth foram os seus discursos sobre o machismo, como um marcador de opressão nas suas histórias de vida, nos âmbitos familiar, afetivo-sexual, conjugal, relações laborais, enfim, nos diversos espaços de interação social. E, em contrapartida, o feminismo, abordado em graus diferenciados pelas participantes, foi trazido como elementos que poderia favorecer um outro olhar para as relações interpessoais, pautado em parâmetros de equidade de direitos entre homens e mulheres.

Todavia, nesse contexto, convém destacar algumas nuances da narrativa de Elisabeth, quando ela teceu reflexões sobre ciúme e traição, relativas as suas relações conjugais. A partir dessas ponderações, ela pareceu considerar, de forma elaborada, que a infidelidade dos seus ex-maridos, apontada no decorrer da sua narrativa como principal elemento desencadeador das rupturas conjugais, não ocorrera em decorrência do machismo. Ela, ao que me parece, atribuiu a si própria a responsabilidade pelas separações, como se ela não tivesse conseguido lidar e gerenciar adequadamente os relacionamentos.

“Por que é que eu contribuía tanto pra que os maridos me traíssem, né?! Porque, que coincidência! [...] Não sei responder essa pergunta. Eu sei que no meu atual casamento eu não tenho ciúme. [...] Nos outros eu tinha. Por isso que quando eu sentia algum movimento dele em relação a alguma outra pessoa, uma outra mulher, eu me sentia desrespeitada. [...]“Eu tenho uma hipótese em relação minha

responsabilidade nisso tudo. É... no segundo e no terceiro casamentos, a casa era minha, o canto que a gente vivia era meu, eu que tinha construído, né?! [...] Então, será que isso não me dava um poder? [...] Será que não me dava um poder tipo assim, eu não admito, né?! Uma paquera, uma saída com alguém porque eu me entreguei inteira, né?! E eu não vou admitir esse tipo de coisa. [...] Talvez passe por aí. [...] Eu pensei nisso agora. [...] Talvez eu tenha exercido o meu feminismo radicalmente⁴ nessas separações, né?! Porque eu batalhei pra ser capaz de prover a minha vida, né?! Tenho meu canto, recebo você, né?! No meu ninho. Então, eu não vou admitir que você quebre as nossas regras.”. (Elisabeth)

Nas narrativas das minhas interlocutoras foi possível encontrar algumas classificações de mulheres, com base em suas sexualidades, com inspiração em vários estudos realizados no Brasil. (QUADROS, ADRIÃO e MELO, 2012; QUADROS, ADRIÃO e XAVIER, 2011; QUEIROZ, 2011, CORDEIRO e QUADROS, 2010; QUADROS, 2007, 2004; KNAUTH e LEAL, 2006; RIBEIRO, 2003; SILVA, 2002). As classificações encontradas, neste estudo, podem ser agrupadas em dois polos de um espectro, numa hierarquia de sexualidade/gênero (RUBIN, 1998), em que num polo estão as mulheres direitas: “meninas delicadas”, “meninas inocentes”, “meninas bobas”, “solteiras virgens”, “mulher santa”, “mulher intocável”; e no outro polo as mulheres com má reputação: “meninas machão”, “meninas faladas”, “aquelas que vão com qualquer um”, “mulheres de programa”, “feministas”, “sindicalista tudo puta”, “mulheres separadas” (perderam o valor, as amizades), “mulher desquitada” (“quase prostituta”, “mulher falada”, “mulher sem valor”).

Observei, a partir das narrativas das participantes, que, no momento da ruptura conjugal, os termos “mulher desquitada” e “mulher separada” eram doadores de sentido significativos para o acontecimento da separação. E, conforme supracitado, os termos assumiram, nas narrativas, uma das múltiplas posições que engendram estilizações femininas, encontrando-se no polo para onde figuram as mulheres com má reputação. Nessa direção, mulher desquitada/separada pode ser pensada como estigma que, inclusive, produziu regulações opressivas de sexo-gênero e sexualidade, podendo, de modo amplo, ter mantido as mulheres posicionadas em casamentos violentos e/ou insatisfatórios.

“Ele [ex-marido] dizia assim: ‘Você quer ser desquitada, mulher, é um estigma na sociedade, é quase como uma prostituta.’, não sei o que... dizia umas coisas lá, quando tava com raiva de mim, ele dizia que eu tava com má influência. Ele perseguiu, perseguiu muito.” (Maria)

⁴O chamado feminismo radical, abordado com uma conotação negativa, remete à noção de “nebulosa feminista”, proposta por Albernaz (1996), a qual busca sintetizar o modo de inserção do feminismo na sociedade, que se caracteriza por relações opacas, ambíguas, difusas, em decorrência das muitas correntes e concepções do movimento (aspecto multifacetado), contraditoriamente percebido como único, aliado à tendência de uma representação negativa. Em contrapartida, pode ser julgado positivamente, na ideologia mais ampla em que se posiciona, como propulsor da desejada igualdade entre homens e mulheres.

Assim, é possível compreender as classificações de mulheres acima referidas e as encontradas na minha pesquisa como estilizações corporais que orientam as interações nos âmbitos sexuais e não sexuais da vida social, como a divisão do trabalho e de outros lugares sociais. Os estilos circunscrevem o sentido que orienta a ação que o corpo provoca. Sentido aqui compreendido em suas múltiplas significações: valor, significado, direção, emoção. (RIOS, PAIVA e BRIGNOL, 2018)

Nesta pesquisa, o sentido que vem dos rótulos “desquitada” e “separada” pareceram ter guiado as interações e, quando as mulheres assumiam esse lugar, elas passavam a ser vistas de determinado modo, como se fossem estilizadas. Nessa esteira, as interlocutoras contaram algumas de suas experiências:

“Uma das coisas assim que pesou muito, pra sair, eu gostava de tomar cerveja, né?! Assim, tomar uma cerveja mesmo [...] depois do trabalho. Eu não vou deixar de tomar uma cerveja, porque eu não tenho quem venha comigo. [...] No meu trabalho, a maioria era tudo casada. Aí, eu fui, né? Fiquei lá, sentei, cheguei lá, mas um cara ficou enchendo, enchendo. Eu digo: ‘Se eu tivesse companhia tinha trazido.’ Daí foi, aí o cara acalmou-se. Daqui a pouco, chega um rapaz. Aí, eu: ‘Eita!’. Ele disse: ‘Posso sentar aqui?’. Puta que pariu, eu digo: ‘Moço...’. Ele fez: ‘Eu sei... É porque aquele rapaz ali ele tá espalhando que a senhora é sapatão, é lésbica, que a senhora tá aqui fazendo ponto, esperando outra.’ Filho de uma puta! Aí, assim, terminou um grande amigo meu, esse rapaz. Mas era assim, ia pra bar, se não aceitasse a cantada, eles começavam a dizer: ‘Ah, tu não gostas de homem, não é?’. [...] Porque não aceitavam uma recusa.” (Rosa)

“Tinha a mesa de gerentes, no bar, né, um bar dançante, e a mesa dos piões, que era sempre aonde eu fiquei. Menina, quando eu surgi na mesa, que me viram sem aliança, já foi: ‘Rosa, vem pra cá.’ Eu disse: ‘Por isso que eu não queria tirar a porra dessa aliança.’ Na hora, na hora, fui convidada pra mesa da gerentada. [...] Fui. Eu ia dizer que não?! Meu emprego na roda. [...] Tudo muito educado, muito fino, assim... se eu queria fazer assim, já tava tudo na minha mão. [...] Pra mim incomodou, tinha tom de cantada, era assédio, lógico. Só de me chamar pra lá... nunca, todo ano eu ia pra festa, sempre ficava junto dos funcionários. [...] Eu saí da mesa de pião pra mesa dos gerentes. [...] Esses homens, tudo casado. Agora não iam com as mulheres, iam tudo só.” (Rosa)

“Hoje, assim, tá normal, tá naturalizado, tudinho, mas, na época, assim, que eu vivi foi uma marginalização de ser separada. Quando você é solteira, é solteira, é virgem. Porque, na época, se você era solteira, você era virgem. Hoje em dia que isso não quer dizer nada, mas naquela época era isso. Aí, você tinha um valor. Quando você casa e se separa, não tem mais o homem, assim, a marginalização, tanto é que eu perdi amizades, eu perdi grupos de amigos, as mulheres que tinham seus maridos não queriam mais a minha presença, porque eu era uma mulher disponível, vamos dizer assim. Uma mulher separada, uma mulher separada o que queria dizer? Não tem valor pra sociedade. [...] O medo, o perigo, porque eu era uma ameaça, aí isso machuca, entristece. [...] Eu não me sentia sem valor, mas sentia que as pessoas não me viam mais como eu era antes. Mesmo eu trabalhando, mesmo eu não dependendo de ninguém.” (Rosa)

“Eu tinha me separado do meu primeiro marido e fui jantar na casa do meu irmão. Eu não sei se eram dois ou três casais junto com ele e a esposa e eu senti que eu era ameaça para os casais porque era uma mulher livre.” (Elisabeth)

“Alguns [homens] você percebe certo oportunismo, assim, essa facilidade, né?! É como se... é... sair com uma mulher separada não implica em compromissos de continuar. [...] E isso é difícil de você discutir, porque o outro, que tem um preconceito, não vai reconhecer que tem. [...] Então, percebendo isso, eu me afastava.” (Elisabeth)

“Eu acho que, no ambiente de trabalho, os homens já olhavam com uma certa... assim, com interesse. Isso aí, é normal, né?! Porque na época, que via que tava separada, aí, sempre dava uma... [...] Eu sentia, uma coisa velada, mas tinha. Eu me lembro que teve um que fez tudo pra, assim, ajeitar o negócio no trabalho, mas ele tava interessado em mim, na realidade. Eu senti isso. [...] Ajeitar um lugar. Porque eu tava pra escolher onde ficar, entendeu? [...] Então, esse diretor lá, ele ficava dizendo, assim, que eu parecia com as figuras de Modigliani [referindo-se ao pintor e escultor italiano, Amedeo Modigliani], porque não sei o que, que tinha pescoço comprido... [...] Era tudo cantada velada, né?! Assim. [...] Eu acho que ele devia ser casado, mas eu não me lembro, mas devia ser, né?!” (Maria)

“Eu saía, barzinho, com amigas, essas coisas, eu saía. [...] Eram mulheres separadas, tinham duas que eram solteiras. Casada não sai sozinha, né?! Sai com o marido, né?! Era, só amigas mesmo, de faculdade... [...] Sempre aparecia gente cantando, ali era uma mulher só. Isso é normal, né?!” (Maria)

Pensando nas classificações de mulheres referidas por Maria em sua narrativa: “mulher de programa” e “mulher santa”, conjecturo que, de certo modo e considerando as singularidades, quando Rosa, Elisabeth e Maria se separaram, embora não tenham verbalizado literalmente, elas passaram a se posicionar como “mulheres de programa”, no sentido de serem mulheres menos preocupadas com casamento, que podiam viver a sua sexualidade mais livremente.

“Eu tive caso, com homem casado, dois, que eu até digo, eu gosto porque esse aí não tem perigo de ficar muito sério, é melhor assim. Mas, também fica grudado. ‘Pô, eu não sou tua mulher não, eu sou a diversão, né?!’” (Rosa)

“A pior separação, a mais difícil, foi essa primeira, desse primeiro casamento. [...] Primeiro, o tempo que eu passei com os outros [maridos] foi menor, né?! [...] E tem a questão da maturidade. [...] Porque, também, essa separação vinha carregada de simbolismo, né?! Eu cheguei a casar na igreja. Mesmo estando afastada da igreja, mas eu aceitei. [...] É, esse tipo de pressão não ia mais existir, né?!” (Elisabeth)

O que as narrativas revelaram foi a participação dessas mulheres na ressignificação do status de desquitada/separada antes, durante e depois do evento separação. E, a despeito da ponderação acima, efetivamente, as três participantes se localizam, em uma variação no espectro, mais próximo das ideias de “mulher direita”. Ou, considerando a hierarquia da sexualidade de Rubin (1998), buscam por uma sexualidade heterossexual, baunilha, vivida em certa conjugalidade e monogamia.

Ainda nessa direção, pondero que as mulheres em foco transitam entre as dimensões de “mulher de programa” e de “mulher direita”, buscando expressar, para o público, que estão situadas nessa última dimensão, e, dessa forma, escaparem das regulações e do controle

das suas experiências. Caso contrário, elas poderiam ser estigmatizadas e desqualificadas como “caça rato”, “puta”, “depravada”, “safada”, etc., conforme apontam vários estudos, como: Quadros, Adrião e Melo (2012); Carvalho (2012); Quadros, Adrião e Xavier (2011); Queiroz (2011); Cordeiro e Quadros (2010); Pizzato (2010); Quadros (2007, 2004); Knauth e Leal (2006); Ribeiro (2003); e Silva (2002).

Becker (1993) traz apontamentos importantes acerca da metodologia da história de vida que contribuíram, fundamentalmente, para as minhas reflexões acerca do posicionamento deste estudo no processo de construção do conhecimento acerca das relações de gênero, da sexualidade de mulheres e da ruptura da conjugalidade. Ele faz uma análise panorâmica sobre a Escola de Chicago⁵, mostrando a importância da articulação de pesquisas realizadas a partir de diferentes abordagens metodológicas em relação a um mesmo objeto. Becker destaca como os trabalhos embasados pelas histórias de vida contribuíram na composição de um conhecimento mais amplo em relação ao objeto, trazendo questões que ainda não haviam sido tematizadas e que deflagraram novos campos de investigação. A essa composição articulada de pesquisas Becker qualificou como mosaico científico, e era ela que conferia um diferencial para aquela Escola, a qual contribuiu sobremaneira para o desenvolvimento da sociologia.

Nesse diapasão, considero que essa perspectiva do mosaico científico inspira este trabalho, na medida em que já dispomos de um vasto conjunto de pesquisas sobre gênero e sobre a sexualidade de mulheres, a partir de diferentes vertentes, e esta pesquisa visa contribuir no sentido de que as histórias dessas mulheres suscitem novas questões para esse campo do conhecimento. As histórias ora apresentadas podem ajudar a exemplificar possíveis questões teóricas que estejam pouco claras, quando se utilizar uma abordagem em que a redução metodológica é mais marcante, considerando-se que parte do vivido se perde, quando, por exemplo, se faz um experimento ou constrói um questionário mais fechado, no qual a pessoa irá responder sempre sim ou não, ou em que se delimite a possibilidade de respostas.

Vale destacar que não tenho a intenção de afirmar que, em trabalhos como este, não há redução. Tenho convicção de que, inevitavelmente, haverá, considerando o fato de que sempre existem questões norteadoras, que são colocadas para um campo, a partir de determinado modo de fazer pesquisa. Isso posto, já se pressupõe uma redução. Entretanto, nos estudos etnográficos ou biográficos, como no caso deste, é possível não se fazer grandes recortes, tentando abarcar

⁵ A Escola de Chicago consistiu em um movimento relevante para a sociologia, que ocorreu na Universidade de Chicago/EUA, entre os anos de 1915 e 1940, no qual foi desenvolvido um conjunto de trabalhos de pesquisa sociológica, por professores e estudantes da referida universidade, voltados, sobretudo, para questões relativas a imigração, relações étnicas, criminalidade e delinquência (COULON, 1995).

o máximo de informações possíveis. Nessa direção, amplia-se a possibilidade de que o novo se insurja. Para exemplificar, convém abordar o modo como a questão financeira foi trazida pelas minhas interlocutoras. De certo modo, já havia a previsão de que o aspecto econômico tinha um impacto nas interações, mas permitir que as mulheres falassem, elas próprias, sobre que impactos poderiam acontecer, e não oferecer um questionário, no qual elas iriam se localizar, me possibilitou enxergar nuances que, talvez, não tivessem sido apreendidas de outra forma.

Ante tal contextualização, considero que, a partir das histórias de vida dessas mulheres, a experiência da separação ou do divórcio, que carregava o estigma da “mulher desquitada” ou “mulher separada”, poderia impedir que essas mulheres realizassem movimentos no sentido da autonomia, sobretudo, a partir das relações de gênero, que eram bastante fortes naquele momento. Entretanto, essas interlocutoras encontraram brechas, a partir, sobretudo, da performatividade das suas mães, que foram descritas, em suas narrativas, como mulheres que, embora estivessem no casamento convencional e envolvidas em diferentes atividades laborais (classe trabalhadora, funcionária pública e dona de casa, respectivamente, as mães de Rosa, Elisabeth e Maria), todas elas estavam preocupadas com uma certa independência financeira feminina.

Então, minhas interlocutoras, ao que parece, se deslocaram e se insurgiram ao dispositivo de controle de gênero, que as colocaria numa certa condição de imobilidade. E, de algum modo, assumiram esse estigma e conferiram a esse um sentido mais favorável. Na realização de tal movimento, as participantes, muitas vezes mobilizadas por formas de opressão simbólica e/ou explícita, como a infidelidade do homem, a violência física, o escárnio, a difamação, a ameaça e a chantagem; buscaram inspiração em suas mães, ou em ambos os pais.

Nessa esteira, ao mesmo tempo que se configurava, naquele momento, uma cultura que convergia para manter as mulheres nessas relações opressivas, existiam experiências individuais, como as narradas por Rosa, Elisabeth e Maria, mobilizadas, principalmente, pelo contexto da família de origem e pelo valor positivo que era atribuído, nas suas vivências, ao binômio educação-trabalho, os quais possibilitaram uma redescritção, um reposicionamento dessas mulheres em relação a essas regulações de gênero, a esses contextos opressores. Sendo, portanto, propulsores no sentido da autonomia, através da independência financeira e da capacidade delas agenciarem a própria vida, inclusive, de oportunizarem a decisão acerca da separação conjugal.

Insta registrar que, a perspectiva do mosaico científico, proposta por Becker (1993) inspirou a criação da imagem do mosaico de mulheres, que ilustra este trabalho, o qual é

constituído por gravuras da autoria de Amedeo Clemente Modigliani (1884-1920), pintor e escultor italiano, que fora mencionado pela interlocutora Maria, durante o seu relato.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo em tese se propôs a compreender a sexualidade de mulheres da cidade do Recife/PE, que passaram pela experiência do desquite, o qual foi instituído em 1942 (art. 135 da Lei nº 3.071/1916) e consistia em uma modalidade de separação do casal e dos seus bens materiais sem romper o vínculo conjugal, o que impedia novos casamentos. (BRASIL, 1916; NOVAIS e SCHWARCZ, 1998; DIAS, 2010; GOMES, 2012)

Naquele período histórico, o comando da família era outorgado ao homem, sendo a mulher colocada na posição de “colaboradora dos encargos da família”. Nesse diapasão, com o casamento, a mulher perdia a sua plena capacidade, tornando-se relativamente capaz. (BRASIL, 1916; DIAS, 2010)

Nesse contexto, observamos que, o desquite liberta para o exercício da sexualidade, na medida em que as pessoas estão legalmente separadas; ao mesmo tempo em que a sociedade da época, marcadamente conservadora e patriarcal, cerceava a liberdade sexual das mulheres.

Insta destacar que a pesquisa se utilizou de um aporte teórico que compreende que práticas sexuais e relações interpessoais se afiguram como não fundamentadas em aspectos naturais ou pressupostos indiscutíveis. O referido lastro teórico concebe os fenômenos humanos, de forma mais específica a sexualidade, como construção sócio-histórica-cultural. Nessa esteira, considera-se que as atividades sexuais não são motivadas, predominantemente, por impulsos instintivos e exigências fisiológicas, mas as posiciona como uma questão a ser abordada no âmbito dos valores socialmente construídos. (FOUCAULT, 1988; RIOS, 2004; WEEKS, 2000; PARKER, 1991; COSTA, 1992, 1995)

No tocante à sexualidade feminina, a maior parte dos estudos que a abordam constatam que há uma tentativa de controle da sexualidade das mulheres, por parte das mais diversas instâncias da sociedade. (FRANCISCO e CAVALCANTI, 2014; MENDONÇA e SILVA, 2014; CARVALHO, 2012; QUEIROZ, 2011; PIZZATO, 2010)

A maioria dos estudos, que discorrem acerca da sexualidade das mulheres, tem a perspectiva de contribuir, sobretudo, nas reflexões sobre a gravidez na adolescência e a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. Então, eles buscam compreender, predominantemente, como se dão as parcerias sexuais de mulheres jovens, em fase reprodutiva. (RIOS, PIMENTA, BRITO, TERTO JR. e PARKER, 2002)

Nesse contexto, constatamos uma carência de estudos sobre mulheres mais velhas. Assim como, de investigações que historicizem os percursos e as parcerias sexuais, porque a

maior parte das pesquisas, ao menos nos campos da antropologia e da psicologia, se atêm na vivência no tempo presente. Nesse sentido, ressalto a relevância do presente estudo, o qual contribuirá, com dados, acerca de como se deu a construção de percursos sexuais de mulheres com idade mais avançada, como se processaram as transformações até se galgar o estado atual, em que se evidencia uma maior autonomia e agenciamentos, por parte das mulheres.

Outro conceito fundamental, com o qual dialogo na referida pesquisa, é o conceito de gênero. Observamos que, nos últimos anos do século XX, pesquisadoras feministas elaboraram o conceito de gênero como uma categoria de regulação e de relação social para operacionalizar a compreensão dos aparatos culturais, sociais e cognitivos utilizados, historicamente, para a construção social das diferenças e desigualdades entre homens e mulheres. (RUBIN, 1993; SCOTT, 1989; BARBIERI, 1991; PARKER, 1991)

O conceito de gênero opera com vários outros marcadores sociais da diferença, tais como, classe, sexualidade, religião, raça, nacionalidade e idade/geração. Nessa direção, importa compreendê-los de maneira articulada, a partir do debate sobre a noção de interseccionalidades e/ou categorias de articulação, o qual tem adquirido centralidade nas teorias feministas e de gênero, como possibilidade para se considerar a multiplicidade de diferenciações que transpassam o contexto social e nele concebem sujeitos históricos e singulares, em diferentes posições relativas às hierarquias de poder. (PISCITELLI, 2008; BRAH, 2006)

O debate pautado na noção de interseccionalidades concede um lugar de destaque à experiência, que consiste em um conceito fundamental para o debate feminista. O principal foco dos movimentos de mulheres tem sido dar uma voz coletiva às experiências pessoais das mulheres, enfatizando as forças sociais e psíquicas que constituem a “fêmea” em “mulher”. (BRAH, 2006)

É, mormente, no bojo desta discussão sobre experiência que situo a problematização do presente estudo, qual seja: Como são as experiências sexuais de mulheres desquitadas?

A hipótese que orientou a pesquisa, a partir da discussão teórica acima apresentada, é que, diante do paradoxo estabelecido pelo desquite – a lei libera para o exercício da sexualidade e a sociedade não tolera – as mulheres utilizam estratégias de resistência (FOUCAULT, 1986), para vivenciarem as experiências sexuais.

A referida investigação se desenvolveu na condição de uma pesquisa de abordagem clínica (LÉVY, 2001), enfatizando a singularidade das mulheres abordadas, bem como a análise da minha implicação como pesquisadora nas situações e narrativas confrontadas e analisadas. A abordagem clínica é considerada em conformidade com as perspectivas situada e de saberes localizados, cujo aspecto central, norteado pela epistemologia feminista,

consiste em trabalhar ao lado das pessoas, ao invés de trabalhar sobre elas. (ADRIÃO, 2015; FINE, 1995; HARAWAY, 1995)

Trata-se de uma pesquisa qualitativa (PAULILO, 2008; MINAYO, 2012; MINAYO e SANCHES, 1993; BOGDAN e TAYLOR, 1980), na qual foi utilizado como recurso metodológico as narrativas de história de vida (MENDONÇA e SILVA, 2014; TERTO JR., 2000; MEIHY, 1996; BECKER, 1993; MINTZ, 1974, 1984).

Realizei entrevistas em profundidade, com três mulheres, de classe média: Rosa, 57 anos; Elisabeth, 67 anos; e Maria, 73 anos de idade. Foi constatado que, embora nenhuma das entrevistadas tenham efetivado judicialmente a dissolução do casamento pelo desquite, mas através da separação ou do divórcio, a ideia de desquite se afigurou como carregada de sentidos para elas. Foi feita a análise hermenêutica das narrativas, à luz das teorias construcionistas sociais da sexualidade, bem como dos aportes teóricos de gênero.

As aproximações analíticas das narrativas das interlocutoras apontaram para o fato de que contextos de subjetivação dessas como: a configuração da família de origem, a escolarização e a inserção no mercado de trabalho parecem ter fomentado e oportunizado movimentos no sentido da autonomia nessas mulheres. Outro aspecto observado foi que as mulheres participantes utilizaram estratégias de resistência, na perspectiva de Foucault (1986), tendo construído mecanismos – agenciamentos, táticas – para vivenciarem as experiências sexuais, a despeito da discriminação e das dificuldades enfrentadas por elas, à época, na condição de mulheres separadas.

Convém reiterar que o estudo em foco não tem qualquer pretensão de chegar a generalizações, mas de tentar perceber singularidades e globalidades nas narrativas de história de vida das participantes. A proposta é que as reflexões e ponderações aqui realizadas, que sinalizam para uma compreensão da realidade, engendrem uma tensão compreensiva, operando como dinamizadores para outras compreensões e estimulem a realização de outras pesquisas, neste campo de gênero e sexualidade de mulheres, na perspectiva do mosaico científico, apontada por Becker (1993). Considerando, inclusive, a carência de estudos com mulheres de idade mais avançada e de investigações que historicizem os percursos e as parcerias sexuais.

Conforme já mencionado, as aproximações analíticas das narrativas biográficas das interlocutoras foram norteadas pelos contextos de subjetivação nas várias etapas do curso de vida dessas mulheres. Iterando que a perspectiva de subjetivação aqui focalizada envolve as experiências do passado, desde a infância, até o momento atual, atualizando os múltiplos espaços de interação onde as participantes circularam, no intento de ampliar as possibilidades

de compreensão das suas experiências sexuais e de ruptura conjugal. (LAGO e SANTOS, 2016; DEBERT, 1999; ELDER JR., 1998)

Como, a partir dessa concepção de investigação, as informações obtidas extrapolam as questões ligadas diretamente às experiências afetivo-sexuais e as relativas à conjugalidade, os capítulos nos quais foram relatadas as histórias de vida se apresentaram um pouco maiores do que o usual. Cabe sinalizar que, nesse momento, o esforço analítico se centrou em como os contextos de subjetivação interferiram na vida sexual, nos relacionamentos e nas rupturas conjugais. Desse modo, não foi possível abordar, neste estudo, todo o montante de informações acessadas, entretanto outras análises poderão ser feitas, em estudos posteriores.

Outrossim, cabe salientar a minha opção por apresentar as histórias, com o mínimo de intervenções possível, inspirada, especialmente, na proposta de Mintz (1974, 1984), no intento de trazer, hegemonicamente, conteúdos narrados pelas interlocutoras.

Nessa direção, cabe mencionar a minha dificuldade de reescrever as biografias, no tocante à seleção do material que ficaria na composição do texto e do que sairia, bem como à escolha do modo como encadear a narrativa, a qual não aconteceu respeitando a cronologia. Longe de se apresentar de modo cronológico, a narrativa aparece como reorganização de sentidos sobre si mesmo. Ao reescrever as histórias, optei por possibilitar uma maior visibilidade do modo como se processaram as elaborações discursivas das interlocutoras, e não por trazer os conteúdos, principalmente, através da minha escrita. Nessa perspectiva, diz Bosi (1987):

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. (BOSI, 1987: 17).

No tocante à tarefa de encadear a narrativa, é oportuno informar, ainda, que encontrei maior dificuldade para fazê-lo em relação às entrevistas de Maria, pois ela relatou as experiências dolorosas vivenciadas, de modo muito intenso. Além disso, ela avançava e retornava aos assuntos anteriores, reiteradas vezes, como se precisasse seguir elaborando e, desse modo, os assuntos novos eram sempre abordados em meio a outros assuntos já tratados anteriormente.

Dado o exposto, considero que esta pesquisa contribuirá para o debate feminista, o qual enfatiza a experiência, no sentido de dar uma voz coletiva às experiências pessoais. Por conceber que o pessoal é político. (BRAH, 2006)

Insta ressaltar a atual conjuntura política do Brasil, marcada pela retirada de direitos, em vários âmbitos, especialmente, na esfera dos direitos humanos, incluindo os direitos conquistados, árdua e laboriosamente, pelas mulheres.

Destaco, ainda, o contexto social atual, no Brasil, maculado com altos índices de violência contra a mulher e feminicídio. Cenário que atualiza a necessidade de constantes reflexões, debates e enfrentamentos concernentes às relações de gênero, notadamente, marcadas pela opressão.

Ademais, acredito que o estudo em pauta pode oportunizar e provocar reflexões e ponderações, nos movimentos sociais e no meio acadêmico, acerca da importância do resgate da história, no intento de melhor compreender os avanços e as permanências, os elementos de continuidade e os de ruptura, relativos à diversidade de fenômenos problematizados e investigados, sobretudo, pelas ciências humanas e sociais.

REFERÊNCIAS

ADRIÃO, Karla Galvão. Feminismos, Psicologia e Justiça Social: um encontro possível? Uma Entrevista com Michelle Fine. **Revista Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 27, n. 3, p. 479-486, 2015.

ALBERNAZ, Lady Selma Ferreira. **Feminismo, Porém Até Certo Ponto! Representações do Feminismo no Contexto das Práticas Profissionais e de Gênero**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1996.

ALMEIDA, Heloísa Buarque de. Trocando em Miúdos: gênero e sexualidade na TV a partir de Malu Mulher. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 27, n.79, p. 125-137, 2012.

ALVES, Branca Moreira, PITANGUY, Jacqueline. **O que é Feminismo**. São Paulo: Ed. Abril cultural: Brasiliense, 1985.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Usos e abusos dos estudos de caso. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 129, set./dez., p. 637-651, 2006.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. 1ª edição. São Paulo: Pioneira, 1998.

BARBIERI, Teresita de. **Sobre a categoria gênero**: uma introdução teórico-metodológica. Recife: SOS Corpo, 1993.

BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.

BOGDAN, Robert; TAYLON, Steven J. **Introdução aos Métodos da Pesquisa Qualitativa**. Universidade Federal do Ceará. Departamento de Ciências Sociais e Filosofia - Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociais, 1980.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Edusp, 1987.

_____. **O Tempo Vivo da Memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, v. 26, 2006.

BRASIL. Lei nº 3.071, de 1º de janeiro de 1916. **Código Civil**.

BRASIL. Lei nº 6.515, de 26 de dezembro de 1977. **Lei do Divórcio**.

BRUNER, Jerome. **Actos de Significado**: para uma psicologia cultural. Lisboa: Edições 70, 1990.

CANGUILHEM, Georges. **O Normal e o Patológico**. 6ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

CARVALHO, Patrícia Danielly Sousa. **Amor, Desilusão e Sexo: carreiras sexuais de mulheres heterossexuais de camadas médias da cidade de Recife**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Pernambuco – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Recife, 2012.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2001.

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA. **Normas para Pesquisa Envolvendo Seres Humanos. Resolução CNS 196/96 e outras**. Conselho Nacional de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2000.

CORDEIRO, Rosienide; QUADROS, Marion Teodósio de. Jovens agricultoras, salário-maternidade e o critério da idade. *In*: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda (orgs.). **Gênero e Gerações em Contextos Rurais**. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres. p. 391 – 420, 2010.

COSTA, Jurandir Freire. **A Face e o Verso**: estudos sobre o homoerotismo II. 1ª edição. São Paulo: Escuta, 1995.

_____. **A Inocência e o Vício**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

_____. **Sem Fraude Nem Favor**: estudos sobre o amor romântico. 1ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

COULON, Alain. **A Escola de Chicago**. Campinas/SP: Papyrus, 1995.

DANTAS, Heloísa. Mulherio: a imprensa feminista na ditadura militar. **Não Me Kahlo**, 05/09/2017. Disponível na internet em: <https://www.naomekahlo.com/mulherio-a-imprensa-feminista-na-ditadura-militar/>. Acesso em: 07/02/2020.

DEBERT, Guita Grin. Velhice e o Curso da Vida Pós-Moderno. **Revista USP**, São Paulo, n. 42, p. 70-83, julho/agosto 1999.

DIAS, Maria Berenice. **A Mulher no Código Civil**. 2010. Disponível na internet em: <http://www.mariaberenice.com.br/pt/a-mulher-no-codigo-civil.cont>. Acesso em: 07/07/14.

DILTHEY, Wilhelm. **Psicologia e Compreensão**: idéias para uma psicologia descritiva e analítica. Lisboa: Edições 70, 2002.

ELDER JR., Glen, Holl. The Life Course as Developmental Theory. **Child Development**, v. 69, n. 1, p. 1-12, 1998.

FELTRIN, Tascieli; BATISTA, Natália Lampert; CORREA, Guilherme Carlos e BECKER, Elsbeth Léia Spode. O Século XX para o Feminismo no Brasil. **Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade - RELACult**, Foz do Iguaçu, v. 4, n. 734, fev. 2018.

FINE, Michelle. Feminist Transformations of Despite Psychology. *In: Disruptive voices: the possibilities of Feminist Research*. The University of Michigan Press. 1995, p. 1-26.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 17ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

FRANCISCO, Ana Lúcia; CAVALCANTI, Rosália Andrade. A Concepção Freudiana Acerca do Feminino. **Revista Eletrônica de Ciências**, ISSN 1984-8463, v. 7, n. 2, 2014.

GAGNON, John. **Uma Interpretação do Desejo**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GIDDENS, Anthony. **The constitution of society: on outline of the theory of structuration**. Cambridge/Berkeley: University of California Press, 1984.

GOMES, Leidejane Araújo. **Na alegria e na tristeza..., até que em um fatídico dia...: Casamento, desquite e gênero em sobral (1962-1977)**. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2012.

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, v. 5, p. 7-41, 1995.

KNAUTH, Daniela Riva; LEAL, Andréa Fachel. A relação sexual como uma técnica corporal: representações masculinas dos relacionamentos afetivo-sexuais. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 22, p. 1375 – 1384, 2006.

LAGO, Mara Coelho de Souza; SANTOS, Daniel Kerry dos. O dispositivo da idade, a produção da velhice e regimes de subjetivação: rastreamentos genealógicos. **Psicologia USP**, v. 27, n. 1, p. 133-144, 2016.

LEITE, Rosalina de Santa Cruz. Brasil Mulher e Nós Mulheres: origens da imprensa feminista brasileira. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, ISSN 1806-9584, v. 11, n. 1, p. 45-58, jan./jun. 2003.

MAIA, Carlo Nazário. **Até que a Morte nos Separe? Tensões entre Gêneros Através de Processos de Desquite (Rio Grande do Sul, 1920-1930)**. Trabalho Final de Graduação do Curso de História, Centro Universitário Franciscano, Santa Maria/RS, 2013.

MASSIMI, M. Memória e história na história da psicologia: dois exemplos de produção de documentos. **Memorandum**, v. 2, p. 2-12, 2002. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos02/artigo01.pdf>. Acesso em: 10/07/2014.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

MENDONÇA, Viviane Melo de e SILVA, Mayris de Paula. **Memórias de estudantes universitárias**: visibilidade e participação em um grupo cultural. Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas, ISSN 2177-8248. Universidade Estadual de Londrina, 27 a 29 de maio de 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise Qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012.

_____. **O Desafio do Conhecimento Científico**: pesquisa qualitativa em saúde. 2ª edição. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993.

MINAYO, Maria Cecília de S.; SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade?. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul/set, 1993. Disponível na internet em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v9n3/02.pdf>. Acesso em: 25/06/14

MINTZ, Sidney. Encontrando Taso, Me Descobrimo. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 45-58, 1984.

MINTZ, Sidney. **Worker in the Cane**: a puerto rican life history. New York: The Norton Library, 1974.

MONTESANTI, Beatriz. ‘Mulherio’, jornal feminista dos anos 1980, é reeditado. E parece ter sido feito hoje. **Nexo Jornal**, 11/11/2016. Disponível na internet em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/11/11/'Mulherio'-jornal-feminista-dos-anos-1980-é-reeditado.-E-parece-ter-sido-feito-hoje>. Acesso em: 07/02/2020.

NOGUEIRA, Conceição. Introdução à Teoria da Interseccionalidade nos Estudos de Gênero. In: NEVES, Sofia (Org.) **Gênero e Ciências Sociais**. Edições ISMAI, p. 67-78, 1993.

NOVAIS, Fernando A.; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **História da Vida Privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. v. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NOVELLINO, Maria Salet Ferreira. Movimento Feminista no Brasil no Século XX. **Revista Feminismos**, Salvador, v. 6, n. 1, p. 57-66, abril 2018.

PARKER, Richard. **Corpos, Prazeres e Paixões**: a cultura sexual no Brasil contemporâneo. 3ª edição. São Paulo: Best Seller, 1991.

PAULILO, Maria Ângela Silveira. **A pesquisa qualitativa e a história de vida**. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v2n1_pesquisa.htm. Acesso em: 29/06/14.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v.18, n. 36, p. 15-23, junho 2010.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, Categorias de Articulação e Experiências de Migrantes Brasileiras. **Revista Sociedade e Cultura**, v. 11, n. 2, p. 263-274, 2008.

PIZZATO, Fernanda Ferrari. **Do namoro à amizade: as matizes das parcerias sexuais de mulheres heterossexuais de camadas médias, estabelecidas profissionalmente, residentes no Recife**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Pernambuco – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Recife, 2010.

POPPER, Karl. **A Lógica da Pesquisa Científica**. São Paulo: Cultrix, 2006.

PORCELLO, Flávio e BRITES, Francielly. TV Mulher: a televisão como lugar de memória. **Revista Memorare**, Tubarão, v. 5, n. 3, p. 86-100, set./dez. 2018.

QUADROS, Marion Teodósio de. **Homens e a contracepção: práticas, ideias e valores masculinos na periferia do Recife**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

_____. Jovens, contracepção e conversas com os pais: comparando opiniões de moças e rapazes de famílias urbanas e rurais. *In*: SCOTT, Russell Parry; ATHIAS, Renato; QUADROS, Marion Teodósio de (orgs.). **Saúde, Sexualidade e Famílias urbanas, rurais e indígenas**. Recife: Editora Universitária da UFPE. p. 75 – 95, 2007.

QUADROS, Marion Teodósio de; ADRIÃO, Karla Galvão e MELO, Maria Julia Carvalho de. Mulheres Jovens, Sexualidade e Dupla Proteção em uma Comunidade Rural de Caruaru, Pernambuco. **Revista Estudos de Sociologia** - ISSN: 2317-5427, v. 1, n. 18, 2012.

QUADROS, Marion Teodósio de; ADRIÃO, Karla Galvão; XAVIER, Anna Karina. Circuitos (des)integrados? Relações de convivência entre mulheres jovens e profissionais de saúde numa comunidade de periferia da cidade do Recife (PE). *In*: NASCIMENTO, Pedro e RIOS, Luis Felipe (orgs.). **Gênero, saúde e práticas profissionais**. Recife: Editora Universitária da UFPE. (Série Família e Gênero) 2011.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1991.

QUEIROZ, Tacinara Nogueira de. **Virgindade e Violência de Gênero Entre Mulheres Jovens de um Bairro Popular do Recife**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Universidade Federal de Pernambuco – Departamento de Psicologia, Recife, 2011.

RAGO, Margareth. **A Aventura de Contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

RIBEIRO, Jucélia Santos Bispo. “Brincar de ousadia”: sexualidade e socialização infanto-juvenil no universo de classes populares. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. Sup. 2. p. S345 – S356, 2003.

RIOS, Luís Felipe. **O Feitiço de Exu - Um estudo comparativo sobre parcerias e práticas homossexuais entre homens jovens candomblesistas e/ou integrantes da comunidade entendida do Rio de Janeiro**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva, Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004.

RIOS, Luís Felipe; PAIVA, Vera; BRIGNOL, Sandra. Passivos, ativos and versáteis: men who have sex with men, sexual positions and vulnerability to HIV infection in the northeast of Brazil. **Culture, Health & Sexuality**, DOI: 10.1080/13691058.2018.1491063, v. 21, n. 5, p. 510-525, 2018.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres**: notas sobre a “economia política” do sexo. Recife: SOS Corpo, 1993.

_____. Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality. *In*: NARDIR, P. & SCHNEIDER, B. (org.) **Social perspectives in lesbian and gay studies**: a reader. London: Routledge, 1998.

SALEM, Tânia. Entrevistando famílias: notas sobre o trabalho de campo. *In*: NUNES, E. (org.) **A Aventura Sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

SCOTT, Joan. “Experiência”. *In*: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza e RAMOS, Tânia Regina Oliveira (Orgs.). **Falas de Gênero**. Santa Catarina: Editora Mulheres, 1999.

_____. **Gender**: a useful category of historical analysis. New York, Columbia University Press, 1989.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Filosofia**. São Paulo: Editora Cortez, 2007.

SILVA, Vanda Aparecida. Jovens de um rural brasileiro: socialização, educação e assistência. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 22, n. 52. p. 97 – 115, 2002.

SIMON, Willian; GAGNON, John. Sexual Scripts. *In*: PARKER, Richard and AGGLETON, Peter. (ed.) **Culture, society and sexuality**: a reader. London: UCL, 1999.

SIQUEIRA, Lau. **Livro árbitro**. Rio Grande do Sul: Casa Verde, 2015.

SPINK, Mary Jane Paris. A Ética na Pesquisa Social: da perspectiva prescritiva à interanimação dialógica. **Revista Semestral da Faculdade de Psicologia da PUCRS**. Rio Grande do Sul: EDIPUCRS, v. 31, n. 1, jan./jul., p. 7-22, 2000.

TERTO JR, Veriano. As histórias de vida na pesquisa sobre homossexualidade e Aids. **Revista Semestral do Instituto de Medicina Social**. Rio de Janeiro: n. 14., p. 1-8, 2000.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

WEBER, Max. A “Objetividade” do Conhecimento nas Ciências Sociais. *In*: COHN, G. **Max Weber**. São Paulo: Ática, 1997.

WEEKS, Jeffrey. **Sexualidad**. 1ª edição, Buenos Aires, Paidós, 2000.

APÊNDICE A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

PRIMEIRA ENTREVISTA

Dados de Identificação

Nome:	
Idade:	
Sexo	Feminino
Raça (pesquisadora):	
Raça (participante):	
Estado Civil:	
Escolaridade:	
Renda:	
Profissão:	
Ocupação:	
Religião:	
Endereço:	
Fone:	
E-mail/WhatsApp:	

A intenção, nesta entrevista, é favorecer que as mulheres falem livremente sobre sua história de vida.

- Contexto familiar (com quem mora, família biológica e/ou afins, perfis de cada um dos integrantes da família e tipo de relação que estabelecem). Clima familiar. Religião dos integrantes. Ocupação dos integrantes.
- Contexto social – atividades sociais em que está inserida, relações na vizinhança/comunidade, participação em redes sociais virtuais, etc.
- Relações afetivas, sexuais, conjugais (casamento, separação, desquite, divórcio).
Para facilitar, conduzir a conversa a partir da ideia de fases da vida:

1. Infância
2. Adolescência
3. Juventude
4. Adulterez
5. Maturidade
6. Hoje

Para cada fase, pedir cenas (acontecimentos importantes, que guarda na memória).

SEGUNDA ENTREVISTA

Neste encontro, o foco será dado na história afetivo-sexual das entrevistadas, retomando os aspectos abordados na primeira entrevista, e continuar conduzindo a conversa a partir da ideia de fases da vida.

- Sugestão para introduzir a conversa, focando a história afetivo-sexual: *Eu gostaria de tentar recuperar com você a sua história de vida, focando no fato de você sentir-se sexualmente atraída por alguém, ou seja, a sua história de relações sexuais, desde o primeiro momento em que você se sentiu atraída sexualmente por alguém até hoje...*

Para cada fase, pedir cenas (acontecimentos importantes, que guarda na memória).

Para cada cena investigar:

- Onde aconteceu;
- O que acontecia no lugar;
- Como se deu;
- Quem participou e como era (tipo físico, sexo-gênero, idade, etc.);
- Tentar captar os valores para os acontecimentos: certo e errado; bom e ruim; ativo e passivo; normal e anormal, etc. e o por quê;
- Relacionar a cena ao que mais acontecia na vida da entrevistada naquele momento;
- Tentar apreender a lógica dos acontecimentos.

TERCEIRA ENTREVISTA

Nesta entrevista, a ênfase será dada na vivência do desquite pela entrevistada. Serão retomados aspectos relativos a esta temática, mencionados nas entrevistas anteriores.

Investigar:

- Quando aconteceu o desquite (idade dos envolvidos), tempo de união conjugal;
- Situação socioeconômica dos envolvidos;
- Interferência de familiares, amigos e conhecidos;
- Relações afetivo-sexuais dos envolvidos, no processo de separação/desquite.

QUARTA ENTREVISTA

Neste encontro, o objetivo é aprofundar alguns temas expostos pela entrevistada e esclarecer possíveis dúvidas da pesquisadora, relativas aos conteúdos abordados nas entrevistas anteriores.

Para finalizar:

- Agradecer a participação. Perguntar se quer dizer mais alguma coisa. Questionar se a pesquisadora pode procurá-la, posteriormente, caso necessite de algum esclarecimento. Depois da resposta, desligar o gravador. Caso a interlocutora fale mais alguma coisa, não ligar o gravador, mas as informações devem ser anotadas logo que a entrevistadora esteja sozinha, e essas devem seguir com a transcrição da entrevista.

Vale salientar que, acompanhado com as transcrições de todas as entrevistas, deverá seguir um pequeno relato sobre as condições dos encontros (onde, quando, quem mais estava presente, etc.), bem como, o clima em que transcorreram.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Programa
de Pós-Graduação
em Psicologia-UFPE

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS - Resolução 466/12)

Convidamos a Sra. para participar como voluntária da pesquisa “Experiências do desquite, a partir das narrativas de mulheres da Região Metropolitana do Recife/PE”, que está sob a responsabilidade da pesquisadora Inês Helena Batista de Santana, com endereço na Rua Alcântara Machado, n° 65, Aldeia, Km 5,5, Camaragibe/PE, CEP 54.792-440, telefone (81) 99485-9852 e e-mail para contato: ihsantana@uol.com.br. A pesquisa está sob a orientação do Prof. Dr. Luís Felipe Rios do Nascimento, e-mail: lfelipe.rios@gmail.com.

Caso este Termo de Consentimento contenha informações que não lhe sejam compreensíveis, as dúvidas podem ser tiradas com a pessoa que a está entrevistando e apenas ao final, quando todos os esclarecimentos forem dados, caso concorde com a realização do estudo, pedimos que rubriche as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias, uma via lhe será entregue e a outra ficará com a pesquisadora responsável.

Caso não concorde, não haverá penalização, bem como será possível retirar o consentimento a qualquer momento, também sem nenhuma penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Descrição da pesquisa: a pesquisa tem como finalidade compreender as experiências de mulheres que vivenciaram o desquite. Para realização desta pesquisa serão feitas entrevistas biográficas com mulheres que passaram pelo desquite. Todas as entrevistas serão gravadas e posteriormente transcritas, sendo todos os dados armazenados de modo sigiloso no computador da pesquisadora e de seu orientador por um período mínimo de 5 anos.

A participação na pesquisa consistirá em até quatro (04) encontros, realizados em dia e horário previamente acordados e com duração aproximada de duas (02) horas.

Riscos: Durante o processo de realização das entrevistas pode ocorrer risco de constrangimento ou desconforto diante de algum questionamento realizado pela pesquisadora ou com o fato das entrevistas serem gravadas. Ao sinal de qualquer incômodo, buscaremos modificar a estratégia de entrevista ou mesmo garantir à entrevistada a possibilidade de desistir da entrevista sem qualquer ônus. Para propiciar o maior conforto possível às mulheres participantes da pesquisa, as entrevistas serão realizadas em local previamente acordado, dentro das possibilidades de data e horário disponibilizados pelas participantes.

Benefícios: Com relação aos benefícios, com a pesquisa espera-se propiciar um espaço de escuta e acolhimento às participantes, garantindo-lhes as narrativas de suas experiências e a expressão de seus posicionamentos acerca das questões referentes ao contexto estudado, trazendo subsídios à produção

do conhecimento no campo dos estudos sobre e com mulheres, que possam fomentar o debate sobre as práticas nesse campo.

Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação das voluntárias, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa: entrevistas, gravações concedidas, ficarão armazenadas no computador pessoal sob a responsabilidade da pesquisadora e de seu orientador, no endereço acima informado pelo período de mínimo 5 anos.

Nada lhe será pago e nem será cobrado para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pela pesquisadora principal (ressarcimento de transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE, no endereço: **Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepccs@ufpe.br.**

(assinatura da pesquisadora)

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIA

Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com a pesquisadora responsável, concordo em participar do estudo “Experiências do desquite, a partir das narrativas de mulheres da Região Metropolitana do Recife/PE”, como voluntária. Fui devidamente informada e esclarecida pela pesquisadora sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Local e data _____

Assinatura do participante: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite da voluntária em participar. (02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: _____

Assinatura: _____

Nome: _____

Assinatura: _____

ANEXO A – MÚSICA DO GRUPO RAINHAS DO NORTE**Cada Uma**

Tem mulher desengonçada,
Tola, sábia, arrumada.
Tem mulher desempregada, pobre, rica, aposentada.
Uma finge que é princesa, outra busca uma certeza.
Uma passa a vida presa, panos dos pés à cabeça.
Se não me engano cada uma é como é.
Dá-lhes nomes é insano.
Preconceito não dá pé.
E não se engane, olhe isso bem direito,
Cada uma tem seu jeito, cada uma, uma é.
Talvez será deputada ou então violentada.
Umas serão disputadas ou à força praticadas.
Tem diploma, academia, crônica, melancolia.
Tem trabalho todo dia ou vive na filosofia.
Se não me engano cada uma é como é.
Dá-lhes nomes é insano.
Preconceito não dá pé.
E não se engane, olhe isso bem direito,
Cada uma tem seu jeito, cada uma, uma é.
Poderá ser presidente ou parecerá demente.
Extremamente contente, libertária, independente.
Se uma só quer brincadeira, outra é séria a vida inteira.
Pensativa ou choradeira.
Do destino, bordadeira.
Uma só quer, só pensa em namorar.
Outra nem quer, nem pensa em se casar.
Se não me engano cada uma é como é.
Dá-lhes nomes é insano.
Preconceito não dá pé.
E não se engane, olhe isso bem direito,
Cada uma tem seu jeito, cada uma, uma é.